

Sabrina Gledhill



Travessias no Atlântico Negro

Reflexões sobre Booker T. Washington
e Manuel R. Querino





Travessias no Atlântico Negro

Reflexões sobre Booker T. Washington
e Manuel R. Querino



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Assessor do Reitor

Paulo Costa Lima



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Sabrina Gledhill

Travessias no Atlântico Negro

Reflexões sobre Booker T. Washington
e Manuel R. Querino

Prefácio de Jeferson Bacelar

Salvador
Edufba
2020

2020, Sabrina Gledhill.
Direitos dessa edição cedidos à Edufba.
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa e Projeto Gráfico
Miriã Santos Araújo

Foto da autora
Christian Cravo

Fotos de capa
Bússola- Pixabay
(*Esq.*) Retrato de Booker T. Washington, de Frances Benjamin Johnston (ca. 1895). Library of Congress
Prints and Photographs Division, Washington, D.C. 20540, USA. Disponível em: <http://hdl.loc.gov/loc.pnp/pp.print>. Acesso em: 14 abr. 2020
(*Dir.*) Retrato de Manuel R. Querino, Artistas bahianos, 2. ed. Salvador: Oficinas do Diário da Bahia, 1913.

Revisão
Mariana dos Santos de Souza

Normalização
Emmanoella Ferreira

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

G555 Gledhill, Sabrina

Travessias no Atlântico Negro: reflexões sobre Booker T. Washington e
Manuel R. Querino / Sabrina Gledhill. - Salvador: EDUFBA, 2020.
300 p.

ISBN: 978-65-5630-005-4

1. Intelectuais negros – Biografia – Estados Unidos - Brasil. 2. Ativistas
políticos negros – história. 3. Querino, Manuel Raimundo, 1851-1923.
4. Negros – direitos fundamentais - história. 5. Conscientização racial.
I. Título: reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino.

CDU – 929+572.96:32

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/O

Editora afiliada à



ASOCIACION DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMERICA
LATINA Y EL CARIBE



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Câmara Bahiana do Livro

Editora da UFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n – Campus de Ondina
40170-115 – Salvador – Bahia
Tel.: +55 71 3283-6164
www.edufba.ufba.br / edufba@ufba.br

*Dedico o presente trabalho à memória de minhas
maiores referências e inspirações, meus pais,
Corinne Barbara Harrison Gledhill (1932/2006)
e John James Gledhill (1928/2013).
Saudades eternas*






Agradecimentos

Este livro começou como uma tese de doutorado, pesquisada e escrita numa língua adotiva, hoje quase materna: português. Isto, pois possuo nacionalidade inglesa e me tornei bilíngue em inglês e espanhol, visto que fui criada em Porto Rico. Esta obra acabou marcando o fim de uma longa estadia no Brasil e o início de meu retorno à Inglaterra. Espero que ajude a reforçar o trabalho bem-sucedido sendo realizado por vários pesquisadores com o intuito de reabilitar a imagem de Manuel Querino no Brasil, mas, principalmente, que seja um dos primeiros livros a rerepresentar o Brasil a Booker T. Washington no século XXI.

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Estendo meus mais profundos agradecimentos ao autor do prefácio, Professor Jeferson Afonso Bacelar. Como meu orientador, fez o papel de “advogado do diabo” para me instigar a questionar, investigar, correr atrás e ir fundo. Emprestou livros, sugeriu abordagens teóricas e teceu críticas construtivas que tiveram um papel fundamental no aprimoramento de minhas pesquisas e na evolução de minhas ideias e hipóteses durante a produção desta tese.

Desde o primeiro momento em que idealizei meu projeto de doutorado, o Professor Flávio dos Santos Gomes tem sido um grande mentor, incentivando e encorajando o desenvolvimento e publicação de meu trabalho e enriquecendo-o com sugestões, fruto de suas próprias pesquisas sobre Abdias do Nascimento.

Professor Jaime Oliveira do Nascimento é um amigo, aliado e cúmplice de longa data na causa de Manuel Querino. Sua persistência e determinação, superando todos os obstáculos para idealizar e organizar cursos e seminários, e editar livros sobre e inspirados por Querino, servem sempre como referência e alento.



Os integrantes do corpo docente do Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro) aprimoraram e lapidaram meu projeto de pesquisa no decorrer das disciplinas cursadas como aluna especial, e das disciplinas obrigatórias. Além do Professor Jeferson Bacelar, dedico os meus profundos agradecimentos aos professores Luís Nicolau Parés, Elisee Soumonni, Paula Cristina Barreto e Jocélio Teles Santos. Os professores Marcelo Bernardo da Cunha e Cláudio Luís Pereira me mostraram o caminho da iconografia, incentivando e dando subsídios para a produção de um capítulo de minha tese que, por motivos vários, não pode ser incluído na edição eletrônica, mas está disponível *on-line*.¹

Também agradeço, do fundo do coração, a atenção, carinho, apoio, conselhos, críticas construtivas e dicas de um número incontável de professores, mentores, colegas e amigos, desde o início, entre eles: Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, Ana Flávia Magalhães Pinto, Ana Lúcia de Araújo, Antônia da Silva Santos, Antonietta d'Aguiar Nunes, Ayodele Oshunlade Mason, Barbara Benham, Barry Stinson, Charles Daniel Dawson, Christianne Vasconcellos, Consuelo Novais Sampaio (*in memoriam*), Consuelo Pondé de Sena (*in memoriam*), Edivaldo Boaventura (*in memoriam*), Heather Marques, Hugo Gama, Ivette Wilson, Jaime Sodré, James Riordan (*in memoriam*), João José Reis, Joceneide Cunha, John Mason, José Marcos Rodrigues, Karin Barber, Karyn Mathuiy, Kim Alicia Sillen, Lisa Earl Castillo, Luci Nascimento, Luís Guilherme Pontes Tavares, Luís Henrique Dias Tavares, Luiz Alberto Ribeiro Freire, Marc Herold, Márcio Polidoro, Maria das Graças Andrade Leal, Mário Cravo Neto (*in memoriam*), Meire Lúcia Alves dos Reis, Marcos Santana, Michele Washington, Monique Sochaczewski Goldfeld, Myriam Fraga (*in memoriam*), Nádia Cardoso, Nila Rodrigues Barbosa, Nivalda Costa (*in memoriam*), Paulo Dourado, Paul Losch, Paulo Farias, Pedro Alexander Cubas Hernandez, Scott Alves Barton,

1 Disponível em: https://www.academia.edu/6578299/Travessias_Racialistas_no_Atlantico_Negro_Reflexoes_sobre_Booker_T_Washington_e_Manuel_R_Querino. Acesso em: 14 jan. 2019.

Sergio Guedes, Sidney Chalhoub, Simone Trindade, Urano Andrade, Vanda Machado, Wilson Roberto de Mattos.

Às minhas Iyás, todas no orun: Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxossi, Odé Kayode (*in memoriam*), que aprovou e incentivou meu trabalho; Mãe Georgete, Eyn Oxum, querida Ojubonã (*in memoriam*); Valdete Ribeiro da Silva, Detinha de Xangô, Obá Gesin, a mais sábia e carinhosa egbomi (*in memoriam*); egbomi Obá Teré, a iyá kekere que me adotou (*in memoriam*). Modupe!

Agradeço a Mariângela Nogueira, cuja revisão criteriosa de minha tese de doutorado foi uma verdadeira aula de português e cultura brasileira.

Aos pareceristas anônimos da Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), pelas suas contribuições valiosas.

A Flávia Garcia Rosa, Presidente do Conselho Editorial da Edufba, e à equipe da editora, pelo seu interesse e apoio no processo de aprovação e produção da edição impressa deste livro.

À minha família, residente em, ou originária de quase todos os continentes, inclusive a África e a Ásia, principalmente minhas adoradas filhas, Isis Gledhill Damasceno – que sempre fornece *moral support* – e Barbara Almeida – que me ajudou a transcrever a resenha de *Up from Slavery* –; meus genros, Wendel Damasceno e Paulo Figueiredo; minha querida madrastra, Valerie Gledhill, pelo apoio e torcida, e representando a nova geração, meu sobrinho Thomas Joseph Gledhill, que faz capoeira em Manhattan, e meus netinhos, Gabriel e John Benjamin, que trazem alegria na Bahia. Finalmente, “*last but not least*”, a meu companheiro, David Pett, meus agradecimentos pelo incentivo e apoio moral e afetivo durante minha readaptação à terra de meus pais, e na longa epopeia da editoração deste livro.

Sabrina Gledhill, Birmingham, Inglaterra, julho de 2020.

Sumário

- 13 Prefácio
Jeferson Bacelar
- 21 Introdução
- 39 **1 Expandindo as margens do Atlântico Negro: contrastes e nexos entre os EUA e o Brasil**
- 73 **2 Autorretratos e os “olhos dos outros”**
- 127 **3 Revisionismo e resgate: traçando as trajetórias póstumas de Washington e Querino**
- 163 **4 Leituras sobre Booker T. Washington no Brasil**
- 207 À guisa de conclusão
- 215 Referências
- 251 Anexo I - Cronologias de Booker T. Washington e Manuel R. Querino
- 257 Anexo II - Autobiografia de um Negro: Resenha de *Up from Slavery* da autoria de “Th Bentzon” (1902)



Prefácio

Prefaciар o livro de Sabrina Gledhill é um grande prazer, na medida em que o seu convite deveu-se a uma grande amizade estabelecida por uma dúzia de anos, pautada no carinho e no mútuo respeito intelectual.

Começo dizendo que ela, além dos seus méritos, é muito corajosa academicamente. Primeiro, pela escolha de dois autores, marcados por vidas e ideias, no mínimo complexas, além de cheias de desafetos, em vida ou na morte. Segundo, por defender, sem ater-se ao sempre fácil politicamente correto, Manuel R. Querino e, em especial Booker T. Washington. Para mim, isso engrandece o seu trabalho, pois, com certeza, será objeto de salutares polémicas. Terceiro, por não se ater às clássicas biografias, preferindo caminhar por aspectos não suficientemente abordados – quando o foram – na bibliografia dos dois personagens.

Booker Washington, por não ser um protagonista das ideias dos direitos civis, foi de uma forma geral completamente invisibilizado pela academia e militância negra no Brasil, o que consistiu em uma grande injustiça, diante do seu prestígio nos Estados Unidos, nos fins do século XIX e inícios do século XX. Nos Estados Unidos, Rebecca Carroll organizou uma coletânea, onde diferentes afro-americanos com visões distintas fazem uma reflexão sobre a vida e obra de Booker T. Washington (incluindo a sua autobiografia *Up from Slavery*) denominada *Uncle Tom or New Negro?* (2006). Gledhill agora nos traz uma importante análise desse autor discutido ainda no século XXI nos Estados Unidos, mas que permanecia incógnito para o público brasileiro. Sem esquecer que, ao seu lado, estará o também polémico Manuel Querino, hoje legitimado pela academia e aceito, sem grandes louvações, pela militância negra brasileira, porém, em grande parte desconhecido entre os euro-americanos.

Vamos ao que importa: o seu trabalho. O próprio título, *Travessias no Atlântico Negro*, já indica a Paul Gilroy o seu afastamento da perspectiva

essencialista em relação ao negro, em geral pautada numa ilusória unidade e perspectivas sectárias e totalitárias. Inicialmente, Sabine Gledhill demonstra na sua introdução os principais conceitos que nortearão o desenvolvimento do seu livro. Em seguida, aborda o contexto em que viveram os dois personagens, com sociedades marcadas pela escravidão e pelo racismo, porém, com histórias, características e subjetividades completamente diferenciadas. Uma coisa é viver em uma sociedade pautada na hipodescendência e segregação aberta, outra, é viver numa sociedade multirracial, com a mestiçagem legitimada. Entretanto, isso não implica em ausência de interconexões, inclusive na influência das teorias e autores do racismo científico, além de incluir as duas guerras, da Secessão nos Estados Unidos e a luta dos brasileiros contra o Paraguai, em que os negros tiveram grande participação. E os dois personagens indiretamente estiveram envolvidos.

Destaque ganha o segundo capítulo, “Autorretratos e os ‘olhos dos outros’” – talvez seja uma ironia da autora usar como título do capítulo, de forma metafórica, o conceito de “dupla consciência” de Du Bois: um lado americano, um lado negro; duas almas, dois pensamentos, onde só uma força tenaz impede a sua dilaceração. Para a autora, eles possuíam pontos em comum: viveram na mesma época, nasceram pobres, tiveram mentores e aliados brancos, acreditavam na educação como mecanismo de afirmação do negro e eram vigorosos combatentes, à sua maneira, do racismo e do racismo. Manuel Querino sabia da existência de Booker Washington, tendo por ele profunda admiração, já o afro-americano nunca soube de Querino, mas sabia da Bahia, pois tentou emplacar, sem sucesso, um cônsul negro para nosso estado. A partir daí é esboçada a trajetória dos seus personagens, em muito dessemelhantes. Deixarei para o leitor os detalhes das suas vidas, apresentados pela autora, com amparo em rica pesquisa e consistente bibliografia. Booker Washington nasceu escravo, em 1858 ou 1859, chegando, com o apoio de seu “pai” branco, Samuel Chapman Armstrong, fundador e diretor do Instituto Hamilton, além de patronos ricos, à construção, no Alabama, do Instituto Tuskegee, em 1881. A partir disso, a sua ascensão e prestígio não param. A sua palestra na Exposição de Atlanta, em 1895, o tornou nacionalmente conhecido. Nela, declarou que os negros e brancos poderiam viver separados, mas trabalhar juntos. Recebeu uma carta elogiando-o por

sua atuação em Atlanta, daquele que viria a ser, futuramente, o seu maior oponente: Du Bois. Para o seu futuro desafeto, ele evitou a confrontação com os brancos, aceitava a segregação, queria para os negros apenas a educação industrial e silenciava quanto aos direitos civis e políticos. Para Du Bois, a “décima parte talentosa”, o grupo de intelectuais negros nascidos no Norte, elite da qual fazia parte, deveria liderar a massa de negros egressos da escravidão. Booker Washington tinha uma visão instrumental, deveria oferecer uma educação profissionalizante, mas não só, deveria também formar professores para multiplicar o seu projeto. Distante das ideias de Du Bois, Booker Washington consolidou sua fama entre negros e brancos com o lançamento de sua autobiografia, em 1901, denominada *Up from Slavery*. No mesmo ano, foi convidado e jantou na Casa Branca com o Presidente Theodore Roosevelt e sua família. Isso lhe assegurou, segundo seus biógrafos, a “sua posição como quase rei do povo negro nos Estados Unidos”. A sua influência, embora sem grande sucesso nos seus projetos, fez com que o Instituto Tuskegee chegasse à África. Foi chamado a interceder pelos norte-americanos que estavam na Libéria, pedindo a intervenção dos Estados Unidos. Chegou a ser consultado por dois presidentes da república; tinha como publicista, diretor de relações públicas do Instituto Tuskegee (1905-1914) e ghost writer – responsável pela produção de três dos mais importantes títulos da bibliografia de Booker Washington – um dos mais proeminentes sociólogos americanos, Robert Ezra Park; recebeu os títulos honorários de mestre, em Harvard (1896), e doutor, em Dartmouth College (1901). A partir de 1906, com os tumultos ocorridos em Atlanta e Browsville, tem início o colapso de sua majestade, e sua decadência chega ao cume em 1911, quando foi vítima de violência em Nova York, levando 16 pontos na cabeça e sendo preso. A acusação é que teria abordado, em uma área residencial branca, a amante, uma mulher branca, de um zelador, também branco. Foi um duro golpe, aproveitado por seus inimigos, do qual nunca se recuperou. No final da sua vida, a partir de 1912, provavelmente pelo incidente em Nova York, ele começou a mudar as suas posições: passou a contestar a cassação dos direitos políticos dos negros e ser contrário à segregação. Era tarde, as suas anteriores posições já estavam consagradas. Morreu em Tuskegee, em 1915, sendo enterrado no pequeno cemitério do campus do instituto.

Manuel Raimundo Querino nasceu em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo baiano, em 1851, constando na sua certidão de óbito a condição de “filho ilegítimo de Maria Adalgisa”, ao contrário do registro de batismo que o dava como filho do carpinteiro José Joaquim dos Santos Querino e Luzia da Rocha Pita. O que se sabe mesmo é que com a epidemia de cólera em 1855, Santo Amaro, uma cidade relativamente populosa e centro de produção de açúcar, ficou quase despovoada. Órfão dos pais, foi levado para Salvador, sendo entregue a seu tutor, Manuel Correia Garcia, um homem educado na Europa e cultor das letras e do ensino. Professor aposentado, político, jornalista e bacharel, no entanto, o futuro que previa para o jovem Querino era nos trabalhos manuais, como operário e artesão. Outras eram as aspirações do nosso personagem. Foi para o Piauí, em 1868, provavelmente para fugir do recrutamento para a guerra contra o Paraguai, mas a sua viagem foi inútil. Lá, foi recrutado e conduzido para treinamento no Rio de Janeiro. Porém, por ser letrado, aliado à sua inteligência e cultura, em um país de analfabetos, ficou no Rio de Janeiro para trabalhar na escrita do batalhão. Quando a guerra acabou em 1870, já cabo de esquadra, foi desmobilizado graças à influência do seu padrinho político, o Conselheiro Dantas. Voltou à Bahia em 1871, dedicando-se ao trabalho e aos estudos. Foi aluno fundador do Liceu de Artes e Ofícios, lá tendo como professor e mentor o artista plástico espanhol Miguel Navarro y Cãnizares. Quando seu mentor deixou o Liceu de Artes e Ofícios e criou a Escola de Belas Artes, Querino o acompanhou. Foi contratado como pintor e tornou-se aluno fundador da instituição. Posteriormente, Cãnizares abandonou também a Escola de Belas Artes, mas Manuel Querino lá permaneceu, diplomando-se em licenciado como professor de desenho, em 1882. Ali sofreria uma grande frustração na sua vida: matriculou-se no curso de arquitetura, pois queria ser “doutor”, mas seus intentos foram em vão, pois, segundo seus biógrafos, por falta de professores, não concluiu o curso. Foi professor do Liceu de Artes e Ofícios e do Colégio dos Órfãos de São Joaquim – instituições que abrigavam as camadas mais humildes. Como funcionário público, não obteve cargos de maior expressão. Também sem maior destaque, foi abolicionista e republicano. Foi também jornalista militante, chegando a comandar dois jornais, provavelmente nada importantes. Partiu para a carreira política,

sendo candidato a deputado federal pelo Partido Operário, em 1890, porém, a organização foi dissolvida pelos grupos oligárquicos que dominavam a política na Bahia, com a aprovação de Manuel Querino. Sem estabelecer uma relação causal, o certo é que foi compensado pela nomeação, entre 1890 e 1891, como Intendente – atual vereador – do Conselho Municipal, ali permanecendo até 1893. Só retornaria ao conselho em 1897, como primeiro suplente, substituindo um intendente que renunciou. Na eleição para suprir a vaga que ocupava provisoriamente, foi derrotado, no entanto, ali permaneceu até 1899, porém, desprestigiado, deixou a vida política. Participou de várias associações, entre elas, a Sociedade Protetora dos Desvalidos e o Afoxé Pândegos da África. Na sua vida, teve vários problemas, seja entre o operariado ou nas associações, o que lhe gerou muitos desafetos. A sua grandiosidade só iria aparecer como membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), através das suas publicações. Tradicionalista, por não aceitar as novas maneiras de viver e as transformações urbanísticas de Salvador; modernista, por ser o primeiro intelectual mestiço no Brasil a reconhecer a importância da contribuição africana e do negro na constituição da civilização brasileira. Enfim, com a sua obra, tornou-se respeitado e legitimado na “cidade das letras”, falecendo em 1923.

Como se percebe, são em muito dessemelhantes as histórias de vida dos nossos personagens. Ambos tiveram sucesso, porém, enquanto Booker Washington chegou a ser considerado “o rei dos negros nos Estados Unidos”, sendo conhecido mundialmente, Manuel Querino não teve maior ressonância na sociedade; sua importância estava em revolucionar a forma de interpretação da sociedade brasileira, dando ao negro uma condição de agente ativo e visibilidade na formação de nossa civilização.

No terceiro capítulo, “Revisionismo e resgate: traçando as trajetórias póstumas de Washington e Querino”, Sabrina Gledhill analisa, sob diferentes prismas, os dois personagens, após a morte. Manuel Querino foi esquecido no II Congresso Afro-Brasileiro, realizado em Salvador, em 1937; tratado com paternalismo e considerado não-científico por Artur Ramos em 1938; acusado de plágio por Carlos Ott em 1947; descartado como autoridade sobre história da arte pela academia. Entretanto, hoje, Querino está sendo valorizado no Brasil e no exterior. Já Booker Washington perdeu o

prestígio já em vida, desde o “caso de Brownsville” e mais ainda com o incidente em Nova York. Contudo, o fator que mais afetou a reputação de Washington foi a longevidade do seu antigo rival, Du Bois, que somente veio a falecer em 1963. Mas é preciso pensar que os milhares de alunos e professores que passaram por Tuskegee e a sua transformação em universidade não indicam a sua derrota póstuma, afinal, a sua obra ficou materializada, não podendo ser esquecido. Portanto, polêmico, mas lembrado.

Os obituários e notas de falecimento sobre Querino publicados nos jornais foram todos positivos. Ganhou nome de rua e teve seu quadro colocado no Liceu de Artes e Ofícios, na Sociedade Protetora dos Desvalidos e no IGHB. Já sobre Booker T. Washington, a autora encontrou dezenas de recortes em jornais dos Estados Unidos, com maioria esmagadora, começando com o New York Times, elogiando o “Dr. Washington” e lamentando o seu desaparecimento. Contudo, em *The Crisis*, órgão do National Association for the Advancement of Colored People (NAACP) [Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor], em 14 de novembro de 1915, ele é arrasado por Du Bois.

Booker Washington, ainda em vida, teve várias biografias, escritas por ghost writers contratados por ele, e após a sua morte, por amigos e admiradores. Todas elas visando criar o mito de um *self-made man*. Entretanto, não foi poupado por seus desafetos brancos, tampouco por seus opositores negros. Já Manuel Querino foi muito feliz em relação aos seus biógrafos, porém não teve sorte nos autores que apresentavam as suas obras. De forma geral, hoje Manuel Querino tem as apresentações dos seus livros criticadas, gozando, por sua vez, de apreço e legitimidade, seja na academia, seja entre a militância negra.

No capítulo seguinte, a autora aborda as “Leituras sobre Booker T. Washington no Brasil”. O livro *Up from Slavery* o tornou mundialmente famoso. Gledhill não tem precisão sobre quando os brasileiros souberam de Washington. Provavelmente seria devido ao jantar na Casa Branca, o lançamento de *Up from Slavery* e seu trabalho como educador. O que ela afirma, com certeza, é que em 11 edições entre março e abril de 1902, foi apresentada de forma serializada, a resenha elaborada por Bentzon, com longos trechos do livro *Up from Slavery*, apresentada por Gledhill em anexo.

Bentzon, pseudônimo de uma jornalista francesa, com a sua resenha, marca positivamente a história de vida do polêmico afro-americano. Em criteriosa pesquisa na imprensa brasileira, a autora só encontra – excetuando uma crítica à criação de uma universidade para negros na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, em 1903, e o artigo de Raymond Postgate, um socialista, no *Correio da Manhã*, em 1937, chamando Washington de *Uncle Tom* [Pai Tomás] – de 1901 a 1957, elogios a Booker Washington e à sua grande obra educacional. Quanto às traduções de *Up from Slavery*, Sabrina Gledhill concentra-se na realizada em 1940, pelo escritor de renome, Graciliano Ramos. A autora demonstra o desastre da tradução, evada de racismo e desrespeito ao autor e ao texto. Não foi sem propósito, o fato do neto de Graciliano Ramos defendê-lo, atacando Booker Washington. Abdias do Nascimento, o grande líder negro brasileiro, em duas oportunidades, no jornal *Quilombo*, elogiou Booker Washington. Enfim, Du Bois, Graciliano Ramos e alguns intelectuais brasileiros recentes, não foram capazes de destruir a imagem positiva criada em torno de Booker Washington.

As vidas de Washington e de Querino, sobretudo a do norte-americano, continuarão objeto de polêmicas, especialmente pelo papel que exerceram em seus países. Portanto, Sabrina Gledhill, com um livro bem escrito, fruto de consistente pesquisa e adequada bibliografia, envolvente, acertou em cheio na escolha do seu objeto. Será, com certeza, indispensável, para todos, acadêmicos ou não, interessados na história e política dos negros no Brasil e nos Estados Unidos.

Jeferson Bacelar

Pesquisador do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA
Professor da Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA



Introdução

Este trabalho apresenta as táticas e trajetórias de Booker Taliaferro Washington e Manuel Raymundo Querino, dois educadores negros que combateram o racismo no Atlântico Negro entre 1851 e 1923 – justamente o período de vida de Querino, uma vez que Washington nasceu depois dele e morreu antes.¹ O conceito do “atlântico negro”, apresentado pelo sociólogo britânico Paul Gilroy (1993) como um espaço transnacional de construção cultural, é utilizado porque se ajusta com perfeição a um trabalho que busca comparar as vidas e obras de dois intelectuais afrodescendentes cujas realidades, embora fossem diferentes, estavam longe de serem estanques. As travessias racialistas que Washington e Querino enfrentaram nesse oceano diaspórico os obrigaram a lançar mão de táticas semelhantes – principalmente, a valorização da instrução e qualificação do negro, especialmente o recém-liberto; a formação de alianças com brancos em posições de influência e poder; e o esforço para combater estereótipos negativos de várias maneiras: utilizando imagens dignas de pessoa de cor preta, produzindo biografias de negros ilustres e oferecendo seu próprio exemplo de homens de sucesso que começaram do nada, ou seja, *self-made men*.

1 Falamos em “táticas”, seguindo o pensamento do sociólogo francês Michel de Certeau (2000, p. 45-48), que faz uma distinção entre as estratégias dos “fortes” (grandes instituições ou nações) e as táticas dos “fracos”. Segundo Certeau, a maioria das “maneiras de fazer” é do tipo tática: “vitórias do ‘fraco’ sobre os mais ‘fortes’ (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de ‘caçadores’, mobilidades de mão de obra, simulações polimorfos, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos”. (CERTEAU, 2000, p. 47)

Baiano negro/mestiço,² nascido em Santo Amaro da Purificação em 1851, Querino tem sido pesquisado e elogiado por estudiosos estrangeiros, principalmente E. Bradford Burns (1974)³ e, mais recentemente, Kim Butler (2000) e Henry Louis Gates Jr. (2011), mas só foi “re-redescoberto”, no Brasil, recentemente. Entretanto, Querino ainda é pouco conhecido no Brasil e quem o conhece geralmente o considera um “autodidata” e “intuitivo” que produziu apenas alguns “opúsculos”.⁴ Até o fato de que tenha sido uma das inspirações do personagem Pedro Archanjo, protagonista de *Tenda dos milagres*, foi negado por alguns estudiosos por “falta de provas documentais”, apesar da forte semelhança entre as bibliografias do personagem fictício e do estudioso de carne e osso. Como veremos no Capítulo 3, essa polêmica foi resolvida pelo próprio autor. (AMADO, 1992)

Antes de 1930, o enfoque das primeiras pesquisas etnográficas realizadas no Brasil concentrava-se no índio. Segundo o eminente historiador e brasileiro Thomas Skidmore, nenhum dos grandes centros de pesquisa,

-
- 2 Querino se autodenominava “mulato” ou “mestiço” – pelo menos na sua obra – mas foi caracterizado como “preto” ou “negro” pelos comentaristas de suas obras e outros, inclusive Artur Ramos e Edison Carneiro. Mais recentemente, voltou a ser caracterizado como um “jornalista mulato” por Wlamyra de Albuquerque (2009, p. 39). Isto nos leva à “percepção dual” do negro ponderada por W.E.B Du Bois.
 - 3 Burns (1974) foi o primeiro estudioso fora do Brasil a pesquisar a vida e a obra de Manuel Querino. Analisou a biografia e bibliografia do intelectual santamarense num artigo intitulado “Bibliographical essay: Manuel Querino’s interpretation of the African contribution to Brazil” [Ensaio bibliográfico: a interpretação de Manuel Querino da contribuição africana para o Brasil], publicado na revista *Journal of Negro History* em 1974, anexando sua tradução em inglês da conclusão de *O africano como colonizador* (título original: *O colono preto como factor da civilização brasileira*). Também incluiu uma relevante discussão sobre Querino no seu livro *A History of Brazil* [Uma história do Brasil] (lançado em 1972, já na terceira edição [1993]), na época, um dos livros de História do Brasil mais utilizados em cursos de graduação nos Estados Unidos.
 - 4 Permanece a crença que Querino não teve qualquer tipo de titulação acadêmica (citamos a divulgação da Semana Manuel Querino, realizada na Biblioteca Manuel Querino do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) em julho de 2009). Sem desmerecer os conhecimentos tradicionais, é sempre necessário sublinhar que Querino se formou na Escola de Belas Artes como artista diplomado em desenho geométrico, lecionou nessa área por muitos anos e foi autor de dois livros didáticos sobre essa disciplina.

localizados no Rio de Janeiro, em São Paulo e Belém do Pará, “dedicava qualquer atenção ao Africano no Brasil [...]”. O “imigrante” africano e seus descendentes afro-americanos não inspiravam qualquer interesse científico nos seus quadros de pesquisadores”. (SKIDMORE, 1974, p. 57)⁵ recusou-se a aceitar que a presença do africano e do mestiço no Brasil fosse “um dos fatores de nossa inferioridade como povo”, nas palavras de Nina Rodrigues. (2004, p. 20) O fato de simplesmente reconhecer as contribuições do africano e seus descendentes à identidade, à cultura e até à “raça” brasileira demonstrou uma independência intelectual descomunal. Igualmente, Querino destacou-se por outra atitude – a de desmentir e até cooptar o racismo gerado na Europa. O primeiro brasileiro a publicar um livro sobre a contribuição africana à civilização brasileira que desmente o racismo científico foi um branco sergipano com formação em Medicina – Manoel Bomfim, autor de *A América Latina, males de origem* (2005), lançado em 1905. Mais tarde, a suposta superioridade do ariano, postulada por Gobineau, Vacher de la Pougé e outros, também foi rejeitada por outro intelectual branco, o político fluminense Alberto Torres, em *O problema nacional brasileiro*. (TORRES, 1914, p. 50)⁶ Entretanto, a maioria esmagadora dos brasileiros da época que se debruçaram sobre a questão do negro, como Euclides da Cunha, Braz do Amaral, Sílvio Romero e, principalmente, Nina Rodrigues, curvaram-se ao pensamento racial europeu e foram influenciados pelo fato de pertencerem a uma elite euro-descendente no meio de uma escravocracia até 1888.

Todos esses estudiosos buscavam um fundamento científico ou histórico para criar um “mito fundador” da nacionalidade e da cultura brasileira. Na procura de uma característica que desse uma identidade única ao seu país e ao seu povo, todos identificaram a miscigenação cultural e biológica

5 Skidmore (1974, p. 57) observa que existia uma exceção: o trabalho de Alexandre José de Melo Moraes Filho, que “fez um trabalho pioneiro em coleccionar [exemplos do] folclore afro-brasileiro”. A obra principal deste pesquisador foi o livro *Festas e tradições populares do Brasil*, lançado em 1901.

6 Agradeço a(o/a) parecerista anônimo(a) da Edufba pela sugestão de incluir Alberto Torres no rol dos intelectuais que rejeitaram o racismo científico.

– a famosa mistura de três raças, a europeia, a indígena e a africana. Todos, menos Querino, Bomfim e Torres, mostraram-se um tanto quanto confusos quando tentaram criar esse mito ao mesmo tempo em que aceitavam a doutrina da inferioridade do africano e da debilidade do mestiço. Segundo o sociólogo Octávio Ianni (1970, p. 258), essa confusão era comum no Brasil:

Sem dúvida, a situação racial brasileira sempre foi caracterizada por grandes contradições, entre as quais se destacam: [...] o exotismo plástico dos cultos religiosos como o candomblé, batuque, umbanda e quimbanda e a classificação do Negro como Africano, descendente de escravos, ou outras caracterizações de conotação negativa; o mito da democracia racial e a doutrina da inferioridade do mestiço [...]. De certa maneira, estas contradições estão na base da pesquisa da realidade social do país.

Quanto aos Estados Unidos, de acordo com outro sociólogo brasileiro, Roberto DaMatta (1981, p. 63):

O sistema não admite gradações que possam por em risco aqueles que têm o pleno direito à igualdade. Em outras palavras, [...] não [há] um ‘triângulo de raças’ e me parece ser sumamente importante considerar como esse triângulo foi mantido como um dado fundamental na compreensão do Brasil pelos brasileiros. E mais, como essa triangulação étnica pela qual se arma geometricamente a fábula das três raças, tornou-se uma ideologia dominante, abrangente, capaz de permear a visão do povo, dos intelectuais, dos políticos e dos acadêmicos de esquerda e de direita, uns e outros gritando pela mestiçagem e se utilizando do ‘branco’, do ‘negro’ e do ‘índio’ como unidades básicas que explicam a exploração ou a redenção das massas.

Outra característica que diferencia as realidades racialistas dos Estados Unidos e do Brasil é o tipo de preconceito dirigido aos afrodescendentes: no conceito de Oracy Nogueira (1985), apresentado em 1954, eles sofrem preconceito racial de “origem” no primeiro país e de “marca” no segundo. No Brasil, a distinção entre “pretos”, “pardos” e “brancos” é baseada na aparência da pessoa. Como vimos na polêmica que cercou a identificação das pessoas que se qualificaram para as cotas reservadas para negros nas

universidades, essa distinção pode ser bastante arbitrária. Pode até colocar irmãos gêmeos em duas categorias “raciais”.

Mesmo assim, os critérios para determinar quem é “african american” são muito diferentes. Segundo os sociólogos franceses Bourdieu e Wacquant (1999, p. 45):

Os americanos nos EUA são os únicos cuja definição de ‘raça’ é baseada exclusivamente na ascendência, e isso apenas no caso dos Africano-Americanos: um indivíduo é ‘negro’ em Chicago, Los Angeles ou Atlanta, não pela cor da pele, mas por ter um ou mais ancestrais identificados como negros, ou seja, no final da regressão, como escravos. Os EUA são a única sociedade contemporânea a aplicar a regra da ‘única gota de sangue’ e o princípio da ‘hipodescendência’, segundo a qual os filhos de uma união mista encontram-se automaticamente inscritos no grupo inferior – aqui, os negros, e somente eles.

O grupo criado pela “hipodescendência” está em minoria nos Estados Unidos (em torno de 13,5% da população em 2008, de acordo com o censo oficial), mas se a mesma regra fosse aplicada no Brasil representaria a maioria. Diferentemente dos Estados Unidos, o mulato ou mestiço faz parte de outra categoria “racial” neste país. Afrodescendentes com pele mais clara, cabelos mais lisos e traços mais europeus podem fugir do estigma e dos estereótipos associados ao “preto”, usando o fenômeno que Degler denominou “*mulatto escape hatch*”. Entretanto, devido a essa “saída”, há uma tendência a que o mulato ou mestiço tente distanciar-se de tudo que poderia identificá-lo como “preto”. Foi o caso dos pesquisadores mulatos que tinham um forte interesse intelectual e acadêmico na cultura afro-brasileira, como Edison Carneiro. (DEGLER, 1971, p. 109-110) Por esse motivo, reforçado pela ideologia da “democracia racial”, uma “nação negra” nunca se formou no Brasil.⁷ Mais adiante, veremos os fatores que levaram à formação

7 Segundo Saunders (1972, p. 61): “O mito da democracia racial serve a vários propósitos: Assim como os estereótipos do negro [...] atribui ao negro a responsabilidade pela sua própria condição (uma vez que a sociedade não teria colocado nenhum obstáculo no seu caminho devido à sua raça) e ao mesmo tempo isenta os brancos de classe alta e média da necessidade de se preocupar com um problema sobre o qual não teriam nenhum controle”.

de uma comunidade – mesmo “imaginada”, segundo Benedict Anderson (1989) – de afrodescendentes, definida pela lei da “única gota de sangue” nos Estados Unidos.

No Brasil, a história de Booker T. Washington (1856/1915) é ainda mais desconhecida que a de Querino, embora sua autobiografia romanceada *Up from Slavery* tenha sido enfoque de uma resenha detalhada publicada em várias edições do *Diário da Bahia* em 1902.⁸ Depois, foi traduzida novamente por Graciliano Ramos com o título *Memórias de um negro*, lançado pela Editora Nacional em São Paulo, em 1940 (acompanharemos sua fama, depreciação e esquecimento nos jornais brasileiros no Capítulo 4).

Existem fortes semelhanças entre as “trajetórias póstumas” dos dois protagonistas. Em ambos os casos, indivíduos que foram renomados na sua época tiveram suas imagens distorcidas e dilapidadas após a morte. No caso de Washington, o processo começou durante sua vida, graças aos esforços de W. E. B Du Bois e seus colegas da dita “décima parte talentosa” (como se autodenominava a elite intelectual negra dos Estados Unidos da época). Infelizmente, a imagem negativa de Washington como um “comodista” e até um “Judas” persiste apesar dos esforços de alguns escritores que buscam recuperar a sua imagem, como o historiador branco Robert J. Norell (2009) e o intelectual negro Ishmael Reed (2000). Ambos insistem que a obra de Washington seja vista no contexto das realidades de sua época – violência racial que poderia ser considerada limpeza étnica em algumas regiões (JASPIN, 2007) – e que muito longe de ser um “vendido” ou “Pai Tomás”, Washington dedicou sua vida à transformação da massa de ex-escravos – os aproximadamente quatro milhões de cativos libertados de vez no final da Guerra de Secessão – nos alicerces de uma futura classe média negra. Para começar, enfrentava um grande desafio, a maioria dos libertos era analfabeta, porque as leis dos estados escravistas proibiam os cativos de ler ou escrever.

William Edward Burghardt Du Bois (1868/1963) fez sua graduação na Universidade Fisk e doutorou-se em História na Harvard, sendo o primeiro

8 O livro original foi serializado nos Estados Unidos, nos anos 1900-1901, na revista *Outlook*.

negro a receber um doutorado dessa universidade. Também estudou na Universidade de Berlim. Apesar de ter nascido relativamente pobre, sua formação, suas associações e suas amizades lhe deram ingresso à elite negra que se formou nos Estados Unidos a partir dos anos 1860 do século XIX. (GRAHAM, 1999)⁹ Tornou-se uma figura nacionalmente conhecida nos Estados Unidos pela sua oposição às ideias conciliatórias de Washington, por acreditar que o futuro do negro seria garantido pela militância, a participação política e a formação e priorização da “décima parte talentosa” para liderar as massas. Mais tarde, se tornaria o inimigo mais ferrenho de outro líder negro, o jamaicano Marcus Garvey, que defendia uma postura ainda mais agressiva.¹⁰ Tornou-se um integrante do Partido Comunista, declarando que “o socialismo era a única esperança viável para a libertação do negro e a paz mundial” e morreu no autoexílio em Gana, com 95 anos, em 1963. Devido às tensões da Guerra Fria, o governo norte-americano rescindiu seu passaporte mais de uma vez, por causa de suas viagens a países comunistas, inclusive a China. Para garantir seu direito de ir e vir no mundo, tornou-se um cidadão ganense no ano de sua morte. (HOLT, 2009, p. 169) Segundo o historiador David Levering Lewis (2001b, p. XIV):

No decorrer de sua longa e turbulenta trajetória, W.E.B. Du Bois experimentou praticamente todas as soluções possíveis para o problema do racismo no século XX: pesquisas acadêmicas, propaganda, integração, autodeterminação, direitos humanos, o separatismo cultural e econômico, a política, o comunismo internacional, a expatriação e a solidariedade com o terceiro mundo.

9 Du Bois foi um dos primeiros sócios do “Sigma Pi Phi”, melhor conhecido como “o Boulé”, um grêmio masculino considerado a sociedade mais exclusiva da elite negra estadunidense. Só admite profissionais que alcançaram distinção na comunidade. (GRAHAM, 1999, p. 15)

10 Num ensaio autobiográfico com um título assaz irônico, “O maior inimigo do Negro”, Garvey (2004, p. 3) afirma que a leitura de *Up from Slavery* mudou sua vida e lhe demonstrou sua “sina de ser um líder da raça”. O jamaicano quis conhecer Washington pessoalmente, mas o educador negro faleceu antes de sua chegada aos Estados Unidos em 1916. (BLAISDELL, 2004, p. V)

Começou a alterar seus conceitos no final da vida, alinhando-se cada vez mais com a filosofia mais pragmática de Washington. (MOSES, 1993, p. 140-141)

Washington acreditava que uma boa instrução era o caminho para um bom futuro individual e coletivo do negro, mas que, antes de aprender grego e latim, deveria concentrar-se na educação profissionalizante. Foi duramente criticado por Du Bois e outros líderes da NAACP, porque supuseram, por isso, que acreditasse que o trabalho braçal e os ofícios mecânicos seriam o único destino possível e desejável para o negro¹¹ – esquecendo a função primordial do Tuskegee, de escola normal. Uma análise mais profunda do currículo do instituto deixa claro que, além de formar professores que se tornariam agentes multiplicadores, estabelecendo “Tuskegees mirins” em várias partes do Sul, Washington queria formar o que Antonio Gramsci denominou “intelectuais orgânicos”, que, segundo o sociólogo italiano, representam “um nível mais avançado da organização social, caracterizado por certa capacidade gerencial e técnica (isto é, intelectual)”. (MONASTA, 2010)¹²

Washington também foi acusado de preferir evitar uma confrontação com os brancos, buscando uma “acomodação”. Mas o diretor-fundador do Instituto Tuskegee respondeu que, uma vez que os negros estavam em minoria nos Estados Unidos, o melhor caminho seria aliar-se com os brancos simpáticos à sua causa. Embora a tática de Washington tenha sido censurada por Du Bois e pelos militantes negros norte-americanos dos anos 1960, podemos ver na análise de Anthony D. Smith, que estava seguindo uma prática adotada por muitas *ethnie*, principalmente grupos étnicos minoritários, em meados do século XIX.

11 Em 1978, Donald Spivey (2007) lançou um livro intitulado *Schooling for the new slavery* [Educação para a nova escravidão] em que acusa Washington de perpetuar um sistema paternalista de formação que visa manter o negro “no seu lugar” e caracteriza o educador como o “capataz” do instituto que fundou.

12 Gramsci denunciou a “dualidade entre o ensino clássico e o ensino técnico que reflete a divisão social entre o trabalho intelectual e o trabalho manual”. (MONASTA, 2010)

Segundo Smith (1986, p. 155), devido ao que ele denomina a “tríplice revolução”, transformações nos padrões de comércio, na natureza da administração, guerras e relações interestaduais, e o surgimento de *intelligentsia*/intelectualidade laica, cultura de massa e instrução, cada vez mais, as *ethnie* – ou seus intelectuais – viam suas comunidades como “pretensas nações” (*would-be nations*). Ao mesmo tempo, referindo-se às *ethnie* da Europa Central, Smith observa:

A maioria das *ethnie* em questão tinham adotado, como parte do custo da autopreservação, um sentimento e perspectivas quietistas. Exceto em situações de crise, os líderes comunitários visavam acomodar as suas comunidades aos enquadramentos e ditames sociais e políticos mais amplos [do grupo majoritário]. Aceitação e um espírito de renúncia foram muitas vezes criados em tais circunstâncias, particularmente entre as *ethnie* menores, cuja situação era muitas vezes precária. (SMITH, 1986, p. 155)

Havia duas formas e dois conceitos distintos da “nação”, a nação territorial e a nação étnica. A primeira, como seu próprio nome sugere, era fundamentada num sentido territorial com fronteiras nitidamente estabelecidas, e nas interações que se sucediam dentro destas fronteiras. (SMITH, 1986, p. 135) Trata-se do tipo de nação que Benedict Anderson (1989) pensava quando escreveu sobre a “comunidade imaginada”.¹³ Foi este o conceito primordial da nação que serviu para fornecer a lógica da formação de muitas nações nos tempos modernos, inclusive na África, reunindo grupos com culturas diversas e tentando forjar um Estado-nação nestes moldes.

Outra característica da nação territorial é seu aspecto jurídico. Segundo Smith (1986, p. 135):

13 Segundo Anderson (1989, p. 14), “Ela é *imaginada* porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas [...] embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão”.

A nação é a comunidade de leis e instituições legais. Seus integrantes são regulamentados por um código comum e têm direitos e obrigações uniformes. Em princípio, não existem exceções baseadas em 'raça, cor ou crença', idade, gênero ou religião. As leis emanam de uma única fonte, o estado territorial como expressão da nação [...].

Historicamente, a formação de uma nação territorial era a única maneira de atingir a “condição de nação”. Deixando de lado o conceito genealógico de nacionalidade, os nacionalistas africanos que combatiam as forças colonialistas abraçaram o conceito legal da nação na luta para apoderar-se do estado colonial e seu aparato burocrático. Entretanto, surgiram duas outras características do modelo ocidental de nação territorial – a primeira era a “cidadania” (que Smith diferencia da noção de “nacionalidade” no sentido de identidade legal, deveres e direitos, ou residência), um conceito que “transmitia um sentido de solidariedade e fraternidade através da *participação social e política ativa*”. (SMITH, 1986, p. 136) Por fim, a segunda característica era uma cultura compartilhada.

Smith (1986) observa que uma das metas da nação territorial é a homogeneidade cultural, tanto que Rousseau aconselhou que os corsos e poloneses acentuassem suas características culturais e instituições peculiares para sobreviver como grupos étnicos e assim terem esperanças de regenerar suas nações territoriais. Segundo Smith (1986, p. 137), “isto marca o ponto em que a revolução cultural do estado-educador concluiu as revoluções econômicas e políticas no ocidente e se juntou ao segundo caminho para a nacionalidade: o conceito étnico da ‘nação-para-estado’ geralmente encontrado no Oriente”. A formação de uma nação com base em laços étnicos ou *ethnie* preexistentes tornava-se uma questão de “transformar” elos e sentimentos étnicos em elos e sentimentos nacionais através dos processos de “mobilização, territorialização e politicização”. (SMITH, 1986, p. 137) Isto geralmente produzia um conceito bastante diferente de nação, enfatizando elementos como “genealogia, populismo, costumes, dialetos e nativismo” e dando mais importância a laços presumidos de ascendência. Smith fornece os exemplos de três *ethnie* africanas, os *ibo*, *zulu* e *quicuío*, entre outras. (SMITH, 1986, p. 137)

O conceito da “nação negra” nos Estados Unidos

Como podemos relacionar os dois conceitos de nação fornecidos por Smith – a nação territorial e a nação étnica – com a formação da “nação negra” nos Estados Unidos, conceito que nunca vingou no Brasil? Como é que uma comunidade minoritária definida por suas origens africanas poderia se considerar uma “nação dentro de uma nação”, num país que ainda no século XIX era uma referência para o conceito de Estado-nação ocidental no palco global? Podemos apontar vários fatores, começando com o sistema de segregação conhecido como “Jim Crow”; a violência contra negros, infligida com impunidade por brancos, através de linchamentos, espancamentos e assassinatos; e a concentração geográfica dos negros no sul do país após o final da Guerra da Secessão em 1865 – pelo menos até a “grande migração” dos negros do sul rural para cidades e áreas industrializadas no centro-oeste, nordeste e oeste dos Estados Unidos no início do século XX. A formação de bairros e até municípios exclusivamente negros serviu para fornecer um senso de territorialidade. Embora as leis fossem impostas pelo Estado-nação, controlado pela maioria branca, essas comunidades negras tinham um sentimento de cidadania e pertença à sua “nação” que, nas palavras de Smith (1986, p. 136), “transmitia um sentido de solidariedade e fraternidade através da *participação social e política ativa*”. Por exemplo, negros votavam em negros e, até as últimas décadas do século XIX, elegiam congressistas de sua *ethnie* para lhes representar no Governo Federal em Washington, DC. (HISTORY, ART & ARCHIVES, 2008)¹⁴

De outro lado, enquanto a segregação racial fornecia as condições ideais para o desenvolvimento de “costumes” e “dialetos” próprios, a história

14 “Praticamente todos os avanços políticos oferecidos aos libertos durante a Reconstrução foram revertidos e erradicados durante os anos após 1890. No Sul, as raças foram separadas de uma maneira ainda mais sistemática e rígida do que durante a escravidão. Muitos negros foram reduzidos a um estado de cidadania reprimida que foi repetidamente explorado para fins políticos e econômicos. Como C. Vann Woodward escreve, as leis Jim Crow ‘não atribuíam ao grupo subordinado um estatuto fixo na sociedade. Constantemente empurravam o negro mais para baixo’”. (HISTORY, ART & ARCHIVES, 2008)

em comum dos negros norte-americanos – na sua esmagadora maioria, descendentes de africanos levados à América do Norte durante séculos de migração forçada – forneceu a “genealogia” necessária à formação da “nação” racial e étnica, seguindo o conceito postulado por Smith, mesmo com pessoas cujo fenótipo era mais europeu que africano.

Esse aspecto da identidade negra nos Estados Unidos ficou bastante claro durante a campanha de Barack Obama para a presidência do país em 2009. De um lado, sua “pureza racial” foi questionada porque sua mãe era branca, e de outro, sua legitimidade como representante da “*african-american community*” também foi colocada em questão porque seu pai era africano e, portanto, seus ancestrais negros não compartilharam o trauma da escravidão. O fato de sua mulher, Michelle, ter uma genealogia que se enquadrava perfeitamente neste sentido foi visto como a salvação de sua credibilidade como líder da comunidade negra nos Estados Unidos.

O sociólogo alemão Max Weber (1991, p. 268) caracteriza a situação racial nesse país assim:

Nos Estados Unidos, uma mínima gota de sangue negro desqualifica uma pessoa de modo absoluto, enquanto que isso não ocorre com pessoas com quantidade considerável de sangue índio. Além da aparência dos negros puros que, do ponto de vista estético, é muito mais estranha do que a dos índios e certamente constitui um fator de aversão, sem dúvida contribui para esse fenômeno a lembrança de os negros, em oposição aos índios, terem sido um povo de escravos, isto é, um grupo essencialmente desqualificado.

Weber (1978, p. 385-86) observa que, mesmo que existisse uma “repulsa estética”, isto não serviu para deter o “conúbio” entre negros e brancos nos Estados Unidos – o que pode ser constatado nos progenitores do próprio Washington e a necessidade de leis proibindo casamentos entre pessoas negras e brancas nos estados que impuseram o sistema Jim Crow. Portanto, o senso de “repulsa estética” entre os dois grupos teria sido superado, pelo menos quando se tratava dos impulsos carnais dos senhores. Na época da escravidão, havia cativos tão brancos quantos seus proprietários. Os Estados Unidos têm sua própria “Escrava Isaura” – a personagem Eliza, do romance *A cabana do Pai Tomás* (STOWE, 2003, 2004) – e, passando da

literatura para a historiografia, Thomas Skidmore (1993) demonstrou que a suposta inexistência de miscigenação nos Estados Unidos não passa de um mito.

Segundo Weber (1991, p. 385), a “pertença à raça” somente

Conduz a uma ‘comunidade’ quando é sentida subjetivamente como característica comum, o que ocorre apenas quando a vizinhança local ou outros vínculos entre pessoas de raças distintas levam a uma ação comum (na maioria das vezes política) ou quando, ao contrário, certo destino comum dos racialmente homogêneos se liga a algum contraste [ou ‘antagonismo’, segundo outra tradução] existente com outros de características acentuadamente distintas .

Essa observação parece ser mais válida em relação à situação dos negros no sul dos Estados Unidos após a Emancipação. A “nação negra” naquele país também se enquadra na definição de Weber (1991, p. 270) de um grupo “étnico” ou “comunhão étnica”:

[...] Chamaremos grupos ‘étnicos’ aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no *habitus* externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva [...] A comunhão étnica (no sentido que damos) não constitui, em si mesma, uma comunidade, mas apenas um elemento que facilita relações comunitárias. Fomenta relações comunitárias de natureza mais diversa, mas sobretudo, conforme ensina a experiência, as políticas. Por outro lado, é a comunidade política que costuma despertar, em primeiro lugar, por toda parte, mesmo quando apresenta estruturas muito artificiais, a crença na comunhão étnica, sobrevivendo esta geralmente à decadência daquela, a não ser que diferenças drásticas de costumes e de hábito ou, particularmente, de idioma o impeçam.

Weber explica que a crença na existência de uma comunhão “nacional” tem diversos motivos. Por exemplo, “comunidade de língua” não é suficiente – visto o exemplo dos irlandeses, suíços e alsacianos de língua alemã. Mesmo assim, “Existem [...] diversos ‘graus’ de univocidade qualitativa da

crença na comunhão ‘nacional’” – por exemplo, no caso dos alsacianos, o sentimento de pertença à nacionalidade francesa “é condicionado por lembranças políticas” que despertam “sentimentos intensos”, como a bandeira tricolor e relíquias da revolução. (WEBER, 1991, p. 276) Em seguida, observa que: “sentimentos de comunidade designados com o nome coletivo de ‘nacional’ não são nada unívocos”. (WEBER, 1991, p. 277) No caso dos brancos norte-americanos, segundo Weber, “difícilmente existe um ‘sentimento nacional’ comum que os reúna com os negros, enquanto os negros tinham e ainda têm um ‘sentimento nacional’ americano pelo menos no sentido de pretender para si o direito de tê-lo”. (WEBER, 1991, p. 277) Esse sentimento levava à “dupla consciência” do negro, um conceito idealizado por W.E.B. Du Bois: o sentimento de pertencer a duas nações ao mesmo tempo, os Estados Unidos e a “nação negra”. (WEBER, 2003, p. 9)

Biografias de negros

Tanto no Brasil como nos Estados Unidos, o negro e o “outro” são quase sinônimos. Nos “olhos dos outros” – ou seja, dos brancos, segundo Du Bois – a visão do negro no século XIX e no início do século XX é de uma massa de escravos ou recém-libertos, marginalizada, analfabeta e avessa ao trabalho. Em *Onda negra, medo branco*, Célia Maria Marinho de Azevedo (2004, p. 19) propõe a seguinte questão:

[...] Até que ponto uma massa inerte, desagregada, inculta, sem grande importância histórica naquele momento, na medida em que já teria saído marginal da escravidão, não surgiu do âmago de formulações de teor étnico-racista que justamente procurariam com isso justificar a necessidade de imigração europeia em substituição ao negro?

A existência de intelectuais, artistas e cientistas negros no período em questão nega o estereótipo descrito acima. A partir da promulgação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, encontramos um número crescente de referências e estudos, e principalmente biografias “populares” sobre essa

relevante parcela da população afrodescendente. Vilas Boas (2002, p. 37) ressalta o impacto de biografias de personagens com os quais o leitor pode se identificar:

As pessoas leem e continuam lendo biografias [...] pelo prazer de se projetarem em outras vidas, diferentes tempos, outros destinos e de retornarem ao presente após a viagem. As biografias sugerem o universal embutido na particularidade de um indivíduo. É como se o leitor se deliciasse com o fato ‘de não estar sozinho no mundo’, de poder compartilhar sua própria história com outra pessoa, não importando a época.

O autor, poeta e crítico social negro James Baldwin (1963, p. 4) observa, na sua *Fala para professores*, que: “Se, por exemplo, se conseguisse mudar o currículo em todas as escolas para que o negro aprendesse mais sobre ele mesmo e sua verdadeira contribuição [à cultura norte-americana], estaria libertando não somente o negro, mas o branco que nada sabe sobre sua própria História”.

Jeferson Bacelar (c. 2000a) numa pesquisa para a sua biografia de Mário Gusmão, fez um levantamento de estudos biográficos de negros que inclui pouquíssimos nomes de intelectuais e cientistas. Um dos destaques é a biografia do médico e político Alfredo Casimiro da Rocha, *Negro político, político negro*, da autoria de Oracy Nogueira, publicada em 1992, mas há poucas biografias sobre os intelectuais, cientistas e artistas afro-brasileiros que viveram no século XIX ou antes – os mais conhecidos são Machado de Assis, André Rebouças, Aleijadinho, Luis Gama, José do Patrocínio, Teodoro Sampaio e Cruz e Souza.¹⁵

Como veremos no primeiro capítulo, entre os autores do século XIX que destacaram as contribuições (e a existência) de intelectuais negros, estão o abolicionista branco Wilson Armistead e o abolicionista, médico e

15 A coleção *Personalidades negras* da Editora Garamond oferece biografias de Aleijadinho, Cruz e Sousa, José do Patrocínio e Machado de Assis. Já para o público infantil, a Editora Callis oferece na sua coleção *A luta de cada um*, uma biografia de Luiz Gama da autoria de Myriam Fraga (2005) – a outra personalidade negra incluída nessa coleção de seis títulos é Zumbi dos Palmares.

escritor negro Martin R. Delany. Além de serem biografados, Manuel R. Querino e Booker T. Washington também ajudaram a divulgar as vidas de ilustres pessoas “de cor preta”. Tinham consciência da relevância disso para quebrar estereótipos e amenizar o preconceito dos não negros. Mais que combater estereótipos negativos e, portanto, o racismo, tais biografias também têm muito significado para pessoas negras, porque podem fornecer referências positivas e fortalecer a autoestima. Esses trabalhos também fazem parte da ilustre tradição de “*black vindicationism*”.¹⁶

O Capítulo 1 também aborda os antecedentes e o contexto histórico e intelectual do período entre 1851 e 1923. Demonstraremos a conjuntura social (classe), histórica, política e racista que os dois protagonistas enfrentaram. Esse capítulo fornecerá, ainda, dados sobre o contexto vivido por Querino e Washington. Em vez de fazer uma comparação norte-sul, o enfoque é a realidade do Atlântico Negro, utilizando a abordagem de Micol Seigel (2009), que busca conexões e interligações entre o Brasil e os Estados Unidos. Por exemplo, Querino e Washington trabalharam em prol da educação e da valorização do negro no período pós-abolição, quando as políticas de domínio praticadas durante a escravidão, em ambos os países, estavam evoluindo para outras formas de controle, principalmente medidas para reprimir a “vadiagem”.

A seção sobre a ideologia de racismo dá destaque ao Conde de Gobineau, cuja influência esteve (e está) presente nos Estados Unidos e no Brasil. Outras ideologias incluem o darwinismo social que prevaleceu em ambos os países, e o positivismo, que predominou no Brasil.

No Capítulo 2, as autobiografias encomendadas por Washington e os dados autobiográficos fornecidos por Querino são utilizados para demonstrar como esses dois intelectuais construíam sua autoimagem como referências negras, e como isso fazia parte de suas táticas antirracistas mostrando, com suas próprias histórias, como um homem negro de origem

16 Este movimento, cujo nome poderia ser traduzido como “a apologia do negro”, argumenta que o negro possui qualidades e habilidades iguais ou superiores às do branco, e que o preconceito do branco contra o negro é, portanto, baseado em premissas falsas.

humilde poderia “subir na vida” através do trabalho e da instrução. No caso de Washington, sua primeira autobiografia foi romanceada – seguindo uma estratégia também utilizada por Barack Obama, em *A origem dos meus sonhos* – para enfatizar as qualidades do *self-made man*, justamente para servir como referência para seus leitores.¹⁷

Através do Capítulo 2 também compreenderemos uma das táticas que Querino e Washington compartilharam: a formação de alianças, parcerias e relações de “pupilo e mestre” com brancos da elite intelectual e política. Nesse sentido, seu tutor, Manoel Correia Garcia, seu padrinho político (ou pistolão) Manuel Pinto de Sousa Dantas – que chegou a ser primeiro ministro do Império –, e seu mestre, o artista plástico espanhol Miguel Navarro y Cañizares, são as figuras mais conhecidas na vida de Querino.

A primeira mestra branca de Washington foi Viola Ruffner, para quem trabalhou como criado por quatro anos, seguida pelo diretor do Instituto Hampton, o Coronel Samuel Chapman Armstrong. Um dos aliados do educador afro-americano foi o presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, cujo convite para jantar na Casa Branca causou bastante polêmica. (NORELL, 2009, p. 245) Os maiores filantropos do norte dos Estados Unidos também financiaram o Instituto Tuskegee, graças aos esforços incansáveis de Washington para arrecadar fundos para essa instituição. Além de ser mecenas de fotógrafos negros, protetor e patrão de um dos maiores cientistas da história dos Estados Unidos, o botânico George Washington Carver, e cliente do arquiteto negro Robert R. Taylor, ele também contratou brancos de talento, como o sociólogo Robert E. Park e a fotógrafa Frances Benjamin Johnston.

Com relação à solidariedade com o negro, também serão analisadas as obras de Manuel Querino que defendem os africanos e afrodescendentes e suas relações (às vezes difíceis) com a Sociedade Protetora dos Desvalidos.

17 A autobiografia intitulada *Up from Slavery* tem sido comparada aos romances de Horatio Alger, sobre homens brancos humildes que sobem na vida pelos próprios esforços. (SMOCK, 1989, p. 68-69)

Quanto a Booker T. Washington, veremos o jogo duplo que fez para, de um lado, parecer que defendia o sistema “Jim Crow”, enquanto usava subterfúgios para defender os direitos dos negros e até suas vidas. (SMOCK, 2009, p. 139-143)

No Capítulo 3, a partir de seus obituários, traçaremos e analisaremos os altos e baixos das trajetórias das memórias e as reputações de Querino e Washington no Brasil e nos Estados Unidos. Segundo o secretário perpétuo do IGHB, Bernardino J. de Souza, Querino e Nina Rodrigues foram considerados as maiores autoridades sobre a cultura afro-baiana por seus contemporâneos. (SOUZA, 1932, p. 34) Entretanto, a validade da obra de Querino como fonte começou a ser questionada a partir da década de 1930, culminando com uma acusação de plágio feita por Carlos Ott (1947).

A visão negativa sobre Washington fomentada por W. E. B. Du Bois foi perpetuada por ele e por outros militantes negros nos Estados Unidos durante a luta pelos direitos civis da década de 1960. O principal biógrafo de Washington, Louis Harlan, deixou claro seu desprezo pelo seu objeto, em parte porque o considerava um traidor do Sul, uma vez que aceitou dinheiro dos milionários que exploraram a região após a Guerra de Secessão (1988). Mesmo assim, graças aos esforços de Ishmael Reed (2000) e, mais recentemente, Robert Norell (2009), entre outros, a vida e obra do educador negro estão sendo revistas no contexto de seu tempo nos Estados Unidos.

O Capítulo 4 traça a evolução das percepções sobre Booker T. Washington no Brasil a partir do início do século XX e o processo da rerepresentação de sua vida e obra nos jornais desse país. Após a serialização de sua obra mais conhecida, *Up from Slavery*, nos Estados Unidos em 1901, uma resenha de sete capítulos da autoria de uma jornalista francesa foi publicada no *Diário da Bahia*, em 1902. As notícias subsequentes publicadas em outros jornais e periódicos brasileiros – inclusive em 1950, no jornal *Quilombo* – mantiveram Washington nos olhos do público durante décadas. Hoje, no entanto, poucos brasileiros conhecem a história de Washington, e os raros estudiosos e militantes negros que sabem dele formaram suas impressões depois de ler a crítica fulminante de W. E. B. Du Bois sobre sua suposta “acomodação” e ainda veem-no como um “traidor da raça”, justamente quando o seu legado está sendo reanalisado e reinterpretado em seu próprio país.



1

Expandindo as margens do Atlântico Negro: contrastes e nexos entre os EUA e o Brasil



Quando pensamos no contexto em que Booker T. Washington e Manuel R. Querino viveram e trabalharam, há uma tendência a imaginar duas realidades estanques – a dos Estados Unidos, no Norte, e a do Brasil, no Sul. Porém, como alguns estudos indicam¹, essa visão está longe da verdade. Interconexões e intercâmbios entre os dois países e seus habitantes foram os mais variados, nos planos político, intelectual, cultural e econômico, entre outros. Antes do advento da Ferrovia Transcontinental dos Estados Unidos, em 1869, e principalmente da abertura do Canal do Panamá, em 1914, muitos viajantes norte-americanos precisavam aportar no Brasil para se deslocar entre as costas oeste e leste de seu próprio país – sobretudo nos portos do Recife, de Salvador e do Rio de Janeiro. Esse fluxo se intensificou durante a “corrida do ouro” no Alaska entre 1896 e 1899. Brasileiros anônimos, e também conhecidos, visitaram os Estados Unidos e enfrentaram situações e acolhidas que variaram de acordo com a cor da pele.

Booker T. Washington e Manuel R. Querino enfrentaram ideologias racialistas semelhantes ou iguais e viveram num mundo globalizado em termos de influências intelectuais e culturais. Assim, Washington, Querino e muitos outros educadores, estudiosos e líderes negros, frequentemente, lançaram mão de táticas e estratégias antirracistas parecidas, independentemente de sua localização acima ou abaixo da linha do Equador no Atlântico Negro.

Segundo Guimarães (2004, p. 1), referindo-se à proposta de comparar Querino e W. E. B. Du Bois, “tal comparação revelaria, primeiro, um grande contraste entre o modo como se deu, nos Estados Unidos, a formação da

1 *Uneven Encounters* (SEIGEL, 2009) e *O Sul mais distante* (HORNE, 2010).

identidade étnica e racial entre os negros e o modo como ela transcorreu entre nós”. De fato, há grandes diferenças entre as realidades que formaram a identidade étnica e racial do *African American* e do afrodescendente brasileiro, entre outras, a hipodescendência, a regra da “única gota de sangue” que, até recentemente, eliminou a categoria de “pardo” ou “mestiço” em todos os Estados Unidos.² Mesmo assim, a miscigenação aconteceu – tanto que Booker T. Washington e seu antecessor na liderança da “nação negra” nos Estados Unidos, Frederick Douglass, eram filhos de mulheres negras escravizadas, com homens brancos não identificados. Esse “sangue branco” foi utilizado pelos racialistas para justificar a eminência que ambos alcançaram (como veremos no Capítulo 3, este argumento e um contra-argumento foram encontrados, inclusive, no meio dos obituários de Washington, que estão nos *Booker T. Washington Papers* na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos.

Nos Estados Unidos, a partir do século XIX, os mulatos e mestiços foram considerados – e segregados – como negros, baseado na ascendência. Isso, independentemente de sua aparência, embora a saída de *passing* – “passar por branco” – se apresentasse para aqueles que estavam dispostos a renegar seus parentes consanguíneos e viver exclusivamente no meio dos brancos. Mesmo assim, persistiu a noção que o “sangue branco” influenciaria em características consideradas superiores, como inteligência ou coragem, ou impediria que o indivíduo pertencesse a uma ou outra “raça”. Uma vez que o estereótipo do tipo de homem branco que engravidaria ou, pior, conviveria com uma mulher negra era de um marginal. Assim, o mestiço ou mulato podia até ser considerado prejudicado pela degeneração do seu lado branco, entretanto, a realidade era bem diferente. Hoje sabemos que até Thomas Jefferson, um dos “pais fundadores” da nação, principal autor da Declaração da Independência dos Estados Unidos e terceiro presidente do país, cujo monumento é um dos cartões postais de Washington, DC, teve seis filhos mestiços, frutos da relação com sua escrava, Sally Hemings,

2 Hoje, está surgindo o termo “birracial”, principalmente quando, como Barack Obama, o indivíduo tem pais de “raças” diferentes.

que já era produto da miscigenação na alta sociedade, sendo meia-irmã da esposa de Jefferson e, portanto, sua cunhada.³

O mulato era considerado superior ao negro pelos racialistas, mas igual perante a lei – não havia uma “*mulatto escape hatch*”.⁴ Segundo Robert E. Park (1950, p. 380):

[...] Quando o negro cruza com outras raças, a prole destas uniões não tem a mesma liberdade de escolha [que os filhos de casamentos mistos de cristãos e judeus]. Os mestiços são, no caso do *mulatto* nos Estados Unidos, classificados incontinenti como negros, independentemente do grau de mistura racial, ou ocupam, como mulatos e mestiços, uma posição algures entre os dois.

Park (1950, p. 381) também comenta que “o papel do mulato e a posição que ocupa em relação ao negro e o branco determinam, em todo caso, o caráter das relações raciais existentes e o problema racial local”.

Numa análise dos censos de vários países, Petrucelli (2002, p. 537) observa que

O desenvolvimento das doutrinas racialistas do século XIX leva a incorporar a categoria ‘mulato’ na classificação racial, pela primeira vez, em 1850, tendo sido mantida a mesma até o recenseamento de 1920. O poligenismo e seu essencialismo inerente, então em voga nos EUA [...] tinham especial interesse no estudo ‘científico’ – segundo a época – da miscigenação e das supostas consequências de infertilidade ou, ao menos, da menor capacidade reprodutiva

3 Jefferson (1784) acreditava que o negro fosse inferior ao branco e que sua posição social se devesse a sua suposta inferioridade inerente: “A melhoria do negro em corpo e mente na primeira instância de sua mistura com o branco, tem sido observada por todos e comprova que sua inferioridade não é apenas o efeito de sua condição de vida”. (JEFFERSON, 1784, p. 9) Do original “The improvement of the blacks in body and mind, in the first instance of their mixture with the whites, has been observed by every one, and proves that their inferiority is not the effect merely of their condition of life”, (JEFFERSON, 1784, tradução nossa). Essa visão negativa do negro é manifestada em sua obra *Notes on the State of Virginia* (1781), disponível em: http://pages.uoregon.edu/mjdennis/courses/wk7_notes.html. Acesso em: 10 maio 2002.

4 “*Mulatto escape hatch*” (DEGLER, 1971) é a expressão cunhada para dizer que a categoria racial “mulato” livraria as pessoas assim classificadas do “estigma” de ser negro e do preconceito sofrido por pessoas negras. Ao mesmo tempo, criou uma categoria intermediária que impediu a consciência de uma “nação negra” no Brasil.

das diferenças raciais consideradas permanentes em relação aos ancestrais de raças ‘puras’ e da maior mortalidade aparente da população de origem africana.

Mesmo sendo considerado *mulatto*, inclusive por Park, seu ex-assistente,⁵ Booker T. Washington sempre se autoidentificou como negro. Era considerado o sucessor legítimo do abolicionista e ex-escravo Frederick Douglass, também mulato, que faleceu em 1895, tornando-se assim o “presidente da nação negra” nos Estados Unidos.

No Brasil, a mestiçagem entre brancos, índios e negros começou com os primeiros contatos entre esse “triângulo de raças” e tornou-se parte do mito fundador da nação. A mistura racial foi tão extensa que a identificação do “preto, pardo e branco” baseia-se até hoje na aparência, formando um contínuo com o “africano puro” num extremo, e o “branco europeu” no outro. (GLEDHILL, 1986) Nos Estados Unidos, vingou-se a “lei da única gota de sangue” que necessitou de documentos e testemunhas para comprovar o “status racial” do indivíduo, uma vez que, como vimos, um afro-americano de pele e olhos claros e cabelos lisos poderia se fazer “passar por branco” nos lugares onde não fosse conhecido como “negro” – uma tática que é vista como uma traição pela comunidade negra⁶. A existência dessas pessoas comprova que a separação das raças nos Estados Unidos não passa de um mito, e que a miscigenação sempre foi uma realidade, embora rigorosamente controlada e reprimida. Como Skidmore observa, a maior diferença entre a mestiçagem nos Estados Unidos e no Brasil, na época em questão, não está na miscigenação em si, mas no destino dos filhos mestiços (1993). Por exemplo, no Brasil, temos os casos de Manuel Querino (de paternidade questionada, criado pelo tutor branco Manuel Correia Garcia) e Teodoro Sampaio (criado pelo suposto pai, um padre branco),

5 Um dos fundadores da Escola de Chicago de sociologia, Park, numa conferência proferida em 1929, incluiu Booker T. Washington e W.E.B. Du Bois na sua relação de mulatos eminentes, “líderes do povo negro”. (PARK, 1950, p. 381)

6 O romance *The Human Stain* de Philip Roth (traduzido para o português com o título *A marca humana*) tornou-se o filme *Revelações* (2003), com os atores Wentworth Miller e Anthony Hopkins representando o protagonista negro que se passa por judeu e é acusado de racismo contra negros. O próprio Wentworth Miller se considera negro.

mas também o de Luis Gama (vendido como escravo pelo pai branco). Mesmo assim, nos Estados Unidos, casos como o de Booker T. Washington eram regra geral – o pai branco deixava que seu filho mestiço crescesse escravo sem jamais conhecer seu progenitor. Engravidar as escravas – muitas vezes, à força – tornou-se uma maneira relativamente econômica de aumentar os “bens” – a mão de obra escrava – do “proprietário”. (SKIDMORE, 1993)

A grande disparidade entre as datas da extinção oficial do tráfico transatlântico (1808 nos Estados Unidos e 1850 no Brasil) explica a forte resistência e a influência da cultura africana no Brasil – sobretudo na Bahia –, mas não devemos esquecer a continuidade do tráfico ilegal: nos Estados Unidos até 1870, (DU BOIS, 2007a) e no Brasil depois da Lei Eusébio de Queiroz, de 1850, com a participação ativa de negreiros estadunidenses. O sonho dos ex-confederados derrotados na Guerra da Secessão, de manter uma escravocracia no “Sul mais distante”, só morreu com a promulgação da Lei Áurea em 1888. (HORNE, 2010)

Os Estados Unidos e o Brasil compartilham o “pecado original” da escravidão. Antes da abolição em ambos os países, uma estratégia de controle utilizada pelos senhores era manter os cativos na mais profunda ignorância. No caso dos Estados Unidos, essa política foi reforçada após a revolta liderada por Nat Turner, um escravo letrado. Vários estados escravistas seguiram o exemplo do estado da Virgínia, o local da revolta, e promulgaram leis proibindo a alfabetização de escravos⁷. Segundo Mattoso (1982, p. 113), “A educação escolar do escravo é totalmente proibida no Brasil e os próprios forros não têm o direito de frequentar aulas. Esta proibição será mantida durante toda a época da escravidão, mesmo durante a segunda metade do século XIX, em plena desagregação do sistema servil”. Tanto era o medo

7 Frederick Douglass aprendeu a ler com uma de suas senhoras, enquanto escravizado. Ela arrependeu-se e parou de ensiná-lo, mas era tarde demais. A partir daí, o jovem conseguiu aprender sozinho. Douglass (2004) mesmo afirmou que, depois que aprendeu a ler, nunca mais aceitou sua condição de escravo. Solomon Northup, autor de *Twelve Years a Slave* (Doze anos de escravidão), teve que esconder o fato de ser letrado durante seus anos de cativo. Nasceu livre nos Estados Unidos, e segundo sua narrativa, foi sequestrado por negreiros, e escravizado no seu próprio país. (NORTHUP, 2012)

do escravo letrado que o descobrimento e a tradução de papéis escritos na língua árabe no meio dos pertences dos acusados foram parte importante da devassa que seguiu a Revolta dos Malês em 1835. (REIS, 2003, p. 260)

A eclosão e repressão de revoltas escravas eram fatos que chamavam a atenção de todos os escravistas, no Norte e no Sul. Segundo Horne, “[...] a legação do Brasil em Washington analisou exaustivamente a revolta escrava de Nat Turner, na Virgínia, em busca de sinais de que essa doença contagiosa pudesse se espalhar. Mesmo na distante Buenos Aires, aonde a escravidão não chegava a ser importante, tomou-se nota dessa assustadora revolta”. (HORNE, 2010, p. 23) Da mesma forma, a legação estadunidense investigou minuciosamente uma revolta escrava ocorrida na Bahia. Horne não indica, no texto, o ano nem os detalhes da revolta, mas a data do despacho enviado pelo cônsul ao secretário de Estado dos Estados Unidos, John Forsyth – 11 de fevereiro de 1835 – não deixa dúvidas. Tratava-se da Revolta dos Malês. (HORNE, 2010, p. 23, nota 75) Segundo o autor, “As elites brasileiras não podiam ficar indiferentes às revoltas de escravos nos Estados Unidos, assim como as elites americanas poderiam ser atingidas pelas revoltas de escravos no Brasil”. (HORNE, 2010, p. 23)

Além de exigir uma mão de obra forçada e analfabeta e, portanto, mais controlável, a escravidão era uma instituição que reduzia o trabalhador a uma mercadoria ou bem. Isso tendia a aviltar a ética do trabalho, ao equipará-lo à degradação, dificultando a formação de um mercado de mão de obra livre. Segundo Kowarick (1994, p. 12), no Brasil:

[...] Como os parâmetros materiais e ideológicos essenciais à sociedade sempre estiveram intimamente conectados ao espectro do cativo, para os livres e pobres, trabalhar para alguém significava a forma mais aviltada de existência. Isso fez com que, no percorrer dos séculos, se avolumasse uma massa de indivíduos de várias origens e matizes sociais que não se transformaram em força de trabalho, já que a produção disciplinada e regular era levada adiante por escravos.

Nos Estados Unidos, a “instituição peculiar” foi concentrada nos estados sulistas até o final da Guerra da Secessão em 1865, mas, no Brasil,

abrangia o país inteiro. Como veremos mais adiante, o fenômeno da “vadiagem” seria objeto de leis específicas em ambos os países. Além de enfrentarem o desafio de garantir a força de trabalho eliminada pelo fim da escravidão, para muitos negros livres e libertos, o trabalho continuava sendo sinônimo de degradação, uma vez que antes da abolição:

[...] O trabalho, para quem não fosse senhor, não levava a parte alguma, e o esforço de realizá-lo, em vez de dignificar quem o executasse, tendia, ao contrário, a aproximá-lo das regras de domínio e submissão imperantes na condição cativa de existência [...] Quem não era forçado a trabalhar o fazia quando estritamente necessário. (KOWARICK, 1994, p. 56)

Um dos resultados desta ética de trabalho invertida, após a abolição, seria a vadiagem.

Essas e outras considerações levariam às estratégias de controle dos libertos que foram aplicadas de formas semelhantes em ambos os países após a abolição. No caso do Brasil, essas estratégias incluíram a repressão de manifestações da cultura afro-brasileira (nos Estados Unidos, religiões de matriz africana tinham sido efetivamente extintas, com a exceção do estado da Louisiana, onde o *vodun*, de raiz jeje, resistiu e continua a ser praticado até hoje, principalmente na cidade de Nova Orleans).

A Guerra da Secessão nos Estados Unidos foi seguida pelo período chamado de “Reconstrução”, durante o qual os vencedores do Norte exerceram controle sobre o Sul, e os famigerados *carpetbaggers* (aventureiros) e *robber barons* (literalmente barões ladrões) exploraram os derrotados com tanto vigor que criaram ressentimentos duradouros entre os sulistas. Pelo menos, isso é o senso comum. Naturalmente, a realidade foi muito mais complexa. O termo *carpetbagger* remonta a 1846, quando designava “qualquer forasteiro suspeito”. Chegou a ser aplicado a qualquer nortenho que migrasse para o Sul durante a Reconstrução. Os *carpetbaggers* foram até acusados de terem um projeto de “africanizar” o país. Segundo Franklin (1994, p. 93-94), a imagem dos *carpetbaggers* como intrusos, aventureiros e vagabundos da pior espécie, impugna “a integridade e as boas intenções de milhares de pessoas [...] Ainda mais importante, talvez, é o fato de que tais

descrições mostram uma falta de compreensão da variedade e complexidade dos motivos subjacentes às migrações e nenhum apreço pelas relações econômicas e políticas que se desenvolveram a partir de tais motivos”.

Finda a guerra, os negros libertos pela Proclamação de Emancipação de 1863, seguida pela 13ª Emenda à Constituição – adotada em 1865 e que aboliu a escravidão –, gozaram da proteção da 14ª Emenda (1868), que garantia os privilégios e as imunidades da cidadania (como o direito a um julgamento justo) e da 15ª emenda (1870), que estabelecia o direito ao voto, sem discriminação baseada em raça, cor ou “condição prévia de escravo” – mas apenas para homens, as mulheres só conquistariam esse direito nos Estados Unidos quando a 19ª Emenda foi adotada, em 1920. Os libertos receberam a promessa – nunca cumprida – de “40 acres [aprox. 16 ha] e uma mula” para se estabelecerem em suas propriedades rurais. Várias escolas foram criadas para instruir os libertos, a grande maioria dos quais – devido à política escravagista de mantê-los sem instrução – mal sabia assinar seu próprio nome. Entre 1865 e 1877, em torno de dois mil negros foram eleitos ou indicados a cargos federais e estaduais no sul dos Estados Unidos, inclusive senadores, deputados e juizes. (FONER, 1996)

Entretanto, em 1865 e 1866, logo após a guerra, os escravistas derrotados promulgaram leis estaduais chamadas “*black codes*” [códigos negros] com o intuito de controlar os libertos e tentar reinstaurar a escravidão com outra roupagem. Segundo Franklin (1994, p. 47), essas leis “são um presságio extraordinário da futura postura dos ex-confederados sobre o lugar do negro no Sul e na vida estadunidense”. Embora reconhecessem o direito legal do negro de ter bens, processar, ser processado, casar e ter filhos legítimos, determinaram que negros só pudessem testemunhar contra outros negros, e o casamento entre negros e brancos tornou-se um delito grave. Entretanto, a restrição mais importante para os ex-senhores foram as leis que transformaram contratos de trabalho em mecanismos de reescravidão. Por exemplo, no estado do Mississippi, caso um negro deixasse o emprego antes do fim do período contratado, ele poderia ser preso por qualquer cidadão e “devolvido” a seu patrão. (FRANKLIN, 1994, p. 47) Na Flórida, negros que quebrassem contratos de trabalho poderiam ser açoitados e condenados a

trabalhos forçados por até um ano. (FONER, 2011) Finalmente, os *black codes* incluíram leis contra vadiagem. Qualquer negro que fosse preso e condenado por esse crime no Mississippi e não pudesse pagar a multa de U\$50 teria que trabalhar pelo período mínimo necessário para ressarcir a dívida. (FRANKLIN, 1994, p. 47-48) Os estados de Mississippi e Carolina do Sul promulgaram as leis mais severas e discriminatórias. No último, os negros libertos e livres foram proibidos de exercer qualquer profissão, a não ser agricultor ou criado. Quem quisesse exercer um ofício teria que pagar uma taxa anual que variava entre U\$10 e U\$100. Além de negros desempregados, a lei de vadiagem enquadrava pessoas que levavam vidas “ociosas ou desregradas”, e até integrantes de circos itinerantes, cartomantes e atores. (FONER, 2011)

A partir de 1877 e da “Grande Conciliação” (*The Great Compromise*), também chamada a “Barganha” ou até “Traição de 1877”, o Governo Federal retirou as tropas do Sul, marcando o final da Primeira Reconstrução. (WOODWARD, 1966) Os supremacistas brancos do Sul, que já resistiam a todos os esforços dos radicais e do Governo Federal de fazerem valer as emendas à constituição que garantiam os direitos do negro, ressurgiram e reagiram, removendo os oficiais negros de seus cargos – inclusive os deputados e senadores – e lançando mão de artimanhas e violência para afastar os eleitores afro-americanos das urnas⁸.

A Ku Klux Klan foi extinta, pelo menos na sua primeira encarnação, no início da década de 1870 pelos *Enforcement Acts*, leis federais promulgadas pelo Congresso Nacional dos Estados Unidos para proteger os direitos dos negros, mas outros grupos com fins e métodos parecidos, como os Camisas Vermelhas e a Liga Branca, continuaram a manter um reino de terror que deixou as comunidades negras de sobressalto. Os linchamentos de pessoas negras eram corriqueiros, motivados pelas mais dúbias alegações e suspeitas e até por suporem que a vítima, não conhecendo seu “lugar”, teria se comportado com “arrogância”. Mas a acusação mais frequente era a de que o negro teria “faltado com respeito” a uma mulher branca, ou até

8 Para uma análise aprofundada desse período e seu rescaldo, ver Franklin (1994) e Foner (2011).

tentado violá-la, já que o homem negro era considerado um selvagem que não conseguia controlar seus impulsos mais nefastos, principalmente a luxúria. Apesar do prestígio e da fama que alcançou, Booker T. Washington sofreu acusações desse tipo, chegando a ser o alvo de violência física em Nova York em 1911.

Além das estratégias utilizadas para evitar que o negro exercesse seus direitos constitucionais, havia outras para controlá-los. Em vez de receberem “40 acres e uma mula”, muitos libertos foram obrigados a trabalhar como meeiros, acumulando dívidas que nunca conseguiam pagar, e o sistema de peonagem gerado por essa situação é visto hoje como uma nova forma de escravidão. As leis de segregação, chamadas “Jim Crow”, começaram a ser promulgadas nos estados e municípios no sul do País, a partir de 1876, baseadas num sistema que seria criado para manter negros e brancos “separados, mas iguais”, em hotéis, escolas, universidades, teatros, restaurantes, vagões de trem e até bebedouros e sanitários. Na realidade, os equipamentos destinados ao negro eram sempre inferiores. Uma das maiores reivindicações que uniram as forças de líderes negros como Washington e W. E. B. Du Bois foi o fim da segregação nos trens.

No Brasil, a abolição, como sabemos, foi seguida por um golpe de estado que os historiadores consideram uma consequência direta da emancipação dos escravos. Naturalmente, os fatores que levaram ao fim do Império foram complexos, e o abolicionismo e republicanismo caminharam juntos, como veremos no caso de Manuel Querino. Mesmo assim, como observa o historiador estadunidense E. Bradford Burns (1993, p. 229), “A abolição da escravidão no Brasil precipitou a queda da monarquia, assim como a abolição em Cuba pressagiou o fim do domínio espanhol [naquele país]”.

É unanimidade entre os historiadores que, nas palavras de Luís Henrique Dias Tavares (2008, p. 300), “O regime monárquico caiu em todo o Brasil sem a menor resistência”. Mesmo assim, levantes surgiram em várias partes

do país, sendo o mais conhecido o trágico mal-entendido que levou à Guerra de Canudos⁹.

O governo provisório chefiado por Deodoro da Fonseca promulgou um decreto, em 28 de junho de 1890, que reforçou a proibição da imigração de negros, inaugurada pela Lei Eusébio de Queiroz de 1850. (NASCIMENTO, 1978, p. 71; SKIDMORE, 1974, p. 155) A filosofia positivista da Primeira República implicava na erradicação de tudo que pudesse causar “atraso” ao país, principalmente manifestações culturais de matriz africana, tais como batuques, lundus, candomblés e capoeiragem¹⁰. Dos vadios e capoeiras, que “Deixar de exercitar profissão, ofício, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistência e domicílio certo em que habite; prover a subsistência por meio de ocupação proibida por lei, ou manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes” seria passível da pena de “prisão celular por quinze a trinta dias”. (BRASIL, 1890) Maiores de 14 anos seriam “recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriais”, e em caso de reincidência, “o infrator será recolhido, por um a três anos, a colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim serem aproveitados os presídios militares existentes”. Quanto à capoeira, “Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa

9 Um dos mais inusitados – e inexplicáveis – episódios de violência envolveu um grupo de estrangeiros, inclusive cinco estadunidenses, que, segundo Tavares, teriam se juntado sob a liderança de um brasileiro, o gaúcho Sebastião Magalhães, o “Magali”, para atacar a cidade de Ilhéus no dia 25 de novembro de 1907. Seu objetivo, nas palavras do próprio Magali, era “estabelecer um governo estadual honesto” (TAVARES, 2008, p. 318). Segundo uma nota publicada no *New York Herald* e assinada pelo então Ministro do Exterior do Brasil, José Maria da Silva Paranhos Júnior, barão do Rio Branco, Magali teria sido um “louco” que organizara uma expedição de 100 homens em Nova York para realizar um golpe de estado em Minas Gerais. Magali foi processado e julgado, mas Tavares (2008, p. 320) observa: “Passados mais de noventa anos, esse incidente continua misterioso e desconhecido”.

10 Segundo Boris Fausto (2008, p. 138), o positivismo da Primeira República originou-se no meio dos republicanos gaúchos, sob a liderança de Júlio de Castilhos: “É possível que para isso tenha concorrido a tradição militar naquela área e o fato de que os republicanos eram aí uma minoria, em busca de uma doutrina capaz de lhes dar forte coesão”.

certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal” incutiria a pena de “prisão celular por dois a seis meses”. Se o capoeira pertencesse a “alguma banda ou malta”, seria considerado um agravante, e a pena seria imposta em dobro nos “chefes, ou cabeças”. (BRASIL, 1890)

Segundo Kowarick (1994, p. 43), a “vadiagem” surgiu da mentalidade que equiparava o trabalho com a sujeição:

[...] Os livres, na medida em que o cativo fosse o referencial do processo produtivo, só poderiam conceber o trabalhador organizado como a forma mais degradada de existência. A seu turno, como o parâmetro que os senhores tinham do trabalho era pautado na escravidão, do qual os livres procuravam de todas as maneiras escapar, cristalizar-se-ia a percepção de que eram os menos desejáveis: eram vistos como verdadeiros ‘vadios’, imprestáveis para o trabalho.

Carvalho demonstra que a categoria de “gente desocupada” era extensa no Brasil. Incluía:

Ladrões, prostitutas, malandros, desertores do Exército, da Marinha e dos navios estrangeiros, ciganos, ambulantes, trapeiros, criados, serventes de repartições públicas, ratoeiros, recebedores de bondes, engraxates, carroceiros, floristas, bicheiros, jogadores, receptadores, pivetes [a palavra já existia]. E, é claro, a figura tipicamente carioca do capoeira, cuja fama já se espalhara por todo o país e cujo número foi calculado em torno de 20 mil às vésperas da república. Morando, agindo e trabalhando, na maior parte, nas ruas centrais da Cidade Velha, tais pessoas eram as que mais compareciam nas estatísticas criminais da época, especialmente as referentes às contravenções do tipo desordem, vadiagem, embriaguez, jogo. Em 1890, estas contravenções eram responsáveis por 60% das prisões de pessoas recolhidas à Casa de Detenção. (CARVALHO, 1991, p. 18, grifo nosso)

Segundo esse autor, “Em termos concretos, a prevenção republicana contra pobres e negros manifestou-se na perseguição movida por Sampaio Ferraz contra os capoeiras, na luta contra os bicheiros, na destruição, pelo prefeito florianista Barata Ribeiro, do mais famoso cortiço do Rio, a Cabeça de Porco, em 1892” (CARVALHO, 1991, p. 30-31)

Enquanto reprimia a “vadiagem” e prendia os “desocupados”, a Primeira República continuou a política do Império de incentivar a vinda de europeus, atraindo uma mão de obra imigrante que concorria com os libertos, e nada fez para ajudar os negros e pobres a se qualificarem para integrar o mercado de trabalho formal. Como vimos, nos Estados Unidos, os escravos emancipados em 1865, após a Guerra da Secessão, enfrentaram vários obstáculos à conquista da cidadania plena, entre linchamentos, exclusão política, segregação e peonagem, mas várias instituições de ensino, principalmente escolas normais e institutos profissionalizantes, foram criadas para os libertos por brancos paternalistas e filantrópicos, como o Coronel Samuel C. Armstrong, fundador do Instituto Hampton, cujo aluno mais eminente foi Booker T. Washington. Também havia uma elite negra que se autointitularia a “décima parte talentosa”, que frequentavam universidades de primeira categoria, como a Harvard, entre eles, naturalmente, W. E. B. Du Bois.

Em seu livro *As artes na Bahia*, Querino (1913) elogia as iniciativas culturais promovidas durante o Império. Observa que o Liceu de Artes e a Escola de Belas Artes foram criados na província da Bahia naquela época. “No tempo do império, honra é confessar, os presidentes da Província não se desdenhavam de proteger e animar a cultura artística” (QUERINO, 1913, p. 26), destacando que o Liceu e a Escola de Belas Artes “eram contemplados também como instrumentos de educação do povo, de quem se respeitavam os intuítos nobres”. (QUERINO, 1913, p. 27) Referindo-se especificamente à educação profissionalizante, informa que os arsenais de marinha e de guerra produziram “operários distintos, de cujas aptidões deram sobejas provas, por ocasião da guerra com o Paraguai, quando o governo geral os removeu para o Rio de Janeiro a fim de trabalharem nas construções navais, sem nos referirmos às obras aqui executadas”. (QUERINO, 1913, p. 27)

O advento do “regime republicano” reverteu esse quadro, segundo Querino. Os artistas e artesãos ficaram sem encomendas, os professores sem remuneração – “um professor de escultura e outro de pintura da Escola de Belas Artes retiraram-se para a Europa, abandonando o ensino, com pesar, por falta de pagamento. Se um governador bem intencionado favorece as artes, outro retira-lhe o favor”. (QUERINO, 1913, p. 28)

Mas sua crítica mais severa recai sobre o fechamento dos arsenais. Devido a essa medida:

[...] Os menores aprendizes, os futuros operários, foram abandonados à prática do vício; longe de ser uma medida econômica tornou-se uma sórdida conveniência especuladora de uns tantos *laboriosos e diligentes*, aos quais foram entregues *[sic]* todo o trabalho do exército e armada, para que a firma comercial do Rio de Janeiro 'Lage & Companhia' explorasse, com a ganância da época, o que deveria ser distribuído por muitos e por preço módico. É por esse processo que a perversidade se ostenta e zomba dos infelizes heróis do trabalho, entregando ao abandono verdadeiras vocações artísticas. (QUERINO, 1913, p. 29)

Como republicano militante, Manuel Querino ficou profundamente desiludido com o desfecho desse movimento em dois níveis. No público, a Primeira República fortaleceu o poder das oligarquias regionais, manteve o “modelo de exclusão política e sociocultural” do Império numa república “sem cidadania democrática”, desprezou a educação e as artes (QUERINO, p. 24) e nada fez para integrar os escravos libertos em 1888 no mercado de trabalho livre. Ao contrário, deu continuidade ao projeto de “branqueamento” iniciado em fins do Império, incentivando a imigração de mão de obra europeia. (SKIDMORE, 2003, p. 112) No nível privado, Querino enfrentou e sofreu a ira da oligarquia baiana, sendo obrigado a deixar a vida política e o serviço público. Segundo Pereira (1932, p. 13), “Não soubera agradar aos políticos e por isso pagara caro sua ousadia e sua independência”.

Racialismo científico

Além do fluxo e refluxo de pessoas e mercadorias entre os Estados Unidos e o Brasil, houve também um compartilhamento de ideais, e ideólogos, sobretudo europeus com noções tidas como científicas, que influenciaram os conceitos de raça e nação de ambos os povos. O positivismo e o darwinismo social de Herbert Spencer influenciaram ambos os países, e duas

personalidades europeias, o francês Gobineau e o suíço Agassiz, que visitaram o Brasil e conheceram e se corresponderam extensamente com D. Pedro II,¹¹ também tiveram um forte impacto nos Estados Unidos, onde Agassiz se naturalizou.

Gobineau (1816-1882)

Durante o período em questão, no Brasil e nos Estados Unidos, predominavam o positivismo de Comte e Taine, o darwinismo social de Spencer e o pessimismo racialista de Gobineau. (ORTIZ, 1985, p. 14; GLEDHILL, 1986) Joseph Arthur Comte de Gobineau, mais conhecido no Brasil como o Conde de Gobineau, teve um grande impacto no pensamento de intelectuais de ambos os países. Suas teorias atingiram os brasileiros porque o suposto aristocrata francês abordou a situação da miscigenação neste país em seus trabalhos, escritos durante e após uma estada prolongada no Brasil. Também foi amigo íntimo do Imperador D. Pedro II, quem Gobineau considerava o único brasileiro que não sofria da “mistura impura” da mestiçagem.¹² O autor de *Essai sur l'inégalité des races humaines* via o Brasil como a “prova viva” de sua teoria sobre a supremacia ariana. (SKIDMORE, 1974, p. 30) Segundo sua teoria, onde quer que uma comunidade branca fosse encontrada, tornar-se-ia o centro de gravidade do mundo intelectual. (MERÉJE, 1934, p. 17) Nas palavras do próprio Gobineau (1884):

[...] Apenas do ponto de vista moral, há precisão para argumentar que, além de todas as preocupações patrióticas, o centro de gravidade do mundo social sempre pairou nas plagas ocidentais, sem nunca

11 A troca de correspondência entre Gobineau e o imperador durou 11 anos, entre 1870 e 1882. A maioria dessas cartas foi reunida num livro de 624 páginas organizado por Georges Raeders (1938).

12 D. Pedro II discordava de Gobineau (1884 apud IANNI, 1970, p. 268), pelo menos, em princípio. Declarou numa carta dirigida ao amigo francês, que não existia preconceito racial no Brasil: “Aqui, a democracia significa a ausência de qualquer preconceito de origem, crença ou cor”.

deixá-las, tendo, de acordo com o tempo, dois extremos, Babilônia e Londres, de leste a oeste, Estocolmo e Tebas, no Egito, de norte a sul; mais além, o isolamento, a personalidade limitada, incapacidade de excitar a simpatia geral, e, finalmente, ser a barbárie em todas as suas formas.¹³

Gobineau acreditava que o povo brasileiro tinha sido “maculado irremediavelmente” pela miscigenação e sentia nojo de uma população que era, para ele, totalmente mestiça, corrompida, enfraquecida e feia. O conde também declarou que a mistura racial era tão extensa que “as nuances de cor são infinitas, causando uma degeneração da espécie mais deprimente entre as classes inferiores tanto quanto nas elites”. (SKIDMORE, 1974, p. 29-30)

Num artigo que incentivava a emigração europeia para o Brasil, Gobineau (1884, p. 368) declara que “a grande maioria da população brasileira é mestiça, o resultado de misturas entre os povos indígenas, negros e um pequeno número de portugueses”. Para não assustar o futuro colono branco, garante que o mulato só era capaz de gerar um número limitado de gerações: “A infertilidade nem sempre existe nos casamentos, mas sua prole se torna, paulatinamente, tão débil, tão pouco viável, que desaparece antes de gerar filhos ou gera filhos que não conseguem sobreviver”. (GOBINEAU, 1884, p. 369) Gobineau calculou que o mestiço desapareceria do Brasil em menos de 200 anos, devido à crescente degeneração causada pela miscigenação, e previu que as alianças formadas com as “raças superiores” da Europa resultariam na revitalização do Brasil: “A raça será restaurada, a saúde pública irá melhorar, o temperamento moral será revitalizado e as mudanças mais felizes serão introduzidas no estado social desse admirável país”. (GOBINEAU, 1884, p. 369)

13 “[...] En se plaçant au seul point de vue moral, qu’il y a de l’exactitude à soutenir que, en dehors, de toutes les préoccupations patriotiques, le centre de gravité du monde social a toujours oscillé dans les contrées occidentales, sans le quitter jamais, ayant, suivant les temps, deux limites extrêmes, Babylone et Londres, de l’est à l’ouest, Stockholm et Thèbes d’Égypte du nord au sud; au delà, isolement, personnalité restreinte, impuissance à exciter la sympathie générale, et finalement la barbarie sous toutes ses formes”. (GOBINEAU, 1884, tradução nossa)

Já sua trajetória nos Estados Unidos foi diferente. Nunca pisou nesse país, mas criticou sua “decadência” em geral e a escravocracia em particular. Embora os defensores dessa instituição peculiar utilizassem uma versão de seu *Essai* para reforçar sua posição, Gobineau desaprovava o texto. De forma alguma via seu livro como uma recomendação aos senhores de escravos, muito menos uma maneira de reforçar “o mito de um grande futuro americano”. (BIDDISS, 1970, p. 147) Mesmo assim, o *Essai* foi traduzido para o inglês por Henry Hotze de acordo com a ideologia de seu cliente, Josiah Nott, um escravocrata que buscava argumentos contra o abolicionismo. Logo após seu lançamento, em 1853, o trabalho mais conhecido de Gobineau era pouco lido ou até malvisto – seu próprio mentor, Alexis de Tocqueville, autor de uma obra clássica na historiografia dos Estados Unidos, *Da democracia na América*, criticou o *Essai* porque sua insistência no determinismo racial eliminava o livre arbítrio e, portanto, levaria à “lassidão espiritual”. Tocqueville, que já observara em *Da democracia*, considerava explicações racialistas o resultado de preguiça da parte dos historiadores (BIDDISS, 1970, p. 149),¹⁴ perguntou a Gobineau:

Que vantagem haveria em convencer as pessoas inferiores que vivem na barbárie, na indolência ou na escravidão que, uma vez que [sua condição] seria devida a sua natureza racial, nada pode ser feito para melhorar sua situação ou mudar seus hábitos e governo? Você não vê inerente a sua doutrina todos os males gerados pela desigualdade permanente – orgulho, violência, desprezo pelo próximo, tirania e degradação em todas suas formas?¹⁵ (TOCQUEVILLE, 1853 apud BIDDISS, 1970, p. 149-150)

Nott, Holtze e outros estavam mais interessados em provar pelos meios científicos da época que o africano e o “ariano” pertenceriam a espécies

14 Com referência aos historiadores que vivem em épocas democráticas, Tocqueville observa: “A maioria deles atribui ao indivíduo quase nenhuma influência sobre o destino da raça, nem aos cidadãos [alguma influência] sobre o destino de um povo, mas, por outro lado, atribuem grandes causas gerais a todos os incidentes insignificantes”. (TOCQUEVILLE, 1848, v. 2, cap XX)

15 Tocqueville, carta a Gobineau, 17 de novembro de 1853.

distintas e, portanto, mostrar que não haveria discordância entre a escravidão e a Declaração da Independência dos Estados Unidos, que afirma que “todos os homens são criados iguais”. (BURNETT, 2008, p. 4-5) Na obra de Gobineau, traduzida em 1865 com título de *The moral and intellectual diversity of races: with particular reference to their respective influence in the civil and political history of mankind, from the French of Count A. de Gobineau*¹⁶, Nott inseriu um apêndice poligenista de sua própria autoria, apresentando as medidas antropométricas de outro poligenista, Samuel George Morton, feitas a partir de sua vasta coleção de crânios humanos, de acordo com a taxonomia racialista desenvolvida pelo próprio Morton – com os brancos no topo e os negros no último degrau – uma emenda que Gobineau denunciou como uma distorção de seu pensamento. (BURNETT, 2008; PAINTER, 2010)

Outras teorias racialistas foram apresentadas por seguidores de Gobineau, como Gustave Le Bon e Georges Vacher de Lapouge. Assim como Morton, Le Bon classificou as raças humanas por grau de superioridade, com os brancos em primeiro lugar. O francês acreditava que cada raça tinha uma “alma” e acabava desenvolvendo uma psicologia ou caráter diferenciado. Líderes estadunidenses, como o Senador Henry Cabot Lodge (1850-1924) e seu grande amigo, o Presidente Theodore Roosevelt, desenvolveram suas ideias imperialistas sob a influência de Le Bon (DYER, 1980, p. 10)

E. Bradford Burns (1993, p. 316) observa que “particularmente preocupante para os brasileiros foi a declaração de Le Bon de que a miscigenação gerava uma prole inferior a ambos os pais”, inclusive ao progenitor mais “evoluído”. Lapouge (1896, p. 182) informa que, no Brasil e nos Estados Unidos, a expectativa de vida do mulato é inferior a do negro, mesmo que tenha melhores condições de vida. O antropólogo francês acreditava que “crises” de miscigenação seriam “acompanhadas por uma forte queda na natalidade. As populações tendem a desaparecer e a extinção espontânea

16 A diversidade moral e intelectual das raças: com especial referência a sua respectiva influência na história civil e política da humanidade, do francês do Conde A. de Gobineau.

se produz sem razões apreciáveis”. (LAPOUGE, 1896, p. 187)¹⁷ No mesmo capítulo sobre “Croisements – Métissage”, Lapouge (1896, p. 187) discorre sobre a conjuntura racial em vários países da América, inclusive o Brasil e os Estados Unidos:

Além da seleção social, a natureza muitas vezes se livra por si só. No México, no Peru, o elemento europeu está quase eliminado: os crioulos são quase como os mestiços, os mestiços não se diferenciam dos nativos. A população do Haiti já voltou ao tipo negro e à psicologia da raça e o progresso da doença é muito rápido nas Pequenas Antilhas e na Jamaica. O Brasil segue o mesmo caminho e será provavelmente no próximo século um enorme estado negro, a menos que ele retorne, e é provável, à barbárie. A situação dos Estados do Sul da União é cada vez mais preocupante: os mulatos saem de cena, branco e preto continuam presentes e o segundo tende a eliminar o primeiro completamente.¹⁸

O autor brasileiro João Rodrigues de Meréje aborda as teorias de Gobineau e Lapouge no livro *O problema da raça*, num capítulo intitulado *Gobinismo*. Descreve as teorias de Lapouge como gobinismo levado ao extremo e misturado com teorias sociodarwinistas de seleção natural e evolução. Para Lapouge, havia duas raças humanas na Europa, os conquistadores arianos (*homo europaeus*) e os conquistados e escravos, a quem denomina “celtas” ou “alpinos” (*homo alpinus*). Lapouge acreditava que essas duas “raças” fossem física e moralmente distintas e que os arianos eram sempre

17 “Ces crises sont accompagnées d’une forte diminution de natalité. Il arrive que des populations disparaissent, que l’extinction spontanée se produise, sans raison appréciable”. (LAPOUGE, 1896, p. 187, tradução nossa)

18 “Abstraction faite des sélections sociales, la nature se débarrasse souvent d’elle-même. Au Mexique, au Pérou, l’élément européen este presque éliminé: les créoles ne sont plus guère que des métis, les métis ne different plus des indigènes. La population de Haïti est déjà retournée au type nègre et à la psychologie de sa race; le progrès du mal est très rapide dans les petites Antilles et à la Jamaïque. Le Brésil suit la même voie et constituera sans doute d’ici un siècle un immense état nègre, à moins qu’il ne retourne et c’est probable, à la barbarie. La situation des Estats du Sud de l’Union est de plus en plus inquiétante: les mulâtres s’éteignent, blancs et noirs restent en présence, ces derniers avec tendance à éliminer entièrement les premiers”. (LAPOUGE, 1896, p. 187, tradução nossa)

predestinados a dominar os outros, onde quer que estivessem. De outro lado, os alpinos eram submissos e passivos, dispostos a vícios e vulgaridade. (MERÉJE, 1934, p. 18-19) Outra característica que definiria os “alpinos”, de acordo com Lapouge, seria a devoção à família (o conceito de devoção ao Estado estava muito além de sua compreensão). Eram preguiçosos, mas econômicos e, quando inteligentes, acumulavam mais ideias do que geravam. (MERÉJE, 1934, p. 18-19)

Gobineau e Le Bon concordavam que a miscigenação resultava na decadência da humanidade, mas Lapouge achava que, muito pior, constituía um fator que prejudicava a raça superior: uma vez que os arianos eram tidos como mais corajosos e guerreiros, a taxa de mortalidade entre eles seria maior porque lutavam e morriam nas guerras; sua religiosidade mais intensa também os levava a escolher o caminho do celibato, reduzindo assim sua taxa de natalidade. (MERÉJE, 1934, p. 20-21) Lapouge acreditava que a maneira mais eficiente de exterminar os povos inferiores era encorajar seus vícios, principalmente a luxúria e a embriaguez. Uma vez que tanto Gobineau como Lapouge achavam que a mais decadente das raças era a africana, isto, para eles, parecia a perfeita solução para “o problema do negro”. Os dois franceses acreditavam que a eugenia, mediante a seleção dos seres humanos mais aptos para reproduzir, por suas qualidades físicas e morais, teria um resultado vitorioso para a “raça ariana” (MERÉJE, p. 24)

Agassiz (1807-1873)

Nascido na Suíça, o zoólogo e geólogo naturalizado norte-americano Jean Louis Rodolphe Agassiz foi escolhido por Martius para continuar as investigações do Spix sobre os peixes brasileiros de água doce quando este faleceu, em 1826. Já, então, um naturalista conceituado, Agassiz aportou nos Estados Unidos em 1846 e logo mergulhou na polêmica sobre as origens das raças humanas, rejeitando o darwinismo e o conceito de evolução em qualquer forma (HOFSTADTER, 1992, p. 17) e ficando do lado dos poligenistas.

Mais tarde, abraçou a teoria da degeneração, ou seja, que a miscigenação levaria à degradação e infertilidade das raças. (MACHADO; HUBER, 2010, p. 21) Agassiz foi um dos pioneiros da fotografia antropométrica no Brasil, depois de uma experiência com escravos africanos numa fazenda nos Estados Unidos.

A escravidão foi abolida nos Estados Unidos no final da Guerra da Secessão (1861-1865), no mesmo ano em que a expedição de Agassiz chegou no Brasil. Segundo ele, os brasileiros viam como inevitável a abolição no seu país. Na seção do livro intitulada “Consequências da emancipação dos negros nos Estados Unidos”, o zoólogo afirma que o negro é um ser primitivo para quem a liberdade seria uma dádiva desperdiçada e cuja presença representava uma ameaça à qualidade de vida dos brancos. No mesmo parágrafo, evoca na mente do leitor uma imagem tão icônica que qualquer leitor de Robinson Crusoe a reconhecerá de imediato – a de “selvagens nus dançando em torno da fogueira”:

[Os] negros continuavam a dançar ao clarão duma grande fogueira. De tempos em tempos, quando a sua excitação atingia o mais alto grau, eles atiravam as chamas que projetavam estranhos e vivos clarões sobre o grupo selvagem. Não se pode contemplar esses corpos robustos, nus pela metade, essas fisionomias desinteligentes, sem se formular uma pergunta, a mesma que inevitavelmente se faz toda vez que a gente se encontra em presença da raça negra: ‘Que farão essas criaturas do dom precioso da liberdade?’ O único meio de pôr um termo às dúvidas que nos invadem então é pensar nas *consequências do contato dos negros com os brancos*. Pense-se o que se quiser dos negros e da escravidão, *sua perniciosa influência sobre os senhores não pode deixar dúvidas em ninguém*. (AGASSIZ, 2000, p. 66, grifo nosso)

Mais adiante, numa nota de rodapé, o cientista deixa claro que, para ele, o pior dessa “perniciosa influência” seria a miscigenação:

Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados, por uma falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país, se dão mais largamente do que em qualquer outro.

Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu. (AGASSIZ, 2000, p. 282, grifo nosso)

Agassiz vê na experiência brasileira um precedente nefasto para qualquer escravocracia, principalmente os Estados Unidos:

Numa época em que o novo estatuto social do negro é, para os nossos homens de Estado, uma questão vital, seria bom aproveitar a experiência de um país onde a escravidão existe, é verdade, mas onde há mais liberalismo para com o negro do que nunca houve nos Estados Unidos. Que essa dupla lição não fique perdida! Concedamos ao negro todas as vantagens da educação; demos-lhe todas as possibilidades de sucesso que a cultura intelectual e moral dá ao homem que dela sabe aproveitar; mas respeitemos as leis da natureza e, em nossas relações com os negros, *mantenhamos, no seu máximo rigor, a integridade do seu tipo original e a pureza do nosso.* (AGASSIZ, 2000, p. 282, grifo nosso)

Assim, o zoólogo e geógrafo suíço estabelece os princípios que regeriam o sistema de segregação que se instaurou nos Estados Unidos depois da Guerra da Secessão e duraria até a primeira metade do século XX. Mais tarde, o médico e antropólogo brasileiro Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) apontaria o sucesso com que os norte-americanos implementaram essa forma de *apartheid* como fator da superioridade econômica dos Estados Unidos e da inferioridade do Brasil. Mas antes, fez questão de distinguir a ciência que decretara a inferioridade do negro da “instituição peculiar” que utilizou essa ciência para justificar sua própria existência:

O critério científico da inferioridade da raça negra nada tem de comum com a revoltante exploração que dele fizeram os interesses escravistas dos norte-americanos. Para a ciência não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou seções [...]. (RODRIGUES, 2004, p. 19)

A seguir, expressa novamente sua rejeição aos horrores da escravidão enquanto mostra simpatia pelo negro, mas deixa claro que, para ele, era a própria existência dessa “raça” que condenava o Brasil:

A raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus turiferários, há de constituir sempre um dos fatores de nossa inferioridade como povo. Na trilogia do clima intertropical inóspito aos brancos, que flagela grande extensão do país; do negro, que quase não se civiliza; do português rotineiro e improgressista, duas circunstâncias conferem ao segundo saliente preeminência: a mão forte contra o branco, que lhe empresta o clima tropical, as vastas proporções do mestiçamento que, entregando o país aos mestiços, acabará privando-o, por largo prazo pelo menos, da direção suprema da raça branca. E esta foi a garantia da civilização nos Estados Unidos. (RODRIGUES, 2004, p. 20-21, grifos nossos)

Vemos, nessas palavras, que o pessimismo em relação à miscigenação – já um *fait accompli* no Brasil –, e a aceitação do determinismo climático e da suposta inferioridade do africano e do português levaram Nina a acreditar que a “superioridade” da civilização estadunidense era devida a fatores que seu próprio país nunca alcançaria: uma sociedade estabelecida em regiões de climas temperados que, pelo menos aparentemente, conseguira extinguir por completo (ou pelo menos frear) a miscigenação entre negros e brancos.

Spencer (1820-1903)

O pai do darwinismo social, Herbert Spencer, teve seguidores e discípulos no Brasil e nos Estados Unidos, mas, como vimos no caso dos gobinistas, cada um escolhia as ideias que melhor lhe serviam. Sua própria visão da teoria de Darwin era positiva, “prometendo que, quaisquer que fossem as dificuldades imediatas para uma grande parte da humanidade, a evolução

significa progresso”. Entretanto, no seu livro *As raças humanas - a responsabilidade penal no Brasil*, Nina Rodrigues cita Spencer com pessimismo:

Qual é o efeito da mistura das raças sobre a natureza mental, inquire Spencer (*Essais scientifiques*, Paris, 1879), como um dos grandes problemas da psicologia comparada da humanidade? Em todo o reino animal, temos motivo para crê-lo, todo cruzamento entre variedades que se têm tornado muito estranhas uma da outra, no físico nada produz que preste; ao contrário, a união entre variedades ligeiramente diferentes dá, no físico, bons resultados. Dá-se o mesmo para a natureza mental? A julgar por certos fatos, a mistura entre raças de homens muito dessemelhantes parece produzir um tipo mental sem valor, que não serve nem para o modo de viver da raça superior, nem para o da raça inferior, que não presta enfim para gênero algum da vida [...]. (RODRIGUES, 1894, p. 92-93)

E o médico-legista brasileiro conclui que “o mestiçamento no Brasil confirma e exemplifica estas previsões”. (RODRIGUES, 1894, p. 93)

Spencer também influenciou um dos maiores patronos de Booker T. Washington, o industrial escocês e naturalizado norte-americano, Andrew Carnegie, que dedicou um capítulo inteiro de sua autobiografia ao filósofo inglês. (CARNEGIE, 2010, p. 170-174) Criado como calvinista, Carnegie conta que deixou a teologia e a superstição de lado quando descobriu as obras de Darwin e Spencer. Iluminado pelo conceito da evolução positiva, adotou o lema “*all is well since all grows better*” [tudo está bem, porque tudo está melhorando]. Mas, como suas próprias palavras demonstram, Carnegie não descartou a teologia por completo:

A humanidade é um organismo, rejeitando, por natureza, tudo que é nocivo, isto é, errado, e absorvendo após ensaios, o que é benéfico, isto é, correto. Se fosse de tal modo disposto, o Arquiteto do Universo, devemos presumir, poderia ter criado um mundo e um homem perfeitos, livres do mal e do sofrimento, como são considerados os anjos do céu; mas mesmo que isso não tenha sido feito, o homem recebeu o poder do progresso ao invés do retrocesso. (CARNEGIE, 2010, p. 173)

Segundo seu biógrafo, David Nasaw, Carnegie viu em Spencer seu “herói intelectual” e nutriu uma paixão – até obsessão – pelo autor da frase “sobrevivência do mais apto”. (NASAW, 2006, p. 225-226)¹⁹ Para Carnegie, o mais importante na filosofia de Spencer não era a inevitabilidade do progresso evolucionário ou o triunfo do industrialismo sobre as sociedades pré-industriais, mas o fato de que os avanços que Spencer decretava seriam tanto morais como materiais. (NASAW, 2006, p. 227)

Carnegie, que, segundo Nasaw, “foi dado ao culto do herói”, dedicou a Booker T. Washington a mesma reverência que reservava a Spencer e outras grandes figuras, como Abraham Lincoln, o Primeiro Ministro Britânico William Gladstone e o poeta inglês Matthew Arnold. (NASAW, 2006, p. 714) Apesar de ter uma visão do negro bastante avançada para seu tempo, Carnegie preferiu investir em colégios profissionalizantes e normais como Tuskegee e Hampton em vez de financiar universidades negras como Fisk e Atlanta (durante a época da segregação, que só findou nos anos 1960, essas eram as únicas instituições de ensino superior que aceitavam alunos negros no sul dos Estados Unidos). Em 1900, Carnegie doou US\$20 mil para a construção da biblioteca de Tuskegee, que leva seu nome. Visitou o colégio em 1906 para certificar-se, pessoalmente, de que a biblioteca tinha sido construída pelos próprios alunos, tijolo por tijolo. Ficou tão impressionado que chamou Washington de “um dos gênios do século”. (NASAW, 2006, p. 714)

A fé que Carnegie mostrou na capacidade do negro de se “soerguer” e evoluir de forma positiva enfureceu os supremacistas brancos do Sul – o milionário chegou a declarar que o negro “mais inferior” do Sul estava mais avançado que seus próprios ancestrais escoceses de 200 anos atrás. (NASAW, 2006, p. 715) Entretanto, Carnegie preferiu sublinhar o progresso e “aptidão” do negro, e sua visão positiva da situação dos afro-americanos no Sul. No início do século XX, deixou de lado os linchamentos, meação,

19 Spencer alunhou a frase e a utilizou pela primeira vez em seu livro *Os princípios da biologia*, inspirado pelo conceito de seleção natural de Darwin. (FONER, Introdução a HOFSTADTER, 1992, p. xiv; STUCKE, 2008, n. 31, p. 973)

peonagem, segregação e cassação. (NASAW, 2006, p. 715) Para Carnegie, o “problema do negro” teria sido solucionado pelo fim da escravidão, considerando como “evidência empírica” que os recursos materiais do Sul cresceram mais rápido após a abolição. (NASAW, 2006, p. 274)

Guerra e cidadania

Em *O colono preto como factor da civilização brasileira* e outros trabalhos, Querino sublinhou o papel do negro na defesa do Brasil e na manutenção de sua integridade nacional. Durante seu tempo no exército, ele teve uma posição privilegiada para testemunhar as contribuições dos negros, inclusive dos capoeiras, zuavos baianos e voluntários da pátria na Guerra da Tríplice Aliança. Como veremos mais adiante, a ênfase que essa contribuição dá à história do Brasil por parte dos africanos e seus descendentes faz parte da tradição de *black vindicationism* e tem antecedentes nos Estados Unidos. O veterano afro-americano da Guerra da Secessão, George Washington Williams, destacou a contribuição do negro em seu livro *History of the Negro Race in America from 1619 to 1880*, que possuiu dois volumes, sendo: *Negroes as Slaves, as Soldiers, and as Citizens*,²⁰ em 1892, depois de lançar, em 1887, *A History of the Negro troops in the War of Rebellion, 1861-1865 (The North's Civil War)*.²¹

Já em 1894, no seu ensaio intitulado *The White Problem* [O problema do branco], que inverte o enfoque convencional do “problema do negro”, Richard Theodore Greener, o primeiro negro a se formar na Universidade Harvard, dá vários exemplos de afro-americanos anônimos e conhecidos que foram soldados e guerreiros, inclusive os negros que lutaram na Guerra Franco-Índígena e (sem citar o nome) Crispus Attucks, o primeiro “mártir” da Revolução Americana, morto durante o Massacre de Boston em 1770:

20 História da raça negra na América de 1619 a 1880. O negro como escravo, soldado e cidadão.

21 A história das tropas negras na Guerra da Rebelião, 1861-1865 (A Guerra Civil para o Norte).

[O negro] estava nas alturas de Abraão com Wolfe; nas guerras francesas e indianas com Braddock; foi o primeiro mártir da Revolução; aparece no quadro de Trumbull recuando com os patriotas de Bunker Hill, espingarda na mão; Washington não desdenhou de compartilhar um cobertor com ele no chão frio de Valley Forge; ao Sul com Marion e Greene; ao Norte com Washington e Gates, com Wayne e Allen. A injúria contra os Estados Unidos, cometida através dele, deflagrou a guerra de 1812, e seu cérebro fértil sugeriu a defesa de Nova Orleans [...] Nenhum desprezo racial, nenhuma suposição de superioridade, nenhum preconceito incrustado jamais obscurecerá este registro, muito menos destruí-lo, e enquanto perdure – é o passaporte do negro para todos os direitos e privilégios de todos os outros americanos. (SOLLORS; TITCOMB; UNDERWOOD, 1993, p. 44)

Tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, guerras travadas na mesma década, quando tiveram seus desenlaces, ofereceram oportunidades de liberdade e cidadania para negros escravizados – abolição geral nos Estados Unidos e liberdade individual no Brasil. A Guerra da Secessão – assim chamada pelos confederados separatistas, mas oficialmente conhecida como Guerra Civil –, iniciada em 1861 e concluída por proclamação em 1865, foi o conflito mais sangrento travado em território estadunidense. Gerou traumas e ideologias que persistem até hoje, principalmente na forma da bandeira confederada, considerada um símbolo racista e até separatista, mas ainda erguida por sulistas brancos.

Para muitos negros livres e libertos, a frente de batalha oferecia uma oportunidade de mostrar não somente sua cidadania como sua bravura – desmentindo estereótipos racistas promovidos por Gobineau e Lapouge, que, como vimos, alegavam que a coragem física no campo de batalha seria uma qualidade exclusiva do “ariano”, mais “corajoso” e “guerreiro”. Mais de 180 mil homens negros, inclusive dois filhos do liberto abolicionista e escritor Frederick Douglass, se alistaram no 54º Regimento do estado de Massachusetts, formado por soldados negros liderados por um oficial branco, o Coronel Robert Gould Shaw, que morreria lutando ao lado deles e com eles

seria sepultado numa vala comum.²² A coragem demonstrada pelo primeiro regimento negro a lutar na Guerra da Secessão nos Estados Unidos levou o Presidente Lincoln a ordenar o recrutamento de mais 180 mil soldados negros.²³ Esse recrutamento maciço de soldados negros garantiu a vitória do Norte e, com isso, a libertação dos negros escravizados no Sul. (HUBBELL, 1980) Como veremos no Capítulo 4, Booker T. Washington relembrou as façanhas desse regimento em uma das palestras mais importantes de sua carreira, proferida em 1897, na ocasião da inauguração do monumento que retrata em alto relevo o coronel e seus soldados, hoje uma das peças-chave do acervo da National Gallery of Art em Washington, D.C.

O escritor e líder Martin Robison Delany (1812-1885) ajudou na mobilização do 54º Regimento e nos de outros estados, sendo o primeiro afro-americano a conquistar um contrato de alistamento. Delany teve a ideia de formar um *corps d'Afrique*, à semelhança dos *Zouaves*, as temidas forças francesas que lutaram no norte da África contra os algerianos e usavam jaqueta, colete, faixa, calças largas e barretes árabes, sugerindo que, desde o início, ele pensava em maneiras de transformar o negro em protagonista da Guerra da Secessão.²⁴ Sua ideia não foi concretizada, mas como sabemos, o mesmo projeto foi realizado no nordeste do Brasil, na forma dos Zuavos baianos que lutaram na Guerra da Tríplice Aliança.

Travada entre 1864 e 1870, essa guerra é considerada o conflito com a maior taxa de mortalidade da história do mundo moderno. A necessidade de mandar mais soldados para a frente de batalha, quando os voluntários escasseavam, levou ao recrutamento do próprio Manuel Querino. Para os negros escravizados, a guerra representou uma oportunidade de alforria,

22 A história desse regimento entrou na cultura popular através do filme *Tempo de Glória* (1989), estrelado por Matthew Broderick, Morgan Freeman e Denzel Washington. Frederick Douglass aparece em apenas duas cenas do filme, representado pelo ator Raymond St. Jacques, mas o enredo omite a participação de seus filhos. O filme é considerado pioneiro na representação positiva da história do negro no cinema norte-americano.

23 Massachusetts National Guard. 54th Massachusetts Volunteer Regiment. Selected Honor Guard. Disponível em <http://states.ng.mil/sites/MA/resources/54th/default.aspx> . Acesso em: 13 nov. 2013.

24 Um regimento de voluntários brancos chamado os “Zouaves de Duryee” foi criado em Nova York e tornou-se um dos mais renomados da Guerra da Secessão. (KYTLE, 2013)

embora individualmente, e à custa de um enorme risco para a vida e a integridade física, uma vez que – como Querino (1922, p. 165) observa em *A Bahia de outrora* – muitos nunca voltaram, ou retornaram mutilados da frente de batalha.²⁵ Segundo Kátia Mattoso (2003, p. 178), “inúmeros escravos utilizaram esse recurso para obter a liberdade, durante a Guerra do Paraguai [...]”. Esse conflito também lhes forneceu uma chance de provar sua coragem e bravura em combate e faz parte da história oral e cantada da capoeira. Entre as cantigas de capoeira reunidas por Waldeloir Rego (1968, p. 117), encontramos uma referência a esse conflito na cantiga número 103: “Eu tava na minha casa/ Sem pensá, sem maginá/ Mandaro me chamá/ Pra ajudá a vencê/ A guerra no Paraguai”. Também tem uma referência a “Maitá” em outra cantiga (número 37), que Rego acredita ser uma “corruptela” de Humaitá: “Em face dos episódios da guerra do Brasil com o Paraguai, justamente na época em que os capoeiras começaram a chegar ao auge em suas atividades, as cantigas se referem sempre a *Humaitá* [...]”. (REGO, 1968, p. 185)

Em *A Bahia de outrora*, Manuel Querino (1922, p. 65) informa que “Por ocasião da Guerra com o Paraguai, o governo da então Província [da Bahia] fez seguir bom número de capoeiras; muitos por livre e espontânea vontade e muitíssimos voluntariamente constrangidos. E não foram improficuos os esforços desses defensores da Pátria, no teatro da luta, principalmente nos assaltos a baioneta”. Em seguida, cita a ação dos Zuavos baianos no assalto ao forte de Curuzu e destaca a coragem de dois capoeiras, Cesário Álvaro da Costa, condecorado com o hábito da Ordem do Cruzeiro pelo Conde d’Eu, e Antonio Francisco de Mello, que foi condecorado e promovido de Primeiro Cadete-Sargento Ajudante do 9º Batalhão de Caçadores do Exército a Adido do 5º Batalhão, no Rio de Janeiro e, mais tarde, a capitão. Antes de observar que a capoeira se tornou um crime passível de “castigos corporais e providências outras, relativas ao caso” pela portaria

25 Manuela Carneiro da Cunha (2012, p. 68) observa: “A alforria era assunto privado, no qual nem o Estado nem a Igreja intervinham. Quando o governo prometeu alforria aos escravos que fossem combater na Guerra do Paraguai, os proprietários protestaram com veemência”.

de 31 de outubro de 1821, Querino (1922, p. 65-67) informa: “Trago esses dois exemplos para justificar que a capoeira tem a sua utilidade em determinadas ocasiões”.

Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 224) confirmam que os casos citados por Querino não eram apenas anedóticos:

O recrutamento forçado para o Exército e a Guarda Nacional era uma forma de puni-los. Entretanto, ao ser introduzida nas fileiras militares, a capoeira conquistou adeptos entre a população livre e criou a possibilidade de prestígio e ascensão para os negros que a praticavam. Por isso não era incomum que soldados e até oficiais graduados do Exército e da própria Polícia a praticassem.

Quanto aos Zuavos baianos, segundo Kraay (2002b, p. 140), “As autoridades militares e policiais aparentemente se esforçavam para manter o perfil racial [...]”. Um dos homens negros que se alistaram foi Dom Obá II (Cândido da Fonseca Galvão). Monarquista declarado, Dom Obá “destacava seu serviço ao imperador como evidência do seu pertencimento à nação brasileira” (KRAAY, 2002b, p. 122).²⁶ Segundo Silva (1997, p. 38), ele “participou ativamente no recrutamento de voluntários para a Guerra do Paraguai” em 1865, na sua cidade natal, Lençóis. Entretanto, essas companhias negras não foram formadas exclusivamente por voluntários. Hendrik Kraay (2002b, p. 141), por exemplo, cita o caso de um escravo que morreu afogado quando soldados Zuavos tentaram recrutá-lo à força. Mesmo assim, o autor encontrou casos que “sugerem certa solidariedade entre Zuavos e escravos”. (KRAAY, 2002b, p. 141)

No capítulo de *A Bahia de outrora* intitulado “A Bahia e a campanha do Paraguai”, Manuel Querino (1922, p. 157) cita a paródia da modinha “Gigante de Pedra”, que foi oferecida aos Zuavos baianos e a seguir observa: “Após avultadas levas de voluntários, seguiram as primeiras remessas de contingentes de guardas nacionais. Felizmente o ato patriótico da Bahia fora [sic] grandemente produtivo, pois outras províncias a imitaram”.

26 Para mais informações sobre Dom Obá II, ver Silva, 1997.

Black Vindicationism

Indo de encontro ao pessimismo de Nina Rodrigues e da maioria dos intelectuais brasileiros da sua época, Manuel Querino inseriu-se na ilustre tradição do *black vindicationism* – autores negros e brancos que defenderam o negro na época em que o racismo predominava nos mundos da ciência, academia e política. Começou como uma tática utilizada pelos proponentes do abolicionismo – por exemplo, em 1848, o abolicionista Quaker Wilson Armistead lançou o livro *A Tribute for the negro: being a vindication of the moral, intellectual, and religious capabilities of the coloured portion of mankind; with particular reference to the African race* (1848)²⁷. Além de destacar as qualidades e capacidades do negro, o livro é ilustrado com representações respeitáveis e dignas de africanos e afrodescendentes.

Um dos maiores defensores do negro, que combateu as teorias de Gobineau na própria terra do “pai do racismo científico”, foi o negro haitiano Anténor Firmin (1850-1911). Autor do livro *De l'égalité des races humaines* (2002) – lançado em Paris em 1885 como uma impugnação direta de *Essai sur l'inégalité des races humaines* –, Firmin (2002, p. 450) observa que “Todos os homens são dotados com as mesmas qualidades e os mesmos defeitos, sem distinção de cor ou forma anatômica. As raças são iguais”. Seu trabalho é uma resposta ao “racismo científico” – usando o que chamava de “antropologia positivista” – e até sugere que a miscigenação, ou *métissage*, levaria a uma “eugenia positiva” da raça humana. Firmin cita o exemplo de Alexandre Dumas e rechaça as sugestões de que o fato de ser mestiço (ou mulato) explicaria as neuroses do autor francês – cujo gênio é inegável –, fazendo comparações com Byron e com o poeta e romancista francês Alfred de Musset que, segundo o autor haitiano, manifestaram neuroses muito mais extremas. (FIRMIN, 2002, p. 205) Até recentemente, Firmin e sua obra foram esquecidos fora de sua terra natal, mas graças aos

27 *Homenagem ao negro: sendo uma reivindicação das capacidades morais, intelectuais e religiosas da parcela de cor da humanidade; com referência especial à raça africana* (tradução nossa).

esforços da professora norte-americana Carolyn Fluehr-Lobban, *De l'égalité des races humaines* foi traduzido para o inglês e lançado pela primeira vez nesse idioma em Nova York em 2000, e em 2002 pela editora da Universidade de Illinois.

Já no Brasil, o trabalho pioneiro do sociólogo branco Manoel Bomfim, por muito tempo ignorado no Brasil, reivindicou a contribuição do negro à construção da civilização brasileira em *A América Latina: males de origem*, escrito em 1903. Sua memória foi resgatada no livro *O rebelde esquecido*, de Ronaldo Conde Aguiar (2000, p. 509, grifos do autor), que indaga:

Por que, afinal, não se fala neste Manoel Bomfim? A pergunta é de Vamireh Chacon, que atribuiu ao 'filiteísmo reacionário, e seu irmão, o filiteísmo pseudo-revolucionário', o silêncio que se abateu sobre o sociólogo sergipano. Aluizio Alves Filho admitiu que o próprio discurso de Manoel Bomfim levou-o a ser esquecido. 'Não nos iludamos', observou. 'Manoel Bomfim não é apenas um ensaísta esquecido; mais que isto: *faz parte de um discurso que procuram silenciar*'.

Silenciar discursos inconvenientes é uma das estratégias utilizadas para manter a narrativa dominante – neste caso, a narrativa da suposta inferioridade e até invisibilidade do africano e seus descendentes na construção da civilização ocidental.²⁸ Nos casos de Bomfim e Firmin, funcionou muito bem até o final do século XX. Se essa estratégia falhar, outra é desprestigiar o autor do discurso com acusações de despreparo, inferioridade intelectual e até plágio, como aconteceu com Manuel Querino. Quanto a Booker T. Washington, sua trajetória póstuma seria pior – de líder da “nação negra” dos Estados Unidos para “Judas” e “Pai Tomás”.

28 Dentre os autores mais recentes que combatem essa narrativa, estão incluídos Cheikh Anta Diop e St. Clair Drake

2

Autorretratos e os “olhos dos outros”¹



Quando comparamos as biografias de Booker Taliaferro Washington (1856/1915) e Manuel Raymundo Querino (1851/1923), buscamos os pontos em comum e as divergências em suas vidas, realidades e trajetórias. Seleccionamos essas duas personagens para protagonistas e objetos desta pesquisa por vários motivos, entre eles, suas origens e cor, e seu recorte temporal. Ou seja, os dois têm origens humildes, nasceram pobres, eram negro-mestiços, tiveram mentores e aliados brancos desde a juventude e viveram na mesma época.

Como vimos no capítulo anterior, os contextos em que viveram eram muito diferentes. Washington nasceu escravo no sul dos Estados Unidos e foi liberto ainda criança, em 1865, depois da Guerra da Secessão. Querino nasceu livre no nordeste do Brasil e foi abolicionista militante até a promulgação da Lei Áurea em 1888.

Suas trajetórias seguiram cursos semelhantes, guardando-se as devidas proporções. Washington tornou-se o “negro mais famoso do mundo” (FISHER, 1915, p. 16; HARLAN, 1986, p. 107), fundador do Instituto Normal e Industrial Tuskegee, hoje uma universidade, e o presidente de fato ou “quase rei”, segundo Harlan (1975b, p. 304), da nação negra nos Estados Unidos. Querino foi líder operário, político, educador e pesquisador e alcançou fama nacional no Brasil, pelo menos até meados do século XX. Mas ambos tiveram um momento decisivo em suas vidas que levou ao que poderíamos

1 “Os olhos dos outros” vem da famosa frase de W.E.B. Du Bois (2003, p. 9, tradução nossa): “É um sentimento particular, esta dupla consciência, esta sensação de sempre olhar para o seu eu através dos olhos dos outros, de medir a sua alma com a régua de um mundo que o observa com divertido desprezo e piedade. Sua dualidade é constantemente sentida – um americano, um negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços inconciliáveis; dois ideais em guerra em um só corpo escuro, cuja força tenaz apenas é o que o impede de se dilacerar”.

chamar de um “ponto de inflexão” nas suas trajetórias. Querino é mais conhecido pelo que fez depois desse ponto, Washington, pelo que fez antes.

Também encontramos fortes semelhanças em suas formas de pensar. Ambos acreditavam que uma boa instrução era o caminho para um bom futuro individual e coletivo. Também valorizavam a educação profissionalizante e lutaram para reverter as medidas tomadas após a abolição em seus respectivos países para cassar ou negar os direitos dos libertos. Enfim, ambos, à sua maneira, defenderam o negro e combateram o racismo.

Teve mais uma convergência entre os dois, em outro sentido: Querino sabia do trabalho de Washington e Washington sabia da Bahia e tentou, sem sucesso, identificar um cônsul negro para representar os Estados Unidos nesse estado como sucessor de Dr. Henry W. Furniss. (LOSCH, 2009) Finalmente, os dois foram intelectuais negros na diáspora que acreditaram na necessidade de fornecer referências positivas para seus irmãos de cor, incluindo suas próprias histórias de vida como *self-made men*.

Booker T. Washington

Filho de pai branco desconhecido e mãe negra e escravizada, Jane², Washington nasceu escravo em Hales Ford, na comarca de Franklin, no estado da Virgínia. Ele, sua mãe e seus irmãos eram escravos da família Burroughs, que tinha uma propriedade na comarca. Na sua autobiografia, *Up from Slavery*, ele afirma que acreditava ter nascido em 1858 ou 1859, mas que não tinha noção do mês nem do dia. (WASHINGTON, 2000, p. 1) Normalmente, quem pesquisa a biografia de um negro nascido nos Estados Unidos no século XIX, principalmente escravo, esbarra-se com um obstáculo insuperável: a falta de registros de batismos, casamentos e enterros

2 Todos os biógrafos de Washington concordam em caracterizar Jane como sua mãe biológica, mas sua certidão de óbito indica “pais desconhecidos” e, no seu obituário no *New York Times*, Jane é referida como sua “madrasta”. Não há dúvidas, porém, que Washington sempre a considerou como mãe e ela a amou como filho, apresentando-a como uma das suas maiores influências e referências de vida.

em quase todo o território nacional. Apenas nas regiões antes dominadas pelos franceses e espanhóis, cuja tradição de manter “registros obsessivos” foi perpetuada pelos norte-americanos, encontram-se esses dados, como os que a biógrafa da “sacerdotisa de *voudou*”, Marie Laveau, descobriu em Nova Orleans. (LONG, 2006, p. xviii-xix) Infelizmente, o caso de Booker T. Washington – inicialmente chamado apenas por um nome, “Booker” – não foge da regra geral, embora haja um registro de seu valor monetário como escravo quando criança – U\$400. (HARLAN, 1975b, p. 8) O obituário do educador negro que apareceu na primeira página do *New York Times* no dia 15 de novembro de 1915 remete a “culpa” dessa lacuna à sua mãe, informando que, durante a escravidão, as mães negras não tinham o costume de registrar as datas de nascimento de seus filhos, nem de guardar esses dados na memória por muito tempo. Ora, se por lei os escravos não podiam ler ou escrever (o primeiro numeral que o jovem Booker aprendeu foi o do barril número 18, que enchia numa fábrica de sal após a abolição), seria esperar muito que registrassem datas e fatos, por mais importantes que fossem.

A data adotada pelo Instituto Tuskegee para comemorar o aniversário de seu fundador é 5 de abril de 1856. Foi encontrada na bíblia da família Burroughs por seu meio-irmão, John, logo depois de sua morte. (MATHEWS, 1948, p. 6)³ Portanto, Booker T. Washington nunca soube a data exata de seu nascimento e era dois ou três anos mais velho do que imaginava.

Quanto à sua paternidade, como vimos, não era incomum em qualquer escravocracia que os brancos fizessem filhos em escravas negras. Nos Estados Unidos, o filho de uma negra escravizada nascia escravo também, e a alforria dos filhos mestiços por pais brancos era um fato raro. Segundo seus biógrafos, Harlan e Norell, a filha de Washington sempre afirmou que seu avô paterno seria Ben Hatcher, um “ferreiro beberrão” (NORELL, 2009, p. 18), mas levantam várias outras possibilidades, uma vez que os homens brancos da vizinhança faziam com as escravas o que bem entendiam. A realidade é que, se Washington sabia o nome de seu pai biológico, nunca quis revelá-lo.

3 O livro foi levado ao Instituto Tuskegee, onde acabou sendo destruído num incêndio. (MATHEWS, 1948, p. 6)

Outro biógrafo, Basil Mathews, apresenta a hipótese de que seu nome “Booker” seria derivado da palavra haussá *bukar*, baseando-se em informações fornecidas pelo seu irmão Hubert Mathews, que passou quase 20 anos na Nigéria, no meio de haussás islamizados. Segundo Hubert, as mães chamavam os filhos pequenos de “*bukar*”, da mesma maneira em que nos Estados Unidos se chamaria um menino de “filhinho”. *Bukar* seria derivado do nome árabe do primeiro califa do Islã e sucessor de Maomé, conhecido como Abu-Bakr. (MATHEWS, 1948, p. 8)

Uma terrível ironia para o menino escravizado chamado “Booker” e apelidado “*Book*” [Livro]: “Sendo escravo, não recebi nenhuma instrução. Fui muitas vezes até a porta da escola, carregando os livros de uma das pequenas donas da gente – e algumas dúzias de meninas e meninos numa classe, estudando, muito me impressionaram: aquilo era um céu”. (WASHINGTON, 1940, p. 5)

Suas autobiografias trazem exemplos de humilhações e privações sofridas durante a infância escrava, algumas delas, segundo Harlan, “emprestadas” das experiências de John, seu irmão mais velho⁴. Mas, por muito que Harlan queira minimizar seu sofrimento no cativeiro, quando nos baseamos nos relatos de outros ex-escravos, imaginamos que a pressão psicológica sobre um menino inteligente como Booker deva ter sido extrema. Segundo o liberto e abolicionista Frederick Douglass (1845, p. 349)⁵, não importava que ele fosse tratado bem ou mal. O simples fato de ser escravo tirava-lhe qualquer satisfação da vida.

As gravuras que ilustram a primeira autobiografia de Washington, *The Story of My Life and Work*, 1900 [A história de minha vida e obra] retratam a fazenda dos Burroughs como uma *plantation*, onde o senhor se vestia

4 Segundo Harlan (1975, p. 15): “As escritas autobiográficas posteriores de Washington continham elementos de mito e ficção que animavam a narrativa, mas criaram problemas para quem busca a verdade”.

5 Douglass fugiu do cativeiro, mas depois que publicou sua primeira autobiografia, teve que viajar à Inglaterra para evitar a recaptura, uma vez que a lei norte-americana previa que um escravo fugitivo poderia ser preso em qualquer parte do país, mesmo que não fosse escravista, e devolvido ao seu proprietário. Abolicionistas ingleses negociaram e pagaram uma indenização a seu ex-senhor para conseguir sua alforria definitiva.

como um aristocrata sulista. Na realidade, a família Burroughs nada tinha de aristocrática e, em termos de padrão de vida, educação e costumes, assemelhava-se mais a seus cativos. Quando Washington revisitou a fazenda, já adulto, verificou que tudo, até a “casa grande”, era muito menor do que ele lembrava. (HARLAN, 1978, p. 6)

A moradia de Booker e sua família, enquanto escravizados, uma cabana rústica com chão de terra batida, era também a cozinha da fazenda. Jane trabalhava como cozinheira dia e noite, produzindo refeições para a família do senhor e para os escravos. Segundo Washington (1940, p. 3): “Naquela cabana mal construída o frio era duro no inverno, mas o calor do fogo era horrível no verão”. Booker e seus irmãos dormiam “no chão, numa esteira, ou melhor, deitados e enrolados em farrapos sujos”. (WASHINGTON, 2000, p. 3) O senhor Burroughs guardava batatas-doces num buraco no chão no centro da cabana. De acordo com Washington (1940, p. 3), quando as batatas eram guardadas ou retiradas, “eu conseguia às vezes passar os ganhos em algumas, assava-as na cinza e regalava-me”.⁶ Outro fato marcante que depois influenciaria o processo educativo que instalou no Instituto Tuskegee (1940, p. 7) foi ter falado “Não me lembro de, menino ou rapaz, ter visto minha família sentar-se à mesa, rezar e comer civilizadamente”.

Uma lembrança de sua infância escrava que com certeza pertencia ao próprio Booker foi do sacrifício que seu irmão John fazia para ele, usando sua camisa de “linho de refugo, naturalmente o mais grosseiro e barato” até que fosse amansada. Segundo Washington (1940, p. 8), “Pior que aquilo só a extração de um dente. Era uma tortura medonha, qualquer coisa semelhante aos arranhões produzidos por dúzias de espinhos, por centenas de pontas de alfinete”. Ele nunca esquecera essa gentileza e manteve relações próximas e solidárias com John por toda a vida.

6 Em *My Larger Education*, Washington (2008, p. 7-8) conta, aparentemente sem um traço de ironia, que formou uma relação forte com o gado e os porcos da fazenda quando procurava seu café da manhã, o mesmo milho cozido que os bichos comiam. Garante que achava delicioso, e que, “descartando o nome e as coisas associadas a ele, nada tinha de muito ruim”. Também fica evidente que gostava daquela iguaria, uma vez que afirma “nunca consigo passar por uma panela de milho cozido sem ceder à tentação de comer alguns grãos”.

Talvez o pior trauma para Booker, que ele não incluiu em *Up from Slavery*, (a autobiografia dirigida a leitores brancos)⁷, mas sim em *The Story of My Life and Work* (para leitores negros), tenha sido o castigo sofrido por seu Tio Monroe, que, despido e amarrado a uma árvore, levou várias chibatadas enquanto implorava a seu senhor por piedade. (WASHINGTON, 1900; HARLAN, 1975b, p. 16) Castigar um escravo diante de sua família, para aumentar sua humilhação, deve ter sido uma prática generalizada nas escravocracias, uma vez que Reis (2008a, p. 77-78) relata a mesma política no Recôncavo baiano em *Domingos Sodré, um sacerdote africano*. De qualquer forma, segundo Washington, essa terrível cena foi a que mais marcou seu coração quando garoto e ficaria com ele até o túmulo. (WASHINGTON, 1900)

Washington também teria visto escravos vencer os senhores com a astúcia e relatou um exemplo numa palestra em Boston em 1903 (possivelmente apócrifo, uma vez que costumava ensinar com lições indiretas): um escravo chamado Jerome S. McWade teria aparecido um dia, vestindo o colete de veludo vermelho que seu senhor usara no seu casamento. Explicou que não o roubara, mas comprara do ladrão. Seu senhor disse que comprar produto roubado também era crime, mas McWade retrucou que ele mesmo fora roubado da África e o senhor o comprara, isso também seria crime? (HARLAN, 1975b, p. 16-17) Seja verídico ou apenas um conto edificante para os brancos, a argúcia e dissimulação do escravo foram armas que Washington usaria contra todos seus opositores e inimigos, negros e brancos, durante toda a sua vida. Hoje sabemos que usava subterfúgios e até “laranjas” e espiões para promover sua agenda, como a plena liberdade do negro, enquanto o sistema de segregação das raças se instaurava depois do fim da Guerra de Secessão, paulatinamente revogando os direitos fundamentais adquiridos na época da abolição, inclusive o direito ao voto e à propriedade da terra.

7 O título da autobiografia mais conhecida de Washington – escrita em colaboração com o *ghost writer* branco Max Bennett Thrasher – foi traduzido por Graciliano Ramos como *Memórias de um negro*. Acreditamos que uma tradução melhor seria “Da escravidão para cima”, uma vez que a ascensão social e econômica do negro é um tema constante na obra de Washington. O livro *The Story of My Life and Work* foi escrito com um *ghost writer* negro, Edgar Webber.

Após a abolição nos Estados Unidos em 1865, Jane levou Booker e dois outros filhos (de pais diferentes), John e Amanda, para a Virgínia Ocidental, numa viagem de várias semanas para se reunirem com seu padrasto, Washington ou “Wash” Ferguson. Os filhos atravessaram centenas de quilômetros a pé, com a mãe sobre a carroça, já com a saúde fragilizada por sua vida escrava. Ao chegarem, Ferguson colocou Booker e John a trabalhar numa fábrica de sal e numa mina de carvão para ajudar no sustento da família.

Como muitos libertos, Washington tinha sede de aprender. Ele mesmo observa que, “Muito cedo me veio um forte desejo de aprender leitura. Pensei que, se nada conseguisse na vida, isso me daria pelo menos a satisfação de ler jornais e livros ordinários”. (WASHINGTON, 1940, p. 20) Com a ajuda da mãe, Booker superou a oposição de seu padrasto e conseguiu frequentar a escola. Foi aí que descobriu que todos os seus colegas, menos ele, tinham nome e sobrenome. Em vez de adotar o sobrenome do padrasto, optou pelo primeiro nome deste, também o sobrenome de um dos “pais fundadores” dos Estados Unidos. Depois, quando descobriu que sua mãe considerava Taliaferro seu próprio sobrenome, o adotou também⁸. Segundo Washington (1940, p. 17):

Duas coisas os pretos acharam que deviam fazer depois da abolição: mudar o nome e, pelo menos durante alguns dias ou semanas, deixar a fazenda, para se convencerem de que estavam realmente em liberdade. Por isto ou por aquilo, chegaram à conclusão de que não deviam conservar o nome do antigo proprietário. E, primeira manifestação de independência, muitos o abandonaram [...] João Hatcher se transformou em João S. Lincoln ou João S. Sherman. A letra *S* não era inicial de um nome, não tinha significação, mas o preto se orgulhava dela.

É interessante, talvez um ato falho, que Washington tenha usado justamente o exemplo do sobrenome “Hatcher” que, segundo sua filha, seria o mesmo de seu suposto pai biológico.

8 Taliaferro (pronunciado Tóliwer) era o sobrenome de um grande proprietário que morava na região onde Washington cresceu.

De qualquer forma, sem certidão de nascimento e com os sobrenomes que ele mesmo escolheu, o jovem liberto estava construindo sua própria identidade. Dera o primeiro passo na sua trajetória como um homem de sucesso que começou do nada – um *self-made man*. De fato, “Washington personificava o poder de um homem de se educar” (NORELL, 2009, p. 3), mas isso não significa que o fez sem ajuda. Graças, novamente, à interferência de sua mãe, conseguiu emprego como criado doméstico na casa de Viola Ruffner, a esposa “*yankee*” (nortenha) de um general sulista que nunca deixara para trás os valores calvinistas de sua cultura de origem.

Durante o que Washington chama de sua “luta pela educação” (o título do terceiro capítulo de *Up from Slavery*), a mulher que mais o influenciou foi Jane, seguida por Viola. Segundo Norell, “Jane foi a figura mais responsável pela formação do caráter de seu filho”. (WASHINGTON, 2009, p. 21) Como escrava, furtara as galinhas do senhor para alimentar seus filhos, um delito justificável, inclusive pelo próprio Washington. Mas como liberta, “aplicava um código rigoroso de honestidade em tudo. Ela inculcou os valores do trabalho e da frugalidade”. (NORELL, 2009, p. 21)

Segundo Washington (1940, p. 3), em *Up from Slavery*: “De que modo ela achara o frango, e onde achara, não sei, mas presumo que ele vinha do galinheiro do proprietário. Há quem diga que isso é furto, penso que agora é furto; mas a coisa se passava naquele tempo, e ninguém me prova que, procurando um meio de alimentar-nos, minha mãe cometesse um crime”. Relata a mesma história em *The Story of My Life and Work*, acrescentando o detalhe de que Jane cozinhava os ovos e os frangos que furtava do senhor antes que os filhos acordassem, observando que “[...] as lições da virtude e da frugalidade que ela inculcou em mim durante o curto período de minha vida que ela viveu nunca me deixarão”. (WASHINGTON, 1900, p. 30) Essa justificativa era muito importante para Washington, ainda mais em se tratando da própria mãe, porque um dos estereótipos racialistas que sempre combateu foi o do “negro desonesto”.

Quanto à ex-preceptora que se tornou sua primeira patroa, ainda de acordo com Norell (2009, p. 26): “Viola Ruffner inculcou em Booker a essência daquilo que o sociólogo alemão Max Weber depois chamaria de ética

protestante, ensinou que os valores de indústria, sobriedade, frugalidade e autossuficiência levaram ao sucesso das sociedades capitalistas modernas”.

As autobiografias de Washington também descrevem sua luta para chegar ao Instituto Hamilton, na Virgínia, em 1872, depois de uma odisseia que incluiu viagens de trem, carroça e a pé, e noites passadas ao abrigo da calçada na cidade de Richmond. Foi aceito e conseguiu um emprego como zelador do instituto para pagar seus estudos, porque impressionara outra senhora *yankee* com a meticulosidade que aprendeu com Viola Ruffner. Segundo ele, “Meu exame de admissão no colégio consistiu num exercício de varredela, e nunca estudante de universidade, Harvard ou Yale, teve provas que lhe dessem tanto prazer”. (WASHINGTON, 1940, p. 39) Formou-se em 1875, e depois foi estudar por um ano no Seminário Weyland em Washington, DC (de 1878 a 1879). Em 1879, Washington voltou para Hampton, onde passou dois anos trabalhando como professor do turno noturno e monitor dos alunos indígenas.

Uma de suas maiores influências foi o general Samuel Chapman Armstrong (1839/1893), o fundador e diretor do Instituto Hamilton, além de seu mentor, mestre e “pai branco”. Segundo Harlan (1975, p. 58),

Não foi apenas no sentido freudiano, mas literalmente, que o General Armstrong tornou-se o pai desse jovem mulato ilegítimo, seu *significant other*, seu protetor paternal, tutor e guia, não só durante os tempos de escola, mas pelo resto de sua vida. E quando Washington se tornou mais tarde o ex-aluno ilustre do Hampton, a ligação entre o jovem e seu professor foi reforçada. Washington veio a modelar sua carreira, sua escola, sua visão social, e o próprio corte de suas roupas pelo exemplo de Armstrong.

Armstrong nasceu no Havaí em 1839, filho de um pastor presbiteriano, que foi também ministro de educação do Havaí, e de uma ex-professora da escola infantil pestalozziana em Brooklyn, Nova York, formada na Escola Normal de Westfield no estado de Massachusetts. (HARLAN, 1975b, p. 58)

Formou-se em Williams College, onde a ênfase era maior na construção do caráter que no desempenho acadêmico. (HARLAN, 1975b, p. 59) Depois, lutou com distinção na Guerra da Secessão. Ingressou no Exército da União

como voluntário e mobilizou uma companhia nas proximidades da cidade de Troy, no estado de Nova York. Foi capturado pelos confederados quando 12 mil soldados da União renderam-se, após o sítio de Harpers Ferry, em setembro de 1862. Libertado sob *parole*, retornou à frente de batalha no estado da Virgínia três meses depois. Com a patente de Tenente-Coronel, Armstrong liderou o 9º United States Colored Troops (USCT) [9º Regimento de Homens de Cor], desde a sua formação em dezembro de 1863. Assim como o 54º Regimento do estado de Massachusetts liderado pelo Coronel Robert Gould Shaw, teve oficiais brancos no comando de soldados negros. Sua decisão de juntar-se a um regimento negro foi motivada mais por sentimentos missionários do que militares, colocando o negro no lugar do gentio. (ENGS, 1999, p. 46) Lutaram na Campanha Peninsular de 1864 a 1865 e participaram na batalha de Petersburg, cena da derrota final do General confederado Robert E. Lee. Ao final da guerra, Armstrong tinha alcançado a patente de General de Brigada de Voluntários. (HARLAN, 1975b, p. 59)

Durante o período em que comandava a USCT, estabeleceu uma escola para os soldados negros de seu regimento, a maioria dos quais eram libertos que não receberam nenhum tipo de instrução formal enquanto escravizados. Após a guerra, trabalhou no *Freedmen's Bureau* [Agência de Libertos] e estabeleceu o Instituto Normal e Agrícola de Hampton, na cidade de Hampton, no estado da Virgínia, em 1868.

Armstrong tinha uma visão relativamente positiva do negro para seu tempo, acreditando que as “raças tropicais” – equiparando os africanos aos povos indígenas do Havai – seriam mais “atrasadas” que “inferiores”. (HARLAN, 1975, p. 60-61) Para Harlan, o general representava o “soldado cristão”, “a convergência de várias forças que levaram o espírito *yankee* a prevalecer nos Estados Unidos do século XIX: pais missionários, a influência de Williams College, o regime da caserna”. (HARLAN, 1975, p. 58) Segundo o biógrafo de Booker T. Washington, “Armstrong não tentaria dissuadir um jovem de pele escura de perseguir uma educação superior e aspirações elevadas, mas acreditava que a raça negra como um todo deveria se abster da política e da agitação pelos direitos civis até que a educação industrial tivesse feito seu trabalho [de formação moral]”. (HARLAN, 1975, p. 61)

Na sua autobiografia *Up from Slavery*, num tom de forte admiração – para Engs (1999, p. xi), “uma celebração bajuladora” –, Washington caracteriza Armstrong como “o ser humano mais nobre, mais raro que tive o privilégio de conhecer” entre todas as grandes personagens que conheceu na Europa e nos Estados Unidos. Fica claro que, se Washington era chegado ao culto ao herói, como Andrew Carnegie, o que mais reverenciava era Armstrong. A relação entre os dois continuou firme e forte até o final da vida do general, que, segundo Washington, passou dois dos seus seis últimos meses na casa de seu ex-aluno, no Instituto Tuskegee. (WASHINGTON, 2000, p. 37-38)

Indicado pelo General Armstrong, Washington foi contratado para estabelecer uma escola normal e industrial para negros no estado do Alabama em 1881. Com a ajuda de seus alunos e de patronos ricos, construiu o Instituto Tuskegee numa antiga fazenda onde tiveram que confeccionar até os ladrilhos utilizados para erguer as paredes. Dedicou sua vida à arrecadação de dinheiro para construir o instituto, deixando-o com mais de 80 prédios, inclusive uma biblioteca que levava o nome de seu patrocinador, o magnata Andrew Carnegie. Como vimos no capítulo anterior, Carnegie considerava Washington um herói. Via-o como “Moisés e Josué” de seu povo e um “gênio pedagógico”, uma vez que ambos acreditavam na importância de educação profissionalizante – Carnegie talvez mais do que Washington, uma vez que o educador também acreditava no valor da formação de professores e da multiplicação das escolas para negros. Recebeu Washington em sua residência em Nova York várias vezes, apresentou-o a seus amigos, promoveu sua visita à Grã Bretanha em 1910, que incluiu uma estadia em seu castelo na Escócia, e o chamou de amigo, declarando que o considerava “talvez o homem vivo mais impressionante de nossos tempos”. (NASAW, 2006, p. 714)

Entre os patronos de Washington, que incluíam negros abastados, como a empresária Madame C. J. Walker, outro nome famoso também se destaca: George Eastman, fundador da Kodak, que doou US\$5 mil para o Instituto Tuskegee depois de ler *Up from Slavery*, e chegou a convidá-lo para jantar na sua casa, embora não tivesse sido nem de longe um campeão

da convivência das raças. (KRAMER, 2012)⁹ Outros patronos brancos, inclusive John D. Rockefeller Jr., foram hospedados na casa de Washington em Tuskegee numa região onde o castigo por tal convivência entre negros e brancos seria, fatalmente, o linchamento do negro, não fosse a proteção fornecida pelo campus do instituto.

Um nome menos conhecido, mas entre os mais importantes na história do Instituto Tuskegee, é o de Julius Rosenwald, líder e coproprietário da rede de lojas e vendas por catálogo Sears, Roebuck. Depois de ler *Up from Slavery* e uma biografia de William H. Baldwin, Jr., o presidente da linha ferroviária Southern Railway, Rosenwald, começou a interessar-se pela educação dos negros – uma boa parte da biografia de Baldwin era dedicada a seus trabalhos como conselheiro do Tuskegee e seu relacionamento com Washington. Além disso, ele havia convencido Andrew Carnegie a doar U\$ 600 mil ao instituto. (ASCOLI, 2006, p. 87; DEUTSCH, 2011, p. 89) O primeiro passo para Rosenwald foi apoiar filiais da Young Men's Christian Association (YMCA) [Associação Cristã de Moços], reservadas para negros. O empresário judeu conheceu Washington pessoalmente em 18 de maio de 1911, num evento comemorativo marcando os 53 anos da YMCA da cidade de Chicago, quando o educador negro fez o discurso de abertura. Aceitou o convite para visitar Tuskegee, onde passou quatro dias em outubro do mesmo ano e ficou bastante impressionado, comparando-o favoravelmente com escolas industriais para brancos. Um mês depois, Washington escreveu ao ex-presidente Theodore Roosevelt, também um conselheiro do instituto, informando que “o judeu” Rosenwald tinha concordado em integrar o Conselho Curador do instituto, observando que o empresário tinha contribuído com bastante dinheiro para os trabalhos das YMCA com

9 Segundo Kramer (2012), “Em 1892, junto com Presidente Benjamin Harrison e Frederick Douglass, Washington foi convidado à inauguração do Parque Kodak”. O fato de Washington ter chegado a jantar na casa de Eastman no início do século XX foi guardado a sete chaves pelos dois e só foi descoberto 65 anos depois por causa da indiscrição da governanta da casa. Kramer interpreta a atitude de Washington de aceitar o convite para sentar-se à mesa com Eastman e um grupo de ingleses (que, por serem britânicos, não teriam se importado em jantar com um negro) como um ato de grande coragem.

as comunidades negras e que seria um dos conselheiros mais fortes que o instituto já tivera. (DEUTSCH, 2011, p. 107)

Em pelo menos uma ocasião, Rosenwald hospedou Washington em sua residência em Chicago por vários dias. Além de fazer parte do conselho de curadores e apoiar o instituto com contribuições financeiras e materiais, inclusive grandes remessas de sapatos em saldo ou avariados, Rosenwald também ajudou a manter outras escolas para negros no sul dos Estados Unidos. Uma mostra da confiança que Rosenwald depositava em Washington é que qualquer pedido de apoio que o empresário recebia de escolas negras tinha que passar primeiro pelo educador. (ASCOLI, 2006, p. 87-92) O acervo *Booker T. Washington Papers* na Divisão de Documentos da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos contém várias cartas trocadas entre Washington e Rosenwald, referentes a solicitações dessa natureza. Também contém cartas confirmando recebimento de remessas de sapatos da Sears, Roebuck, e explicando como o diretor do Tuskegee pretendia distribuí-los aos alunos de forma que fossem mais valorizados: vendidos por um preço simbólico em vez de serem simplesmente doados.

Washington dedicou quase todo seu tempo à arrecadação de fundos para o Tuskegee. Por muitos anos, sem esses esforços constantes, a instituição podia ter falido a qualquer momento. Quando seu diretor parou de viajar por três meses para cuidar de sua segunda esposa, Olivia, já no seu leito de morte, foi obrigado a tomar dinheiro emprestado do General Armstrong para a manutenção do instituto. (HARLAN, 1975, p. 155)

O currículo do Tuskegee foi criticado por W. E. B. Du Bois e os outros intelectuais negros que se autointitulavam a “décima parte talentosa”, porque faltavam as disciplinas tradicionais de uma educação liberal, como grego e latim¹⁰. Em *Up from Slavery*, Washington informa que, após a abolição nos Estados Unidos, a maioria dos libertos viu a instrução como uma maneira de fugir de trabalhos manuais e conseguir “uma maneira fácil de ganhar a vida” como professores e pastores. Estes libertos acreditavam

10 Na época, o conhecimento dessas línguas e da literatura clássica era considerado a marca de uma pessoa verdadeiramente culta. (GOINGS, 1941)

que o conhecimento de grego ou latim, por pouco que fosse, os transformaria em “seres superiores, beirando no sobrenatural”. (WASHINGTON, 2000, p. 56) Observava que muitos dos professores mal conseguiam assinar seus próprios nomes. Num caso pessoal, recorda um professor que, quando indagado se o mundo era plano ou redondo, respondeu que ensinaria o assunto segundo a preferência da maioria dos alunos. (WASHINGTON, 2000, p. 56-57)

Washington via a educação profissionalizante como uma maneira de desenvolver o caráter do aluno, afirmando que, numa escola que observara em Washington, DC, que não oferecia esse tipo de instrução, “No fim dos estudos [os alunos] estavam íntimos do latim e do grego, mas desconheciam as verdadeiras exigências da vida que iam encontrar mais tarde lá fora. Depois de alguns anos de conforto, dificilmente voltariam aos distritos rurais do Sul, onde a vida não era doce. Preferiam empregar-se como garçons”. (WASHINGTON, 1940, p. 65) Em outro capítulo, Washington (2000, p. 85) observa que encontrou alunos que aprendiam latim e grego porque achavam que lhes conferiria algum tipo de “distinção especial” e outro que estudava gramática francesa no meio de uma cena deprimente: vestia roupa suja de graxa e morava cercado de sujeira numa cabana com um único vão, com o quintal e o jardim cheios de ervas daninhas. Em outras palavras, Washington acreditava que levar uma vida digna e trabalhadora era mais importante que aprender matérias que, para o aluno, não traziam nenhum benefício imediato. Antes, o indivíduo, diga-se aqui, o negro, deveria cuidar de sua roupa, sua casa e seu quintal, enfim, de sua própria dignidade e qualidade de vida.

Washington sempre defendeu o acesso do negro à educação liberal, mas o Instituto Tuskegee enfatizava a teoria e a prática dentro do contexto rural. Por exemplo, quando os alunos estudavam a matemática, faziam seus cálculos baseando-se nas realidades da fazenda – primeiro, aprendiam a dormir numa cama com lençóis, comer com garfo e faca, escovar os dentes, enfim, tudo que o próprio diretor do Tuskegee teve que aprender quando entrou no Instituto Hampton. Essa abordagem pedagógica pode ser comparada com o modelo educativo das Casas Familiares Rurais, introduzidas na

França na década de 1930 e hoje reproduzidas em várias regiões do Brasil, inclusive no baixo sul da Bahia. Lembremos que a abolição nos Estados Unidos resultou no súbito influxo de mais de 4 milhões de libertos no mercado de trabalho livre, quase todos analfabetos, por lei, muitos sem qualquer ofício. Isso sem contar com as pressões das tentativas de reescravidão (através da peonagem), cassação de direitos civis, segregação e violência racista que enfrentariam nas décadas que seguiram à Reconstrução. Para Washington (1940, p. 62), a abordagem que adotara seria a melhor maneira de estabelecer as bases de uma futura classe média negra:

Apesar de novo [durante o período da Reconstrução que seguiu a Guerra de Secessão], eu via muita coisa errada, que não podia durar. Fazia-se com os negros uma política artificial, baseada em princípios falsos. Da ignorância deles aproveitavam-se os brancos para galgar postos elevados [...] Quem aguentaria as consequências disso? O preto, evidentemente. Por outro lado, a agitação política cegava os homens de cor, desviava-os do que tinha importância para eles: a aprendizagem de um ofício e a aquisição da propriedade.

Nesse momento veio-me a tentação de lançar-me na vida pública, mas livre-me disso ao pensar que me seria possível realizar tarefa mais útil preparando, pela educação intelectual, moral e profissional, uma raça forte.

Washington não estava apenas formando agricultores e carpinteiros, mas principalmente professores que poderiam estabelecer outras escolas profissionalizantes e normais, as chamadas “Little Tuskegees” [pequenos Tuskegees], que faziam parte da rede de influência – que também incluía várias organizações e instituições negras, principalmente a *National Negro Business League* [Liga Nacional de Negócios do Negro] – alcunhada pelos seus inimigos e alguns biógrafos como a “Máquina de Tuskegee”. Além do Instituto Tuskegee, que hoje é uma universidade, um dos maiores legados de Washington foi a criação, em 1900, da *National Negro Business League*, uma liga comercial que servia como alternativa para o negro às câmaras de comércio restritas aos brancos, para promover o desenvolvimento comercial, agrícola, educativo e econômico do negro. (WORMSER, 2002)

Foi reincorporada em Washington, DC, em 1966 com o nome descolorido de “National Business League”.

Washington preferiu utilizar táticas (ou até estratégias, na medida em que seu poder crescia) que Smock compara com as histórias do Tio Remus e do “trickster” Irmão Coelho, que engana seu algoz, Irmão Raposa, implorando que o assasse vivo, mas que não o jogasse nos espinhos das rosas silvestres – em inglês, *briar patch*. Na realidade, o *briar patch* era a zona de conforto e proteção do Irmão Coelho. No capítulo intitulado *Inside the Briar Patch*, Smock cita um episódio marcante que ocorreu em 1895, quando Washington aparentemente deixou de acudir um negro chamado Tom Harris, que teria “atravessado a linha de cor” e enfurecido uma turba de brancos decididos a acabar com sua vida. Com a perna quebrada por um tiro, Harris buscou um porto seguro no Instituto Tuskegee, mas quando os linchadores lá chegaram, sua presa tinha sumido. Washington “contou apenas uma parte da verdade para acalmar a turba”, e que se recusara a acolhê-lo no Instituto. (SMOCK, 2009, p. 142) Este fato rendeu-lhe elogios, por sua “prudência”, do jornal *Tuskegee News*, mas suscitou inquietações na comunidade negra. Muitos anos depois, pesquisadores descobriram que, mais tarde, Washington havia explicado ao pastor negro, Francis Grimké, que tomara essa atitude para proteger os alunos do instituto, mas que conseguira um esconderijo para Harris longe do campus e o encaminhara para receber cuidados médicos na cidade de Montgomery, pelos quais o educador pagou do próprio bolso. (SMOCK, 2009, p. 142-143) Como diria e repetiria muitas vezes, ele via essa estratégia de dissimulação como a única maneira de enfrentar os “desafios especiais” da vida do negro no Sul. (SMOCK, 2009, p. 143)

Booker T. Washington ficou conhecido nacionalmente quando proferiu uma palestra na Exposição de Atlanta, em 1895, em que declarou que os negros e os brancos poderiam viver à parte, mas trabalhar juntos, como os dedos de uma mão: “*Em todas as coisas que são puramente sociais, podemos ser tão separados quanto os dedos, mas unidos como a mão em todas as coisas essenciais para o progresso mútuo*”. Recebeu uma carta de W. E. B. Du Bois, com data de 24 de setembro de 1895, escrita na cidade de Wilberforce, Ohio, elogiando seu “*sucesso fenomenal em Atlanta*” e caracterizando a palestra

como “*uma palavra proferida de maneira apta*” (“*a word fitly spoken*”).¹¹ Washington convidou Du Bois a se juntar ao corpo docente do Instituto Tuskegee, mas este, após um período de dúvida, decidiu-se pela Universidade de Atlanta. Futuramente, Du Bois passaria a criticar Washington porque, durante a maior parte de sua vida, teria preferido evitar uma confrontação com os brancos e seria acusado de aceitar uma “acomodação”.¹² Segundo Du Bois (1999b, p. 94-95), “Seu programa de educação industrial, conciliação com o Sul e submissão e silêncio quanto aos direitos civis e políticos não era totalmente original [...] Mas o Sr. Washington logo vinculou para sempre essas coisas [...]”.¹³ Seu filho, David G. Du Bois (1999b, p. 317), afirma que ele acreditava que a filosofia de autossuficiência de Washington tirava o fardo da responsabilidade dos brancos em relação ao futuro dos negros, escravizados por eles, e o colocava diretamente nos ombros dos libertos. Du Bois defendia que a “décima parte talentosa”, o grupo de intelectuais negros nascidos no Norte, a elite da qual ele fazia parte, deveria liderar a massa de negros recém-egressos da escravidão.

Assim como Du Bois, grande parte dos intelectuais dessa “Décima Parte Talentosa” nasceu livre e descendia de libertos (netos ou trinetos). Muitos eram mestiços ou mulatos, e assim como Washington, rejeitavam a noção de que seu “sangue branco” fizesse deles, de qualquer forma, superiores aos negros “de puro sangue africano”. No capítulo de *My Larger Education*, intitulado *O que aprendi com homens negros* (WASHINGTON, 2008), o educador

11 Booker T. Washington Papers.

12 Du Bois foi um dos fundadores da NAACP, e no início era o único negro na diretoria. Todos os outros diretores eram brancos (ou seja, se autoidentificavam como tal). Segundo Norell (2009, p. 390): “Através da [revista] *Crisis*, Du Bois alcançou uma extensa influência sobre o pensamento dos afro-americanos. Com essa exceção, a NAACP foi, em grande parte, uma organização dirigida por brancos até os anos 1920”. Entre seus fundadores estavam negros e brancos, cristãos e judeus, homens e mulheres, entre elas, Ida B. Wells, a militante e escritora negra que liderou uma campanha contra o linchamento e fez duras críticas à estratégia “comodista” de Washington. Entretanto, a relação dos primeiros diretores contém o nome de apenas um negro, o próprio Dr. Du Bois, como diretor de publicidade e pesquisa. (NAACP, 2009, p. 16)

13 Um dos livros mais conhecidos de W. E. B Du Bois, *As almas da gente negra*, lançado em 1903, contém um ensaio intitulado “Sobre o Sr. Booker T. Washington e outros”, uma de suas mais duras críticas ao seu rival. (DU BOIS, 1999b)

faz questão de apresentar uma relação de nomes e biografias resumidas de “negros puros”, inclusive do educador major R. R. Moton¹⁴, de George W. Clinton, bispo da Igreja Africana Metodista Episcopal Sião, e uma das mais ilustres figuras da história da ciência agrônômica, George Washington Carver (1864/1943), que morou e lecionou no Instituto Tuskegee de 1896 até o final de sua vida. (KREMER, 2011)

Washington consolidou sua fama entre negros e brancos no mundo todo com o lançamento de *Up from Slavery* em 1901. No mesmo ano, foi convidado para jantar na Casa Branca pelo presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt. Insuflados pela imprensa racalista do Sul, muitos denunciaram essa “ousadia”, e tanto Washington como Roosevelt receberam ameaças de morte. A notícia desse episódio correu o mundo e inspirou tanto um poema infame de autoria anônima, intitulado *Niggers in the White House* [Crioulos na Casa Branca], publicado nos jornais norte-americanos entre 1901 e 1903, e da ópera *A guest of honor* [Um convidado de honra], de autoria do compositor negro Scott Joplin, registrada em 1903.

No capítulo de *My Larger Education* [Minha formação mais ampla] (2008), intitulado “Coronel Roosevelt e o que aprendi com ele”, Washington (2008, p. 73-74) aborda “um assunto que até agora sempre me recusei a discutir na imprensa ou em público, embora muitos me pedissem para fazê-lo” porque não queria agravar a polêmica na época. Neste livro, lançado em 1911, observa que “me parece que uma explicação apresentará o episódio em sua verdadeira luz e em proporções adequadas” (WASHINGTON, 2008, p. 74). Encontrara na casa de um amigo

[...] Um convite do Presidente Roosevelt, chamando-me a jantar com ele na Casa Branca naquela noite às 20h. Na hora apontada me dirigi à Casa Branca e jantei com o Presidente e membros

14 No caso de R.R. Moton, o sucessor de Washington na direção do Instituto Tuskegee, a “pureza” de seu DNA africano não é baseada apenas na sua aparência. Segundo Washington, Moton traçava sua “ancestralidade africana” numa linhagem ininterrupta em ambos os lados de sua família, inclusive um bisavô que teria sido um chefe africano e traficante que foi induzido a subir a bordo de um navio negreiro e escravizado pelos brancos, junto com os prisioneiros de guerra que acabara de vender. (WASHINGTON, 2008)

de sua família e um cavalheiro de Colorado. Depois do jantar, conversamos bastante sobre os planos para o Sul que o Presidente tinha em mente. Deixei a Casa Branca logo depois e peguei o trem para Nova York naquela mesma noite. Quando cheguei a Nova York na manhã seguinte, observei que o *New York Tribune* publicara em torno de duas linhas informando que eu jantara com o Presidente na noite anterior. Dentro de algumas horas, eu tinha esquecido o episódio completamente [...].

Imaginem minha surpresa quando, dois ou três dias depois, a imprensa inteira, do Norte e do Sul, estava cheia de reportagens e editoriais sobre meu jantar com o Presidente [...].

Alguns jornais tentaram entremear este episódio num esquema deliberado e bem planejado da parte de Presidente Roosevelt para abrir o caminho para a convivência social das duas raças. Tenho certeza que o Presidente nem de longe cogitava isso, muito menos eu. O Sr. Roosevelt simplesmente verificara que a melhor maneira de aproveitar seu tempo para discutir assuntos que nos interessava a ambos seria durante e depois da hora do jantar. (WASHINGTON, 2008, p. 73-74)

Nesse relato, Washington passa por cima de um dos aspectos do jantar que mais inflamou as sensibilidades dos sulistas brancos, a presença da esposa e de uma das filhas de Roosevelt à mesa¹⁵ (um fato depois negado por um membro do Ministério de Guerra, que alegou ter sido apenas um almoço informal, com sanduíches no colo (HARLAN, 1975, p. 322), e destacou outros encontros culinários com brancos eminentes:

O interesse do público que este jantar atçou me parecia tanto mais extraordinário e absurdo porque, eu já tinha tomado chá com a Rainha Vitória no Castelo de Windsor; já tinha jantado com os governadores de quase todos os estados do Norte; tinha jantado na mesma sala com Presidente McKinley em Chicago durante o jantar do jubileu da Paz; e tinha jantado com o ex-Presidente Harrison em Paris, além de muitos outros eminentes homens públicos. (WASHINGTON, 2008, p. 74)

15 Já atentos a qualquer 'ousadia' desse tipo após o jantar na Casa Branca, os supremacistas brancos ficariam novamente escandalizados com a suposta proximidade entre Washington e a filha do empresário branco Sam Wanamaker durante um jantar em 1905, o que não passou de um boato espalhado pelos jornais de William Randolph Hearst. (NORELL, 2009, p. 326-328)

Na análise de Harlan (1975, p. 324), o fato de ter jantado na Casa Branca foi o “ponto culminante de sua luta para ascender da escravidão” e silenciara seus principais críticos negros, “profissionais com formação universitária” que achavam suas posturas e seus objetivos modestos e humildes demais para o líder de sua raça. (HARLAN, 1975, 305) Por muito tempo, o simples fato de ter sentado à mesa na Casa Branca “foi a coroação final do sucesso que assegurou sua posição como o quase rei do povo negro nos Estados Unidos”. (HARLAN, 1975, p. 304) Novamente, segundo Harlan (1975, p. 324), cuja objetividade será analisada no próximo capítulo,

A ascensão de Washington foi estimulada por sua própria fáustica e intensa ambição, mas igualmente importante a cada momento de sua carreira foi a ajuda de uma série de brancos paternos, o General Ruffner, o General Armstrong, William H. Baldwin, Jr., Theodore Roosevelt. Washington estava absurdamente ligado a todos esses homens, todos eles racistas brancos, embora relativamente brandos e benevolentes no seu racismo. Tiveram uma forte influência na sua vida e até certo ponto em seus pensamentos e posturas.

Por outra ótica, quando Washington seguia sua estratégia de formar parcerias com aliados brancos – patronos ricos e políticos poderosos – só havia a opção entre racistas “relativamente brandos e benevolentes” e aqueles que acreditavam no linchamento como instrumento de controle, rejeitavam a instrução do negro, como um esforço inútil, e não o receberiam nem pela porta dos fundos.

Sabemos, através de suas biografias e análises do seu pensamento racial, que Theodore Roosevelt, quanto a teorias racialistas, era um “neolamarquiano”, mas suas leituras abrangeram as obras dos deterministas mais radicais, de Madison Grant e Houston Stewart Chamberlain ao teórico francês Jean Finot, cuja abordagem inusitada sobre o tema argumentava que o conceito de raça significava pouco e que a maior parte das teorias raciais não passava de mitologia. (DYER, 1980, p. 13-14) Com o tempo, seus maiores orientadores intelectuais foram o sociólogo lamarquiano Edward Alsworth Ross e o paleontólogo Henry Fairfield Osborn, diretor do Museu de História Natural de Nova York. (DYER, 1980, p. 14)

Baseado na sua própria experiência com os “Rough Riders”, em Cuba, durante a Guerra de 1898 com a Espanha, Roosevelt desenvolveu uma opinião não muito favorável das habilidades militares do negro, pouco antes de se tornar vice-presidente dos Estados Unidos, em 1901 (ele se tornou presidente após o assassinato de seu antecessor, William McKinley, em setembro desse ano). Mesmo assim, antes de assumir a presidência, Roosevelt teria renovado sua crença na capacidade do negro para evoluir. (DYER, 1980, p. 101) Acreditava que, no geral, os negros eram inferiores aos brancos, mas admitia algumas exceções, como Booker T. Washington, e estes seriam os únicos a merecer a cidadania plena. (DYER, 1980, p. 109)

Em boa parte, a evolução do pensamento e da prática racalista de Roosevelt foi influenciada pela conjuntura política. Durante seu segundo mandato, principalmente após o jantar com Washington, que abalou seu apoio político entre os supremacistas do Sul, Roosevelt mostrou-se muito menos favorável e diminuiu seu apoio aos interesses da comunidade negra. Acreditava na necessidade de “controles sociais” sobre os negros, e sua posição veio à tona durante o “caso de Brownsville” ocorrido em 1906, numa cidade no estado de Texas, quando tomou uma atitude que seria o estopim de uma crise na sua relação com Washington e o início do fim do prestígio do educador negro. Os soldados do regimento negro daquele município foram acusados, com provas forjadas, de participar num tumulto, matar um *barman* e ferir um policial (acusações anuladas muitos anos depois, quando foi comprovado que nem saíram do quartel). Quando o presidente Roosevelt decidiu castigá-los com baixa desonrosa, sem direito a pensão, Washington sofreu a humilhação pública de tentar convencê-lo a voltar atrás sem sucesso. (HARLAN, 1983, p. 309-311)

O Tuskegee na África

A influência de Washington e do Instituto Tuskegee chegou até a África. Em 1900, seguindo um acordo com uma delegação de alemães que visitaram o instituto no ano anterior, três formandos e um professor dessa

instituição viajaram para o Togo, na época uma colônia alemã, para supervisionar o desenvolvimento do cultivo de algodão naquele país. Outros seguiram mais tarde, fazendo um total de nove representantes do Tuskegee em terras africanas. Enfrentaram muitas dificuldades, – como a falta de animais de tração, que tiveram que ser substituídos por tração humana, e quatro faleceram, vítimas de doenças tropicais. Um dos viajantes, John Winfrey Robinson, permaneceu em Togo e conseguiu estabelecer uma escola agrícola em Notsé, que formou 200 togolezes, mas ele também morreu, em 1909, e o empreendimento pereceu logo depois. (NORELL, 2009, p. 201-201; ZIMMERMAN, 2010, p. 7-8)¹⁶

Embora possa ter concordado em juntar-se aos colonizadores alemães no Togo, Washington recusou o convite para visitar Leopoldo II, o Rei dos Belgas, devido ao brutal regime colonial instaurado no Congo Belga, e denunciou os relatos de trabalhos forçados e violência policial que surgiram em 1904. (NORELL, 2009, p. 203)

Em 1907, os norte-americanos que moravam na Libéria pediram que Washington negociasse uma intervenção dos Estados Unidos para aliviar a tensão que ameaçava eclodir numa guerra civil entre os colonos afro-americanos e os povos autóctones. Washington colocou seu secretário, Emmett J. Scott, à frente de uma comissão para investigar a situação, que recomendou a transformação da Libéria num protetorado dos Estados Unidos, como Porto Rico no Caribe. Segundo Norell, essa medida foi concretizada pelo governo norte-americano. (NORELL, 2009, p. 375; ROSENBERG, 1985)

16 Segundo Zimmerman (2010, p. 8), John W. Robinson aprendeu a língua ewe e foi assimilado à cultura local ao ponto de casar-se com duas togolezas numa união poligâmica, uma em Tove, o local da fazenda experimental, e outra em Notsé. O objetivo dos alemães era introduzir o cultivo de algodão, que seria um negócio lucrativo para os colonizadores enquanto subordinava os indígenas africanos da mesma maneira que o negro era controlado pelas rotinas de sujeição dos campos de algodão do Sul dos Estados Unidos. Robinson afirmou que ele representava mais do que o algodão, e que essa cultura só deveria ser introduzida quando servisse para enriquecer o povo. Se o cultivo do inhame ou do milho lhes trouxesse mais lucro, não deveria ser substituída. Também queria manter e melhorar o comércio no litoral, mas a ganância dos colonizadores falou mais alto. A fazenda experimental de algodão foi estabelecida numa área destruída pelos militares alemães, nos escombros da tradicional indústria cerâmica da região. (ZIMMERMAN, 2010, p. 134-136)

Washington aconselhou aos liberianos que tratassem os africanos autóctones com mais sensibilidade e que construíssem uma economia mais produtiva e autossuficiente. Também conseguiu um patrocinador para financiar bolsas de estudos para liberianos “tribais” e de origem norte-americana estudarem no Instituto Tuskegee. (NORELL, 2009, p. 375; ROSENBERG, 1985) Após a sua morte, em 1929, o Instituto Agrônomo e Industrial Booker T. Washington foi estabelecido na Libéria. (BOOKER WASHINGTON INSTITUTE OF LIBERIA)

Pelo menos dois presidentes da república consultaram Washington, que os aconselhou sobre vários assuntos referentes ao negro nos Estados Unidos, inclusive indicando negros para cargos importantes. Às vezes, seu próprio prestígio atrapalhava sua eficácia. Por exemplo, correspondências encontradas nos *Booker T. Washington Papers* mostram que ele fez um esforço muito grande para substituir o cônsul norte-americano na Bahia, o médico negro Henry Watson Furniss, que ocupou esse cargo de 1898 a 1905, por outro diplomata da mesma “raça”. (LOSCH, 2009) Um dos candidatos revelou-se ser filho de uma escrava baiana que teria sido sequestrada e levada aos Estados Unidos. Mas Washington não teve sucesso, pois os candidatos achavam que ele tinha poder para lhes conseguir uma colocação melhor.

Embora sua formação só chegasse ao magistério de segundo grau, recebeu títulos honorários de duas eminentes universidades dos Estados Unidos: um mestrado da Harvard, em 1896 (NORELL, 2009, p. 148), e um doutorado de Dartmouth College em 1901. (BOOKER T. WASHINGTON SOCIETY) Washington dá bastante destaque ao mestrado honorário em *Up from Slavery*. Segundo ele, quando recebeu a carta informando que receberia o título da Harvard:

Era uma terrível consagração. Nunca me havia passado pela cabeça a ideia de pretender um diploma de uma das mais antigas e mais célebres universidades da América. Sentado à varanda, com o papel nas mãos, fiquei estarecido, os olhos cheios de lágrimas. A minha vida inteira, a escravidão na fazenda, trabalho duro e sujo na mina, dias sem alimento e sem roupa [dormindo ao abrigo de uma] calçada, a luta horrível pela educação, a angústia e as insônias nos primeiros anos em Tuskegee, o ostracismo e algumas vezes a opressão da minha raça, tudo me passava diante dos olhos e me apertava o coração. (WASHINGTON, 1940, p. 207)

Chegou a ser considerado o “presidente negro” de seu país e o sucessor do ex-escravo e abolicionista Frederick Douglass, o que gerou ressentimentos e rivalidades dentro da sua própria “nação”. Por exemplo, foi alvo de tentativas de sabotagem de suas palestras, principalmente a dita “Tumulto de Boston” de 1903, organizada por um intelectual negro, William Monroe Trotter, nascido no norte, de família abastada (DU BOIS, 1995, p. 135), e colega e amigo de Du Bois desde seus tempos de estudante na Universidade de Harvard. (LEWIS, 1993, p. 97) Washington também não fez por menos, usou todos os meios possíveis para sabotar (com a manipulação da imprensa, espíões e subornos) os esforços de seus inimigos, brancos e negros, quando vinham de encontro aos seus interesses. Trotter e outros participantes do tumulto passaram um mês na cadeia¹⁷.

Em *My Larger Education*, Washington dedica um capítulo a esse episódio, intitulado “Os intelectuais e o tumulto de Boston”, em que deixa clara sua opinião de que “os intelectuais” negros (os quais, segundo ele, se desentenderam e nem se falavam mais) “Sabem muito sobre os livros, mas nada sobre os homens. Sabem bastante coisa sobre a questão da escravidão, mas quase nada sobre o negro. São particularmente desinformados sobre as necessidades reais da massa de pessoas de cor no Sul, nos dias de hoje”. (WASHINGTON, 2008) Também afirma que acredita na capacidade do negro e que sua confiança no seu povo cresce a cada dia, devido a “sua vontade (até ânsia) de aprender e sua disposição para ajudar a si mesmos e depender de si mesmos assim que aprendem a fazê-lo”. (WASHINGTON, 2008.)

Contratou Robert Ezra Park (1864-1944), egresso da Universidade de Harvard, futuro fundador da Escola Chicago de Sociologia e orientador e mentor do antropólogo Donald Pierson, como publicista, *ghost writer*, e mais tarde diretor de relações públicas do Instituto Tuskegee, entre 1905 e 1914 (ASA). Durante sua colaboração, que durou sete anos, Park foi responsável pela produção de três dos mais importantes títulos da bibliografia

17 Trotter juntou-se com W.E.B. Du Bois, em 1905, para organizar o Movimento Niágara, o precursor da NAACP, para combater a segregação, a cassação dos direitos políticos do negro e a “política de acomodação e conciliação” de Booker T. Washington.

de Washington: *The story of the negro* [A história do negro], em 1909, *My larger education, being chapters from my experience* [Minha formação mais ampla, sendo capítulos de minha experiência], em 1911 e *The man farthest down: a record of observation and study in Europe* [O homem no escalão mais baixo: um registro de observações e estudos na Europa], em 1912. Também escreveu um artigo intitulado “Crueldade na nação do Congo”, publicado na revista *Outlook* em 8 de outubro de 1904 (HARLAN; SMOCK, 1979, p. 85-90) e uma biografia de Frederick Douglass, lançada em 1907 (WASHINGTON, 2009), entre outros¹⁸.

Washington mantinha a política de jamais deixar funcionários e professores brancos residirem no Instituto em tempo integral. Park viveu e trabalhou fora do campus. Segundo os organizadores da coletânea *The Booker T. Washington Papers*, “Booker T. Washington queria que o Instituto Tuskegee fosse um modelo da autoajuda para o negro, e não queria que o sucesso da escola fosse atribuído aos brancos”. (HARLAN; SMOCK, 1979, p. 454, nota 1)

O poder do “Mágico de Tuskegee”¹⁹ entrou em declínio quando os tumultos que eclodiram nas cidades de Atlanta e Brownsville, em agosto e setembro de 1906, mostraram que sua estratégia de combater o racismo com a formação de uma classe média negra digna, sóbria e trabalhadora, enfim, que incorporava todos os valores da ética protestante, não conseguira estancar a histeria gerada pelos jornais de Atlanta que ataçaram uma onda de violência com manchetes sensacionalistas relatando crimes, supostos e verídicos, cometidos por negros contra brancos (principalmente alegações de estupros

18 Park também esteve na Bahia, em 1937. (VALLADARES, 2010)

19 Washington recebeu o título depreciativo de “the Wizard of Tuskegee” (“o Mágico de Tuskegee”) ou simplesmente “the Wizard”, de seus opositores, numa referência a “o Mágico de Oz” – uma figura aterradora e todo poderosa que, no final do romance de Frank L. Baum, lançado em 1900, é revelada como uma fraude, um homenzinho desprezível escondido por trás da cortina. O subtítulo do segundo volume da biografia de Washington da autoria de Harlan é justamente *The Wizard of Tuskegee*. Na sua biografia de Du Bois, David Levering Lewis refere-se a Washington frequentemente como “the Wizard” (LEWIS, 1993, p. 265, 306, 309), inclusive no título do 15º capítulo, “Rise of *The Crisis*, Decline of the Wizard” (“Ascensão de *The Crisis*, declínio do Mago”).

e de agressões a mulheres brancas). A violência em Atlanta atingiu os estabelecimentos comerciais de negros abastados, que foram obrigados a fechar as portas e deixar a cidade. (HARLAN, 1983, p. 295-296)

O tumulto de Brownsville resultou de um mal-entendido. Os residentes daquele município negro, de sobressalto após os trágicos acontecimentos em Atlanta, confundiram um grupo de policiais brancos com uma turba de linchadores e atiraram neles, dando início a uma onda de violência que resultou nas mortes de negros e brancos. Segundo Luker (1998, p. 256):

Relatos de linchamento, peonagem e cassação do direito do voto do negro que coincidiram com os tumultos de Atlanta e Brownsville [...] ameaçaram o domínio que Booker T. Washington exercia sobre seus aliados negros e sua influência entre brancos liberais em questões raciais [...] Esses eventos levantaram dúvidas quanto à sabedoria de Washington em relação às relações raciais.

Em 1911, Washington foi vítima de violência na cidade de Nova York. Levou 16 pontos na cabeça e foi preso, sem receber socorros médicos, até que pudesse provar que realmente se tratava do famoso dr. Washington. Seu agressor principal, o zelador branco Albert Ulrich foi julgado por agressão e inocentado, apesar de ter alegado que Washington teria abordado sua esposa com as palavras “hello sweetheart” (“olá querida”)²⁰, o que o líder negro negou com veemência e considerou a pior acusação de todas (as outras incluíam tentativa de arrombamento e voyeurismo). Na realidade, a mulher em questão era a amante de Ulrich, – a esposa legítima e filhos ele tinha deixado em outro estado. Pelo menos, Washington teve a parca satisfação de vê-lo condenado por abandono do lar. Mas sua humilhação continuou depois do veredicto, exacerbada pela imprensa e por seus inimigos, brancos e negros. Consideravam mal contada a explicação que ofereceu sobre seus motivos para estar num bairro residencial branco num dia de domingo, próximo ao Tenderloin, uma zona notória da cidade de Nova York.

20 Em vários casos de linchamento, o “crime” da vítima negra teria sido proferir essas mesmas palavras para uma mulher branca, o que era considerado indecente, até anunciando um atentado violento ao pudor.

Washington afirmou que recebera uma carta de seu secretário e futuro biógrafo, Emmett J. Scott, pedindo que procurasse seu contador naquele endereço. Scott confirmou sua história, mas a carta nunca foi encontrada (estranho para uma pessoa que arquivava até bilhetes, formando o imenso acervo que se tornaria os *Booker T. Washington Papers*) e o contador alegou que nada sabia de um encontro marcado naquele endereço. Seus inimigos especularam que Washington estaria à procura de uma prostituta branca. Seus biógrafos postulam a possibilidade de uma amante, também branca, devido ao endereço. Nunca saberemos ao certo, mas a reputação moral de Washington, antes imaculada, recebeu um duro golpe do qual nunca se recuperou. O hotel que fora seu lar em Nova York o declarou *persona non grata*.

As relações entre Washington e a NAACP já tinham descido a um nível que incluía denúncias de dois diretores da associação, John E. Milholland e Du Bois, contra a palestra otimista que Washington proferiu em Londres, em 1910, sobre a situação do negro no Sul²¹. Esses ataques foram seguidos por denúncias de confraternização racial na imprensa marrom e um processo contra um fundador da NAACP, todos instigados por Washington e a “Máquina de Tuskegee”. Depois da agressão contra seu rival em Nova York, Oswald Garrison Villard²² emitiu uma nota oficial da NAACP, tanto lamentando essa clara evidência de discriminação racial, como rejeitando a versão de Washington sobre os acontecimentos. (NORELL, 2008, p. 400) Segundo Harlan, paradoxalmente, Villard vira esse lamentável episódio, e a resultante fragilização de Washington, como uma oportunidade para superar as diferenças entre o “Mágico” e seus opositores negros e fazer com que Washington finalmente consentisse em fazer parte da NAACP. (1983, p. 391-392) Essa esperança nunca foi concretizada.

21 O militante e escritor negro William Pickens, integrante e futuro diretor da NAACP, também teria assinado um protesto contra a palestra londrina, uma vez que o acervo *Booker T. Washington Papers* contém uma carta pessoal de Washington dirigida a Pickens solicitando uma relação dos itens da palestra aos quais este se opôs. (HARLAN; SMOCK, 1981a, p. 471)

22 Villard era neto do abolicionista branco William Lloyd Garrison. Nascido na Alemanha, filho de Helen Frances (“Fanny”) Garrison e o alemão Henry Villard, tornou-se diretor da NAACP e tentou tomar o lugar de Washington e Du Bois como líder da raça negra. Apesar de seus esforços, seu nome não passa de uma nota de rodapé na história do negro nos Estados Unidos.

Nos últimos anos de sua vida, a partir de 1912, Booker T. Washington adotou uma postura mais aberta e agressiva na contestação da cassação dos direitos políticos dos negros e da segregação. Ele nunca explicou essa mudança na sua estratégia, mas é possível que um dos motivos tenha sido que sentira literalmente na pele que, mesmo sendo o negro mais famoso do mundo, não podia escapar da violência que todos os membros de sua raça podiam sofrer a qualquer momento nas mãos dos brancos nos Estados Unidos, sob o mais tênue pretexto e com quase total impunidade. Num artigo póstumo intitulado *My View of Segregation Laws* [Minha visão das leis da segregação], Washington sintetizou sua posição assim: “A segregação é desaconselhável porque é injusta, leva a outras medidas injustas, não tem resultados positivos, é desnecessária, é incoerente (o branco pode misturar-se com o negro, mas não o contrário) e só tende a alargar a brecha entre as raças”. (WASHINGTON, 1915, p. 114)

Washington casou-se três vezes e teve três filhos, Portia Pittman, com a primeira esposa e Booker T. Washington Jr. (conhecido como “Baker”) e Ernest Davidson Washington com a segunda. Sempre tentou manter sua vida familiar longe dos olhos da mídia. Seus biógrafos não conseguiram encontrar cartas íntimas trocadas entre ele e suas esposas, e devem ter trocado, uma vez que ele viajava constantemente pelo país para divulgar sua visão das relações raciais nos Estados Unidos. Seus filhos não tiveram o sucesso acadêmico que ele deve ter sonhado, e a imprensa se deleitou com esses percalços, principalmente seu velho e ferrenho inimigo William Trotter. Mesmo acusado de querer manter o negro num baixo escalão acadêmico, com a educação exclusivamente profissionalizante, mandou seus filhos para excelentes faculdades. Quando sua filha saiu da Wellesley sem se formar, mandou-a para a Alemanha, onde estudou música com um professor particular e tornou-se uma pianista de talento.²³

23 Um dos filhos de Portia Pittman foi o saxofonista Booker Pittman, que se radicou no Brasil na década de 1930 e fez uma parceria musical com sua enteada, a cantora Eliana Pittman, nos anos 1960. Mesmo assim, as biografias de Eliana e Booker Pittman encontradas na Internet deixam claro que a fama do avô homônimo do músico é desconhecida no Brasil.

Segundo Norell (2009, p. 417), o estilo de vida de Washington tinha algo de obsessivo-compulsivo, “principalmente sua necessidade constante de atravessar os Estados Unidos para pregar o evangelho do progresso racial e angariar fundos para o Instituto Tuskegee”. O corpo de Washington não resistiu ao estresse de suas incessantes viagens e grandes preocupações. Desenganado pelos médicos em Nova York, com falência dos rins devida à diabetes²⁴, insistiu em ser transferido para Tuskegee, onde morreu em 14 de novembro de 1915. Deixou Margaret Washington, sua esposa em terceiras núpcias, e os filhos dos dois primeiros casamentos. Seu funeral, realizado três dias depois, levou milhares de pessoas à capela do Instituto Tuskegee, onde seu corpo foi exposto. Quando faleceu, era proprietário de pelo menos duas casas, uma no estado de Nova York, em Long Island, e a outra no campus do Instituto Tuskegee, projetada pelo arquiteto negro Robert Taylor,²⁵ no estilo “Queen Anne” e construída em 1889²⁶. Mesmo sendo dignos de um estadista, os ritos fúnebres mantiveram a mesma simplicidade do defunto, sem panegíricos prolixos, estandartes ou cerimônias de sociedades secretas, apenas uma fila de professores, diretores, formandos, alunos e visitantes passando pelo caixão. (NORELL, 2009, p. 420)

Conforme sua vontade, Washington foi enterrado no pequeno cemitério no campus do instituto, ao lado da capela. Queria uma lápide singela, que mostrasse apenas seu nome e os anos de seu nascimento e sua morte.

24 Segundo sua certidão de óbito, a causa principal da morte foi “Uremia” e as causas que contribuíram foram “nefrite” (doença renal) e “arteriosclerose”. Um dos seus médicos avisou à imprensa que Washington sofria de problemas de saúde devido às suas “características raciais”, o que foi interpretado erroneamente por muitos como sendo uma doença venérea. (NORELL, 2009, p. 418-419)

25 O primeiro negro a se formar no Massachusetts Institute of Technology (MIT) e o primeiro arquiteto negro estadunidense com formação superior nessa área no seu país, Robert R. Taylor (1868-1942) projetou vários edifícios do Tuskegee, onde também lecionou, coordenou o departamento de ofícios mecânicos e supervisionou as instalações, propriedade e infraestrutura do instituto (WEISS, 2012, p. xv)

26 O campus da universidade, incluindo as casas de Booker T. Washington – conhecida como “The Oaks” [Os Carvalhos] – e de George Washington Carver, foi tombado pelo Congresso dos Estados Unidos em 1965, e as casas foram reformadas pelo Serviço de Parques Nacionais dos Estados Unidos no mesmo ano. (NATIONAL PARK SERVICE, 1966)

Mas o lugar de seu repouso eterno foi marcado com um pedregulho de granito, simbolizando a Rocha dos Tempos, que, segundo o biógrafo Louis R. Harlan, domina o cemitério “do mesmo jeito que [Washington] dominou a todas as pessoas lá enterradas durante suas vidas”. E Harlan não deixa de dar uma última alfinetada em seu biografado: conta que apareceram batedores de carteira no meio da multidão na estação de trem, e que depois do agito do funeral, uma professora do instituto sofreu uma crise nervosa e se suicidou, saltando de um prédio no campus, de uma janela bem alta. (HARLAN, 1983, p. 456-457)

Entretanto, nem Norell nem Harlan deixam de mencionar a emoção dos negros idosos que foram a pé ao enterro de Booker T. Washington, vindo de muito longe para vê-lo pela última vez. (HARLAN, 1983, p. 456; NORELL, 2009, p. 420)

Manuel Querino

Nascido na cidade de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo baiano, provavelmente a 28 de julho de 1851, Manuel Raimundo Querino, segundo seu registro de batismo, teria sido filho do carpinteiro José Joaquim dos Santos Querino e Luzia da Rocha Pita. Entretanto, na certidão de óbito, consta que ele era “filho ilegítimo de Maria Adalgisa”, o que levanta indagações sobre a identidade de seu pai biológico. Seguindo uma linha de pensamento sobre o parentesco com Teodoro Sampaio, e baseado em semelhanças físicas observadas nos seus retratos, poderíamos conjecturar a possibilidade que seu progenitor tenha sido justamente seu tutor, o bel. Manuel Correia Garcia (1815-1890), casado em segundas núpcias com d. Maria Izabel Brandão Garcia em 1847, e pai de sete filhos, dos quais, cinco sobreviveram. (QUERINO, 2001, p. 34)

O ensaio biográfico de J. Teixeira Barros (1922, p. iv-v), publicado em todas as edições de *Bahia de outrora*, observa apenas que Querino nasceu “em berço humilde, porém laborioso e honrado” e que “criança ainda e órfão de pais” foi entregue a seu tutor pelo juiz competente, sem especificar a data.

Sobre José Joaquim dos Santos Querino e Luzia da Rocha Pita sabemos apenas que ambos foram negros livres que teriam falecido durante a epidemia de cólera que flagelou a região em 1855 (CALMON, 1980). Uma cidade relativamente populosa e o maior centro de produção de açúcar da Bahia, Santo Amaro ficou quase despovoada. Estima-se que, ao todo, 25 mil vidas foram ceifadas na província inteira. (TAVARES, 2001, p. 273)

Levado à capital, o menino foi entregue a seu tutor pelo juiz de órfãos. A influência de Manuel Correia Garcia na vida de Querino foi profunda. Segundo J. Teixeira Barros (1922, p. v):

Homem educado na Europa e dedicado ao ensino, procurou despertar no espírito de seu tutelado o amor ao trabalho e ao estudo, e Manuel Querino começou a entregar à cultura da inteligência os instantes de ócio que lhe deixavam os esforços despendidos na aprendizagem da arte que depois lhe asseguraria os meios de subsistência.

Antonio Vianna, num discurso proferido na ocasião da inclusão de um retrato de Querino na galeria de honra do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), em 1928 (hoje desaparecido), caracteriza Correia Garcia como “um espírito elucidado, educado na Europa, cultor das letras e amante das coisas do ensino”. Professor aposentado, político, jornalista e bacharel, foi deputado pelo Partido Liberal, praticava o espiritismo e era doutor em filosofia pela Universidade de Tubinga, na Alemanha. Enviado pelo governo da província para graduar-se na Escola Normal de Paris, junto com o futuro diretor da Escola Normal da Bahia, João Alves Portela, voltou habilitado para organizar uma escola para professores e todo o sistema de ensino primário na província em 1842. Passou a lecionar aritmética, desenho linear e caligrafia na Escola Normal, mas foi dispensado de sua cadeira em 8 de junho de 1847. (NUNES, 2005) Também foi o principal fundador do antigo Instituto Histórico da Bahia, em 1855 ou 1856. (CALMON, 1980; WANTUIL, 1981)

Segundo o ensaio biográfico da autoria de seu tutelado, escrito em 1896, Correia Garcia nasceu em Salvador em 15 de agosto de 1815, filho legítimo de um “negociante português de igual nome” e d. Leonor Joaquina de Abreu. Ficou órfão do pai com três anos de idade. (QUERINO, 2001, p. 33) Um ponto

interessante na narrativa, que ocupa um parágrafo inteiro, é a observação de que “sua maestria da língua que Racine tanto enriquecera” era tanta que os “três sábios” da comissão do instituto francês onde ele e um colega deviam prestar um exame de admissão não só o dispensaram da prova, mas a seu colega também – ele não se apresentara porque tinha adoecido –, sendo que ambos foram matriculados. (QUERINO, 2001, p. 33) Não deve ser coincidência que Querino também tenha aprendido francês e usado esse idioma nos seus trabalhos acadêmicos²⁷.

Segundo Vianna, Correia Garcia “Procurou encaminhar o tutelado nos trabalhos mentais e conseguiu incutir-lhe a paixão do estudo, o amor aos livros que havia de acompanhá-lo até o túmulo”. Mesmo assim, o único futuro que previa para o jovem era nos trabalhos manuais, como operário e artesão, portanto “Deu-lhe também um meio pratico de viver, mandando-lhe ensinar a arte de pintar”. (VIANNA, 1928, p. 306) Entretanto, as aspirações geradas no ambiente de cultura e aplicação nos estudos em que viveu no lar do bacharel levaram Querino muito além: seguiria o exemplo de seu tutor não somente no magistério, mas também na política e na pesquisa histórica e antropológica.

Como teria sido a experiência de Querino durante sua formação como pintor decorador? Em seu verbete autobiográfico, em *Artistas bahianos*, informa apenas que foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios, onde estudou os “preparatórios”, e do colégio Vinte e Cinco de Março. (QUERINO, 1911, p. 146) Mas o Liceu foi criado em 1872, e ele já era um pintor decorador profissional antes de se tornar aluno fundador dessa instituição, portanto, sua aprendizagem deve ter começado bem antes, em outro lugar. Sabemos que, na Bahia oitocentista, a formação de oficiais mecânicos, inclusive os que Querino chamava de artistas, ainda seguia as linhas praticadas em Portugal desde a idade média. Aprendizês aprendiam seus ofícios nas tendas de mestres, e segundo a norma, o limite deveria ser dois aprendizês por mestre, “visando-se a eficiência do aprendizado”, mas “havia inobservância

27 Outra figura que pode ter sido uma referência e influência, nesse e em outros sentidos, é João da Veiga Muricí, um intelectual negro do século XIX, biografado por Querino no final de sua vida. Este lecionava grego, latim, português e francês. (QUERINO, 2009, p. 220)

dos regimentos ou posturas quanto à limitação da presença de aprendizes nas tendas dos mestres. Era comum haver aprendizes nas tendas de oficiais que não eram mestres, havendo aí uma quebra na hierarquia, que na Bahia não deve ter sido muito rígida”. (FREIRE, 2006, p. 70-71)

Em 1868, já um “homem feito”, com 16 ou 17 anos, Querino resolveu tentar a sorte em Pernambuco e viajou para lá em companhia de um sobrinho de Manuel Correia Garcia. A Tríplice Aliança formada por Brasil, Argentina e Uruguai tinha declarado guerra ao Paraguai em 1865. Pode ser que os jovens tenham deixado a Bahia para evitar o alistamento forçado que Querino (1955, p. 195) descreve no capítulo de *A Bahia de outrora*, intitulado “O Recrutamento”, pelo motivo de que “as ruas ficavam desertas e os trovadores mudos”. Mais tarde, Querino seguiu para o Piauí, mas os ventos bélicos que assopravam na época o levaram para o Sul. Foi recrutado nos sertões do Piauí, possivelmente à força, e enviado para treinamento no Rio. Segundo Vianna (1928, p. 306), “Começou, para o jovem artista baiano, a primeira fase de sua vida pública”. Depois, teria seguido para a guerra como milhares de outros recrutas e voluntários da pátria, muitos dos quais morreram ou voltaram nas tristes levas de “inválidos, mutilados, narrando os incidentes, fadigas e privações por que passaram”. (QUERINO, 1955, p. 193) Felizmente, sua inteligência e cultura, e o fato de ser letrado, uma qualificação rara numa época em que cerca de 85% da população livre era analfabeta, mudaram seu destino. Ficou no Rio de Janeiro para trabalhar na escrita de seu batalhão e foi promovido a cabo de esquadra em março de 1870. Quando a guerra terminou no mesmo ano, foi desmobilizado, em outubro, graças à influência de seu padrinho político, Manuel Pinto de Sousa Dantas, mais conhecido como o conselheiro Dantas. (VIANNA, 1928, p. 306)

No capítulo “Operários políticos” de *As artes na Bahia*, Querino (1913, p. 159) assim descreve o conselheiro Dantas: “espírito fadado para a política, maneiroso e feliz, sabia perfeitamente empolgar a opinião nas lutas da tribuna e da imprensa; possuía a vertiginosa embriaguez da fama ruidosa e brilhante dos agitadores”. Dantas nasceu numa fazenda em Inhambupe, no Agreste da Bahia, em 29 de fevereiro de 1831. Era primo carnal de Cícero

Dantas Martins, o barão de Jeremoabo, do Partido Conservador, que se tornaria, mais tarde, seu inimigo político. (SAMPAIO, 2001, p. 93) Formou-se em direito na Faculdade de Olinda em 1851. Foi juiz municipal de órfãos em Santo Amaro, de 1853 a 1856, e ocupou os cargos de procurador interino dos Feitos da Fazenda, juiz de órfãos e promotor público em Salvador entre 1857 e 185828.

Mesmo sendo do Partido Liberal, teve como padrinho político o líder do Partido Conservador, o barão de Cotegipe, João Maurício Wanderley. Ainda em Salvador, comprou o jornal *Diário da Bahia* em 1868. Em 1876, num momento em que seu partido lutava contra a hegemonia do Partido Conservador, fundou a Sociedade Liga Operária Baiana, no salão do *Diário da Bahia*, e tornou-se o primeiro presidente dessa sociedade. (LEAL, 2009, p. 228) Segundo Leal (2009, p. 231), a liga “[...] desempenharia o papel de educar pelo trabalho, na perspectiva de promover a ilustração da classe trabalhadora envolvida, associada aos esforços coletivos, inteligentes e duradouros, a fim de atingir o bem estar comum, ‘características dos povos livres’”.

Em *As artes na Bahia*, Querino (1913, p. 160) destaca o papel de Dantas “na introdução do operariado na política, como elemento de força, pugnando por uma ideia, no intuito de fazer valer o voto da classe”. Como se não bastasse, observa a seguir que:

Devemos-lhe a fundação do Liceu, Escola de Belas Artes, subvenções e proteção dispensadas à Liga Operária. Os liberais, não; foram contra a fundação da escola de artes e ofícios em 1864; opuseram-se fortemente contra a primeira subvenção da Escola de Belas Artes, salvo o presidente da assembleia provincial, Dr. Cesar Zama, que favoreceu a concessão. (QUERINO, 1913, p. 160-161)

Após uma carreira política de deputado na Assembleia Geral, Dantas ocupou vários cargos no Poder Executivo. Em 1883, foi convocado pelo imperador D. Pedro II para chefe de gabinete, equivalente a primeiro ministro,

28 A fonte principal para os dados biográficos sobre o conselheiro Dantas é Grinberg (2002).

e a buscar uma solução para o problema da escravidão. Essa busca resultou na apresentação de uma série de propostas, elaboradas por Ruy Barbosa e conhecidas como o projeto Dantas (1884), que libertariam os escravos gradualmente de cinco maneiras: “a idade do escravo; por omissão de matrícula; através do fundo de emancipação; por transgressão do domicílio legal do escravo”; e, caso fosse verificada a compra ilegal de escravo, depois da extinção do tráfico, esse seria emancipado. (MENEZES, 2009, p. 92) Previa a proteção ao trabalhador e a criação de colônias agrícolas para libertos e ingênuos que não conseguissem empregos no mercado de trabalho livre. O projeto, que também previa a abolição em dezembro de 1889, criou um grande alvoroço, principalmente porque não previa indenização aos senhores. Esta polêmica levou à queda de seu gabinete e à dissolução da legislatura (maus augúrios para o imperador). Novas eleições foram convocadas e os abolicionistas foram derrotados. (MENEZES, 2009, p. 92-93) O projeto foi retomado e promulgado em 1885, como a Lei dos Sexagenários, pelo barão de Cotegipe. O conselheiro Dantas faleceu no Rio de Janeiro a 29 de janeiro de 1894.

Leal observa que a estada na capital do Império pode ter influenciado Querino politicamente, uma vez que lá, “certamente teve acesso às ideias libertárias importadas da Europa, à experiência americana e às conturbadas querelas estabelecidas no parlamento do Império brasileiro”. (MENEZES, 2009, p. 213) Foi justamente em 1870 que o Partido Republicano foi criado no Rio de Janeiro. (MENEZES, 2009, p. 213)

De volta à Bahia em 1871, Querino dedicou-se ao trabalho e aos estudos. Cursou o francês e a “língua vernácula” no Colégio 25 de Março. Depois, foi aluno fundador do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia (inaugurado em 1872), trabalhando como pintor decorador de dia e estudando humanidades à noite. Fez exames em francês e português no Liceu, recebendo “aprovação distinta” na primeira disciplina e aprovação plena em português. (VIANNA, 1928, p. 307) Quando seu professor e mentor, o artista plástico espanhol Miguel Navarro y Cañizares, de quem Manuel Correia Garcia era amigo, deixou o Liceu e criou a Escola de Belas Artes, Querino o seguiu, sendo contratado como pintor durante a fase de construção, e tornando-se aluno fundador desta instituição. (SILVA, 2005, p. 233)

Cañizares nasceu em Valência (Espanha) em 29 de setembro de 1832. Casou-se com Geltrudes Guidi e teve duas filhas, Emília e Matilde. (SILVA, 2008, p. 251) Iniciou sua formação artística na Espanha, estudando dos 11 aos 24 anos de idade na Real Academia de San Carlos de Valência (1845-1858), e foi premiado diversas vezes. Também se habilitou em Madri, na Real Academia de Belas Artes de San Fernando, onde foi discípulo do pintor espanhol Federico de Madrazo y Küntz (1815-1894). Em 1864, conquistou um prêmio para aprimorar seus estudos em Roma. Recebeu a Cruz de Isabel, a Católica, em 2 de dezembro de 1867. Durante seus oito anos em Roma, foi contratado pelo arcebispo de Caracas, Silvestre Guevara y Lira, para pintar a catedral da capital venezuelana, mas quando chegou a Caracas, no início de fevereiro de 1872, o arcebispo tinha sido exilado pelo general Antonio Guzmán Blanco²⁹. Cañizares estabeleceu residência nessa cidade e chegou a pintar o retrato do general a cavalo. Provavelmente deixou a Venezuela devido aos conflitos políticos durante a ditadura de Guzmán Blanco. Chegara a “encaminhar diretrizes para a fundação de uma Escola de Belas Artes naquele país” ao ministro de Fomento. (SILVA, 2008, p. 272)

Depois de sua estada na Venezuela, passou cerca de dois anos em Nova York. Foi nessa cidade que embarcou para Salvador, chegando a bordo do vapor John Bramall em 4 de abril de 1876. Pretendia fixar-se na cidade do Rio de Janeiro, “onde acreditava que lhe aguardavam excelentes oportunidades de demonstrar seu talento de retratista, pintor de alegorias e temas religiosos à boa clientela local”, mas ficou em Salvador, por causa do surto de febre amarela que grassava no Rio. (SILVA, 2008, p. 277)³⁰

Segundo Viviane Rummel da Silva (2008, p. 251-273), cuja dissertação magistral forneceu os dados biográficos acima, não se sabe se a ligação

29 Guzmán Blanco governou a Venezuela durante três períodos: 1870-1877, 1879-1884 e 1886-1887. (SILVA, 2008, p. 268)

30 Manuel Querino (1911, p. 118-119) informa, em *Artistas bahianos*, que: “Em fevereiro de 1876, abrigava-se nesta Capital, por ter notícias de que no Rio de Janeiro, para onde se dirigia, estava grassando a febre amarela, o professor Cañizares, natural de Valencia, na Espanha. Estabeleceu-se à Estrada Nova, hoje rua Dr. Seabra, e aí fez pequena exposição de seus quadros que prenderam a atenção do público apreciador de belezas artísticas”.

entre Cañizares e o Imperial Liceu de Artes e Ofícios originou-se de iniciativa própria do mesmo ou se foi convidado a lecionar nessa instituição. Entre seus alunos, além de Manuel Querino, estavam Manuel Silvestre Lopes Rodrigues (1859-1917), Carlos da Costa Carvalho, Enedino de Santana, Tito Weindinger Batista e Vieira de Campos, “discípulos que logo se destacaram no cenário das artes locais, conseguindo renome e consagração em conformidade aos créditos proferidos pelo diretor do Liceu”. (SILVA, 2008, p. 277) O próprio Querino (1911, p. 119) informa que “Em sessão do diretório do Liceu de Artes, de 18 de maio do mesmo ano, foi lido um ofício do professor Cañizares, oferecendo-se para lecionar o curso superior de desenho, no estabelecimento, cuja aula começou a funcionar no dia 28 do dito mês e ano”.

Já no seu primeiro ano no Liceu, Cañizares desentendeu-se com a direção e com José Antonio da Cunha Couto, um pintor baiano, sobre a encomenda de um retrato³¹. Segundo Querino (1911, p. 119): “Caminhavam as coisas regularmente, quando, em consequência do ajuste de um retrato de d. Pedro II, mandado fazer pela direção do Liceu, resultou a retirada do professor Cañizares em princípios de dezembro de 1877”. O pintor espanhol fundou a Academia de Belas Artes da Bahia no mesmo ano. (SILVA, 2008, p. 279)

Segundo o Livro de Atas da Academia de 1881, Cañizares propôs que todas as pessoas que pudessem comprovar pobreza fossem matriculadas gratuitamente. Rummler da Silva observa: “Considera-se, portanto, que mesmo em meio a dificuldades a Academia sempre atendeu a comunidade em geral, sobretudo as classes menos favorecidas [...]”. (SILVA, 2008, p. 226-227)

31 Não foi o único embate entre Cañizares e Cunha Couto, também disputaram a pintura dos quadros da capela e frente do arco cruzeiro da igreja da Ordem Terceira de São Domingos de Gusmão. As deliberações foram tão demoradas que, quando a decisão finalmente saiu a favor do pintor baiano, Cañizares já se encontrava no Rio de Janeiro. (SILVA, 2008, p. 279)

Entretanto, após apenas cinco anos na Bahia, Cañizares desentendeu-se com a direção da Escola de Belas Artes e resolveu mudar de ares. Seu sucessor na presidência foi Brás do Amaral. (QUERINO, 1911, p. 125) em tom de lamento, Querino (1911, p. 123-124) diz³²:

A Bahia deve ao professor Cañizares o serviço inestimável de ter feito ressurgir, vantajosamente, o ensino do desenho. Durante sua permanência nesta capital produziu diversos trabalhos, principalmente *retratos* [...] Por desinteligência, no seio da congregação da Escola, o professor Cañizares retirou-se para o Rio de Janeiro, onde reside desde 1881.

Já na capital imperial, onde se estabeleceu em 1882, Cañizares procurou a proteção artística do mesmo imperador cujo retrato fora o pivô de sua saída do Liceu. (SILVA, 2008, p. 279) Sua estada nessa cidade foi longa e profícua. Recebeu a medalha premial (ouro) ao participar da Exposição do 1º Centenário de Abertura dos Portos do Brasil às Nações Amigas em 1908. Faleceu em 24 de outubro de 1913 no Rio de Janeiro, e foi sepultado no Cemitério de São João Batista. (SILVA, 2008, p. 257)

Manuel Querino permaneceu na Escola de Belas Artes e diplomou-se, em 1882, no curso de desenhista. No mesmo ano, foi nomeado membro do júri da exposição da academia. Querendo completar o curso, matriculou-se na aula de arquitetura. Foi aprovado com distinção no segundo ano, mas, segundo Antonio Vianna (1928, p. 307), “não foi diplomado em virtude de não ter sido lecionada uma das cadeiras do 3º ano”. No seu verbete autobiográfico em *Artistas bahianos*, Querino (1911, p. 147) fornece uma explicação mais detalhada: “... não prestou exame do 3º ano por falta de quem lecionasse a cadeira de resistência dos materiais e estabilidade das construções. Devido a essa circunstância, não recebeu o diploma de arquiteto. Frequentou ainda as aulas de anatomia das formas do corpo humano, estética e história das artes, cópia de gesso e pintura a óleo”.

Na folha de rosto do livro *Elementos de desenho geométrico* (1911), Querino é descrito como “artista diplomado, premiado com duas medalhas de prata, menção honrosa, aprovado com distinção no curso de arquiteto pela Escola de Belas Artes”. No currículo escrito pelo seu próprio punho, que hoje se encontra no acervo do IGHB, Querino se identifica mais uma vez como “artista

diplomado, aprovado com distinção no Curso de arquiteto”.³³ Já que o último título na bibliografia desse currículo é “O colono preto”, podemos deduzir que foi produzido depois de 1918. Tudo indica que, em vez de destacar o revés de perder o diploma de arquiteto, resolveu voltar a ênfase ao seu título de artista (ou desenhista) diplomado e premiado. Entretanto, o trecho seguinte mostra que Querino estava ciente da posição social que perdera quando abandonou o sonho de ser “doutor”, e a maneira como interpreta a ânsia de subir socialmente, que poderia ser observada na sua própria trajetória:

Os costumes sociais, desviando as vocações da mocidade pela cegueira de um diploma, asfixiaram por sua vez, o gosto da arte, tornando-a cada vez mais incompatível com a indústria, que lhe provocou a decadência, no que têm grande responsabilidade os próprios artistas, pela vaidade de só quererem ter filhos doutores, como se houvesse classe privilegiada para notabilizar o indivíduo. (QUERINO, 1913, p. 23)

Ou seja, “quem desdenha quer comprar”.

Por outro lado, essa sua posição poderia explicar porque se contentou com a licenciatura. Licenciado como professor de desenho, lecionou no Colégio de Órfãos de São Joaquim e no Liceu, sendo nomeado lente de desenho geométrico em 1885 e agraciado com o diploma de sócio benemérito pela assembleia geral.

Como pintor decorador, *designer* e artista plástico, produziu obras que receberam menção honrosa e medalhas de prata da Escola de Belas Artes e medalhas de bronze, prata e ouro nos concursos do Liceu. (VIANNA, 1928)

Foi também funcionário público, exercendo vários cargos na Diretoria de Obras Públicas e depois na Secretaria de Agricultura, onde era “reconhecido como um dos mais distintos funcionários pelas suas habilitações técnicas e pelos seus predicados morais”. (BARROS, 1946, p. 9)

33 Uma cópia digitalizada pode ser acessada na *blog* mrquerino.blogspot.com e disponível em: <http://www.scribd.com/doc/138235645/Curriculo-de-Manuel-Querino-em-seu-proprio-punho>. Acesso em: 14 nov. 2019.

Na vida política, demonstrou solidariedade para com seu tutor e padrinho, além de seus irmãos de cor, ao engajar-se às causas do Partido Liberal: o republicanismo e o abolicionismo. Em 1º de agosto de 1878, assinou o Manifesto Republicano. Embora não tenha chegado à eminência dos líderes da campanha abolicionista, como Rui Barbosa e José do Patrocínio, Querino ingressou na Sociedade Libertadora Baiana e escreveu artigos publicados na *Gazeta da Tarde*, tentando sensibilizar o público para as injustiças da escravidão. Abolicionista militante, trabalhou lado a lado com Frederico Marinho de Araújo e Eduardo Carigé, entre outros. Diferentemente de muitos de seus correligionários, acreditava que a desigualdade entre negros e brancos se devia apenas à falta de oportunidades para os primeiros. Portanto, defendia a abolição seguida da preparação dos libertos para o mundo do trabalho assalariado porque, baseado na sua própria luta por uma boa formação, estava convicto que o ser humano não podia evoluir sem a educação. Infelizmente, para seu tremendo desgosto, isto não se concretizou.

Em *As artes na Bahia*, no capítulo intitulado “Aristocracia no ensino” (QUERINO, 1913, p 38-42), Querino faz uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos e, com um tom mordaz, critica o desprezo ao trabalho no primeiro e exagera as vantagens do segundo³⁴:

Assentados os alicerces da nação brasileira, ninguém cogitou da formação do elemento artístico.

Os adoradores do progresso dos Estados Unidos da América do Norte não têm sabido imitar as lições proveitosas do engrandecimento desse país. Ali, o poder público disseminou a instrução de modo que os escravizados entraram vantajosamente na partilha, pois aproveitaram não só as aptidões profissionais dos refugiados, mas também, e ao mesmo tempo, mandaram buscar à Europa artistas de mérito para formação de núcleos de ensino, cujo resultado é que sabemos da maravilhosa prosperidade artística e industrial, em condições de competência com as nações do velho mundo.

34 Os escravizados nos Estados Unidos aprenderam ofícios nas fazendas dos senhores, mas foram proibidos de aprender a ler e escrever. Pode ser que Querino estivesse se referindo justamente aos esforços de Booker T. Washington e outros para garantir a educação dos libertos.

Aqui, o trabalho fora considerado objeto secundário e de desprezo, porque só ao escravizado competia. E assim ficou o operário desabrigado, sem instrução, sem direitos e sem a consciência de sua personalidade, como instrumento poderoso de progresso e de engrandecimento do país. (QUERINO, 1913, p. 38-39)³⁵

Segundo Lopez e Mota (2008, p. 52), os “republicanistas ‘puros’ [...] defendiam uma mudança de regime que, a exemplo da França, tivesse como resultado maior participação da população na vida política nacional”. Como vimos no capítulo anterior, o desfecho desse movimento deixou Manuel Querino profundamente desiludido.

Jornalista militante, antes e depois da proclamação da República, Querino criou e comandou dois jornais, *A Província* (1887-1888) e *O Trabalho* (1892). O primeiro defendia as causas da abolição e do operário e o segundo continuou sua defesa da mão de obra livre após a abolição. Assim, fica claro que Querino preocupava-se com os direitos da classe operária ainda em tempos de escravidão, quando a população livre e assalariada estava em franca minoria. Segundo seu biógrafo J. Teixeira Barros (1946, p. 6):

[...] Ninguém se empenhou tanto pelo levantamento das artes, na Bahia, como Manuel Querino e nenhum outro artista propugnou, com tamanha veemência, a união da classe operária de modo que viesse a constituir uma força, uma vontade, um poderoso elemento de ação, no seio da coletividade. O seu maior ideal era arredar o artista da tutela da política, que tudo avassala, torná-lo independente e autônomo.

Naquela época, o mercado de trabalho era controlado por arrematantes de obras que monopolizavam as construções e ditavam os salários. Primeiro, a Sociedade Liga Operária Baiana foi formada em 1875 para garantir salá-

35 Querino (1913, p. 46-47) também faz uma observação semelhante no capítulo intitulado “A decadência das artes”: “[...] o governo bem orientado espalhava a instrução de modo que até os escravizados entraram vantajosamente na partilha”.

rios dignos aos trabalhadores. Leal (2009, p. 231) observa que essa sociedade teria constituído uma

[...] Porta de entrada para sua atuação política, engajada às causas dos trabalhadores. Ali se tornou um representante das classes trabalhadoras, uma das primeiras lideranças da nascente classe operária baiana e interlocutor dos negros junto aos poderes constituídos, militando em um movimento sócio-político mais amplo no ‘guarda-chuva’ do abolicionismo.

A liga foi extinta e descaracterizada por interferência de políticos que, “valendo-se do prestígio do poder e das promessas de efêmeras vantagens tiveram a sagacidade de abolir a nobre ambição do artista”. (BARROS, 1946, p. 6) Quinze anos depois, o Partido Operário organizou-se, em 1890, comandado por um diretório presidido por Gonçalo José Pereira Espinheira, com o lema: “Com ordem, firmeza e trabalho, chegaremos ao termo de nossas aspirações”. A diretoria do partido tinha nove membros, entre eles, Manuel Querino. (CALMON, 1980)

Candidatou-se a deputado federal pelo Partido Operário em 1890 e foi eleito delegado da classe no Congresso Operário Brasileiro no Rio de Janeiro, mas o partido não participou no pleito eleitoral realizado a 15 de setembro de 1890. (LEAL, 2004, p. 375) Essa “agremiação partidária composta somente de trabalhadores, funcionando disciplinadamente” despertou novamente os temores da elite, principalmente dos patrões e industriais. Intimidado, Gonçalo Espinheira anunciou que o movimento “não cogitava a política” e o partido foi rebatizado como Centro Operário da Bahia. Segundo Jorge Calmon (1980): “Adepto da aproximação dos trabalhadores, incentivador do ensino profissional, Manuel Querino há de ter aprovado calorosamente esta solução. Fora a menos pior”. De acordo com Leal (2004, p. 231),

Com a desarticulação do Partido Operário, que ocasionou, em 1894, a criação do Centro Operário da Bahia por Domingos Silva e seus aliados, Manuel Querino, apesar de ter se tornado sócio, ficou desalojado e sem influência necessária para viabilizar o seu projeto de união da classe operária, bem como de desenvolver sua articulação política junto às bases operária e artística.

Mesmo assim, sua campanha jornalística e a capacidade de liderança demonstrada à frente do Partido Operário valeram-lhe a nomeação de membro ou “intendente” do Conselho Municipal, a primeira legislatura municipal da cidade do Salvador, em 1890 ou 1891. (VIANNA, 1928; CALMON, 1980) Segundo Calmon (1980): “terá sido nomeado, entre 1890 e 1891, para suceder a um dos ‘Intendentes’ inicialmente escolhidos pelo Governador do Estado [...]”.

Entre 1893 e 1897, Querino esteve afastado do Conselho Municipal, mas esse período foi marcado por três conquistas e uma grande decepção: ingressou na Guarda Nacional de Salvador como 1º tenente; na Repartição de Obras Públicas, como auxiliar de desenhista em 1893; e no corpo docente do Colégio dos Órfãos de São Joaquim, como professor de desenho industrial em 1895; mas, quando disputou a nomeação para o cargo de professor da cadeira de desenho linear na Escola de Belas Artes, o candidato vencedor foi o prof. Agrippiniano Barros. (LEAL, 2004, p. 377)

Voltou a ser conselheiro municipal em 1897, como primeiro suplente convocado, “substituindo dr. Deocleciano Ramos, que renunciara ao mandato”. (CALMON, 1980) Perdeu a eleição para suprir a vaga deixada pela renúncia, mas permaneceu no conselho até 26 de dezembro de 1899. No mesmo ano, renunciou à política devido às represálias dos “poderosos da ocasião”. (CALMON, 1980)

Depois de deixar a vida política, desiludido, Manuel Querino dedicou-se ao trabalho pelo qual é mais lembrado: uma série de pesquisas que são de fundamental importância para a história das artes plásticas no Brasil, a historiografia brasileira em geral e a formação da identidade negra neste país. Foi um dos únicos intelectuais de sua época, e provavelmente o primeiro intelectual afro-brasileiro, a reconhecer e divulgar a contribuição

africana à civilização brasileira³⁶, teve um papel fundamental no resgate e documentação das contribuições dos africanos e seus descendentes ao desenvolvimento do Brasil e preservou um considerável montante de informações sobre as artes, artistas e artesãos da Bahia. Igualmente, forneceu abundantes dados sobre os costumes, cultura e religião dos africanos e seus descendentes.

Como autor e pesquisador, seria difícil exagerar a importância da contribuição de Manuel Querino à valorização da imagem do negro no Brasil. Na sua época, foi uma voz solitária. Segundo Burns (1974, p. 82), “Seus estudos tinham dois objetivos. Por um lado, Querino queria mostrar a seus irmãos de cor a contribuição fundamental que deram ao Brasil; e por outro ele desejava lembrar aos brasileiros de origem europeia da dívida que tinham, e têm, com a África e com os afro-brasileiros”. Burns (1974, p. 82) observa que a mentalidade típica da época é refletida na obra de historiadores como Rocha Pombo e João Ribeiro: “Num texto de 493 páginas, Rocha Pombo fala diretamente do negro em apenas 17, principalmente com relação ao tráfico de escravos e o movimento abolicionista”.

Bernardino J. de Souza, secretário perpétuo do IGHB, referindo-se a Manuel Querino e Nina Rodrigues em 1928, afirmou que: “[F]oram eles, até agora na Bahia, os dois maiores estudiosos da raça africana”. (SOUZA, 1932, p. 34) Bernardino também observa numa carta escrita em 1932, dirigida a Gonçalo de Athayde Pereira e publicada na sua biografia de Querino, como apêndice: “Recebo constantemente do Rio, de S. Paulo e de outros Estados do Brasil, pedidos de informação a respeito dos seus trabalhos”. (SOUZA, 1932, p. 34) Certamente uma das maiores contribuições de Querino à historiografia brasileira foi sua insistência para que a história nacional

36 Segundo Caio Prado Júnior, no seu livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, lançado em 1957: “A contribuição do escravo preto ou índio para a formação brasileira é além daquela energia motriz quase nula”. O autor deixou claro que considerava tanto “os indígenas da América e o negro africano, povos de nível cultural ínfimo, comparado ao de seus dominadores”. (PRADO JÚNIOR, 2000, p. 280) Mesmo assim, reconheceu que: “[...] outro teria sido o papel do africano na formação cultural da colônia se lhe tivessem permitido se não o pleno, ao menos um mínimo de oportunidade para o desenvolvimento de suas aptidões naturais”. (PRADO JÚNIOR, 2000, p. 355)

levasse em consideração suas raízes africanas e a presença e influência dos africanos. O Brasil, ele enfatizava, era o resultado da fusão entre portugueses, índios e africanos, mas a contribuição dos africanos estava sendo menosprezada. Segundo Burns (1974, p. 78): “sua maior contribuição, vista em retrospecto, parece ser seu esforço de avaliar o papel do africano na formação do Brasil. Ele refletiu, em parte, uma maior autoconsciência da parte da comunidade negra, além dos esforços dos nacionalistas em lidar com a diversidade racial do Brasil e suas implicações”. Querino ratificou estas contribuições no livro *O colono preto como factor da civilização brasileira*. Por exemplo, atribuiu ao afro-brasileiro o papel principal na defesa do Brasil e na manutenção da integridade nacional. (BURNS, 1993, p. 322) Vianna (1928, p. 312) informa que esse trabalho foi escrito “propositalmente para o Congresso de Doulos qual foi o 5º de Geografia, reunido nesta Cidade a 7 de setembro de 1916” e “logrou interessar aquela ilustre assembleia que lhe deu aprovação honrosa, mandando-o figurar entre os notáveis do certame”.

Segundo Burns (1993, p. 320), “Ao voltar sua atenção para a História, Querino esperava reequilibrar a ênfase tradicional da experiência europeia no Brasil. Nenhum negro havia até então dado sua perspectiva da História do Brasil”. Querino surgiu como um dos primeiros brasileiros, e o primeiro negro, a “detalhar, analisar e fazer justiça às contribuições africanas ao seu País”. (BURNS, 1993, p. 320) Virou a mesa e utilizou o darwinismo social para seus próprios fins: acreditando que a raça africana fosse “não evoluída” por causa da escravidão e da conseqüente falta de oportunidades (QUERINO, 1938, p. 22), ele viu no seu próprio exemplo e no de outros eminentes baianos negros cujas vidas registrou, que, quando o negro é respeitado e devidamente instruído, sua evolução social e econômica é garantida. Defendeu suas conclusões numa época em que os cientistas previam o desaparecimento da raça negra, devido ao pessimismo sobre os resultados da miscigenação entre negros e brancos³⁷. Desmentiu esse pessimismo e

37 Segundo Skidmore (2003, p. 112-113, grifo nosso), num discurso no Primeiro Congresso Universal de Raça em Londres, realizado em 1911, João Batista de Lacerda previu que os mestiços desapareceriam do Brasil “no decorrer de mais de um século [...]. Isto vai coincidir com a extinção da raça negra em nosso meio”. Para uma análise detalhada da ideologia de branqueamento no início da Primeira República, ver Skidmore (1976, p. 81-94).

outras crenças do racionalismo científico disseminado no Brasil por Nina Rodrigues, Sílvia Romero e outros.

Como etnólogo autodidata (como aliás, eram todos, na época, uma vez que inexistia um curso de antropologia no Brasil), aproveitou seu livre acesso aos candomblés para registrar os costumes africanos na Bahia em primeira mão. Segundo Vianna, “Nos célebres candomblés do Gantois, que tanta fama granjeavam até bem poucos anos, pela assistência de pról, naquele cenáculo de práticas à feição africana, por exemplo, encontrou Querino (1928, p. 311) pouso para muitas horas, bastantes para fixar os seus flagrantes”. Além de estudar os terreiros de candomblé, Querino também ajudava a defendê-los. Chamou a atenção dos oficiais municipais às perseguições aos praticantes das religiões afro-baianas. Uma vez que a sociedade rotulava essas religiões como “bárbaras e pagãs”, a polícia frequentemente aparecia nos terreiros durante as cerimônias, destruindo e confiscando propriedades e ferindo os participantes. Querino ia aos jornais para denunciar essas agressões. (BURNS, 1974, p. 83) Em *A raça africana*, Querino (1938, p. 22, grifo nosso) declara:

Incontestavelmente, o feiticismo africano exerceu notória influência em nossos costumes; e nos daremos por bem pago [*sic*] se o reduzido material que reunimos puder contribuir para o estudo da psicose [*sic*] nacional no indivíduo e na sociedade. *E, aproveitando o ensejo, deixamos aqui consignado o nosso protesto contra o modo desdenhoso e injusto por que se procura deprimir o africano, acoimando-o constantemente de boçal e rude, como qualidade congênita e não simples condição circunstancial, comum, aliás, a todas as raças não evoluídas.*

Como Artur Ramos observou: “Nota-se como, já no seu tempo, Manuel Querino se insurgira contra o preconceito de inferioridade antropológica do Negro, atribuindo o seu atraso a contingências socioculturais, e não a inferioridade de raça”. (RAMOS, 1938, p. 22)

Foi membro fundador e depois honorário do IGHB (VIANNA, 1928, p. 308), em cuja revista publicou vários artigos³⁸, e membro da Sociedade

38 Reunidos em Nascimento e Gama (2009).

Protetora dos Desvalidos, uma associação criada, em 1832, pelo africano livre e ganhador Manoel Victor Serra, para construir um fundo dirigido à proteção dos inválidos e idosos, uma versão pioneira dos atuais fundos de previdência privada. (BRAGA, 1987, p. 23) Segundo Butler (2000, p. 164), as relações entre Querino e esta sociedade nem sempre se baseavam na “bondade fraterna”. Depois de sair da sociedade – não sabemos em que ano e as fontes discordam sobre as circunstâncias, se foi demitido ou pediu para sair –, Querino solicitara sua reintegração em 1892. Este pedido foi rejeitado por uma votação de cinco contra um. Querino recusou-se a aceitar esta decisão, mas uma segunda votação teve o mesmo resultado. Finalmente, foi reintegrado “na qualidade de sócio” em 22 de agosto 1894. (BRAGA, 1987, p. 57) Segundo Braga (1987, p. 58):

Parece ter havido uma troca recíproca de prestígio. A Sociedade, poucos anos depois de lhe ter negado sua readmissão, iria recebê-lo e, mais do que isto, faria a concessão de nomeá-lo escriturário por solicitação dele próprio, quando o normal seria a eleição. Tratava-se agora, de um professor, o primeiro a ingressar na Sociedade e que mais tarde seria reverenciado com a entronização de seu retrato na sala das sessões e com a instalação de um grêmio lítero-cultural-recreativo que traz seu nome.

Já em 1896, Querino solicitou uma pensão por invalidez da sociedade, mas a mesa resolveu suspender os pagamentos quando constatou que o “inválido” foi visto em procissões, casamentos e passeios, comprovando seu perfeito estado de saúde. Entretanto, um dos diretores alertou que Querino poderia utilizar sua influência no governo para suspender o subsídio da sociedade. Seja qual for o motivo, este subsídio realmente foi suspenso. Alguns anos depois, quando Querino solicitou uma pensão de aposentadoria, seu pedido foi negado. (BUTLER, 2000, p. 165)

Apesar dos altos e baixos do relacionamento entre o sócio e a sociedade, refletidos nas fontes documentais, a sociedade participou das comemorações dos 100 anos do nascimento de Querino em 1951, como veremos mais adiante. Até 2009, manteve uma sala com seu nome e, segundo seu presidente, o Grêmio Manuel Querino continua. Seu retrato ainda pode ser visto na sala de sessões dessa instituição.

Querino também foi diretor de um grupo carnavalesco, os “Pândegos da África” em 1900. Segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 232):

Para ele, o desfile desse clube era a reprodução de festejos que ainda aconteciam na África. Não nos cabe aqui avaliar a veracidade da informação desse folião tão ilustre, mais importante é assinalar a predisposição do clube em reafirmar os vínculos culturais entre a Bahia e a África, apesar da divulgação das teorias racistas que colocavam o continente africano como o último na escala da evolução.

O clube foi fundado por Bibiano Cupim, mestre de obras, açougueiro, carpinteiro e banqueiro de jogo do bicho, entre outras atividades e interesses, que teve várias outras oportunidades de conviver com Querino: na Sociedade Protetora dos Desvalidos, na Ordem Terceira do Rosário dos Homens Pretos e no Terreiro do Gantois, onde os dois teriam sido ogãs. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 220-221; LIMA, 2010, p. 94)³⁹

Podemos traçar sua trajetória através de sua caracterização em algumas edições de seus próprios livros. Em 1903, na primeira edição de *Desenho linear das classes elementares*, Querino é apresentado como “Artista diplomado pela Escola de Belas Artes da Bahia e professor livre de Desenho Industrial no Colégio dos Órfãos de S. Joaquim, Escola Bahiana, etc.” Em 1911, no livro *Elementos de desenho geométrico*, lemos que Querino era “Artista diplomado, premiado com duas medalhas de prata, menção honrosa, aprovado com distinção no curso de arquiteto pela Escola de Belas Artes, com as medalhas de bronze, prata e ouro pelo Liceu de Artes e Ofícios; professor livre do Colégio dos Órfãos de S. Joaquim, Liceu de Artes e Ofícios e outros Colégios”. Essa edição é dedicada “Ao Exmo. Snr. Coronel José Alves Ferreira pelos benefícios prodigalizados em favor da classe operaria e dos deserdados da fortuna, exígua, mas sincera homenagem do Autor.” Na segunda edição de *Artistas bahianos*, o autor é identificado apenas como “do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia” e a dedicatória é dirigida a um nome de

39 Gostaria de agradecer a Lisa Earl Castillo pela indicação sobre a conexão entre Bibiano Cupim e Querino.

muito mais peso: “Ao Excelentíssimo Senhor Dr. Miguel Calmon Du Pin e Almeida Exemplo e estímulo da mocidade estudiosa”, também como uma “Exígua homenagem do Autor”.⁴⁰ *As artes na Bahia* (1913) identifica o autor como “Do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, e Professor de Desenho Industrial” e *O colono preto como factor da civilização brasileira* (1918), como “do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Instituto do Ceará”. Já a segunda edição de *A Bahia de outr’ora* (1922) leva apenas o nome Manuel Querino. Imaginamos que, nessa altura, o autor dispensava apresentação.

Querino casou-se duas vezes e teve quatro filhos. Seu primeiro casamento, com Ceciliana do Espírito Santo Quirino, foi contraído entre 1878 e 1883. Tiveram quatro filhos, Maria Anatildes, Manoel Querino Filho, Paulo e Alzira. Apenas os padrinhos de Alzira foram identificados: Antônio Silvestre Cayme e d. Emiliana Moreira da Silva. (LEAL, 2004, p. 376-377, n. 862) Já viúvo, contraiu casamento, em segundas núpcias, com Laura Barbosa Pimentel, também viúva, em 23 de julho de 1897, na Paróquia de S. Pedro, numa cerimônia civil ministrada pelo Juiz de Paz Arthur Rodrigues de Macedo. Segundo a certidão de casamento, ele tinha 45 anos e ela 36. Seu sogro era o coronel Feliciano Pimentel, cujas medalhas da Guerra do Paraguai o capitão Querino doou ao IGHB em 1901. Tiveram como testemunhas Dr. Arthur Ferreira de Barros e Hermelino Estevão de Sant’Anna.

Faleceu em 14 de fevereiro de 1923, vítima de malária, em sua chácara em Matatu Grande, distrito de Brotas, a área onde hoje é localizada a Praça Manuel Querino, deixando Laura Pimentel Querino e apenas dois filhos: o músico e artífice Paulo Querino e Maria Anatildes Querino⁴¹. Foi sepultado no cemitério Quinta dos Lázarus. Como veremos no próximo capítulo, vários jornais baianos publicaram obituários na ocasião de sua morte.

40 Miguel Calmon Du Pin e Almeida (1879-1935), engenheiro, sobrinho homônimo do marquês de Abrantes.

41 Manuel Querino Filho era artista pintor, e Alzira tinha um “pendor apreciável para a música, tendo por professor o maestro Guilherme Mello”. (PEREIRA, 1932, p. 20) Manuel Filho faleceu em 1908 e Alzira em 1921. (LEAL 2004, p. 302, nota 678) Segundo Pereira (1932, p. 20): “Esses dois golpes abalaram aquele espírito forte e calcinado na labuta da vida”.

Na primeira página da edição de 14 de fevereiro de 1923, numa nota intitulada *A morte do Prof. Manoel Querino*, o *Diário da Bahia* informou: “O enterro do pranteado baiano realizou-se, ontem, com grande acompanhamento, recebendo sua exma. viúva e filhos inúmeros testemunhos de pesar. Disseram-lhe o último adeus à beira da sepultura os srs. Major Cosme de Farias, dr. Martinho Braga, professor Ozeas Santos e Antonio Vianna”. Segundo o obituário publicado em *O Democrata*, no dia seguinte (transcrito na íntegra no próximo capítulo), Cosme de Farias representava o Centro Operário, Ozeas Santos, a Escola de Belas Artes, e Antonio Vianna, o “Instituto Geográfico e Histórico”. Também comparecerem “ao saimento fúnebre o dr. Intendente municipal, dr. Secretário da Agricultura e o representante do dr. secretário da Polícia e Segurança Pública.” (LEAL, 2004, p. 376-377, n. 862)

Hoje seus restos mortais encontram-se na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Salvador. Não sabemos a data do traslado, nem os nomes dos responsáveis. Só restam as letras iniciais de seus nomes na placa de mármore que marca o local de seu sepultamento no chão da sacristia. Lê-se na inscrição: “Aqui jazem os restos mortaes do professor Manoel R. Querino *28.7.1851 +14.2.1923 Gratidão dos amigos J.M.C.E.G. L.G.C”.⁴²

Segundo Vianna (1928, p. 309), “O Centro Operário celebrou exéquias públicas no 30º dia do passamento do chorado artista, cabendo-me a tarefa de dizer, no momento, sobre a sua vida e seu desejo, incumbência que também me fora deferida pelo Instituto Geográfico e Histórico [...]”. Apesar de seu prestígio e influência, morreu relativamente pobre, embora, segundo seu inventário, fosse proprietário da chácara onde faleceu e de uma casa térrea em Ondina.

Caso ainda restasse alguma dúvida, graças ao inventário também sabemos que a chácara era o lar de um indivíduo que cultivava as artes e a cultura. Consta que além de “enfeites, obras e objetos de arte, louças e vidros”, sua casa continha “onze quadros, com a frente com vidro e dentro figuras

42 Uma vez que a palavra plural “amigos” indica mais de um, supomos que o “E.” seja um erro do entalhador e que as letras iniciais dos dois amigos seriam J.M.C. e G.L.G.C.”

de barro representando os Passos da Sagrada Paixão” – todos esses objetos avaliados “de comum acordo” em 55\$000 (cinquenta e cinco mil réis). Também havia “vinte-e-quatro figuras de barro de tamanho regular”, avaliadas em 72\$000 (setenta e dois mil réis), “um Crucificado”, avaliado em 15\$000 (quinze mil réis), “uma figura de gesso”, avaliada em 16\$000 (dezesesseis mil réis), “onze quadros comuns”, avaliados em 22\$000 (vinte e dois mil réis), “dezesesseis quadros com desenho a crayon” (48\$000), um violão (50\$000), um “gramophone” (80\$000).⁴³

Querino publicou, entre outros títulos: *Artistas bahianos* (em 1909); *As artes na Bahia* (em 1909); *Bailes pastoris* (em 1914); *A raça africana e os seus costumes na Bahia* (em 1916); *A Bahia de outr’ora* (em 1916) e *O colono preto como factor da civilização brasileira* (em 1918). Também escreveu *Modelos das casas escolares adaptadas ao clima do Brasil* (1883) e dois livros didáticos: *Desenho linear das classes elementares* e *Elementos de desenho geométrico*, “compreendendo noções de perspectiva linear, teoria da sombra e da luz, projeções e arquitetura” (QUERINO, 1911, p. 147-148), e publicou diversos artigos na revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. (NASCIMENTO; GAMA, 2009a) Lançou segundas edições revistas e ampliadas de dois livros de sua autoria — *Artistas bahianos* (em 1911) e *A Bahia de outr’ora* (em 1922). Essa última publicação, editada no ano anterior à sua morte, anuncia outros títulos em preparação: *Um século de artes na Bahia*, *As modinhas bahianas*, *Bailes pastoris* - com música, e “O Dia 2 de Julho de 1823”. Apenas o último trabalho foi publicado inacabado na Revista do IGHB. (NASCIMENTO; GAMA, 2009b, p. 81)⁴⁴ *A arte culinária na Bahia*, seu estudo pioneiro sobre a cozinha baiana, foi lançado em 1928,

43 APEBa. Tribunal Superior de Justiça, 06/2697/17. Gostaria de agradecer a Lisa Earl Castillo e Urano Andrade por sua ajuda na identificação do inventário de Manuel Querino.

44 Foi publicado na *Revista do IGHB*, n. 48, 1923, com o título *Notícia histórica sobre o 2 de Julho de 1823 e sua comemoração na Bahia*, esse artigo termina com a seguinte observação: “O Professor Manuel Querino, esforçado investigador das coisas antigas da Bahia não chegou a terminar este trabalho. A morte o surpreendeu, inclemente e traiçoeira”. (NASCIMENTO; GAMA, 2009, p. 81)

graças aos esforços de J. Teixeira Barros. (VIANNA, 1928, p. 309)⁴⁵ O livro ilustrado *Costumes africanos no Brasil*, organizado em 1938 por Artur Ramos, reúne vários trabalhos de sua autoria, inclusive essa obra póstuma. Nas palavras de seu confrade e amigo Antonio Vianna, Manuel Querino “[D]edicou-se de corpo e d’alma aos estudos tradicionalistas, revivendo com uma exatidão inexcedível e irrefutável, tipos e hábitos, coisas e ideias que estavam condenados a perpetuo olvido”. (VIANNA, 1928, p. 308) Igualmente, “Foi um devotado à causa democrática”. (VIANNA, 1928, p. 308)

Referindo-se a Cruz e Souza e Lima Barreto, Bosi (2002, p. 186-187) observa que, “netos de escravos e filhos de forros apadrinhados, receberam educação refinada, de cunho europeu, que lhes deu esperanças de realização profissional e acatamento nos meios liberais da recém-criada República. Mas as barreiras já começavam a levantar-se: com a perda dos protetores ambos caíram em ambientes estreitos, sem horizontes”. Cruz e Souza teria sublimado seu ressentimento em poesias como “Dor negra” e “Emparedado” e Barreto exposto seu sentimento “nu e cru” na ficção. No romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, o protagonista é um rapaz que só descobre que é “negro” quando sai do interior e procura sucesso na cidade grande. Visto que Querino teve uma “educação refinada, de cunho europeu”, graças aos seus próprios esforços como aluno fundador da Escola de Belas Artes, e ficou sem “pistolão” (QUERINO, 1938, p. 11), pode-se dizer que o ex-jornalista, ex-líder operário e ex-vereador baiano dedicou-se à pesquisa e defesa do negro e das artes pelo mesmo motivo.

45 Segundo Vianna (1928, p. 309), “Não pode fazer o mesmo quanto às ‘Toadas’ por não lhe terem sido entregues os originais, que se acham sob a guarda do filho de Querino”.

3

Revisionismo e resgate: traçando as trajetórias póstumas de Washington e Querino



Apesar do prestígio de que Manuel Querino evidentemente gozou, sofreu também injustiças em vida e após a morte, como destaca a biografia da autoria de Pereira (1932). Traçando sua trajetória póstuma, descobrimos que foi esquecido ou menosprezado durante o II Congresso Afro-Brasileiro, realizado na Bahia em 1937;¹ tratado com paternalismo por Artur Ramos na coletânea de sua obra que o psiquiatra alagoano organizou em 1938² e acusado de plágio por Carlos Ott em 1947. Quase caiu no esquecimento, sendo lembrado apenas por sua obra póstuma sobre a culinária baiana. Mas os esforços de vários pesquisadores estão revertendo esse quadro. Hoje, Querino está sendo valorizado no Brasil e no exterior. O historiador afro-americano Henry Louis Gates Jr., por exemplo, no seu livro e no documentário *Black in Latin America*, comparou Querino a três eminentes negros estadunidenses: Booker T. Washington, W.E.B. Du Bois e o historiador Carter G. Woodson. (GATES, JR., 2011, p. 40-41)

No caso de Washington, como vimos, sua liderança começou a ruir após o “caso de Brownsville” em 1906, que evidenciou sua incapacidade de influenciar as decisões do presidente da República – seu antigo amigo e ex-aliado Teddy Roosevelt – num assunto da maior importância para a nação negra. O presidente expulsou os soldados negros injustamente

1 Referindo-se a *A raça africana e os seus costumes*, Mendonça (1940, p. 104) observa: “Sem grande cultura nem capacidade de interpretação, Querino limitou-se a recolher o material, fato que sobe de preço para o etnógrafo exigente”.

2 Em seu prefácio, Ramos (1938, p. 5) caracteriza Querino assim: “Sem o rigor metodológico e a erudição científica de Nina Rodrigues, foi, contudo, Manuel Querino um pesquisador honesto, um trabalhador incansável, impulsionado por aquele interesse insuspeito que provinha das suas próprias origens africanas”. Entretanto, as críticas que Ramos faz à identificação étnica dos africanos no trabalho de Querino nessa edição não têm fundamento. Mais informações ver Gledhill (2010).

acusados de participar de um tumulto, apesar de todos os esforços do diretor do Instituto Tuskegee. (HARLAN, 1986, p. 309-311) Entretanto, Washington nunca perdeu o apoio dos negros comuns, servindo-lhes como um exemplo de fé, bom humor, coragem e resistência. De acordo com R.S. Baker (1908, p. 222), o autor de *Following the Color Line* [Seguindo a linha da cor], quando se deparava com: “[...] um próspero empreendimento negro, um negócio florescente, um bom lar, quase sempre encontrava o retrato de Booker T. Washington acima da lareira ou um pequeno quadro contendo um de seus lemas sobre seu evangelho de trabalho e serviço”. O jornalista branco, que trabalhou com Washington e Du Bois no decorrer de sua pesquisa – mas, segundo Harlan (1983, p. 305-306), foi mais influenciado pelo primeiro – caracterizou Washington como um oportunista e otimista, acima de tudo um homem realista que enxergava e lidava com o mundo do jeito que ele era, e Du Bois como um idealista, agitador e pessimista, que via o mundo como deveria ser e clamava por uma transformação imediata. (NORELL, 2009, p. 383; BAKER, 1908)³

Mas o fator que mais abalou a reputação póstuma de Washington foi justamente a longevidade de seu arquirrival Du Bois, que faleceu em 1963, e a popularidade duradoura do livro *As almas de gente negra* (DU BOIS, 1999b), que contém a filípica “Sobre o Sr. Booker T. Washington e outros”. Traduzido para o português em 1999, como veremos no capítulo seguinte, garantiu que a visão de Du Bois prevalecesse no meio acadêmico no Brasil.

Os obituários e notas de falecimento que seguiram o desaparecimento de Washington e Querino fornecem dados valiosos sobre como os dois intelectuais negros eram vistos no final de suas vidas, antes que as narrativas racialistas ou ideológicas que surgiram a seu respeito e os efeitos deletérios do tempo chegassem a fixar a imagem negativa do primeiro e apagar a memória do segundo – com vislumbres de lembrança – por várias décadas.

3 Baker também colocou Washington no centro do contínuo do movimento em prol das reformas raciais, com Du Bois em um extremo e o senador Ben Tillman (que defendia o linchamento de negros para “mantê-los no seu lugar”) no outro, o que muitos viram como um exagero, inclusive o amigo e sucessor de Washington na direção do Instituto Tuskegee, Robert Moton. (HARLAN, 1986, p. 307; BAKER, 1908)

Como vimos no capítulo anterior, a morte de Booker T. Washington foi noticiada na primeira página do *New York Times*, na época e até hoje um dos maiores jornais dos Estados Unidos e do mundo. Publicado em 15 de novembro de 1915, contém notas de pesar do ex-presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, e do benfeitor Julius Rosenwald:

O coronel Theodore Roosevelt, quando informado da morte de Booker T. Washington, declarou:

Estou profundamente chocado e triste com a morte de Dr. Washington. Ele foi um dos ilustres cidadãos dos Estados Unidos, um homem que prestou maiores serviços à sua raça que qualquer outro, e que, ao fazê-lo, também prestou um grande serviço para todo o país. Lamento essa perda, e sinto que um dos cidadãos mais úteis de nossa terra se foi.

Julius Rosenwald, de Chicago, um admirador de Booker T. Washington que ajudou seu trabalho com contribuições com o Instituto Tuskegee, acaba de retornar de Tuskegee e está no Hotel St. Regis, comentando sobre a morte do educador ontem a noite afirmou:

Com a morte de Booker T. Washington, este país perdeu um de seus principais educadores. Ao enfatizar a dignidade do trabalho, ele prestou um grande serviço não só para sua própria raça, mas para a raça branca também. Não conheço ninguém com um caráter mais nobre. As injustiças que ele teve que sofrer nunca o deixaram amargurado. Aqueles que o conheciam melhor eram os que mais se orgulhavam de sua amizade. Sua vida enriqueceu não somente a esse país, mas ao mundo inteiro.

O acervo conhecido como os *Booker T. Washington Papers*, na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, contém várias pastas de material relacionado à morte de Washington, tais como cartas de visita, documentos sobre os arranjos funerários, listas de convidados, a programação do memorial (em duas pastas), obituários e poemas *in memoriam*. São dezenas de recortes de jornais estadunidenses, muitos representando a imprensa negra, e a maioria esmagadora elogiando “Dr. Washington” e lamentando seu súbito desaparecimento. Os jornais incluem o *Boston Globe*, o *Constitution*, o *Montgomery Advertiser*, o *Baltimore Sun*, o *New York Call*, o *New York American*,

o *Washington Post*, o *Brooklyn Standard Union*, o *Chicago Post*, o *Afro American*, o *Amsterdam News* e o *New Republic*⁴.

A revista *Outlook*, que publicou a versão serializada de *Up from Slavery*, divulgou um obituário na edição nº 111 de 24 de novembro de 1915, com a seguinte conclusão:

Não será em breve que veremos surgir um líder negro a quem os brancos do Sul e do Norte darão tão facilmente ouvidos. Não é provável que um homem como esse vá aparecer duas vezes em uma geração. O maior porta-voz do negro diante de seus companheiros brancos desapareceu. E essa é a perda dos brancos. É um dano maior interpretar mal, é ser mal compreendido, e sem esse porta-voz as pessoas brancas correrão mais perigo de mal-entendidos com seus compatriotas negros. Neste ponto, pelo menos, o peso que este homem negro tem carregado sozinho vai agora cair em grande parte sobre os ombros brancos. (HARLAN; SMOCK, 1984, p. 470)

O jornal negro *Amsterdam News*, de Nova York, divulgou um artigo no dia 17 de dezembro de 1915 sobre uma palestra proferida pelo rabino Stephen B. Wise no Carnegie Hall, ilustrado com uma foto do líder religioso, intitulado: “Rabino Wise Esfola os que Levantam a Linha da Cor – Elogiando a Vida de Dr. Washington no Carnegie Hall o Grande Hebreu Esfola o Injusto – Quer que Todos Tenham uma Chance – Líder da Sinagoga Livre da Cidade Presta uma Homenagem Maravilhosa e insiste que três monumentos sejam erguidos para o falecido educador”. Dos três monumentos, dois já tinham sido erguidos – “O Instituto Hampton, que o criou, e o Tuskegee, criado por ele”. O terceiro seria “uma postura melhor da parte dos brancos americanos em relação aos seus [sic] americanos de cor”.

O artigo informa que:

Dr. Wise mostrou conclusivamente que isso era uma das coisas que o Dr. Washington se esforçou para realizar, e dura às vezes foi sua crítica àqueles que tentaram negar oportunidades para

4 A não ser que outras fontes sejam citadas, estes e todos os jornais citados nesta seção foram encontrados no acervo *Booker T. Washington Papers* na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, onde estão disponíveis em microficha, caixa 566, carretel 422.

homens e mulheres de cor por causa de sua cor, pois disse com muita força e ênfase: ‘Visto o nobre caráter e a grandeza de Booker Washington, quem zombou dele porque ele era negro é indigno de fechar as travas de seus sapatos.’ A seguir, o hebreu distinto mencionou o encontro realizado no Carnegie Hall há dez anos em memória de Carl Schurz, filantropo e amigo das pessoas de cor, que foi Secretário do Interior no gabinete de Presidente Hayes. Falando nesta tribuna, junto com o ex-presidente Grover Cleveland, cel. Theodore Roosevelt e o [bacharel e diplomata] Hon. Joseph H. Choate, Dr. Washington disse, entre outras coisas: ‘Se eu tivesse que nascer de novo e o bom Deus me pedisse, antes de nascer, o que eu queria ser, eu diria, por favor, Senhor fazei de mim um negro americano’. Dr. Wise citou isso para mostrar o amor que o falecido líder tinha por sua raça, mas acrescentou: ‘Pode ser que a raça recém-libertada tenha-se apoiado demais em Booker Washington, mas agora a raça deve ocupar o lugar deixado por seu líder ou aquele lugar ficará vago. O mundo não julga a raça de cor por Booker T. Washington, mas toda a raça pode ser mal interpretada por causa de seus desgraçados’. (AMSTERDAM NEWS, 1915)⁵

O teor da maioria dos *clippings* no acervo é positivo e elogioso. Entretanto, num jornal obtido através de um serviço de vendas de periódicos históricos, o autor anônimo do obituário publicado na primeira página de *The Bennington Evening Banner* da cidade de Bennington, no Vermont, em 15 de novembro de 1915, consegue manchar seu caráter, elogiar sua inteligência e menosprezar sua raça no mesmo parágrafo: “Poderia haver opiniões divergentes quanto ao caráter pessoal de Sr. Washington, mas não há divergência alguma quando consideramos seus méritos intelectuais. Ele foi um organizador que trabalhou para o bem no meio de seu povo. Constantemente pregou o senso comum para uma raça que é tão impulsiva como as crianças”.

A crítica mais dura veio de Du Bois, veiculada em *The Crisis*, órgão da NAACP, em 14 de novembro de 1915:

5 A não ser que outras fontes sejam citadas, este *clipping* foi encontrado no acervo *Booker T. Washington Papers* na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, onde está disponível em microficha, caixa 566, carretel 422.

Booker T. Washington foi o maior líder negro desde Frederick Douglass, e o homem mais distinto, branco ou negro, que saiu do Sul desde a Guerra da Secessão. Por outro lado, em severa justiça, devemos colocar na alma deste homem, uma grande responsabilidade para a consumação da cassação do Negro, o declínio das faculdades para Negros e o mais firme estabelecimento da casta de cor nesta terra.

Esse obituário foi bastante citado e noticiado e recebeu réplicas⁶. Por exemplo, numa carta ao editor ao jornal negro *New York Age*, publicada em 13 de janeiro de 1916, o leitor L. E. Fisher escreveu:

O senhor me permitirá espaço nas colunas de seu jornal para comentar o que parece ser uma tentativa de destruir o efeito da vida de um grande homem? Refiro-me ao editor de *The Crisis* (Sr. Du Bois), em sua maneira de lidar com assuntos relacionados à vida do finado Dr. Washington, que viveu, sofreu e morreu trabalhando pela causa mais querida de seu coração, que era ajudar sua raça a comandar uma posição de respeito [ilegível] e indústria como a base da atividade em ser bons cidadãos americanos.

Fisher também acusa Du Bois de reforçar a segregação racial nos Estados Unidos, quando sugere que um memorial a Booker T. Washington fosse erguido “apenas por pessoas de cor”, mais especificamente, “seus amigos de cor”. O leitor observa: “Nota-se, para começar, o tom frio e brusco e a linguagem ‘Jim Crow’ de ‘apenas pessoas de cor’. De fato, não acredito que o douto cavalheiro de *The Crisis*, Sr. Du Bois, tenha qualquer interesse pessoal em um memorial de qualquer tipo para Dr. Washington que tivesse a intenção de honrá-lo”. E conclui: “Dr. Washington não foi apenas um grande Negro, mas um grande homem entre os homens no sentido mais amplo, e eles estão prontos para honrar sua memória em toda parte deste país e na terra de além-mar”. Como veremos, aqui e no próximo capítulo, se Du Bois realmente queria destruir o “efeito da vida” de Washington, sua intenção, em grande parte, foi realizada.

6 Ver, por exemplo, a notícia na edição do jornal negro *The Indianapolis Recorder* de 27 de novembro de 1915, p. 1. Disponível em: <http://indiamond6.ulib.iupui.edu/cdm/ref/collection/1Recorder/id/36085>. Acesso em: 10 jan. 2014.

Biografias e biógrafos de Booker T. Washington

Várias biografias de Booker T. Washington foram escritas durante sua vida por *ghost writers* contratados por ele, ou após sua morte, por amigos e admiradores (sejam quais forem seus motivos). Longe de ser um admirador, Louis Harlan, seu “biógrafo mor”, demonstra profundo desprezo pelo seu objeto nas próprias biografias (1975b; 1986) e em outros ensaios (1988). Entretanto, outros autores apareceram mais recentemente com a intenção de retificar as narrativas anteriores e ajudá-lo a “superar a história”. Quando analisamos essas obras, nos deparamos com o fenômeno que o antropólogo Karl Heider denomina como o “efeito Rashomon”. Referindo-se ao filme do renomado cineasta japonês Akira Kurosawa, que analisa o impacto de múltiplas perspectivas e a natureza da verdade, Heider mostra que etnógrafos (como Margaret Mead e Derek Freeman) podem discordar profundamente de suas observações e interpretações da mesma cultura. (HEIDER, 1988, p. 73)

Como veremos, o mesmo aconteceu e acontece com os biógrafos de Washington. Seus *ghost writers*, seguindo suas orientações, ajudaram a criar o mito de um *self-made man*, um homem que incorporava as qualidades valorizadas pela ética protestante do trabalho, parcimônia, piedade, sobriedade, autonomia e satisfação adiada, que superou vários obstáculos para tornar-se o líder de sua “raça”. Após sua morte em 1915, seu ex-secretário particular Emmett Jay Scott mostrou que a fidelidade a seu chefe transcendia a morte deste ao se juntar com Lyman Beecher Stowe, neto da autora do famoso romance abolicionista *A cabana de Pai Tomás*, para completar uma biografia iniciada antes do falecimento de Washington. Segundo Scott, o biografado nunca teria lido essa obra, que reforça o mito e estende a narrativa para incluir os ritos fúnebres do seu herói.

Outros escreveram biografias de Washington logo após sua morte, entre eles, um autor branco, Benjamin Franklin Riley (1916, Introdução), que o elogia como um negro “sensato” que jamais enfrentou o sistema de segregação, uma vez que “tinha outras prioridades”. Mas, a memória e a imagem de Washington ficaram, por muito tempo, fixadas – e deturpadas

– na obra de Louis R. Harlan (1975b; 1986), escrita durante um período de três décadas, baseada em fontes primárias, mas, como veremos, influenciada pela visão anacrônica que surgiu durante a militância negra na década de 1960, e até antes, seguindo o pensamento do rival e algoz de Washington, W.E.B. Du Bois.

Felizmente, para a análise do biógrafo e a sua biografia, Louis R. Harlan (1922-2010) fornece um memorial de seu trabalho no ensaio intitulado *Sympathy and detachment: dilemmas of a biographer*, [Compaixão e desprendimento: os dilemas de um biógrafo]. (HARLAN, 1988) Harlan era originário do estado de Mississippi, mas cresceu na periferia da cidade de Atlanta, no estado da Geórgia. Ele considerava sua origem sulista uma vantagem para a compreensão de Washington, embora também expressasse a consciência que, sendo branco, jamais poderia compreender o negro na íntegra, uma vez que não poderia viver a mesma realidade.

Harlan começou a se interessar por Washington quando cursava a pós-graduação na Universidade Johns Hopkins, onde seu orientador e mentor foi o historiador C. Vann Woodward. Segundo Norrell, Woodward teria influenciado seu orientando na sua perspectiva sobre Washington, uma vez que já escrevia com um tom irônico e desdenhoso sobre seu objeto de estudo em *Origins of the New South* [Origens do novo Sul], lançado em 1951. Teria sido Woodward que alçou a famosa palestra proferida por Washington na Exposição de Atlanta como o “Acordo Meio-Termo de Atlanta”. (NORRELL, 2009, p. 434) Por sua vez, Woodward foi influenciado por Du Bois e aceitou o veredicto deste que Washington teria se rebaixado perante os brancos, colaborando com o opressor, se alinhando com capitalistas que “colonizavam” o Sul, como Andrew Carnegie, e vendendo sua raça em troca do poder. (NORRELL, 2009, p. 435) Já nos anos 1960 do século XX, integrantes do movimento que lutava para garantir os direitos civis dos negros nos Estados Unidos viam Washington como um “Pai Tomás” e inimigo da militância. Woodward e Harlan também faziam parte desse movimento.

Voltando ao memorial de Harlan (1988), ele mesmo confessa que sua intenção, quando pensou em pesquisar a vida de Washington, era produzir uma biografia irônica ou satírica. Deparou-se pela primeira vez com o acervo

hoje conhecido como os *Booker T. Washington Papers* na Biblioteca do Congresso Nacional dos Estados Unidos, adquirido do Instituto Tuskegee em 1943. Para ele foi a descoberta de um mundo novo e particular, escondido dos olhos dos brancos e protegido pelos negros. Washington e Emmett J. Scott reuniram todas suas correspondências no decorrer de um período de mais de 15 anos, fornecendo uma mina de ouro para o pesquisador. Harlan organizou esses documentos e reuniu numa obra de 11 volumes intitulada *The Booker T. Washington Papers*, editada pela Universidade de Chicago.

Harlan afirma que, no começo, pensava em Washington como o estereótipo do “Pai Tomás” e acrescenta que, para ele, essa imagem contém muitos elementos verídicos. Acreditava que Washington teria traído sua raça e a causa da justiça e igualdade para todos quando aceitou a segregação e o dinheiro dos *robber barons* (barões ladrões) que mandavam e desmandavam nos Estados Unidos. Por trás desse personagem público, porém, Harlan diz ter encontrado um homem muito mais complexo, mais humano e mais “macho”. Um homem com uma vida secreta que era do conhecimento de apenas alguns íntimos⁷.

Harlan sugere uma abordagem psicanalítica, descascando a personalidade de Washington como uma cebola. Para revelar o que no miolo? Um homem obcecado pelo poder? Um Minotauro? Um leão? Uma raposa? Ou Br'er Rabbit⁸? Ou, como na história do Mágico de Oz, um homenzinho assustado escondido por trás da cortina? Ou, talvez, ainda segundo Harlan, nada houvesse a ser encontrado no cerne da cebola – tratar-se-ia de uma personalidade que se desintegrara no frenético esforço de tentar ser tudo para todos numa sociedade multifacetada.

Percebemos nessa série de opções que, muito embora Raymond Smock, o editor do livro, tenha sublinhado a sensibilidade e a compaixão com as

7 Dúvidas sobre a “masculinidade” do líder negro que optava por uma tática (ou estratégia) não violenta também surgiram mais adiante, quando Malcolm X fez comentários semelhantes sobre Martin Luther King, Jr. (BRANCH, 1998, p. 13)

8 Um *trickster*, ou herói-trapaceiro, tirado dos contos do Tio Remus, um “preto velho” fictício criado por um autor branco, Joel Chandler Harris, que baseou suas fábulas nas tradições orais do povo negro dos Estados Unidos.

quais Harlan teria tratado Washington (1988), permaneceram fortes ranços de ironia e ceticismo, difíceis de superar para um biógrafo cuja meta principal deveria ser a objetividade⁹.

Uma resenha do livro *Up from History*, de Robert Norrell (2009), sintetiza muito bem o desafio enfrentado por qualquer biógrafo de Booker T. Washington em nossos tempos. Partindo do paradoxo de que “o mascaramento é um mecanismo de enfrentamento inevitável para o oprimido, mas é sempre opressor em si mesmo. Sacrifica grandes ideias e boas pessoas para manter a aparência de unidade”, o autor da resenha escrita para o jornal *New York Times*, Shelby Steele, faz a seguinte observação:

Nenhum homem negro da história norte-americana foi mais vítima desse paradoxo do que Washington. E é difícil pensar numa figura histórica que mais necessite de um resgate biográfico. Mas Washington continua sendo um desafio difícil para o estudioso contemporâneo. Ele é tão profundamente estigmatizado como politicamente incorreto, que resgatá-lo poderia parecer um ato político em si, e mesmo um livro equilibrado poderia ser descartado como polêmico. Entretanto, Robert J. Norrell, em sua nova e notável biografia *Up from history*, contorna este problema, à maneira antiga: escrupulosamente escavando os fatos da vida de seu objeto e, então, cuidadosamente situando-o em sua própria época (STEELE, 2009, Book Review)

No prólogo de seu livro, intitulado *O significado do véu* (o que se torna evidente no decorrer do capítulo), Norell usa um recurso literário muito comum nas biografias populares: começa com um episódio dramático na vida do seu objeto que desperta o interesse do leitor enquanto ilustra objetivo do livro, neste caso, resgatar a vida de Washington, colocando-o no seu devido contexto. O fato escolhido não é um dos acontecimentos mais associados com a cronologia de Washington, trata-se de uma visita do presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, ao Instituto Tuskegee

9 Harlan também faz referências irônicas à história de Moisés nos títulos dos capítulos de sua biografia de Washington, uma alusão também feita sem ironia alguma nos títulos da trilogia clássica de Taylor Branch sobre Martin Luther King, Jr. e a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos.

em 24 de outubro de 1905. O clima criado é de tensão e drama, uma vez que detetives armados da agência Pinkerton estavam à procura de “homens brancos que juraram vingança contra seu amigo. Havia semanas que Tuskegee vinha recebendo um grande número de ameaças contra a vida de Booker Washington”. (NORELL, 2009, p. 1-2)

Na sequência, Norell fornece um retrato bastante completo de Washington naquela data:

Um homem moreno [*light brown*] e forte de quarenta e nove anos, com aproximadamente 1,75 m [5’9”] de altura, Washington tinha acumulado alguns quilos na última década, anos que coincidiram com trabalhos constantes, muitas viagens e preocupações incessantes. De um rosto geralmente plácido, seus olhos cinzentos, agora um pouco turvos e marcados por olheiras, miravam ao seu redor com uma inteligência penetrante que destoava com sua fala jovial e lenta. (NORELL, 2009, p. 3)

Devemos lembrar, como o autor observa mais adiante no seu prólogo, que, em 1905, a expectativa média de vida de um homem negro nos Estados Unidos era de 35 anos (NORELL, 2009, p. 12).

Enquanto aguardamos os detalhes da grande festa organizada para receber o Presidente da República – que não ficaria nem para comer nem para dormir –, descobrimos que uma das causas das tensões e ameaças naquele dia foi o famoso jantar na Casa Branca em 1901, um ato de ousadia que, segundo um senador do Partido Democrático da Carolina do Sul, Benjamin “Pitchfork Ben” Tillman, requereria “o linchamento de mil crioulos no Sul para que aprendam seu lugar novamente”. (NORELL, 2009, p. 4; BENNETT, 2008, p. 58)

Visto e comemorado por muitos como uma grande conquista, ser a primeira pessoa de sua cor a jantar na Casa Branca foi um tiro pela culatra para os direitos civis dos negros. Segundo Norell, para apaziguar os eleitores brancos do Sul, Roosevelt começara a enfatizar suas raízes sulistas e nunca mais convidou Washington (ou qualquer outro negro) a jantar na Casa Branca, e, muito pior, discretamente parou de indicar negros para

cargos no governo. Portanto, no dia em questão, da vista do presidente a Tuskegee, Washington não sabia em que pé estavam suas relações com seu poderoso amigo. (NORELL, 2009, p. 5)

Além do mais, Washington contava entre seus inimigos mais ferrenhos três homens brancos, todos chamados “Tom”. O deputado local, Tom Heflin, ameaçara linchar o fundador do Instituto Tuskegee e publicara um livro que alegava que essa instituição “permitia ensinamentos fraudulentos e imoralidade e criminalidade desenfreados no campus”. (NORELL, 2009, p. 5) Outro deputado, Tom Watson da Geórgia, acusara Washington de ensinar aos negros que eram superiores aos brancos, insistindo que “os brancos precisavam colocar esse negro arrogante no seu lugar”. (NORELL, 2009, p. 5) Finalmente, havia o romancista Thomas Dixon Jr., da Carolina do Norte,¹⁰ que “retratava Booker como um lobo em pele de cordeiro, um conspirador furtivo [que visava] a criação da igualdade racial, um negro que tentava colocar o *status* econômico do negro acima daquele do branco”. (NORELL, 2009, p. 5) Dixon previu que os brancos sulistas começariam a matar os negros e, para ele, o único culpado disso seria Booker T. Washington.

Ao mesmo tempo, o educador – que recebeu títulos honorários de faculdades prestigiosas, mas não chegou a completar o segundo grau – sofria ataques por parte de intelectuais negros que se autodenominavam a “décima parte talentosa” [talented tenth].¹¹ Norell lembra aos seus leitores que, quando Washington proferiu sua famosa palestra na Exposição de Atlanta de 1895, uma epidemia de linchamentos de negros assolava o Sul, e o ódio do branco contra o negro estava se intensificando. Ao mesmo tempo, a “nação negra” buscava um líder para substituir Frederick Douglass,

10 Considerado a antítese de Harriet Beecher Stowe, Tomas Dixon Jr. foi o autor de livros como *The Leopard's Spots* (As pintas do leopardo, 1902) e *The Clansman* e (O membro do clã, 1905), esse último a inspiração do filme *O nascimento de uma nação* (1915), que enaltecia o papel da Ku Klux Klan na defesa dos brancos sulistas contra a suposta violência e imoralidade dos negros libertos após a Abolição nos Estados Unidos.

11 Segundo Du Bois (2007b, p. 13-14), “A raça negra, como todas as raças, será salva por seus homens excepcionais. O problema da educação, então, entre os negros, deve antes de tudo lidar com a Décima Parte Talentosa; é o problema de desenvolver o Melhor desta raça para que eles possam dirigir as Massas para longe da contaminação e da morte dos Piores de sua própria raça e outras”.

que falecera no mesmo ano. Os direitos conquistados pelos negros norte-americanos após a abolição em 1865 estavam sendo paulatinamente revogados. “Entre 1895 e 1905, a maioria dos estados sulistas tinham cassado os direitos dos eleitores negros, instaurado a segregação na maioria dos locais públicos e tolerado o terror do branco contra o negro”. (NORELL, 2009, p. 6) Entretanto, alguns negros nortenhos viam as tentativas de Washington de chegar a um ponto de conciliação com o branco sulista e reduzir essas tensões raciais como “covardia”. Queriam que fosse um “leão de protesto” como Douglass. (NORELL, 2009, p. 6) Principais entre eles eram William Monroe Trotter – autor do “Tumulto de Boston” – e W. E. B. Du Bois, como era conhecido na época, que se juntaram para formar duas organizações que serviriam de oposição à “Máquina de Tuskegee”, como a rede de apoio de Washington era denominada pelos seus opositores, o Movimento de Niágara e a NAACP.

Mesmo enfrentando oposição de brancos e negros, Washington ainda mantinha uma visão positiva (para não dizer positivista) do mundo – segundo Norell (2009, p. 12), em 1905 era “seu instinto acreditar que o futuro seria melhor que o presente [...] Ele supôs que a História fosse a história do progresso – para os norte-americanos, para os negros e para Booker Washington”. Mas Norell conclui seu prólogo com uma narrativa da trajetória póstuma da imagem do fundador e reitor de Tuskegee, durante o qual ele seria caracterizado cada vez mais como um fraco ou até um traidor, chegando a ser demonizado ao ponto em que, referindo-se à estátua “Levantando o Véu”, que mostra Washington removendo o “véu da insciência” da cabeça de um negro, o autor Ralph Ellison, ex-aluno do instituto, faz o protagonista de *Homem invisível* questionar se esse véu estaria sendo retirado para iluminar o negro ou colocado para cegá-lo. (ELLISON, 1995, p. 36; NORELL, 2009, p. 14) Enquanto olha para a estátua, o “homem invisível” vê uma revoada de estorninhos e, de repente, a face de bronze do “Fundador, o frio símbolo Paterno” cobre-se de “giz liquefeito – criando outra ambiguidade para minha mente tateante decifrar: Por que será que uma estátua suja por pássaros é mais imponente que uma estátua limpa?”. (ELLISON, 1995, p. 36)

Obituários, biografias, apresentações e representações de Manuel R. Querino

Pelo menos cinco jornais da Bahia e um do Rio de Janeiro publicaram obituários de Querino. O primeiro a anunciar sua morte foi o *Diário de Notícias*, em plena quarta-feira de cinzas, no dia de seu falecimento, 14 de fevereiro de 1923. Sua foto aparece embaixo de imagens de Carnaval:

A MORTE DO PROF. MANOEL QUIRINO

Às 5 ½ horas da manhã de hoje, na chacara de sua residência, ao Matatú Grande, vítima de pertinaz moléstia que, há cerca de vinte dias, o acamou, rodeiado dos carinhos de sua família, faleceu o professor Manoel Quirino. Dentro da modéstia que se pautou como norma de vida, foi o extinto não só o estudioso apaixonado de homens e fatos da Bahia antiga, mas um conhecedor perfeito desse ramo de história, máxime da raça negra. Nesse assunto, deixa copiosa messe de produção, esclarecendo pontos que só por seus estudos especiais seria capaz de solucionar, tendo apresentado memórias interessantes e originalíssimas, por ocasião do 5 Congresso de Geographia e Historia, realizado nesta capital.

Sócio do Instituto Histórico, ali fez-se ouvir, em várias tertúlias, na sua especialidade. Ao acaso, lembramos de um desses temas a que geralmente se valia, tema transcrito em curiosos capítulos nossas colunas – Arte culinária na Bahia. Que profundeza admirável de conhecimentos, em matéria pouco versada, sobre a origem dos mais saborosos pratos da convidativa cozinha da terra, desde a adaptação aqui de petiscos de origem propriamente africana à criação de outros inspirados neles!

Manoel Quirino, na sua seara era único. Constituiu-se um desses tipos necessários, por serem insubstituíveis. Senão, quem capaz de escrever tiras e tiras de papel, sobre por exemplo os artistas de cor, baianos, que os tivemos primorosos embora que obscuros? [...]

A Bahia perdendo-o perde *um dos raros artistas que reúne a tal, a vantagem do trato com as letras.* (O DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1923, grifo nosso)

Três dias depois, em 17 de fevereiro de 1923, o mesmo jornal publicou a seguinte nota, na primeira página, intitulada “Rua Manoel Quirino”:

“Foi apresentada, ontem, no Conselho Municipal, uma proposta mandando denominar-se rua professor Manoel Quirino a Rua do Matatú Grande, em Brotas, onde faleceu o artista e escritor baiano. Em homenagem de pesar, aprovando essa proposta, o Conselho suspendeu sua sessão”.

Como vimos no capítulo anterior, *O Diário da Bahia*, cujo antigo proprietário foi seu padrinho político, o conselheiro Dantas, também destacou seu obituário na primeira página em 14 de fevereiro de 1923. Segue o texto na íntegra:

A MORTE DO PROF. MANOEL QUERINO

Causou profunda impressão nos círculos de sua amizade e naqueles que estimavam nele o fixador do passado, dos homens e dos costumes de antanho em nossa terra, em livros excelentes, a morte do professor Manoel Querino.

Tinha 72 anos de existência e a atividade que desenvolvia, como professor dos Orphãos de São Joaquim e do Lyceu de Artes e Offícios, dava a impressão de uma robustez de moço, porque, nos lazeres do professor e do funcionário público da Agricultura produzia sem cessar.

Ultimamente, estava a concluir uma monografia exaustiva sobre as festas de 2 de Julho, desde as suas origens, tendo conseguido obter os desenhos dos primeiros palanques erguidos para essas comemorações cívicas.

Homem de cor, escreveu um livro notável, *O Colono Preto*, definindo e acentuando os valores da raça negra no desbravamento e na cultura da terra brasileira.

A lavoura e indústria da cana, base do progresso econômico do Brasil nascente, foi o braço negro que as inaugurou e as fez prosperar.

O Colono Preto foi, talvez, o trabalho melhor do Congresso de Geographia reunido na Bahia.

Antes desse valiosíssimo contingente a nossa história, Manoel Quirino escreveu e publicou *A Bahia de outr'ora*, homens e coisas do passado, e *Artistas bahianos*, os de renome, desde a fundação da Bahia até os nossos dias.

O Conselho Municipal prestaria uma merecida homenagem ao ilustre historiógrafo de nossa terra se desse à rua do Lyceu de Artes e Offícios ou a do Colégio dos Orphãos de S. Joaquim o nome de Manoel Quirino.

O enterro do pranteado baiano realizou-se, ontem, com grande acompanhamento, recebendo sua exma. viúva e filhos inúmeros testemunhos de pesar.

Disseram-lhe o último adeus à beira da sepultura os srs. Major Cosme de Farias, dr. Martinho Braga, professor Ozeas Santos e Antonio Vianna.

O Imparcial publicou, mais uma vez, na primeira página, uma nota intitulada “Um baiano ilustre que desaparece – A morte de Prof. Manoel Querino”, em 15 de fevereiro de 1923:

A Bahia perdeu ontem, com a morte do professor Manoel Querino, além de um espírito brilhante, demasiadamente modesto, um dos mais fervorosos cultuadores das tradições pátrias.

Principiando a sua vida como artífice e mais tarde lecionando a especialidade em que era mestre de valor incontestável, o prof. Manoel Querino, pelo seu trabalho, pela sua honestidade e ilustração conquistou na sociedade o lugar de destaque a que fizera jus, tendo sido por mais de uma vez eleito conselheiro municipal.

Como funcionário público e ainda como professor, gozava Manoel Querino de um grande círculo de admiração, contribuindo com as suas interessantes e curiosíssimas pesquisas históricas para enriquecer as letras pátrias com publicação de várias obras muito apreciadas como ‘Bahia de outr’ora’, ‘O colono Preto’ e ‘Artistas bahianos’.

Em Manoel Querino tínhamos todos a fonte mais autorizada sobre os assuntos que versavam em seus livros [ilegível] pela preocupação de prestar serviços à história pátria.

No meio operário de onde ele proveio e em cujo contato sempre estive como seu mais ilustrado representante, gozava ele de um ilimitado prestígio e consideração, sendo membro de várias associações desta natureza e também do Instituto Histórico onde ele se fez ouvir tantas vezes com bastante acatamento e admiração.

Nota-se aqui, que o adjetivo “modesto” é utilizado para sugerir que talvez sofresse de falsa modéstia.

O Democrata colocou o obituário na segunda página, um dia após sua morte, mas vem acompanhado por um artigo intitulado “Manoel Querino

e o Lyceu”, assinado por Miguel Chaves¹², com data de 14 de fevereiro de 1923. O diretor do Liceu de Artes e Ofícios observa:

Ornamento de uma raça, de que se não desdoirava [*sic*], pelo contrário, imensamente se desvanecia e a qual honrava, desentranhando do olvido para enaltecê-los, os feitos de muitos de seus representantes; investigador paciente, cultor carinhoso de nossas tradições, zelando avaramente nossas relíquias artísticas, Manoel Querino foi sobretudo um fanático pela Arte, um extraordinário amigo dos artistas, cujo predomínio almejava, querendo-os todos bem colocados, sobressaindo às demais classes.

Devia ter desafetos, por que era um gênio franco e altivo, mas ante os esplendores da justiça não podem subsistir os fogos fátuos dos despeitos e malquerenças, tanto mais quanto se trata de um vulto digno de admiração e de todas as homenagens pela sua tenacidade, pelo arrojo com que desbravou todas as dificuldades da origem humilde para ser, como foi, um grande lutador, espírito combativo, perseverante e vitorioso no gênero de investigações a que se dedicou. Com tais títulos, além dos que já lhe reconheceu a assembleia a que acima aludi, bem pode fazer jus Manoel Querino a que o Lyceu lhe coloque o retrato entre os que têm dignificado.

É um dever que se lhe impõe e pelo qual, em me favorecendo a saúde, hei de me bater com a firme convicção de estar procedendo com acerto e justiça.

O obituário destaca o “grande acompanhamento” que compareceu a seu enterro:

O seu enterramento realizou-se ontem, à tarde, no cemitério da Quinta dos Lázaros, com grande acompanhamento, comparecendo ao saimento fúnebre o dr. Intendente municipal. Dr. Secretário da Agricultura e o representante do dr. Secretário da Polícia e Segurança Pública.

À beira do seu túmulo proferiram palavras de saudades o major Cosme de Farias, em nome do ‘Centro Operário’; Antonio Vianna, em nome do ‘Instituto Geográfico e Histórico’; prof. Oséas Santos, em nome da ‘Escola de Belas Artes’.

12 Francisco Miguel Chaves foi ex-aluno do liceu e secretário e vice-presidente dessa instituição, entre outros cargos. (LEAL, 2004, p. 292, nota 649)

Sobre o seu túmulo foram depositadas muitas coroas e capelias [sic] com sentidas inscrições. (O DEMOCRATA, 15 fev.1923, p. 2)

Obituários de Querino não foram encontrados em jornais santamarenses, mas *A Ordem* de Cachoeira (publicada nas quartas-feiras e nos sábados) divulgou a notícia de sua morte no dia 21 de fevereiro de 1923, na primeira página, com um viés claramente trabalhista:

MORREU O PROFESSOR MANUEL QUERINO

A Bahia acaba de perder um dos seus vultos mais simpáticos e uma de suas figuras mais distintas.

Operário nasceu, tornou-se operário e operário morreu.

Nos últimos anos de sua existência, não importava ter deixado os seus aparelhos e instrumentos de profissional, porque operário continuou a ser, sempre cercado das melhores estimas e considerações do povo.

Era assim o professor Manuel Querino, um dos vultos mais queridos da Bahia.

Pesquisador devotado das coisas do passado da pátria, Manuel Querino tornou-se a fonte mais limpa de informações para todos. Contava cerca de 72 anos e seu enterramento foi a derradeira prova das simpatias públicas para com o chorado morto.

A morte de Manuel Querino ocorreu no dia 14 do corrente.

Por essa perda bastante sentida, os nossos pêsames à Bahia.

A única nota publicada em jornais brasileiros fora da Bahia, nos periódicos disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional,¹³ apareceu na segunda página de *A Noite*, do Rio de Janeiro, no dia 17 de fevereiro de 1923. Aqui, Querino é lembrado com mais destaque que o professor de Medicina Oscar Freire de Carvalho, um discípulo de Nina Rodrigues, falecido em São Paulo no dia 11 de janeiro:

13 Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>. Acesso em: 14 nov. 2019.

DUAS PERDAS SENSIVEIS PARA O MAGISTERIO BAHIANO

Homenagem à memória dos professores Oscar Freire e Manoel Querino BAHIA, 15 (Retardado) (Serviço especial de *A NOITE*) – Com grande acompanhamento realizou-se, ontem, à tarde, no cemitério de Quintas, o enterro do professor Manoel Querino. Falaram, à beira do tumulo o major Cosme Farias, o bacharel Martinho de Souza, o professor Oscar Santos e o Sr. Antonio Vianna.

O ‘Diario da Bahia’, lembra como homenagem ao morto, que se dê à rua do Lyceu o nome de Rua Manoel Querino.

A Escola Polytechnica realizará hoje, à noite, uma sessão magna em homenagem à memória do professor Oscar Freire.

Diferentemente de Booker T. Washington, Manuel Querino foi muito feliz em relação a seus biógrafos, que sempre foram amigos pessoais ou admiradores. Nem sempre foi tão feliz em relação aos autores de apresentações de suas obras, nas edições impressas após sua morte.

A primeira biografia de Querino de que temos conhecimento é o ensaio da autoria de um amigo, J. Teixeira Barros (1863-1933), com data de maio de 1916, que serviu de introdução a seu livro *A Bahia de outrora*, Barros foi jornalista e escritor. (VIANNA, 1928, p. 305) Entre outros textos, produziu um ensaio fundamental sobre “A pesca da baleia na Bahia”, publicado na *Revista do Norte*, vol. 1, nº 1. (CASTELUCCI JUNIOR, 2008, p. 188) Segundo seu próprio depoimento, foi abolicionista militante. Em seu ensaio biográfico, informa que “Conhecemos Manuel Querino, em 1887, quando mais perseverante era a campanha abolicionista, e em uma das sessões da Sociedade Libertadora Baiana, reunida na sala de redação da Gazeta da Tarde [...]”. (BARROS, 1922, p. iii) Publicou ensaios na *Revista do Instituto Histórico da Bahia* (CALMON, 1949, p. 134) e foi sócio da revista e do próprio IGHB. Barros foi convidado por Bernardino de Souza a proferir a palestra na ocasião da instalação do retrato de Querino na galeria de honra do IGHB, mas, por conta “de seu excessivo retraimento”, revidou a intimação, indicando o nome de Antônio Vianna. (VIANNA, 1928, p. 305) Como vimos no capítulo anterior, sua contribuição à publicação póstuma de *A arte culinária na Bahia* foi fundamental.

Podemos considerar o texto de Barros uma biografia autorizada, uma vez que faz parte de um livro da autoria de Querino, e uma fonte fundamental

para futuros biógrafos. Barros destaca as origens do biografado: “Em berço humilde, porém laborioso e honrado, nasceu Manuel Raymundo Querino, aos 28 de julho de 1851, na vizinha cidade de Santo Amaro, neste estado”. (BARROS, 1922, p. iv) Também faz questão de traçar os fatores e aspectos da ascensão de Querino de pintor decorador a educador e escritor, seus estudos, prêmios, atividades profissionais, pedagógicas e políticas, e termina com uma relação dos trabalhos publicados até aquela data, indicando que outro livro, *Costumes africanos*, estava em preparação, “obra esta de certo vulto e que muito recomendará o autor ao apreço público e aos aplausos dos competentes”. (BARROS, 1922, p. vii)

Outro texto biográfico de inestimável valor é a palestra proferida pelo jornalista e poeta Antônio Vianna durante a “sessão magna do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a 13 de Maio de 1928, quando foi colocado na galeria de honra o retrato do reputado rebuscador de tradições”. (VIANNA, 1928, p. 305)¹⁴ Depois de narrar os fatos da vida de Querino, Vianna profere palavras que refletem sua admiração pelo finado amigo:

Estuda-se Manoel Raymundo Querino como artista, como homem público, como patriota, como amigo de sua raça, como irmão dos humildes e revelador de bizarras.

Essa multiplicidade de aspectos não se encaixa no mesmo conceito crítico de quem vem tratar de individualidade de tantas faces [...]

Se não figurou nas galerias imortais dos pintores ou nos arquivos diletos dos executores clássicos, nem por isto deixou de revelar aquelas qualidades que o elevaram à estima julgadora dos seus coevos. (VIANNA, 1928, p. 310)

Vianna (1928, p. 310) também destaca o acesso privilegiado do qual Querino gozava como observador participante dos terreiros de Candomblé:

Do seu berço humilde trouxe a simplicidade de modos e o contato com as coisas comuns de que soube tirar atrativos surpreendentes. Sua obra de observação, trabalhada, dia a dia, no seio da gleba,

14 O retrato colocado na galeria de honra na ocasião da palestra de Vianna não consta mais no acervo do IGHB. Ver GLEDHILL (2011a).

isto nos revela. Onde acharia outro, que não Querino, o ingresso franco, a acolhida cordial, nos refúgios das religiões exóticas cujos prosélitos, ressabiados da insinceridade das elites, vivem encerrados no segredo de sua crença e de seus ritos? Não se lhe fechavam esses repositórios preciosos. Recebiam-no, com a serenidade do amigo, que jamais trairia a confiança.

Em outro momento, afirma: “Quantas vezes lhe ouvi largas considerações, em palestra íntima, sobre a grandeza moral do preto, do africano, que, escravo, molestado e sem direitos, encarava o cumprimento do dever fanaticamente”. (VIANNA, 1928, p. 311)

Finalmente, caracteriza Querino como um “Homem de ação, homem de vigor, homem de iniciativa” que “teria chegado a constituir, por si, uma biblioteca interessante, onde os estudiosos viessem beber conhecimentos, porventura, inéditos para quem se julga justamente douto em outros ramos do saber”. (VIANNA, 1928, p. 316) E conclui: “Há de permanecer admirado na memória dos pósteros, íntegro pela honestidade com que soube investigar, exemplar na exatidão do dever, inexcedível na modéstia, que mais relevo deu no seu valor, de que esta homenagem, de agora, é sereno julgamento”. (VIANNA, 1928, p. 316)

Lançado no mesmo ano (1928), *A arte culinária na Bahia*, a obra póstuma de Querino e um dos dois trabalhos pelos quais ficaria mais conhecido¹⁵ traz um prefácio da autoria de Bernardino de Souza. Intitulada “À guisa de prefácio” – “em torno da geografia da alimentação”, trata-se do texto de “considerações” lidas em sessão do IGHB pelo seu secretário perpétuo. No começo, Bernardino caracteriza o autor como “meu velho amigo professor Manuel Querino, indefeso investigador de nossas coisas passadas”, mas o texto em si trata de estudos culinários em geral e passa longe da vida do pesquisador.

A primeira biografia de Querino, intitulada *Prof. Manuel Querino, sua vida e suas obras*, é um opúsculo de 34 páginas lançado em 1932. O autor,

15 A terceira edição de *A arte culinária da Bahia* foi lançada em 2011, organizada por Raul Lody. É o único livro de Manuel Querino que não estava esgotado em fevereiro de 2014.

Gonçalo de Athayde Pereira também produziu obras sobre as lavras diamantinas de Lençóis e o município do Rio das Contas. A “carta-prefácio”, com data de 24 de maio de 1932, é da autoria de J. Teixeira Barros, que afirma:

Singular e, por isso mesmo, credora de apreçados encômios é a iniciativa espontânea e intemerata do amigo, ao exaltar, nestas páginas, tão cheias de sinceridade, o perfil de um homem do valor moral de Manuel Raymundo Querino, que se não amolgava a caprichos inconciliáveis.¹⁶

Não quis o nobre escritor que a densa penumbra de injusto olvido envolvesse, de todo, a memória do modesto operário que tanto propugnou a distinção da classe obreira, do mesmo tempo que a concitava a interessar-se pelos momentosos ideais de alcance social e político, conducentes à felicidade pública.

A sua palavra ponderada e singela sempre se fez ouvir nas sociedades e agremiações operárias, traçando roteiros e diretrizes, por onde se deveram encaminhar aos seus ambicionados destinos. Em ocasiões oportunas recorria à imprensa, ora veladamente, ora com a responsabilidade individual. Por isso, envolvia-lhe o vulto ampla aura de popularidade. (PEREIRA, 1932, p. i, grifo nosso)

Aqui, Barros discorre sobre o sentido da popularidade, tecendo uma comparação com “o famoso tribuno César Zama”. (PEREIRA, 1932, p. ii) No final da “carta-prefácio”, Barros caracteriza a vida de Manuel Querino como “agitada e febril, pontuada de agruras acerbadas e amargas decepções”, e conclui:

O estimado amigo pode repetir, de si consigo, a expressiva sentença de Montalembert:

Au milieu des découragements, des hésitations, des apostasies qui nos assiègent, que du moins notre voix et notre vie restent d'accord avec notre passé.

*Manet immota fides.*¹⁷

16 Aqui, o autor insere uma nota de rodapé que informa: “A Tarde de 7 de Junho traz importante estudo crítico do alumiado publicista Dr. Carlos Chiacchio, em o qual há referências justas e elogiosas à memória de Manuel Querino como literato e artista”. (PEREIRA, 1932, p. i)

17 “Em meio dos desencorajamentos, hesitações e apostasias que nos rodeiam, pelo menos, as nossas vozes e nossas vidas estão de acordo com o nosso passado. A fé permanece inabalável” (PEREIRA, 1932, p. ii, tradução nossa)

O livro também contém um apêndice importante, uma carta da autoria de Bernardino de Souza, secretário perpétuo do IGHB, lembrando que o retrato de Querino foi “inaugurado juntamente com o do sábio brasileiro Nina Rodrigues, na Galeria dos nossos homens ilustres” em 1928. Para deixar clara a estima em que Querino era mantido por seus contemporâneos e colegas, Bernardino observa: “Bem sabe que foram eles, até agora na Bahia, os dois maiores estudiosos da raça africana. Recebo constantemente do Rio, de S. Paulo e de outros Estados do Brasil, pedidos de informação a respeito dos seus trabalhos”. (PEREIRA, 1932, p. 34)

Gonçalo de Athayde (PEREIRA, 1932, grifo nosso), na primeira página da biografia, caracteriza Querino como “artista, funcionário público, modesto, trabalhador, sempre prazenteiro, *altivo* e, sobretudo, cumpridor de seus deveres funcionais”, e afirma que “Viveu, na sua pobreza honrada, cuidando da educação dos seus quatro filhos, com o desejo de proporcionar a cada um deles uma arte ou um ofício para a garantia do futuro”. (PEREIRA, 1932, p. 3)

Mais adiante, explica que falara da vida de Manuel Querino e sua “ação funcional, sem tratar de sua biografia” porque essa deveria ser do conhecimento de todos, “já tantas vezes tem sido publicado em jornais e revistas que correm o mundo em memórias e folhetos, como homenagem póstuma de seus amigos e admiradores, e onde publicistas de renome aqui e fora do Estado, estudaram-no e apreciaram-no por vários prismas, qual e qual mais interessante e sincero”. (PEREIRA, 1932, p. 21) Acrescenta uma relação dos personagens que dele falaram, entre eles Miguel Calmon, Braz do Amaral, Torquato Bahia, o próprio Gonçalo de Athayde, Cosme de Farias, João de Barros, Theodoro Sampaio e Bernardino de Souza. (PEREIRA, 1932,)¹⁸ Estende um convite a futuros biógrafos, insistindo que suas “toscas linhas” não chegavam a ser “trabalho que consubstancie em regra os fatos importantes da vida simples de Manuel Querino e do importante papel que desempenhou no decurso de sua existência, muitas vezes cheias

18 Athayde Pereira (1932, p. 21) está se referendo a “A Manuel Raymundo Querino: homenagem dos seus admiradores e amigos no 30º dia do seu falecimento”, um título lançado na Bahia em 1923 que só encontramos nas bibliografias.

de acidentes e cujos males decorrentes sabia sofrer com paciência evangélica e resignação de um crente como ele o fora”. (PEREIRA, 1932, p. 25) E relata a triste história de um fato ocorrido após sua morte que muito bem ilustra os “acidentes” e os “males decorrentes” que Querino sofreu em vida:

[...] Prof. Manuel Querino se propusera a um dos prêmios Caminhoá, sendo que nesse ano, foram quatro os pretendentes, de sorte que a quantia a ser distribuída foi dividida pelos quatro Candidatos: Dr. Bernardino de Souza, Dr. Borges de Barros, Eng. Sílio Boccanera Filho e Prof. Manuel Querino. O parecer dos papéis de Manuel Querino foi dado pelo Eng. Theodoro Sampaio. Todos os outros receberam a quantia que lhes coube, menos Querino por terem consumido os seus papéis, com parecer favorável, os quais não chegaram ao Tesouro. A viúva nem seus filhos receberam a quota que cabia ao candidato Manuel Querino. Governava o Estado o Dr. J.J. Seabra. Secretário do Interior Dr. Landulpho Medrado. Comissão julgadora: Theodoro Sampaio que foi o relator dos mesmos papéis de Querino. Junqueira Ayres, presidente, e Braz do Amaral. Foi mais uma desilusão para o artista e escritor a se ajustar às demais sofridas e também digna de registro. (PEREIRA, 1932, p. 25-26)

Outras afrontas póstumas viriam, algumas sutis e outras abertas. Em seu prefácio à antologia da obra de Querino intitulada *Costumes africanos no Brasil*¹⁹, Artur Ramos (1938, p. 5) afirma: “Dentro do longo período de silêncio que desabou sobre a obra de Nina Rodrigues – quase dois decênios! – a única voz que se levantou, cheia de entusiasmo e de emoção, em defesa do Negro brasileiro, foi a de Manuel Querino, na Bahia, falando da contribuição do africano à civilização brasileira”. Mas já no segundo parágrafo, Ramos (1938, p. 5) menospreza Querino: “Sem o rigor metodológico e a erudição científica de Nina Rodrigues, foi, contudo, Manuel Querino um pesquisador honesto, um trabalhador incansável, impulsionado por aquele interesse insuspeito que provinha de suas próprias origens africanas”.

19 *Costumes africanos* reúne as seguintes obras de Querino: *A raça africana e seus costumes na Bahia*, *O colono preto como factor da civilização brasileira*, *A arte culinária na Bahia* e “Notas de folk-lore brasileiro”, textos selecionados de *A Bahia de outrora*.

Concorda com João Ribeiro que *A raça africana e os seus costumes na Bahia* era “um dos mais consideráveis que temos sobre a raça africana no Brasil”, “Porque, apesar das falhas, e algumas de certa gravidade, que tiram a esse trabalho o cunho rigorosamente científico, ele permanece como um dos marcos mais sólidos de documentação honesta sobre o Negro no Brasil”. (RAMOS, 1938, p. 6)

Mesmo assim, segundo Ramos, Querino teve acesso a informações que escaparam ao olhar de Nina Rodrigues, uma vez que o “modesto professor negro” estava cercado por “velhos africanos, pais e mães de santo” no Gantois e na sua residência no Matatu Grande. Narra sua vida e cita Gonçalo de Athayde quando reconta um episódio de sua vida pública que o levou a perder a reeleição como vereador e observa, “E assim foi toda a sua vida. No seu modesto cargo de 3º oficial da Secretaria da Agricultura, sofreu os mais incríveis vexames”. Conclui: “Manuel Querino foi bem o símbolo deste tipo de funcionário médio, trabalhador e cumpridor dos seus deveres, mas sem as regalias desta coisa incrível que no Brasil foi batizada com o nome de *pistolão*. Dito simplesmente, Manuel Querino foi um funcionário sem pistolão”. (RAMOS, 1938, p. 11)

Para finalizar a saraivada contra a credibilidade “científica” de Querino, com um golpe de misericórdia, Ramos (1938, p. 15, grifo nosso) explica:

Muito haveria de discutir e retocar nestes ensaios de Manuel Querino. Os estudos de africanologia tomaram em nossos dias um rumo vertiginoso. Os métodos se aperfeiçoam e há a preocupação dos herdeiros da Escola de Nina Rodrigues em manter as rígidas tradições da escola, no setor dos estudos negro-brasileiros. Manuel Querino, *autodidata*, trabalhando com independência metodológica, sem ligações diretas com as tradições da Escola Bahiana, deixou-se resvalar em falhas e senões que de certo modo tiram a alguns de seus trabalhos, o exato sabor científico.

Mas o médico psiquiatra e etnólogo alagoano não tira todo o mérito do autor da coletânea:

Estas falhas convertem-se em mérito, porém, se atentarmos nas condições deficitárias em que trabalhou e pesquisou, sem quaisquer meios de ajuda, sem estímulos do ambiente, isolado com os seus segredos e as suas decepções. Fugiu para o estudo dos da sua raça, como uma evasão. No recôndito dos candomblés, auscultando os velhos pais de terreiro do Gantois, ele voltava as costas a um mundo que lhe fora quase hostil. (RAMOS, 1938, p. 15)²⁰

As palavras de Ramos lembram um desabafo do historiador afro-americano John Hope Franklin, citado em relação a Querino por E. Bradford Burns: “O mundo do estudioso negro é de uma solidão sem conta e ele deve, de alguma maneira, buscar a verdade nesta vereda solitária, enquanto certifica-se de que suas conclusões são validadas pelos padrões universais desenvolvidos e mantidos por aqueles que, por muitas vezes, deixam de reconhecê-lo”. (RAMOS, 1938 apud BURNS, 1974, p. 81, nota 16)

O prefácio à terceira edição de *A Bahia de outrora*²¹, da autoria do estudioso, linguista e etnólogo Frederico Edelweiss, é mais solidário. Escrevendo em 1946, um ano antes de Querino ser postumamente acusado de plágio por Carlos Ott, o intelectual gaúcho afirma:

Manuel Querino foi a estranha resultante das suas aspirações sociais reacionárias e do seu pendor para os estudos tradicionalísticos. Nas primeiras estava fadado ao fracasso. Quanta vez deve ter ouvido a frase feita e ainda corriqueira: ‘Este negro não se enxerga!’ As reivindicações a favor dos seus irmãos de raça haviam de trazer-lhe simpatias e desafetos; mais desafetos. (EDELWEISS, 1946, p. 1)

20 Não cabe aqui uma análise detalhada das “falhas” que Ramos encontrou no trabalho de Querino, mas tivemos a oportunidade de analisar sua crítica à identificação étnica que o pesquisador baiano fez dos africanos na Bahia, e descobrimos que em vez de estar errada, como Ramos alega, baseia-se na autoidentificação dos africanos. (GLEDHILL, 2010)

21 Existem duas “terceiras edições” de *A Bahia de outrora*: a primeira, lançada em 1946, com prefácios de Edelweiss e Barros e anotações de Edelweiss; e a segunda, com os mesmos prefácios, ilustrada por Carybé e Ligia, lançada em 1955 pela Editora Progresso, numa série de obras de Querino que incluiu *A arte culinária na Bahia* (1951) e *Bailes pastoris* (1957).

O ano 1949 viu o lançamento da segunda edição de *História da literatura bahiana*, de Pedro Calmon,²² que traz esta comparação entre Nina Rodrigues e Querino:

Curioso é notar que, sendo africanista, [Nina Rodrigues] não foi africanófilo. Ao contrário, polvilhou de pessimismo, marginou de comentários sóbrios, os seus ensaios, não querendo perpetrar a política de lisonjear o elemento étnico que estudava, nem ter a originalidade de o sobrepor às outras influências sociais. Caberia a Manuel Querino insistir, não só na defesa, porém na reivindicação espiritual do negro, como fator de progresso; *ele próprio, um desses esplendidos artistas pretos que dissipam, com o seu caso pessoal, os preconceitos correntes sobre a inferioridade da raça.* (CALMON, 1949, p. 154, grifo nosso)

Lançada em 1955, *A raça africana...* faz parte da série de obras de Querino publicadas pela Editora Progresso, e traz um novo prefácio da autoria do proprietário dessa editora, o “empresário, editor, professor universitário, administrador e amante dos livros” Pinto de Aguiar. (TAVARES, 2011, p. 9) Este baseia seu texto principalmente no prefácio de Ramos, mas traz sua própria perspectiva. Começa com a seguinte afirmação – “A contribuição de Manuel Querino, para o estudo da posição do grupo africano, na nossa cultura, é destas que não pode ser esquecida ou subestimada” – mas no parágrafo seguinte, chega a subestimar o próprio Querino (1955, p. 5):

Superadas embora as suas conclusões, oriundas de um espírito de curioso autodidata, sem formação científica, e sem intuição metodológica, têm as suas observações o valor inestimável de haverem sido colhidas num instante em que o fenômeno da miscigenação racial e da aculturação, ainda não tinham, de certo modo, tirado aos seus costumes, ritos e tipos humanos, a pureza, ou pelo menos uma grande aproximação, dos padrões e fontes originárias.

Assim como Vianna e Ramos, Pinto de Aguiar destaca o acesso privilegiado que Querino teve aos recintos mais recônditos da cultura afro-baiana por sua postura respeitosa em relação aos seus irmãos de cor:

22 A primeira edição foi lançada em 1902.

[...] A sua ascendência africana, e a atitude de profunda simpatia e compreensão pelas crenças, hábitos e destinos dos seus irmãos de sangue, tornavam-lhe acessíveis os meios mais esotéricos dos cultos e das famílias negras, permitindo-lhe a coleta na fonte, deste imenso manancial de informações que nos transmitiu, na simplicidade de sua prosa desconchavada e pitoresca. (QUERINO, 1955, p. 5)

Pinto de Aguiar concorda com a observação de Ramos que, nesse aspecto, o trabalho do “grande negro baiano” seria “mais valioso, como conjunto de observações, que o do sábio maranhense [Nina Rodrigues]”. (QUERINO, 1955, p. 6) E conclui o prefácio reforçando a imagem do “humilde professor negro, do artista devotado ao seu trabalho, do exemplar chefe de família e amigo dedicado, do defensor das causas dos trabalhadores e operários do seu nível, do estudioso das questões do Negro no Brasil”. (QUERINO, 1955, p. 11)

Em 1969, Jorge Amado lançou *Tenda dos milagres*, um romance que, entre vários assuntos, relata o embate entre o bedel e pesquisador mestiço Pedro Archanjo e seu arqui-inimigo, Nilo Argolo, lente da Escola de Medicina (2008). Apesar de ter ouvido algumas divergências de opinião no meio acadêmico quanto à inspiração para o último, concordo com João Reis que tenha sido Nina Rodrigues. (REIS, 2008b, p. 295) Quanto à inspiração de Pedro Archanjo, o próprio autor explica: “[...] é a soma de muita gente misturada: o escritor Manuel Querino, o Babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim, Miguel Santana Obá Aré, o poeta Artur Sales, o compositor Dorival Caymmi e o alufá Licutã (da revolta dos Malês) – e eu próprio, é claro”. (AMADO, 1992, p. 139) Segundo Reis (2008b, p. 295), “o lado ‘intelectual’ e militante” do personagem “foi inspirado no mestiço Manuel Querino [...]”.

Em 1973, o Centro de Estudos Afro-Orientais ofereceu um curso de extensão intitulado *A Vida e a Obra de Manuel Querino*, durante o qual o historiador e jornalista Jorge Calmon pronunciou uma palestra intitulada *Manuel Querino, o jornalista e o político*. Mais tarde, a palestra seria publicada como artigo pelo Centro de Estudos Afro-Orientais, em maio de 1984, e um livro reproduz o mesmo texto, intitulado *O vereador Manuel Querino*, lançado pela Câmara Municipal de Salvador em 1995. (CALMON, 1984, 1995) Este ensaio fornece dados antes omitidos nas biografias de Querino,

como os nomes de José Joaquim dos Santos Querino, que lhe deu seu sobrenome, e Luzia da Rocha Pita. (CALMON, 1995, p. 16) Também informa que Querino teria ido para o Piauí “em companhia de um sobrinho de seu tutor”, Manuel Correia Garcia. (CALMON, 1995, p. 17)

Calmon destaca seu trabalho como abolicionista militante, observando que se situou “em segundo plano”, não chegando a “ombrear-se [...] com os grandes condutores da opinião, nessa campanha”, como Ruy Barbosa e Eduardo Carigé (CALMON, 1995, p. 17-18), mas, por outro lado, explica que “Manuel Querino não figurava, certamente, entre os negros e homens de cor que, livres das peias da escravidão, combatiam, na Bahia de seu tempo, a campanha pela Emancipação, formando o que Luís Anselmo qualificou de ‘uma verdadeira força contrária à liberdade’” (CALMON, 1995, p. 18) Calmon (1995, p. 20) destaca a aparência “serena e afirmativa” de Querino e o retrato do intelectual negro instalado na galeria de honra do IGHB. Também chama a atenção para o papel ativo e militante que desempenhou no jornalismo e no movimento operário, e conclui citando *O colono preto como factor da civilização brasileira*, afirmando que esta frase “ajusta-se como uma luva, à pessoa mesma de Manuel Raimundo Querino” (CALMON, 1995, p. 32):

Quem quer que compulse a nossa história certificar-se-á do valor e da contribuição do negro na defesa do território nacional, na agricultura, na mineração, como bandeirante, no movimento da independência, com as armas na mão, como apreciável elemento na família, e como o herói do trabalho em todas as aplicações úteis e proveitosas. (QUERINO, 1918, *apud* CALMON, 1995, p. 32)

Voltando às apresentações a trabalhos de Querino, as edições mais recentes apresentam uma imagem muito mais positiva e menos paternalista do autor. Na sua apresentação à segunda edição de *Costumes africanos no Brasil*, lançado em 1988 para comemorar o centenário da abolição, Thales de Azevedo (1988, p. 8) assim o caracteriza:

O despretenso autor, que não assume falsos ares de teórico, mas se junte ao visto e verificado e opina com experiência de observador reto, fixa aspectos essenciais dos fenômenos que acompanhava [...] Não empregando terminologia somente mais

tarde desenvolvida com a interpretação de certos dados, já mostra perceber – às vezes sob a designação francesa de aclimatação, de influência possivelmente positivista – a aculturação e reinterpretação que viriam a ser objeto, muitos anos depois, de elaborações de teóricos condenadas por Herskovits. Mesmo quando se engana, por exemplo, ao relacionar determinadas crenças com o espiritismo ou o islamismo, revela que entevê fenômenos que se esboçavam e assumiriam, ao correr dos anos, relevância capital para a compreensão da mundivivência afro-brasileira.

Thales afirma que as observações de Querino anteciparam a Antropologia desenvolvida por Tylor, Boaz e Kroeber, e explica que Nina Rodrigues sofreu a influência de expoentes de preconceitos como Topinard, Haeckel e Lombroso. (AZEVEDO, 1988, p. 8) Enfim, Querino estaria retomando seu lugar entre os fundadores da antropologia brasileira. Já no seu prefácio, o organizador, Raul Lody, destaca a formação intelectual de Querino, “segundo padrões europeus, especialmente franceses”, que não o impediram de se aproximar do “cotidiano afro-soteropolitano de um mundo marcado e indivisível de matrizes africanas e portuguesas”. (AZEVEDO, 1988, p. 11) Lody caracteriza Querino como um “etnólogo prático” que observou e anotou “com sensibilidade e detalhamento humanista” (AZEVEDO, 1988, p. 11), e também insere a obra do pesquisador baiano entre os trabalhos fundamentais, “base de muitos e muitos outros trabalhos a partir das ‘descobertas’ e ‘revelações’ do autor de *Costumes africanos no Brasil*”. (AZEVEDO, 1988, p. 11)

Na terceira edição de *Costumes africanos no Brasil*, lançado em 2010 com um novo prefácio da autoria de Wilson Mattos e Marluce de Lima Macêdo, Querino é caracterizado como um “intelectual negro baiano”, e a reedição dessa obra como

Uma iniciativa relevante e necessária no atual contexto brasileiro, quando as temáticas relativas às populações negras, suas histórias, experiências e conhecimentos, passam a fazer parte de modo mais substantivo das preocupações que envolvem, por um lado, o processo de construção de políticas pública de ação afirmativa, e por outro, a necessária reconfiguração dos pressupostos que fundamentam a prática acadêmica, sobretudo no que diz respeito à formação de professores. (MATTOS; MACEDO, 2010)

Os organizadores dessa nova edição, hoje esgotada, consideram essa obra um “importante ‘clássico’ no campo dos chamados ‘Estudos de populações negras no Brasil’, dado o seu pioneirismo e a sua singularidade em relação ao tratamento (ou ausência do mesmo) que era dedicado a essa temática quando da primeira edição da obra, em 1938, organizada por Arthur Ramos”. (MATTOS; MACEDO, 2010) Poderíamos estender esse pioneirismo até as datas em que as obras reunidas nessa coletânea foram lançadas, entre 1916 e 1928²³.

Uma das biografias mais recentes de Querino é a que Jaime Sodré lançou em 2001, *Manuel Querino: um herói da raça e classe*, numa edição bilíngue (português/inglês). Sodré destaca a polêmica surgida em 1947, quando Carlos Ott²⁴ acusou Querino de plágio porque teria incorporado em *Artistas bahianos*, dados obtidos de um documento anônimo de 16 páginas (em tamanho 34,5 x 33 cm) sem citar a fonte. (OTT, 1947, p. 197-198) Encontrado por Ott na Biblioteca Nacional, o manuscrito cita 23 pintores e 15 escultores, enquanto em *Artistas bahianos* estão citadas 216 “indicações biográficas”. Em seu artigo, intitulado “Manuel Raymundo Querino: o primeiro historiador da arte baiana”, Eliane Nunes também abordou essa questão e destacou a maneira preconceituosa e incorreta com que Ott caracteriza Querino, um “simples oficial mecânico (pintor de paredes; posteriormente professor de desenho)” (NUNES, 2007, p. 244; OTT, 1947, p. 201), sem levar em consideração que, além de começar sua vida profissional como pintor decorador

23 Ver nota 18.

24 Karl Borromaeus Ott (1908/1997), conhecido no Brasil como Carlos Ott, nasceu em Bieringen, na Alemanha. Diplomado em Filosofia pela Antonianum de Urbee, Alemanha em 1937 e membro da Ordem dos Franciscanos, largou a batina ao chegar à Bahia no final dos anos 1930. (FREIRE, 2013; GILFRANCISCO, 2009) Aqui, dedicou-se aos estudos de História, Arqueologia, Etnologia e História da Arte, e foi professor-fundador da Faculdade de Filosofia da UFBA (MONTEIRO, 2007) e pesquisador do Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN). (OTT, 1947, p. 197)

(muito diferente de um simples “pintor de paredes”)²⁵, estudou com um artista plástico espanhol de formação europeia e cursou desenho e arquitetura na Escola de Belas Artes.

Por outro lado, Emanuel Araújo (1988, p. 9; 2010, p. 15), na sua apresentação ao livro *A mão afro-brasileira*, afirma que Querino foi um dos raros exemplos de “pesquisadores do passado que se preocuparam com a etnia do artista”. Segundo Araújo (1988, p. 9; 2010, p. 15):

O baiano Manoel Querino – escritor, pesquisador e jornalista negro – foi, de certa forma, o pioneiro destes estudos, obviamente limitados à Bahia. Muitos críticos contestam a obra de Querino, pela imprecisão de dados e atribuições não comprovadas historicamente, mas a verdade é que ele preservou nomes e referências importantes que certamente teriam caído no esquecimento, não fora a sua iniciativa.

Já em seu livro *A talha neoclássica na Bahia*, Luiz Alberto Ribeiro Freire consagrou Manuel Querino como um dos três pioneiros da história da arte baiana, junto com Marieta Alves e o próprio Carlos Ott. (FREIRE, 2006, p. 85)

As pesquisas biográficas de Maria das Graças Andrade Leal que resultaram na tese *Manuel Querino; entre letras e lutas (1851-1923)*, defendida em 2004, e no livro homônimo lançado em 2009, fornecem a visão mais ampla e detalhada da vida e obra de Querino produzida até hoje. Fruto de uma pesquisa minuciosa que a própria autora caracteriza como um “trabalho de garimpagem, interpretação, narração, a partir do próprio testemunho que fixou em seus escritos” (LEAL, 2009, p. 419), essa obra enfoca os aspectos da vida e obra de Querino relacionados ao jornalismo, o movimento trabalhista e a vida política. Segundo Leal, “Manuel Querino permanece vital.

25 Segundo Luiz Alberto Ribeiro Freire (comunicação pessoal, fev. 2014), um pintor decorador podia pintar paredes monocromáticas, mas também produzir desenhos, antecipando o papel de parede estampado, e pintava cenas decorativas, seguindo uma tradição antiga, exemplificada pelos murais de Pompeia. Vemos exemplos desse tipo de pintura decorativa nas paredes de casarões baianos, como a atual sede da Casa de Angola, e na Casa da Câmara de Salvador. Segundo o próprio Querino, ele também ajudou Miguel Navarro y Cañizares a pintar um pano de boca para o teatro São João e foi responsável pela pintura “do pano de boca de um pequeno teatro, com 20 palmos por 16”. (QUERINO, 1911, p. 148)

O conteúdo dos seus 71 anos de existência continuará a ser interrogado e desbravado [...]”. (LEAL, 2009, p. 419)

Destacamos também o notável trabalho do historiador Jaime Nascimento, que visa manter viva a memória de Manuel Querino através da reedição de seus artigos, acompanhados por textos críticos (NASCIMENTO; GAMA, 2009) e da criação e realização de várias edições do Curso Manuel Querino – Personalidades Negras, a partir de 2009, do que resultou o lançamento do livro que reúne trabalhos apresentados na primeira edição do curso. (NASCIMENTO; GAMA, 2012)

Em 1951, o centenário do nascimento de Querino foi comemorado no Rio de Janeiro e na Bahia. As principais entidades baianas que participaram das comemorações foram o IGHB, a Sociedade Protetora dos Desvalidos, a Academia de Letras da Bahia, a Comissão Baiana de Folclore e o Centro Operário da Bahia. Tem recebido várias homenagens no século XXI, entre elas: a biblioteca do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) foi reinaugurada em 2008 como Biblioteca Manuel Querino, por sugestão de Vivaldo da Costa Lima, e realizou um seminário sobre Querino em 2009. O jornal *Correio da Bahia* dedicou a ele a seção especial *Domingo Repórter*, intitulada *Sábio do Povo*, em 16 de fevereiro de 2003 (reeditada com o mesmo título em 2004, em forma de revista na série “Memórias da Bahia II”). Em 2005, um retrato de Querino foi colocado na galeria da Escola de Belas Artes da UFBA. Segundo Freire (2010, p. 526):

Em 12 de dezembro de 2005 a Congregação da EBA inaugurou solenemente o seu retrato pintado pela professora e pintora Maria das Graças Moreira Ramos (Graça Ramos), patrocinado pelo Professor José Dirson Argolo, com uma placa distinguindo-o como fundador da História da Arte Baiana. Na ocasião proferiram palestras dois dos seus biógrafos, o Professor Jaime Sodré e a Professora Maria das Graças Leal.

Para comemorar essa homenagem póstuma, o Caderno Cultural do jornal *A Tarde* usou o retrato, criado por Graça Ramos, para ilustrar a capa da edição de 17 de dezembro de 2005, intitulada *Perfil retocado*. Um dos artigos nessa edição, *Descuido corrigido*, por Luiz Alberto Ribeiro Freire (2005), cita estas palavras do historiador de arte, Clarival do Prado Valladares:

Antes que a denúncia de C. Ott continue deteriorando a memória de Querino, será justo indagar-se se a utilização de um ‘texto anônimo’, limitado e incompleto, aproveitado por um autor nos fins dos oitocentos e começos dos novecentos, como subsídio de uma obra que se estende muito além do documento é, em verdade, um ato doloso. Querino entendeu-o como documento de uma tradição local, que ele procurou ordenar e fixar, permitindo aos pós-teros melhor aproximação de estudo ao passado, mesmo ao preço da correção dos erros daqueles que fazem os primeiros caminhos, as primeiras pontes, a primeira luz do conhecimento.

Mais recentemente, em 23 de setembro de 2013, o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) fez uma homenagem a Querino na sua sede, no Centro Administrativo da Bahia, com a participação de Maria das Graças de Andrade Leal e desta autora.

Graças a esses e outros esforços recentes de resgatar a memória de Manuel Querino, este intelectual negro baiano está começando a recuperar o prestígio de que gozou em vida. No entanto, é um esforço que precisa ser constante, uma vez que Querino foi “redescoberto” no Brasil por Artur Ramos na década de 1930 e novamente na ocasião do centenário seu nascimento, em 1951, pela Câmara de Vereadores de Salvador. Já vimos como, nas décadas que se seguiram à sua morte, o pesquisador e educador modesto, mas de “gênio franco e altivo” (CHAVES, 1923) passou a ser caracterizado como um “humilde professor negro”. (AGUIAR, 1955, p. 11) Ainda hoje, como observamos na introdução, quando Querino é lembrado pelo grande público é como um “autodidata”, que, para muitos, é sinônimo de iletrado, ainda mais quando se trata de um negro que viveu no final do século XIX e início do século XX.

4

Leituras sobre Booker T. Washington no Brasil¹



A autobiografia mais conhecida de Booker T. Washington, *Up from Slavery*, foi serializada em *The Outlook*, revista semanal sediada na cidade de Nova York, entre 3 de novembro de 1900 e 23 de fevereiro de 1901, antes de ser lançada na forma de livro pela editora Doubleday, Page and Company, também de Nova York, em 1901. Embora tenha alcançado renome nacional nos Estados Unidos em 1895, quando seu discurso na Exposição de Atlanta ungiu-o como o sucessor de Frederick Douglass², sete meses após o falecimento do abolicionista, foi o livro *Up from Slavery* que transformou Washington no “negro mais famoso do mundo”. (FISHER, 1915, p. 16)

Nesse mesmo ano, Washington ganhou notoriedade internacional quando aceitou um convite do Presidente da República, Theodore Roosevelt, para jantar na Casa Branca. Tal convite, aparentemente inofensivo, enfureceu aos supremacistas brancos do Sul, para os quais um homem negro sentado à mesma mesa com um homem branco, especialmente o Presidente dos Estados Unidos, juntamente com a primeira dama e família, estabelecia um péssimo precedente para a igualdade social. Além disso, representava o perigo imediato da miscigenação, devido a sua proximidade a mulheres brancas, uma vez que correu o boato, definitivamente desmentido por Davis (2012), de que Alice, a filha adolescente de Roosevelt, também esteve presente, atiçando ainda mais os ânimos dos racistas.

A comoção deflagrada por esse jantar causou um grande revés às tentativas de Washington de administrar uma coexistência pacífica com os supremacistas brancos, que reagem violentamente ao menor sinal de rebeldia

-
- 1 Uma versão deste capítulo foi publicada com o título *Expandindo as margens do Atlântico Negro: leituras sobre Booker T. Washington no Brasil*. (GLEDHILL, 2013a)
 - 2 Frederick Douglass (c. 1818-1895), escravo foragido, depois liberto, abolicionista, orador, jornalista, funcionário público e diplomata, foi considerado o primeiro líder da “nação negra” nos Estados Unidos.

contra a segregação racial³. Porém, o mais duro golpe no prestígio de Washington veio dois anos depois, provocado por um membro de sua própria “nação”, embora com uma trajetória muito diferente: W.E.B. Du Bois censurou a maneira com que Washington abordava as relações raciais e a educação do negro num ensaio intitulado “Sobre o Sr. Booker T. Washington e outros”, editado em sua obra mais conhecida, *As almas da gente negra* (1999b), lançada na cidade de Chicago em 1903.

O objetivo maior deste capítulo é mostrar como os leitores brasileiros, inclusive líderes e intelectuais negros, entraram em contato com a trajetória de vida e a obra de Washington, construindo opiniões ao longo do século XX e início do século XXI. No Atlântico Negro, havia várias maneiras de disseminar o conhecimento no Atlântico Norte e Sul, das mais tradicionais, como traduções e jornais, até inovações tecnológicas como o telefone e o telégrafo. Aprender a ler em português, mais ainda em línguas estrangeiras, era um privilégio de poucos no Brasil do início do século XX, mas em 1916, Manuel Querino deixou claro que sabia de Washington e expressou sua admiração pelo educador afro-americano em termos inequívocos.

Lendo sobre *Up from Slavery* no Brasil

O livro *Up from Slavery* – redigido por um *ghost writer*, o redator de discursos e publicista branco Max Bennett Thrasher, e destinado primordialmente a leitores brancos – apresenta uma “história de Horatio Alger”⁴, ainda mais comovente por se tratar de uma narrativa escrava. Além de consolidar a posição de Washington como líder da comunidade negra,

3 Segundo o Senador Benjamin Ryan Tillman, da Carolina do Sul, alcunhado de “Pitchfork Ben” (Ben da Forquilha): “A atitude de Presidente Roosevelt em receber esse crioulo necessitará que matem os mil crioulos no Sul até que eles aprendam seu lugar mais uma vez” (NORRELL, 2009, p. 246)

4 Horatio Alger Jr. (1832-1899) foi um escritor americano de romances sobre meninos que nasceram pobres e subiram na vida, conseguindo realizar o “sonho americano” com perseverança, muito trabalho, coragem e lealdade.

alavancou a arrecadação de fundos para o Instituto Tuskegee, a escola normal e industrial que ele havia fundado no estado da Alabama em 1881. Foi também responsável por sua fama ao redor do mundo. Essa sua segunda autobiografia logo seria traduzida para várias línguas⁵. A edição francesa de *Up from Slavery* foi lançada em 1904, traduzida com o título de *L'autobiographie d'un nègre*, por Othon Guerlac (1870-1933), cidadão norte-americano de ascendência francesa da Alsácia e formado na França. (COOK, 1955, p. 319-320)

Em 1916, escrevendo na cidade da Bahia, Manuel Querino (1988, p. 23) indaga: “Quem desconhecerá, porventura, o prestígio do grande cidadão americano Booker Washington, o educador emérito, o orador consumado, o sábio, o mais genuíno representante da raça negra na União Americana?”. Como chegou a tal avaliação? É possível que ele tenha lido resenhas da autobiografia no *Diário da Bahia* em 1902⁶. Isso, graças a jornalistas franceses e tradutores que ajudaram a expandir as margens do Atlântico Negro, inicialmente anglófono (GILROY, 1993), e torná-las políglotas e globais, fazendo com que as notícias de Washington e suas atividades nos Estados Unidos e na Europa chegassem ao Brasil e, em especial, a um pesquisador negro do Nordeste. Criado em 1856, o *Diário da Bahia* foi um dos mais importantes jornais soteropolitanos. Na época em que as resenhas aqui discutidas foram publicadas, seu proprietário era o presidente do estado

5 A primeira autobiografia de Washington, *The story of my life and work*, foi escrita por um *ghost writer* negro, o jornalista Edgar Webber. Dirigido a leitores negros, o livro vendeu bem, mas para Washington, sua qualidade deixava muito a desejar. (HARLAN, 1975, p. 243-245) Segundo Harlan, “Se Washington às vezes parecia ser insensível ao papel do autor e suas responsabilidades como tal, foi, em parte, porque ele era um homem público cujo tempo não era inteiramente seu. E ele manteve um controle mais rígido sobre seu *ghost writer* [Thrasher], lembrando-se, talvez, dos equívocos de Edgar Webber”. (HARLAN, 1975, p. 247) Seus *ghost writers* também incluíram Robert Park, que se tornaria um dos fundadores da Escola de Sociologia de Chicago e mentor do antropólogo Donald Pierson.

6 Encontramos exemplares dessas edições do jornal na biblioteca do IGHB.

da Bahia (1900/1904), o político, advogado e jornalista Severino Vieira. (SENADO FEDERAL, 1890)⁷

É difícil determinar, com precisão, quando os brasileiros souberam de Washington. Ao que parece, ele se tornou conhecido neste país por causa do jantar na Casa Branca, do lançamento do livro *Up from Slavery*, e de seu trabalho como educador. Pelo menos dois jornais brasileiros traduziram e publicaram resenhas francesas da edição em inglês de *Up from Slavery*. *O negro da cara branca*, um artigo cujo título antecipa *Pele negra, máscaras brancas*, de Fanon (1967), apareceu na primeira página do *Diário da Bahia* no dia 20 de março de 1902, uma quinta-feira. Essa nota anônima, também publicada com o título *O preto no branco* em *O Paiz* no Rio de Janeiro em 3 de maio do mesmo ano, menciona uma resenha elogiosa da autoria de Augustin Léger. Além de fornecer um resumo de *Up from Slavery*, faz duas menções ao tal escandaloso jantar na Casa Branca, observando que o *Diário da Bahia* já o tinha noticiado. O autor desconhecido conclui a nota assim:

E no meio de todas as indignações e de todas as revoltas que se levantam nos Estados Unidos quando o sabem sentado à mesa do presidente, há uma coisa admirável e verdadeiramente assombrosa: é ver-se a paixão e o ardor que esse homem gasta e emprega para conseguir que perdoem aos seus semelhantes esse crime pavoroso de possuir, debaixo da epiderme, um lamentável pigmento que os enegrece, contra vontade, à força.⁸ (DIÁRIO DA BAHIA, 1902, p. 1)

Aparentemente publicada em resposta a esse artigo, apesar de ter aparecido nas páginas do jornal apenas dois dias depois, a longa resenha de *Up from Slavery*, serializada no *Diário da Bahia* entre março e abril de 1902, também indica que Washington já era um antigo conhecido dos leitores

7 Segundo o historiador Cid Teixeira, Severino Vieira era “quase negro” (LEAL; ALBERGARIA, 2010). No entanto, devido ao complexo sistema de identificação étnico/racial no Brasil, com base nas variações de características faciais, tipo de cabelo, cor da pele, classe social e poder, é improvável que Vieira se considerasse ou fosse visto como “negro,” devido ao fenômeno que Carl Degler chama de *mulatto escape hatch*. (DEGLER, 1971)

8 *Diário da Bahia*, 20 de março de 1902, p. 1.

soteropolitanos⁹. Isso apareceria explícito na apresentação, também de autoria anônima:

Sr. redator do Diário da Bahia – Da notícia, porventura de transcrição, saída nessa folha, sob o título ‘o negro da cara branca’ se pode depreender que Booker Washington só tem recebido hostilidades dos brancos dos Estados Unidos do Norte.

Não é tanto assim: nem a única distinção que lhe tenha chegado por parte da presidência da República, foi essa do sr. Roosevelt tê-lo sentado à sua mesa com escândalo, diga-se, não de todos os americanos brancos, mas de quantidade destes, embora até da maioria, nunca, porém, da nacionalidade.

Neste pensamento e por motivo da vossa notícia do juízo crítico de Augustin Leger sobre a autobiografia de Booker Washington, resolvi submeter ao vosso generoso acolhimento paginas de Th. Bentzon, de crítica também à mesma obra desse negro ilustre, cuja biografia é um foco de brilhantes exemplos para edificação de todas as raças.

Folgarei em que sejam publicadas, tão interessante e útil é a história desse negro superior.¹⁰

É possível inferir que Booker Washington já fosse tão conhecido no Brasil que dispensasse apresentação, e que as repercussões do famoso jantar na Casa Branca já houvessem atravessado o Atlântico. A versão original da entusiasmada resenha de *Up from Slavery*, do estudioso e escritor francês Augustin Léger, foi publicada na França, no *Le Correspondant*, em 10 de fevereiro de 1902. Segundo Cook (1955, p. 321), “Começou com uma referência ao jantar na Casa Branca, que o francês não considerou de grande interesse”. Léger (1902, p. 449 *apud* Cook, 1955, p. 321) recomendou a autobiografia de Washington como “o companheiro perfeito” para *A cabana do Pai Tomás*, e apontou o sucesso de Washington como “orador, educador e amigo de presidentes”, elogiando sua “fusão de qualidades viris, resistência, tenacidade, espírito positivo e forte determinação que [...] hoje caracterizam os cidadãos americanos de grande maneira”. LÉGER, 1902, p. 475 *apud*

9 Ver a transcrição dessa resenha, na íntegra, no Anexo II.

10 *Diario da Bahia*, 22 mar. 1902, p. 2.

COOK, 1955, p. 321) No entanto, duas páginas depois, expressou também o receio de que o prestígio de Washington pudesse levar a “um novo surto do tipo mais feroz do preconceito” e questionou se, sendo um “mulato”, ele poderia representar “apenas uma exceção extraordinariamente feliz” que “parece testemunhar a excelência de mestiços que, mesmo nos casos mais favoráveis, estão sujeitas a terríveis tendências atávicas e na maioria das vezes levam à degeneração desastrosa”. (LÉGER, 1902, p. 474-476 *apud* COOK, 1955, p. 321)

O nome Th Bentzon era “muito difundido em todo lugar onde se lê habitualmente o francês”¹¹, segundo o obituário publicado com destaque no *Correio Paulistano* no dia 15 de fevereiro de 1907, na página 8, e que mencionava a resenha sobre *Up from Slavery* como um dos destaques de sua carreira:

Traduzindo longos trechos da obra do sr. Booker Washington, *Up from Slavery*, e desenhando a simpática fisionomia do ilustre educacionista negro, a sra. Bentzon continuou no seu trabalho meritório de popularizar e internacionalizar as ideias anglo saxônicas mais generosas.¹²

Os longos trechos do livro inseridos na resenha de Bentzon, publicada em 11 edições do *Diário da Bahia*, sempre na segunda página, podem ter sido a única tradução para o português de *Up from Slavery*, à qual os brasileiros tiveram acesso até o ano 1940, quando Graciliano Ramos o traduziu com o título de *Memórias de um negro*. A resenha original de Bentzon foi publi-

11 “Escrevendo durante muitos anos na *Revista Azul* [*Revue Bleue politique et littéraire*] e na *Revista dos Dois Mundos* [*Revue des Deux-Mondes*], o seu público é o grande público e os seus escritos são lidos com agrado em toda a parte para onde se tem estabelecido de Paris uma corrente de ideias e de sentimentos”. (*Correio Paulistano*, 15 fev. 1907, p. 8)

12 O obituário também elogia a resenha que Bentzon fez do romance *Canaã*, de Graça Aranha. (*Correio Paulistano*, 15 fev. 1907, p. 8)

cada na França na revista mensal *Revue des Deux-Mondes* em outubro de 1901. (COOK, 1955, p. 319-320)¹³

O último capítulo, que saiu no *Diário da Bahia* em 15 de abril de 1902, é assinado por “Th Bentzon”, o pseudônimo da jornalista, escritora, tradutora e aristocrata francesa Marie-Thérèse de Solms Blanc (1840-1907). Bentzon era o sobrenome de sua mãe. Influenciada pela romancista francesa George Sand (pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant), a quem conheceu através de seu padrasto, Bentzon começou a produzir traduções, resenhas de livros, relatos de viagem e ficção. Seus trabalhos foram publicados por importantes revistas literárias na França. Também escreveu vários romances. Visitou os Estados Unidos em 1895 e 1897, e escreveu sobre essas viagens. Também viajou para o Canadá, a Inglaterra, a Alemanha e a Rússia. Como tradutora e crítica literária, ajudou os leitores franceses a conhecer melhor os trabalhos de vários autores anglófonos, como Henry James, Mark Twain e Walt Whitman, além de Booker T. Washington. (GALE, 1999, p. 28) Segundo Mercer Cook (1955, p. 319), Bentzon pode ter sido responsável pela primeira menção a Washington na imprensa francesa. Sabe-se que ela assistiu um discurso importante que ele proferiu na ocasião da inauguração de um monumento ao coronel Robert Gould Shaw e ao 54º Regimento de Massachusetts¹⁴, na cidade de Boston, no dia 31 de maio de 1897. Bentzon afirma que sua oratória ofuscou os outros palestrantes, inclusive o eminente filósofo e professor da Universidade Harvard, William James:

13 A resenha de Bentzon não foi o primeiro artigo publicado em francês no *Revue des Deux-Mondes* que apareceu em português no *Diário da Bahia*. Encontrei outro, intitulado “Uma correspondência inédita de Padre Didon” sobre o religioso, escritor e educador franco-dominicano, que também era um opositor ferrenho do divórcio. O primeiro capítulo dessa matéria saiu no dia 8 de março de 1902.

14 Robert Gould Shaw (1837-1863) foi um oficial branco que liderou um regimento de infantaria negro durante a Guerra da Secessão. Ele morreu durante a 2ª Batalha do Forte Wagner, próximo à cidade de Charleston, na Carolina do Sul, e foi enterrado numa vala comum, junto com seus soldados (DUNCAN, 1999). Hoje, o monumento, esculpido por Augustus Saint-Gaudens, é um dos destaques do acervo da *National Gallery of Art* [Galeria Nacional de Arte] em Washington, DC.

Por mais brilhantes os oradores, o maior sucesso parece ser o de Boker [sic] Washington, professor em uma universidade Negra, que fala como representante das pessoas de cor, e deve-se admitir que ele se parece com qualquer outro negro. No entanto, sob essa pele escura e essas feições achatadas, há uma fina inteligência. Num breve discurso, em que cada palavra encontrou seu alvo e com uma abundância de ideias gerais, ele prova que a abolição da escravidão libertou não só os negros, mas que tem acima de tudo libertado os brancos, cujo desenvolvimento moral era impossível sob esse regime iníquo. Ele não exagera os avanços já alcançados por sua raça; ele enumera firmemente todas as qualidades que ainda lhes faltam, mas ele tem fé num futuro auxiliado pelo colégio, a escola industrial, pelo esforço habitualmente sustentado. Fazer nosso dever no campo de batalha não é a tarefa mais difícil. Um dia virá em que nada do que é permitido ao homem branco será negado ou recusado ao negro. Seu tom é orgulhoso, sem jactância. Boker [sic] Washington permanecerá na memória dos moradores de Boston como a figura principal, a atração principal do dia, acima de tudo, como um argumento vivo em favor de sua causa. (COOK, 1955, p. 319)¹⁵

Bentzon também menciona a oratória de Washington e descreve sua aparência – para ela, nada descomunal – na sua resenha de *Up from Slavery*. Entretanto, seu enfoque foi na própria autobiografia, que caracterizou como “uma obra de reconciliação, um livro de conselho para a solução do mais difícil problema social”, que “promete tornar-se a bíblia de uma raça, a estrela que, de fato, guiá-la-á para frente, sempre prudente e seguramente” (DIÁRIO DA BAHIA, 28 mar. 1902, p. 2)

A resenha começa abordando uma das realizações mais marcantes da vida do jovem Booker, uma viagem de mais de 500 quilômetros de sua casa na cidade de Malden, na Virgínia Ocidental, até o Instituto Hampton, no estado da Virgínia, no ano 1872, vestindo farrapos, passando fome, dormindo embaixo da calçada porque as pousadas não admitiam negros¹⁶.

15 Originalmente publicado na revista francesa *Revue des Deux-Mondes*, no dia 1º de dezembro de 1898. (COOK, 1955, p. 319)

16 Um dos vários biógrafos de Washington, Arna Bontemps (1972), o “escritor residente” na Universidade Fisk, que também escreveu uma biografia de Frederick Douglass, inicia sua história com o mesmo episódio.

Bentzon percebe, nesse episódio, uma semelhança com a narrativa da viagem de Benjamin Franklin de Nova York à Filadélfia, embora Franklin não fosse um liberto e nunca tivesse deixado de ser alojado por causa de sua cor. Segundo Franklin (1846):

Eu fui mais detalhado nesta descrição da minha viagem, e serei assim sobre minha primeira entrada naquela cidade [Filadélfia], para que sua mente possa computar tais começos improváveis com a figura que tenho feito desde lá. Eu estava usando minha roupa de trabalho, minhas melhores roupas vindo por mar. Eu estava sujo depois de passar muito tempo no barco. Meus bolsos estavam recheados com camisas e meias, e eu não conhecia ninguém, nem onde buscar hospedagem. Fatigado de tanto caminhar e remar, e sem dormir, eu estava com muita fome, e todo o meu estoque de dinheiro consistia em um único dólar, e cerca de um *shilling* em moeda de cobre, que dei ao barqueiro para minha passagem. No início, eles recusaram, por conta de eu ter remado, mas eu insisti que o aceitassem [...]

Eu andei em direção ao topo da ladeira, olhando para todos os lados até que, próximo à rua do mercado, encontrei um menino com pão. Eu tinha feito muitas vezes uma refeição de pão seco e, perguntando onde ele tinha comprado, fui imediatamente para a padaria aonde ele me dirigiu. Eu pedi biscoitos, ou seja, tal como tivemos em Boston – o desse tipo, ao que parece, não era feito na Filadélfia. Então pedi um pão de três centavos, e me disseram que não havia nenhum. Não sabendo os preços, nem os nomes dos diferentes tipos de pão, eu disse-lhe para me dar pão de qualquer tipo no valor de três centavos. Ele me deu três grandes pães. Fiquei surpreso com a quantidade, mas aceitei e, não tendo espaço em meus bolsos, sai com um pão debaixo de cada braço, a comer o terceiro [...] [Estando] satisfeito com um dos meus pães, dei os outros dois a uma mulher e seu filho, que desceram o rio no barco com a gente, e estavam esperando para ir mais adiante.

Entretanto, esse não era o único ponto de semelhança entre os dois, já que os provérbios de Franklin, que pregavam humildade e frugalidade no *Almanaque do bom homem Ricardo*, chegaram a ser comparados com as homílias do educador negro. Teriam estes influenciado o pensamento de Washington?

Após o relato de sua odisseia, uma interessante evocação jornalística, Bentzon retorna ao início da história de Washington – o ponto em que *Up from Slavery* realmente começa: o nascimento de Booker, ainda sem sobrenome, e sua infância, citando um longo trecho do primeiro capítulo, *Um escravo entre escravos*, que começa: “Nasci escravo numa plantação do condado de Franklin, na Virgínia: não sei ao certo o lugar propriamente em que nasci nem a data de meu nascimento, o que não se discute é que tenha nascido em algum momento e em qualquer lugar [...]. As impressões mais antigas que tenho são as da plantação e da senzala”. (DIÁRIO DA BAHIA, 28 mar. 1902, p. 2) E, à experiência de sua família no cativeiro, Washington acrescenta: “Não havia escolas para os negros, entretanto acompanhei mais de uma vez uma senhora moça à sua classe e levava-lhes os livros; recordo-me da impressão que senti vendo meninos e meninas absorvidos no estudo. Tive então a ideia de que frequentar a escola era uma coisa semelhante a entrar no paraíso [...]”. (DIÁRIO DA BAHIA, 28 mar. 1902, p. 2) Assim termina o primeiro capítulo da resenha.

O restante do texto de Bentzon, que chega a quase 40 páginas quando transcrito, continua no mesmo estilo: interpretações e análises da autobiografia, intercaladas com longos trechos traduzidos do original. O enfoque principal é na mocidade e na formação de Booker, principalmente suas experiências como aluno e professor no Instituto Hampton e como fundador do Instituto Tuskegee em 1881.

No capítulo publicado no *Diário da Bahia* em 25 de março de 1902, Bentzon destaca a posição que Washington tomaria mais tarde sobre “o problema da escravidão”, e que ela considera mais ampla e precisa, e em seguida cita este trecho, que varia um pouco do original:

Não há razão de censurar a população branca do sul [o texto original começa assim: ‘Há muito deixei de nutrir qualquer amargura contra a população branca do sul por causa da escravização de minha raça’]; nenhuma região do país é culposa de tê-la introduzido, crescendo que por longos anos foi protegida e garantida pelo governo geral.

Uma vez enterrados os tentáculos no organismo econômico e social da República, era difícil arrancá-la. Quando, sem preconceitos ou rancores, apreciamos os fatos diretamente, reconhecemos que,

não obstante a crueldade e imoralidade dessa instituição, os dez milhões de negros americanos estão em melhores condições materiais, intelectuais e religiosas do que o mesmo número em qualquer ponto do globo.

É tão exato, que os saídos da escola da escravidão ou seus antepassados, regressando à África, transformaram-se em missionários para esclarecer os do país.

Não digo isto para justificar um estado de coisas odioso, cuja origem única estava em motivos de interesse, mas para mostrar como a Providência atinge os seus fins, servindo-se dos homens e das instituições.

Apesar de todas as circunstâncias de desânimo, quando inquirem – porque deposito tamanha fé no futuro de minha raça, lembro-lhes o deserto através do qual e, graças a Deus, fora de onde temos sido conduzidos por uma vontade superior.

Desde que cheguei à idade de razão, [penso] que o negro tirou do cativo a mesma suma de bens e de males que o branco colheu.¹⁷ (DIÁRIO DA BAHIA, 25 mar. 1902, p. 2)

O capítulo do dia 28 de março começa com elogios ao zelo de homens e mulheres que trabalharam para a “regeneração do liberto”, pessoas comparáveis aos grandes missionários, porque há mais de um gênero de apóstolado e de martírio. Washington traçou um quadro admirável desse corpo compacto de apóstolos que, sob as inspirações de Jesus Cristo, participavam de uma obra de redenção, ensinando às centenas nas escolas para negros fundadas como por magia. (DIÁRIO DA BAHIA, 28 mar. 1902, p. 2) Bentzon também observa que Washington comenta o mínimo possível as dificuldades de sua vida na cidade de Malden, entre 1876 e 1877, depois que se formou no Instituto Hampton. Expressando-se em termos que parecem simpatizar com uma das entidades que mais perseguiram o negro, ela afirma, claramente, um fato que o educador tentou amenizar:

Era tempo de grande atividade de Ku-Klux-Klan, movimento quase fantástico após a guerra civil prolongando-a além da proclamação da paz ilusória. Para resistir aos abusos insuportáveis de políticos, que foram castigados com o epíteto de *carpet-baggers*,

17 No original: “Há muito deixei de nutrir qualquer amargura contra a população branca do sul por causa da escravização de minha raça”. (WASHINGTON, 2000, p. 11, tradução nossa)

formou-se uma liga branca: lutas até homicidas travaram-se entre ela e a polícia metropolitana. Infelizmente as numerosas sociedades secretas, envolvidas nesta guerra oculta, levaram muito longe o terror que devia impedir os negros de se reunirem para conseguir o escrutínio. Entre os indivíduos disfarçados para esta polícia figuravam verdadeiros bandidos: a máscara Ku-Klux abrigou muitas paixões, assim é que houve inocentes martirizados até a morte e escolas incendiadas porque os instrutores que punham termo à ignorância secular dos negros eram mais que suspeitos. Booker Washington evita insistir neste período sombrio da reconstrução. (DIÁRIO DA BAHIA, 28 mar. 1902, p. 2)

É neste contexto que Bentzon caracteriza *Up from Slavery* como um “trabalho de reconciliação” e “a bíblia de uma raça”. (DIÁRIO DA BAHIA, 25 mar. 1902, p. 2)

No capítulo seguinte, publicado em 1º de abril de 1902, Bentzon começa com elogios à oratória de Washington e, em seguida, conta casos em que Booker e Frederick Douglass foram racialmente discriminados. Por exemplo, um aluno indígena, que Booker acompanhava, foi atendido num estabelecimento que se recusou a receber o professor negro. Nas palavras de Bentzon:

O Pele Vermelha era recebido com benevolência, e o negro absolutamente repellido. Estes incidentes não são raros! Frederico Douglass, o homem de cor mais distinto por talentos superiores, fez uma viagem para a Pensilvânia em carro de bagagem não obstante ter comprado bilhete de classe de viajantes. Alguns brancos tendo lastimado que lhe fosse inflicta semelhante vergonha, Douglass levanta-se da mala em que estava assentado e responde-lhes: ‘Ninguém envergonha a Frederico Douglass. Esta insolência só degrada aos que a praticam’. (DIÁRIO DA BAHIA, 1 abr. 1902, p. 2)

Aqui, Bentzon faz uma comparação direta entre Douglass e Washington, afirmando que Booker preferia deixar as “réplicas mordazes” de lado, limitando-se a observar que “muitas vezes os chefes de trem veem-se em grandes embaraços para decidir quem é de mais cor ou menos cor”. (DIÁRIO DA BAHIA, 1 abr. 1902, p. 2)

No próximo capítulo, de 3 de abril de 1902, Bentzon analisa a filosofia pedagógica de Washington: “Percorrei nossas cidades do sul, diz Washington,

e indagai quem são os homens de cor mais honestos e influentes da localidade. Sabereis que em cinquenta por cento dos casos trata-se de negros que ao tempo da escravidão aprenderam um ofício”. (DIÁRIO DA BAHIA, 1 abr. 1902, p. 2)

Bentzon (DIÁRIO DA BAHIA, 3 abr. 1902, p. 2) comenta que Washington acreditava que qualquer projeto para a educação do negro deveria levar em consideração os conhecimentos já adquiridos:

A certo respeito cada plantação grande do sul era uma espécie de escola prática de agricultores, pedreiros, carpinteiros, cozinheiros, tecelões, costureiras etc. O ensino tinha um cunho egoístico e a inteligência não se desenvolvia paralela à mão, ainda assim esta educação fragmentária permitia ao liberto ganhar a vida. Cumpria, pois, aperfeiçoá-la, desenvolve-la, tanto mais quanto a prosperidade do sul dependia do trabalho do negro, obrigatório até a véspera. Foi um erro pretender construir sobre os alicerces da escravidão, o que na Nova Inglaterra se edificara sobre os fundamentos da liberdade.¹⁸

Entretanto, 20 anos após a Emancipação, os libertos que quando escravos aprenderam ofícios nas *plantations* começavam a desaparecer, sem que houvesse pessoas qualificadas para substituí-los. Em vez de artes e ofícios, os negros adquiriram conhecimentos superficiais de ciência e letras, que, segundo Bentzon, “apenas servia para irritar os brancos e agravar o preconceito” (DIÁRIO DA BAHIA, 3 abr. 1902, p. 2) Para Washington, seria um absurdo dizer que não havia nenhuma diferença entre os negros e os brancos e que todos deveriam receber o mesmo tipo de instrução, sem levar em consideração as circunstâncias desiguais que viveram no passado.

No capítulo seguinte, de 6 de abril, a resenhista retorna ao assunto da oratória de Washington (os capítulos XIII a XV da autobiografia são

18 Washington afirmou: “De uma coisa eu me sentia mais fortemente convencido do que nunca, depois de passar [um] mês observando a vida real das pessoas de cor, e que era que, para só erguê-los, algo deve ser feito mais do que simplesmente imitar a instrução da Nova Inglaterra, tal como era na época. Vi, então, mais claramente do que nunca, a sabedoria do sistema que o General Armstrong tinha inaugurado em Hampton”. (WASHINGTON, 2000, p. 82). “Of one thing I felt more strongly convinced than ever, after spending [a] month in seeing the actual life of the colored people, and that was that, in order to lift them up, something must be done more than merely to imitate New England education as it then existed. I saw then more clearly than ever the wisdom of the system which General Armstrong had inaugurated at Hampton”.

dedicados ao seu sucesso nessa área) e observa que ele surpreendeu seus públicos brancos-sulistas quando elogiou o Sul pelo bem que podia fazer e, nas palavras de Booker, “debalde esperaram ouvir este negro insultar os antigos estados escravistas”. Segundo Bentzon, “Sua linha de ação não variou desde que se estabelecera em Tuskegee e prometera fazer justiça a brancos e pretos. Entretanto, essa política não o impede de denunciar com sinceridade as lesões de que a população de cor era vítima”. (DIÁRIO DA BAHIA, 6 abr. 1902, p. 2) Enfatiza, ainda, uma das posições mais polêmicas de Washington: “Quanto ao exercício do voto, o negro deve atender mais e mais aos interesses da comuna em que vive cujo futuro depende dele em grande parte”. (DIÁRIO DA BAHIA, 6 abr. 1902, p. 2) Como sempre, Washington transmitia uma mensagem para os brancos e outra para os negros:

Sua fé robusta é comunicativa: no norte é solicitado tanto por brancos como por negros: dos primeiros consegue recursos para alargar a sua escola; e aos outros prega com veemência a necessidade da educação industrial e técnica, a inutilidade das agitações políticas que só redundariam em prejuízo aos direitos de sufrágio. A educação e a propriedade, ambas reunidas, são os únicos elementos que dão direito de votar. (DIÁRIO DA BAHIA, 6 abr. 1902, p. 2)

Uma das acusações mais graves contra Washington era seu suposto “comodismo”. Bentzon cita um “confederado antigo” que o descreve em termos que lembram a estratégia não violenta de Martin Luther King, taxado de “negro da casa grande de nossos tempos” por Malcolm X (MARABLE, 2011, p. 264-265):

Nunca fez especialidade de agitador de bandeira vermelha diante de cada Touro que encontrasse; em compensação, porém, conseguiu o que todos os livros, discursos, prospectos incendiários, lei marcial, decretos e emendas à Constituição não puderam fazer [...] Por métodos pacíficos inspirados em Jesus Cristo, Booker Washington venceu onde César seria derrotado. (DIÁRIO DA BAHIA, 6 abr. 1902, p. 2)

A autora francesa observa que Washington sempre quis ser ouvido por uma plateia “de antigos confederados proprietários de escravos” e seu sonho

se concretizou quando “a ocasião surgiu em 1893 na reunião internacional dos trabalhadores cristãos, celebrada em Atlanta, na Geórgia”. (Diário da Bahia, 6 abr. 1902, p. 2) Dois anos depois, proferiu seu famoso discurso na Exposição de Atlanta em 1895. Bentzon conclui este capítulo com a advertência de que aquela foi a primeira vez que um negro dividiu a mesma tribuna com brancos num evento nacional nos Estados Unidos.

O capítulo publicado em 9 de abril descreve o impacto de seu discurso mais notório e o reconhecimento que recebeu de figuras relevantes da época, como o Presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland. As maiores queixas vieram de outros negros, que queriam que Washington reivindicasse mais direitos para seu povo. Entretanto, ele afirmara: “É justo que gozemos de todos os privilégios que a lei concede, porém é infinitamente mais importante que estejamos preparados para o exercício deles. Na atualidade deve preocupar mais o direito de ganhar cem soldos numa fabrica do que dependê-los numa sala de opera”, e “Para as coisas propriamente mundanas, brancos e pretos, podemos estar tão estanques como os dedos de cada mão e, entretanto, não formarmos senão um todo no que é essencial ao progresso comum”. (DIÁRIO DA BAHIA, 9 abr. 1902, p. 2) Apesar das reclamações de seus opositores e rivais, Booker T. Washington fora oficialmente untado como o líder de sua raça nos Estados Unidos.

Neste capítulo, Bentzon dá seu depoimento sobre a oratória de Washington, que ela presenciara, ao tempo que revela seus próprios preconceitos:

Tive ocasião de vê-lo em 1897 entre notabilidades que vieram de Boston inaugurar o monumento do coronel Shaw, jovem oficial que morreu com heroísmo à frente de um regimento de negros [...] Os personagens mais influentes e mais distintos acercaram-se do governador de Massachusetts e, à primeira vista, o presidente de Tuskegee faria modestíssima figura. O sangue de branco que deve correr-lhe nas veias não apagou nenhum dos traços característicos da raça. É um negro como os demais: lábios preeminentes, nariz achatado, maxila pesada, tendo, porém, no olhar uma expressão de bondade inteligente e na voz sonoridade e segurança. Coube-lhe o sucesso oratório do dia. O negro, em Boston, fora precedido da legítima reputação que o fizera ser o primeiro da raça distinguido com o diploma de membro honorário da Universidade de Harvard. Quando ergueu a sua alta estatura, todos

sentiram que estavam diante de uma força. Falou dos grandes fatos militares da guerra da secessão, depois, voltando-se para os soldados negros ali presentes, disse: ‘Restos esparsos e mutilados do 54, com a manga da farda dobrada ou com a perna mutilada, que honrais esta solenidade com a vossa presença, para vós, vosso comandante não está morto. Boston não lhe levantasse monumento algum, a história não lhe consagrasse página nenhuma, e em vós e na raça leal que representais, Robert Gould Shaw teria o renome que o tempo não apaga’.

O governador [Wolcott] entusiasmou-se e ergueu ‘Três Cheers por Booker Washington!’ Ninguém foi aclamado com tamanho entusiasmo. Tomado da emoção geral, o sargento negro que sustinha a bandeira agitou-se com um gesto arrebatador: era o mesmo que, após a batalha onde caíra uma parte do regimento tinha exclamado: ‘Não importa! A bandeira velha nunca caiu na terra’. Repito, o discurso de Washington eclipsara a todos os que se pronunciaram nesse dia. (DIÁRIO DA BAHIA, 13 abr. 1902, p. 2)

Na parte VI, publicada no dia 13 de abril, afirma-se que o Instituto Tuskegee funcionava bem, mesmo quando Washington estava ausente, porque não dependia apenas de um homem, sua administração reunia 86 pessoas e funcionava como uma máquina (possivelmente uma referência velada à “Máquina de Tuskegee”). Observa que os formandos do Tuskegee voltavam para suas cidades maternas, de bom grado, para estabelecer escolas, organizar grêmios e fazer outros tipos de trabalhos visando o soerguimento da comunidade negra do local, uma vez que a maioria de seus integrantes vivia na pobreza, afundada em dívidas.

Entretanto a revolução se operou graças à influência de um homem. Este instituto de Tuskegee tem produzido grandes benefícios: ali as educações *literária, industrial e religiosa* se desdobram em harmonia, havendo escola normal para professores, escola de arte manual, escola bíblica para formar bons pregadores e que, no pensamento de Washington, sirvam para outras funções em caso de necessidade [grifo nosso]. (DIÁRIO DA BAHIA, 13 abr. 1902, p. 2)

Bentzon tece elogios rasgados à vida familiar de Washington, mas confunde as suas esposas (ele enviuvou duas vezes; na época em que produziu *Up from Slavery*, estava casado com sua esposa em terceiras núpcias Margaret Murray Washington). Mas a resenhista francesa define as observações de

Washington sobre suas viagens na Europa em 1898 como “o que há de menos justo e interessante em *Up from Slavery*”. (DIÁRIO DA BAHIA, 13 abr. 1902, p. 2)

É provável Bentzon se tenha ofendido com a seguinte análise sobre seus conterrâneos:

O amor ao prazer e a emoção que parece em grande medida possuir o povo francês me impressionou. Eu acho que eles são mais notáveis nesse respeito do que acontece com as pessoas da minha própria raça. No ponto da moralidade e seriedade moral, eu não acredito que os franceses estejam na frente da minha própria raça na América [...] Eu não acredito que o francês médio esteja à frente do negro americano, enquanto em relação a misericórdia e bondade para com os animais irracionais, acredito que minha raça está muito mais avançada. Na verdade, deixei a França com mais fé no futuro do homem negro na América do que eu jamais havia tido. (WASHINGTON, 2000, p. 197)

O capítulo final da resenha, publicado em 15 de abril, contextualiza *Up from Slavery* e analisa seu impacto. Bentzon chama atenção para o fato de a autobiografia ter alcançado uma repercussão muito grande quando foi serializada na revista *The Outlook*, segundo ela, “Assume as proporções de milagre a ascensão de um escravo, filho de raça desprezada, à esfera em que pairam os personagens superiores de um país de elevada civilização”. (DIÁRIO DA BAHIA, 15 abr. 1902, p. 2) Mas a autora também lembra aos seus leitores que Washington não foi o único negro a conseguir esta façanha nos Estados Unidos, e cita Frederick Douglass, além de outros nomes que não são tão conhecidos hoje em dia: o senador Blanche Kelso Bruce (1841/1898); Hiram Rhoades Revels (c. 1827/1901), o primeiro senador negro dos Estados Unidos; o bispo Daniel Alexander Paine (1811/1893), que além de religioso era educador e escritor; e o educador, historiador e biógrafo William J. Simmons (1849/1890).

Bentzon compara o livro de Washington com a obra de outro autor negro lançada na mesma época – *The American Negro: What He Was, What He Is, and What He May Become* [O negro americano: o que ele era, o que ele é, e o que ele pode se tornar], de William Hannibal Thomas (1901), a quem ela caracteriza como

[...] Um homem de cor traidor da sua raça, a qual expõe num quadro triste. Em seu conceito o negro é inteligente, porém propenso ao roubo e quanto a costumes não há nenhum de quinze anos, rapaz ou rapariga, que guarde a inocência. Afirma que noventa por cento dos negros levam vida desregrada na América e busca demonstrar que até agora o liberto nada produziu de bom. (DIÁRIO DA BAHIA, 15 abr. 1902, p. 2)

É neste contexto que Bentzon menciona Du Bois pela primeira vez, caracterizando-o como um “eminente homem de cor” e “laureado pela universidade da Harvard, atualmente professor de história e economia política na Universidade da Atlanta”. Cita sua pesquisa sobre o negro na Filadélfia para demonstrar que os nortenhos também desprezavam o negro, observando que o preconceito naquela cidade era de uma “extraordinária violência”. Embora Washington tenha aconselhado os negros a permanecerem no Sul, Bentzon afirma que, naquela região, “o ódio de raça quando rebenta, é medonho. São notórios os fatos de justiça sumária aplicadas aos negros acusados de crime irremissível: ultraje ou tentativa de ultraje em mulher branca”. E relata vários linchamentos, a maioria dos quais aconteceram fora da região Sul (além do estado da Geórgia e a cidade de Nova Orleans, ambos no Sul, cita casos que ocorreram nos estados de Kansas, Colorado e Ohio).

Finalmente, opina que, após a emancipação, a posição do negro tornou-se ainda mais difícil: “Então para ser tratado humanamente bastava-lhe ser honesto e fiel servidor; hoje se quiser guardar papel de homem livre, cumpre-lhe ter demasiada prudência, política sutil e virtudes de santo”. (DIÁRIO DA BAHIA, 15 abr. 1902, p. 2) Enquanto concede que “os Booker Washington serão sempre raros”, acredita que “o desenvolvimento da raça precisa de milhares deles” e cita as palavras de um pastor negro: “Sim, milhares de Washington – um em cada curva da estrada, uns em cada montanha”. E Bentzon conclui: “Da mesma sorte ser-nos-ia preciso tê-los para a cruzada do ‘desdobramento da indústria sob as condições de moralidade’, e transformação dos nossos bacharéis medíocres em bons agricultores.” (DIÁRIO DA BAHIA, 15 abr. 1902, p. 2)

Booker T. Washington na imprensa brasileira

Os artigos analisados acima podem ser encontrados nos arquivos da Biblioteca Pública da Bahia e do IGHB, do qual Manuel Querino era sócio fundador e depois beneficente, mas graças à hemeroteca digital disponibilizada *on-line* pela Biblioteca Nacional,¹⁹ também encontrei o nome de Booker T. Washington citado em vários jornais do período entre 1901 e 1957 de três outras cidades: Rio de Janeiro, São Paulo e Juiz de Fora.

Em 24 de outubro de 1901, a coluna “À Toa” do jornal *Cidade do Rio*, página 2, destaca, com grande ironia: “o famoso jantar na Casa Branca causou revolta nos Estados Unidos, mas norte-americanos em Santos ficaram indignados quando um barbeiro brasileiro se recusou a atender seu cônsul negro cinco ou seis anos antes.”²⁰

Como vimos, no dia 3 de maio de 1902, o jornal carioca *O Paiz* publicou o mesmo artigo sobre a resenha de Léger que apareceu no *Diário da Bahia*, mas desta vez numa coluna intitulada *Lá para fora*, com o subtítulo *O preto no branco*. No dia 26 de outubro do ano seguinte, outro jornal carioca, o *Correio da Manhã*, divulgou a seguinte notícia na seção “Carta parisiense”:

Paris, 2 de outubro

Encontra-se neste momento em Paris o negro mais inteligente da América, o único negro, que o presidente Roosevelt admite no seu palácio. É o famoso Booker Washington, o novo Messias preto. Este homem extraordinário, que na mais tenra idade foi pobre, vivendo a vida mais miserável, é hoje um capitalista riquíssimo e um grande filantropo. Graças a Booker os negros da América do Norte vão ter as liberdades e as considerações que nunca tiveram. Foi ele quem fundou a Universidade para os negros, em que os professores são também homens de cor.

19 Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>. Acesso em: 14 dez. 2019.

20 Segundo Losch (2009, p. 239): “Em 1893, Henry Clay Smith foi nomeado pelo Presidente Grover Cleveland para ser cônsul em Santos, numa tentativa de agradar o pequeno bloco negro dentro do Partido Democrata. Em 1896, houve um escândalo, quando saiu nos jornais que Smith tinha deixado a mulher e os cinco filhos desamparados em Washington, e ele renunciou ao cargo pouco antes de ser demitido”.

Os jornais tinham anunciado que Booker partira para a Europa a organizar um ensaio de colonização no Soldão para os negros da América do Norte e do Sul. E que essa colônia das margens do Nilo era protegida com a grande fortuna do arquimilionário Leigh Hunt. Assim os 8 a 10 milhões de negros das duas Américas civilizariam a África, longe do ódio dos brancos.

Será verdade? Irá avante esse projeto gigantesco? Interrogado pelo diretor de um jornal parisiense, Booker não disse coisa alguma de positivo. Nem sim nem não. Mas afirmou que a missão era sobretudo na América. É ali que ele trabalha com sublime vontade para elevar moral e materialmente o negro que os americanos tanto desprezam.

Graças a Booker existe já na livre América a Universidade negra de Tuskegee onde 1.400 pretos recebem uma sólida instrução que lhes é administrada por 100 professores também pretos.

– Os negros, diz Booker, devem ser um grande fator da vida americana. A União tem necessidade do preto. É preciso que eles sejam excelentes trabalhadores manuais, rivalizando com o branco no amor ao trabalho.

Quando aparecerá no Brasil um outro Booker para elevar o nível do negro e salvar aqueles que abolição da escravidão lançou no vácuo, na incerteza [...]. (CORREIO DA MANHÃ, 26 out., 1903, p. 3, grifo nosso)

Este relato foi reproduzido na edição de 1905 do Almanaque Brasileiro Garnier, da página 393, sem a frase grifada. Não há nenhum indício de que Washington pretendesse estabelecer uma colônia para negros na África – mas enviava estudantes a países africanos para estabelecer escolas e projetos agrícolas, principalmente no Togo. (ZIMMERMAN, 2010) Segundo Harlan (1986, p. 282), em 1903 o diretor do Instituto Tuskegee viajou para Europa para passar uma das poucas temporadas de férias que gozou na sua vida, já com 47 anos, seguindo ordens médicas. Recebeu tantos convites para falar em eventos e jantares durante sua estada em Paris, que passou a usar o pseudônimo “Homer P. Jones”.

Em 26 de agosto de 1903, a *Gazeta de Notícias*, outro jornal carioca, anunciou na primeira página que Washington, “negro filósofo, diretor moral dos afro-americanos dos Estados Unidos” pretendia “fundar uma nova universidade para *coloured men*”, observando: “Booker vai fundar uma universidade. Para que? Os Estados Unidos precisam resolver a crise com o desaparecimento do negro”. Cita os esforços para transportar os “afro-

-americanos” para a Libéria, Cuba e as Filipinas e observa que Stanley, o explorador inglês, aconselhava “exportá-los para o Congo Livre. Para que não se acabe pelo extermínio total é este o meio”. O artigo conclui opinando que o estabelecimento de mais uma universidade para negros poderia prejudicar essa “solução pacífica”.

Como vimos, o obituário de Th Benzton publicado no *Correio Paulistano* em 15 de fevereiro de 1907, elogia sua resenha de *Up from Slavery*. Também faz um comentário positivo sobre Washington e seu trabalho:

No começo do governo do presidente Theodoro Roosevelt, a sra. Th. Bentzon chamou a atenção dos leitores franceses para uma das mais características individualidades dos Estados Unidos, Sr. Booker Washington, cuja energia moral e lúcida inteligência, haviam obtido do atual presidente dos Estados Unidos um apoio formal para suas iniciativas bem orientadas em favor da educação do elemento negro dos Estados Unidos.

No dia 29 de outubro de 1911, a *Gazeta de Notícias* publicou uma nota na página 7 intitulada “O ódio de raça”, observando que o livro que “o famoso professor e escritor negro Booker Washington” acabou de publicar conta uma anedota sobre um amigo negro que, atrasado e temendo perder o trem, teve que lidar com um cocheiro que “em tom de desprezo, disse que não costumava transportar negros no seu carro”. Mas o homem negro conseguiu contornar essa proibição, se oferecendo a dirigir o carro e pagar pela corrida: “Ambos satisfizeram caprichos e necessidades e a lei das raças ficou incólume.”²¹

Em 3 de janeiro de 1912, o *Correio Paulistano* publicou uma matéria de primeira página sobre “A Questão das Raças” que traça uma resenha dos Congresso das Raças Humanas, realizado em Londres, e faz menção a “[...] Mr. Burchharot [Sic] Du Bois, o chefe incontestável da intelectua-

21 Essa anedota não foi encontrada nas autobiografias de Washington, mas é citada na biografia da autoria de Scott e Stowe (1916, p. 30-31): “Para ilustrar que, apesar do preconceito racial, as desvantagens a que seu povo foram submetidos no Sul eram, afinal, superficiais e não interferiam com suas oportunidades de trabalho e renda, ele contou a experiência de um velho negro que o acompanhava em um de seus passeios educativos pelo Sul”.

lidade negra nesse país. Doutor em filosofia pelo Harsard's College [sic], é professor de história na Universidade de Atlanta e presidente da 'Associação nacional para o progresso dos indivíduos de cor'²². Mas, a figura mais elogiada e comentada nessa matéria é "Booker E. [sic] Washington", caracterizado como "uma das personalidades a quem mais deve a educação dos negros" e que:

Com um ardor incansável, por toda a parte faz conferências em favor de seus irmãos de sangue e tem fundado numerosas escolas. Mas a sua criação mais notável, a que fará a sua glória, é o vasto Instituto que organizou em 1881 em Euskegee [sic], no Alabama, destinado à educação profissional dos negros. Este estabelecimento está em condições admiráveis para desempenhar a missão que tem em vista. Numerosos alunos de ambos os sexos e de todas as idades aí recebem um ensino prático sob todos os pontos de vista adaptável à sua condição social. Uma seção pedagógica prepara professores dos dois sexos que, por sua vez, vão propagar em outras regiões a benéfica ação do Instituto.

É por processos desta natureza que se apressa o levantamento de um povo. É certo que a obra realizada por mr. Booker E. Washington e o entusiasmo com que ele trabalha para o desenvolvimento da raça negra e sua aproximação da raça branca tem mais valor que muitos discursos e publicações literárias.

Todavia, os brilhantes resultados conseguidos e de que ele, com muita razão, se pode orgulhar, não bastam a esse filantropo. A sua ambição é fazer com que os outros aproveitem com a sua experiência; o seu desejo é executar o conselho dos que caminham para o mesmo fim que ele e têm provavelmente algum bom ensinamento a comunicar. Concebeu o plano de convocar em 1912 em Euskegee uma conferência para a qual convidará os missionários, os legisladores e todos os que estão interessados ou à testa de empresas semelhantes à sua.

As pessoas que se reunirem neste congresso terão ocasião de estudar os métodos seguidos nos Estados Unidos e de lhes constatar os resultados e verão até que ponto esses métodos poderão ser aplicados em outras regiões do globo.

22 Segundo a biografia de Du Bois no website da NAACP: "Em 1909 Du Bois foi um dos fundadores da National Association for the Advancement of Colored People (NAACP), e durante o período entre 1910 a 1934, serviu essa associação como seu diretor de publicidade e pesquisa, membro de seu conselho diretor, e editor de *The Crisis*, sua revista mensal". (NAACP, 2014)

Brevemente, nessa reunião, serão discutidos os melhores sistemas de educação dos negros. Cada um aí exporá a sua maneira de ver, dará parte das suas observações e do que pessoalmente tenha obtido. (NAACP, 2014, grifo nosso)

Em 30 de setembro de 1912, O *Correio da Manhã* publicou uma matéria sobre escolas normais em que cita Booker T. Washington e o Instituto Tuskegee como um exemplo dos avanços alcançados por instituições de qualificação de professores nos Estados Unidos.

No dia 17 de setembro de 1913, um artigo intitulado “Miguel Calmon”, publicado no jornal carioca *O Imparcial* (pág. 4), analisa o apelo do estadista à instrução universal no Brasil:

[...] Instrução difundida por toda parte; instrução propagada pelas estradas de ferro, pondo em comunicação os centros mais cultos com as zonas recônditas do interior; instrução recebida pelo exemplo de colonos importados de nações adiantadas, que nos trouxessem hábitos de trabalho racional; instrução profissional, não feita de palavras, mas de obras, de que Booker Washington nos dera modelo imperecível.

Não encontrei nenhum obituário para Washington publicado imediatamente após sua morte no dia 14 de novembro de 1915, fato amplamente veiculado nos Estados Unidos e em vários países do mundo.

Em 15 de janeiro de 1916, a *Gazeta de Notícias* publicou uma nota na segunda página, sem assinatura e sem título, que faz uma comparação nada lisonjeira entre o educador negro Hemetério dos Santos²³ e Booker T. Washington. O tom é irônico e a linguagem mostra um viés racista, nem sempre velado:

23 Hemetério José dos Santos (1858/1939) foi professor, gramático, filólogo e escritor. Nasceu no Maranhão, foi professor no Rio de Janeiro por 20 anos, lecionando no Colégio Pedro II, Colégio Militar e Escola Normal do Distrito Federal. Também foi militar, alcançando a patente de tenente-coronel honorário. Ficou conhecido por críticas da obra de Machado de Assis, a quem acusou de ter vergonha de sua cor. (MULLER, 2008; LOPES, 2009; RODRIGUES, 2013)

O Sr. Heméterio dos Santos é um caso sério de falta de iluminação pedagógica. Das luzes da Escola Normal é a única apagada. Dentro daquele estabelecimento de ensino, ele faz o papel de um lampião de querosene; não se acende.

Mas, aproveitando-se da escuridão em que vive, vai tratando de arrumar a sua vidinha e concertar as suas finanças. Agora, por exemplo, está, como lente que é da Escola, preparando as alunas que desejam passar nos exames. Para ter tal freguesia anda dizendo que é trunfo lá dentro. E as pobres das mocinhas deixam-se levar pelas bazólias do professor e vão entregando nas mãos de Heméterio notas de cem para cima.

Devido à escuridão que há lá por dentro, ninguém enxerga a ação hermeteriana. E o mais engraçado de tudo isso é que o 'Toussaint Louverture' da pedagogia nacional prepara moças para serem aprovadas por ele mesmo.

Num país qualquer onde houvesse um pouco de polícia de costumes, o ilustre professor andaria de casaca vermelha, anunciando a excelência de qualquer verniz, bom para lustrar botas.

Aqui não. Heméterio pontifica obscurece qualquer ponto controverso. É uma instituição nacional.

Como os Estados Unidos, temos o nosso 'Booker Washington'. Mas infelizmente para Heméterio ainda não apareceu por aqui um Roosevelt que, contra a opinião geral, o guindasse a uma posição de destaque.

Podíamos muito bem mandar o obscurecido professor para a Abissínia, ensinar os descendentes de Menelick [sic]. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1916, grifo nosso)

Já em 1921, no *Correio da Manhã*, outra matéria, intitulada "O problema do negro", publicada no dia 22 de setembro, na página 2, apresenta Washington como porta-voz e defensor do negro:

Os pretos já disseram filosoficamente pelos lábios desse grande apóstolo que era Booker Washington, que eles não vieram espontaneamente da África para a América [...] Os brancos é que foram lá buscá-los. Agora, eles se sentem perfeitamente à vontade no novo 'heimat', e não têm nenhum interesse em mudá-lo.

O *Correio Paulistano*, no dia 6 de outubro do mesmo ano, publicou um artigo na página 3, assinado por "João do Norte" (o pseudônimo do intelectual e líder integralista cearense Gustavo Barroso) (OLIVEIRA, 2003, p. 17), intitulado "A universidade negra", em que elogia o trabalho de Washington

e faz a seguinte observação assaz otimista, afirmando a ideologia da democracia racial:

Não possuímos no Brasil, onde a raça africana tem produzido assombrosas inteligências, um Tuskegee College, uma universidade negra, nem tipos que tenham realizado um grande e nobre programa como esse extraordinário Booker Taliaferro Washington. *E isto só nos deve orgulhar, porque é a prova de que no nosso país não se dividem pelas cores os que querem estudar e todos são, não desta ou daquela raça, porém sim brasileiros e irmãos.* (CORREIO PAULISTANO, 1921, grifo nosso)

No dia 15 de outubro de 1922, *O Pharol* de Juiz de Fora publicou um artigo sobre mestiçagem assinado pelo poeta, polemista e educador mineiro Mário de Lima, para quem: “As teorias de Wachez [sic] Lapouge e Gobineau são preconceitos desmoralizados que o caso do Japão, os progressos políticos da China e a obra pedagógica de Booker Washington, nos Estados Unidos, arrasaram por completo”, e conclui: “Sobre as ruínas da doutrina das raças mortas, edifica-se a doutrina dos povos vivos”. (*O PHAROL*, 1922, p. 2)

A edição do *Correio da Manhã*, de 11 de outubro de 1923, página 4, traz um artigo intitulado “Expansão de um preconceito... ou esboço de um protetorado”, que fala sobre o racismo nos Estados Unidos e caracteriza o jantar com o “genial mestiço” na Casa Branca como um gesto singular do presidente Roosevelt.

Uma matéria no *Diário Nacional* (São Paulo), que saiu no dia 3 de fevereiro de 1928, página 7, intitulada “O ‘orfanato’ D. João Nery”, anuncia que “acabam de ser lançadas as bases da importante iniciativa do Centro Palmares” e começa por elogiar Washington como uma referência na área da educação do negro, embora sua obra

Ainda não teve seguidores em outros países, em que a educação dos homens negros constitui um dos problemas nacionais. Entre esses países, em primeiro lugar estamos nós, que contamos com uma percentagem bem vultosa, em algumas partes de nosso território. Entretanto, aproximam-se as consequências do desleixo indígena pela educação dos homens negros que aqui nasceram.

No dia 21 de junho de 1928, página 6, o segundo capítulo de uma “patriótica conferência” intitulada “O Brasil e a raça”, de Baptista Pereira, serializada no *Correio Paulistano*, cita Washington como um paradigma da raça negra, junto com José do Patrocínio.²⁴

Já em 1934, uma nota de primeira página publicada em *A Noite* (Rio de Janeiro) no dia 1º de novembro, intitulada “O vôo negro”, anuncia que “tocará no Brasil o ‘the Booker T. Washington’”, informando que dois avia- dores norte-americanos negros estavam preparando um *raid* – um voo pan- americano da boa vontade organizado pelo Instituto Tuskegee, “centro universitário dedicado exclusivamente à educação dos jovens da raça de cor”, num avião batizado com o nome do fundador dessa instituição.

No do dia 7 de novembro de 1937, o *Correio da Manhã* publicou um ar- tigo de quase uma página inteira (p. 12, Suplemento), intitulado “O negro que jantou com Roosevelt”. Assinado por Luciano Lopes, pastor batista, professor de história, e membro da Academia de Letras do Rio (VILLAÇA, 2006, p. 87), faz uma comparação entre Washington e o grande campeão de boxe da época:

O mundo inteiro tem hoje os olhos voltados para Joe Louis, que soube com um murro possante derrubar o seu contender; mas ninguém se lembra já daquele outro negro de nome Washington, que havendo sido escravo praticou o milagre de conseguir, por seu próprio esforço, notável educação e tornou-se o apóstolo do bem entre os seus companheiros de infortúnio.

A matéria é ilustrada com duas cenas de negros (seriam escravos?) em ambientes tropicais e um retrato, supostamente de Washington, que traz uma vaga semelhança com as feições do educador, mas reflete fielmente sua postura séria e decidida.

O *Correio da Manhã*, no dia 21 de outubro de 1939, publicou um artigo sobre Booker T. Washington e George Washington Carver, o ilustre botânico

24 Baptista Pereira publicou um livro de 153 páginas com o mesmo título (1928).

que passou boa parte de sua vida lecionando e fazendo pesquisa no Instituto Tuskegee.

A seção de livros, na página 5 de *A Noite*, anunciou em 18 de agosto de 1940 o lançamento da tradução de *Up from Slavery* de Graciliano Ramos:

[...] Apresenta-se ao público brasileiro a famosa obra de um negro que sacrificou toda a sua vida em holocausto à sua raça, nos Estados Unidos. Sabe-se que o presidente Mc. Kinley [sic], apesar do rigor do preconceito de raça em sua pátria, visitou pessoalmente o negro que, de cativo, se elevou à mais gloriosa evidência social, conseguindo-se organizar toda uma imensa obra em prol da raça desprezada.

No dia 12 de fevereiro de 1951, o jornal carioca *Imprensa Popular* publicou uma nota na primeira página intitulada “Assassinados pelo racismo americano” e ilustrada com fotos de vários afro-americanos, afirmando que “Sete norte-americanos, pertencentes à raça que deu aos Estados Unidos um grande cientista como Booker Washington, um grande escritor como Langston Hughes e grandes artistas como Paul Robeson e Marian Anderson, morreram esta semana na cadeira elétrica”²⁵. Neste caso, o autor pode ter cometido o erro, não incomum, de confundir Booker T. Washington e George Washington Carver, dois ilustres afro-americanos, que também tinham em comum o nome Washington e uma forte ligação com o Instituto Tuskegee²⁶.

A revista *Seleções do Reader's Digest* anunciou em *A Noite*, em 1º de março de 1956, que uma das seleções seria “A Janela Lavada”:

Por volta de 1858, Booker T. Washington nascia escravo, numa fazenda da Virgínia. Até bem crescido, já rapazinho, só usava uma peça de roupa, uma camisa feita de aniagem. Mas, viria a

25 Langston Hughes (1902/1967) foi poeta, militante, romancista, dramaturgo e colunista. Paul Robeson (1889/1976) foi cantor, ator, advogado, atleta e militante. Marian Anderson (1897/1993) foi cantora lírica (contralto).

26 A posição antiamericana dessa publicação fica evidente em vários artigos na mesma página, inclusive uma referência ao “imperialismo ianque” e títulos como “Os ianques confiam em Vargas”, “Bandidos americanos agridem um brasileiro” e “Mais um gangster fardado vem organizar hospitais de sangue ianques no Brasil”.

tornar-se um dos mais distintos educadores da América. E ele mesmo conta a história de como uma mulher branca ensinou-lhe num único dia a lição que lhe abriria as portas para uma vida civilizada. (SELEÇÕES, 1956, p. 6)

Um artigo assinado por Cândido Mendes sobre um selo de três centavos lançado nos Estados Unidos para comemorar o centenário do nascimento de Booker T. Washington saiu no *Correio da Manhã*, no dia 2 de setembro de 1956 (p. 13, 5. cad.). Informa que 120 milhões de exemplares do selo foram produzidos, com uma imagem de uma cabana parecida com o casebre em que Washington nasceu, e resume sua vida assim:

Nascido numa plantação do sul de Franklin, na Virginia, em abril de 1856, Booker Washington trabalhou ainda criança em minas de carvão. Matriculou-se mais tarde no Instituto Normal e Agrícola Hampton onde trabalhou para pagar seus estudos. Foi pedreiro e mais tarde professor.

Nos dias difíceis de depois da Guerra Civil e da emancipação dos escravos, Washington ficou famoso pela mensagem que dirigiu aos brancos e negros do Sul, para trabalharem em conjunto no desenvolvimento da amizade entre as duas raças [...]. (CORREIO DA MANHÃ, 1956, p. 13)

Tendo se formado pelas Universidades de Harvard e Dartmouth²⁷, Washington escreveu mais de 10 livros sobre a melhora das relações inter-raciais e a educação de seu povo. Um destes livros, sua auto-biografia, *Up from Slavery* tornou-se clássico e foi traduzido para mais de 20 línguas.

É difícil determinar se o autor pesquisou ou traduziu essas informações. A palavra “pedreiro” pode ter sido confundida com porteiro, a má-tradução de *concierge*, que vimos na resenha de Th Bentzon no *Diário da Bahia*. Não há nenhuma referência específica à tradução realizada por Graciliano Ramos, lançada em 1940. Pode ser que, até 1956, essa obra tenha sido esquecida, uma vez que nunca passou da primeira edição. Como veremos na seção a seguir, apesar de ser um dos mais ilustres autores do Brasil,

27 Washington recebeu um mestrado honorário da Harvard e um doutorado honorário da Dartmouth.

a qualidade da tradução pode ter sido comprometida por seu desprezo pelo autor da obra traduzida. (RAMOS, 1979, p. 211-217)

A última menção a Booker T. Washington que encontrei na hemeroteca da Biblioteca Nacional é um artigo da autoria do socialista, jornalista e historiador social Raymond Postgate, intitulado *Novos pontos de vista sobre o sistema soviético*. Foi publicado no *Correio da Manhã* em 31 de maio de 1957, página 7, e ali Postgate observa: “Poucas pessoas escreveram de modo tão compreensivo quanto [Padmore] acerca de Marcus Garvey, que se elegeu o ‘imperador negro’, na década de 1920 ou sobre Booker Washington, o porta-estandarte do grupo que se chamou Uncle Tom, na geração anterior”.

Depois dessa data, a única menção à palavra “Booker” que encontrei na hemeroteca em relação a Washington se refere ao seu neto, o saxofonista Booker Pittman, filho de sua filha do primeiro casamento, Portia Pittman, e padrasto e parceiro musical da cantora brasileira Eliana Pittman.

“Tradutor – traidor”

Othon Guerlac foi o primeiro a solicitar os direitos para traduzir *Up from Slavery* e sua tradução para o francês foi lançada 18 meses depois. Mas, antes disso, a autobiografia de Washington já tinha sido publicada em espanhol cubano. Também foi traduzida para o alemão, norueguês, sueco, dinamarquês, holandês, finlandês, espanhol e russo, e houve notícias de edições em árabe, zulu, hindi, malaio, chinês e japonês. Saiu ainda em Braille em 1903. (HARLAN, 1975, p. 252)

Graciliano Ramos é mais conhecido no Brasil como o autor de *Vidas secas*. Apesar de ser um escritor de renome, sua abordagem à arte da tradução era mais mercenária que literária. (SILVA, 2006, p. 37) Segundo seu biógrafo Dênis de Moraes, ele cedeu mais de uma vez “à tentação de endireitar a prosa alheia”²⁸:

28 Segundo Pereira (2010, p. 8), “Como tradutor, Ramos agia equivocadamente como corretor. Tal fato repetiu-se quando traduziu *A peste* de Albert Camus”.

Já ao traduzir *Memórias de um negro*, em 1940, dizimara dois capítulos de Booker Washington e eliminara, sem piedade, períodos inteiros. E ainda vangloriava-se da façanha:

– O homem vinha direito, umas observações ótimas, de repente se estrepava todo. A todo instante, repetia ideias, usava palavras desnecessárias, fazia círculos de peru. Cortei uma infinidade de asneiras, e ainda ficaram muitas. Negro burro. (MORAES, 1996, p. 266)

A abordagem que Ramos deu à sua tradução de *Up from Slavery* fica aparente quando a comparamos com o original. Para começar, ele eliminou o prefácio que reconhece a contribuição de Max Bennett Thrasher, o *ghost writer* branco, sem explicitar que ele foi contratado por Washington para escrever o livro. Nas mãos de Ramos, alguns títulos dos capítulos foram despojados de seu estilo parabólico – “A Harder Task than Making Bricks without Straw” (capítulo X), ou seja, “Uma tarefa mais difícil do que fazer tijolos sem palha”²⁹ vira “Uma tarefa difícil”; “Making their Beds before they could Lie on them” (capítulo XI), ou “Fazendo suas camas antes que pudessem deitar-se nelas” é traduzido como “Fabricação de móveis” e “Two Thousand Miles for a Five-Minute Speech” (capítulo XIII), ou “Duas mil milhas para um discurso de cinco minutos” é sintetizado como “Um discurso de cinco minutos”. O maior erro de tradução que encontrei pode refletir o desconhecimento do tradutor sobre a História dos Estados Unidos, quando traduz “The Reconstruction Period” [A era da reconstrução] como “O despertar”. O texto deixa claro que Ramos interpretou o termo – que se refere à reconstrução do Sul, após a Guerra da Secessão – como o “despertar” do negro.

Ramos trunca as famosas e comoventes frases iniciais³⁰, transformando-as numa declaração seca e errônea do local de nascimento de Washington:

29 Uma frase de Êxodo 5, ou seja, uma tarefa que deve ser realizada sem recursos adequados.

30 Segue o original: “I was born a slave on a plantation in Franklin County, Virginia. I am not quite sure of the exact place or exact date of my birth, but at any rate I suspect I must have been born somewhere and at some time. As nearly as I have been able to learn, I was born near a crossroads post office called Hale’s Ford, and the year was 1858 or 1859. I do not know the month or the day”. (WASHINGTON, 2000, p. 1, tradução nossa)

“Nasci escravo numa fazenda, em Franklin, na Virgínia. Não sei com exatidão o lugar e a data do meu nascimento; creio, porém que vim ao mundo em 1858 ou 1859, perto do Forte [sic] de Hale, encruzilhada onde havia uma agência do correio. Mês e dia ignoro”. (WASHINGTON, 1940, p. 1)

Num artigo póstumo publicado como um capítulo de *Linhas tortas*, Ramos (1979, p. 211-217) faz uma crítica mordaz a Washington. Sobre sua entrada no Instituto Hampton e indicação para dirigir o Instituto Tuskegee “três anos depois”,³¹ Ramos (1979, p. 211-212) observa desdenhosamente que:

Não podemos dizer que isso tenha sido vo de inteligência superior às inteligências ordinárias. Não. Booker Washington diferia pouco dos homens comuns. Em arte escrita admirou os jornais e a biografia. Achincalhou o grego e o latim, com ironia grossa, e indignou-se ao ver um rapaz embrenhar-se nos mistérios da gramática francesa. Passou três meses na Europa, dormindo regularmente quinze horas por dia. E as observações que lá fez, nos instantes roubados ao sono, foram curtas e bocejadas [...] Apesar dessa indigência interior, Booker Washington deixou-nos traços firmes da vida rural no seu país. Nas páginas em que se eximiu da obrigação de expor ideias foi simples, verdadeiro e humano. Talvez se deva a sua prosperidade à escassez de ideias. Booker Washington pensava num reduzido número de coisas, mas pensava com energia. Teve desejos limitados e concretos, e para realizá-los serviu-se de muitos recursos.

Segundo Ramos (1979, p. 212), antecipando o título do livro *Nem preto nem branco* de Carl Degler (1976):

Não era propriamente negro: tinha cinquenta por cento de sangue branco. Esforçou-se por aproximar os dois grupos étnicos adversos, apresentou-se como grande amigo deles; mas era frio, calculista, e parece que intimamente os desprezava. Não pertencia a nenhuma das raças e pôs as duas em contribuição: dos brancos tirou capital, aos pretos exigiu trabalho. E foi incontentável.

31 Washington entrou no Instituto Hampton em 1872 e se formou em 1875. Fundou o Instituto Tuskegee em 1881, depois de estudar no Instituto Wayland, em Washington, DC, em 1878 e voltar para o Hampton como professor em 1879.

Essas observações podem também refletir o fato de Ramos ser comunista. Muitas das suas opiniões sobre Washington se assemelham às de W. E. B. Du Bois, que aderiu ao Partido Comunista no final da vida. Por exemplo: “Booker Washington não se inquietava com a educação literária, mas era exigente na oficina. E não dispensava as cerimônias religiosas na capela. Queria, além disso, que os negros fossem leais, bem comportados e, nas eleições, votassem na chapa dos seus antigos senhores”. (RAMOS, 1979, p. 212)

Ramos (1979, p. 213) critica o estilo “choroso” de Washington numa determinada página, observando que “lamentou precisar ausentar-se da família [...] Mas estas coisas foram ditas com o mesmo sentimento que adotava cantando loas à filantropia intensa dos americanos”. Conclui com uma observação positiva, embora irônica:

Contudo não enxergamos em Booker Washington um egoísta. Era um sujeito de ação, muito hábil. Nos Estados Unidos tomou lugar, naturalmente entre os negros. E forçou-os a trabalhar com desespero, enquanto esfolava os brancos. Desejava dar ao preto independência econômica. O grego, o latim, as artes, as ciências, todos os enfeites internos de que ele próprio tinha vaga notícia, viriam depois. (RAMOS, 1979, p. 214)

Um livro mais recente sobre Ramos, da autoria de seu neto Ricardo Ramos, o defende das acusações de racismo, afirmando que: “Alguma coisa o desgostava na figura de Booker Washington. Quem sabe a subserviência aos brancos, invariavelmente interesseira? Não será por acaso que os movimentos negros dos Estados Unidos, de tendências as mais diversas, agora o chamam de Pai Tomás”. (RAMOS, 2011, p. 139)³²

32 Pai Tomás é o nome do protagonista titular de *A cabana do Pai Tomás*, da escritora abolicionista Harriet Beecher Stowe. (2004) - título original: *Uncle Tom's Cabin*, 2003. O livro chegou a ser censurado no Brasil, antes da Abolição, devido a temores que inspiraria sentimentos abolicionistas, fugas e até rebeliões escravas, mas hoje em dia os negros norte-americanos consideram Pai Tomás [Uncle Tom, em inglês] sinônimo de subserviência.

Abdias do Nascimento e *Quilombo*

Um militante negro não compartilhou essa opinião sobre Washington, pelo menos na época em que dirigiu o jornal *Quilombo*, publicado pelo Teatro Experimental do Negro (TEN) entre dezembro de 1948 e julho de 1950³³. Encontrei duas menções ao educador afro-americano, ambas positivas, na mesma edição, em dois artigos sobre assuntos bastante diferentes: o pugilista Joe Louis e o cinema negro.

Quando Abdias do Nascimento faleceu em 2011, seu obituário no *New York Times* citou Edward Telles, que elogiou suas críticas francas e corajosas às relações raciais no Brasil: “Ele não tinha medo de dizer que a democracia racial era um mito. E disse isso por 60 anos”. (WEBER, 2011, Seção Americas) Segundo Ollie A. Johnson, professor de estudos africanos na Wayne State University na cidade norte-americana de Detroit, “Para os estadunidenses entenderem sua pessoa e contribuição, seria necessário dizer que tinha um pouco de Marcus Garvey, um pouco de W.E.B. Du Bois, um pouco de Langston Hughes e um pouco de Adam Clayton Powell”. (WEBER, 2011, Seção Americas) A ausência do nome de Booker T. Washington é gritante. A semelhança entre Abdias e Du Bois abrange seu pan-africanismo e sua longevidade – ambos viveram mais de 90 anos e suas trajetórias e obras se sobrepõem para abranger o final do século XIX, o século XX e início do século XXI.

33 Abdias do Nascimento (1914-2011) fundou o TEN em 1944, com a proposta de “resgatar, no Brasil, os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, degradados e negados por uma sociedade dominante que, desde os tempos da colônia, portava a bagagem mental de sua formação metropolitana européia, imbuída de conceitos pseudo-científicos sobre a inferioridade da raça negra. Propunha-se o TEN a trabalhar pela valorização social do negro no Brasil, através da educação, da cultura e da arte”. (NASCIMENTO, 2004, p. 210) O TEN conduziu suas atividades dramatúrgicas e políticas em prol do negro até que foram restritas pela ditadura militar de 1964. Enfim, Abdias foi obrigado a se exilar nos EUA em 1968, onde continuou a desenvolver as atividades do TEN. Para mais informações, acesse: Teatro Experimental do Negro (TEN), Enciplopédia Itaú Cultural. Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399330/teatro-experimental-do-negro>. Acesso em: 17 jul. 2019.

Segundo Domingues e Gomes (p. 116, 2013), *Quilombo*

[...] Foi transformado no principal porta-voz de uma corrente política democrática de orientação antirracista, especialmente liderada por intelectuais negros e com apoio de outros setores da sociedade brasileira. É fato que tal corrente política – e com destaque para o seu órgão de imprensa – se constituiu num polo ideológico que buscava forjar uma nova hegemonia do discurso racial da época, mas também é verdade que ela não fez emergir apenas uma, mas várias vozes, múltiplos discursos e diversos ideários.

Os recursos utilizados para custear a publicação desse periódico vinham de alguns integrantes do TEN, como Guerreiro Ramos, e de colaboradores brancos. Veiculou “uma polifonia de vozes”, inclusive um ensaio intitulado “Orpheu Negro”, escrito por Jean Paul Sartre e traduzido por Ironides Rodrigues (NASCIMENTO, 2003, p. 64-65), em que o filósofo francês “conferiu à teoria da negritude um estatuto filosófico, de dimensões políticas revolucionárias; uma arma no combate à dominação colonial”. (DOMINGUES; GOMES, 2013) Publicou uma nota sobre o primeiro aniversário da morte do empresário branco Roberto Simonsen, apoiou a candidatura a deputado de outro empresário branco, Eurico de Oliveira, e, na edição de janeiro de 1950, noticiou a morte do antropólogo branco Artur Ramos, numa nota intitulada *A morte de um grande amigo*, afirmando: “com a morte de Artur Ramos, o negro brasileiro perde um dos seus melhores amigos e um dos mais lúcidos advogados”. (DOMINGUES; GOMES, 2013; NASCIMENTO, 2003, p. 61) Também teve colaboradores brancos, entre eles, Péricles Leal. Como Domingues e Gomes (2013, p. 121) assinalam: “Alias, em todas as edições, o jornal abriu espaço (e deu ‘voz’) às pessoas brancas”.

Além de ser avalizado por aliados brancos (DOMINGUES; GOMES, 2013; NASCIMENTO, 2003, p. 61), *Quilombo* assumiu uma postura positiva em relação a Washington. A edição de março-abril de 1950 coloca o educador no *ranking* dos negros norte-americanos mais ilustres. Tanto ele como Du Bois são incluídos na lista das maiores referências de sua raça numa matéria sobre a visita que Louis fez ao Brasil:

Joe Louis, com suas espetaculares vitórias no box, e a correção de suas atitudes como cidadão e patriota, colocou-se entre os negros que mais fizeram pela projeção de sua raça, ao lado, por exemplo, de Booker [sic] T. Washington, Paul Robeson, [George] Washington Carver, Marion [sic] Anderson, Dubois [sic] e outros grandes nomes. (NASCIMENTO, 2003, p. 86)

Na mesma edição, uma matéria intitulada *Cinema e artistas negros* analisa o filme *O nascimento de uma nação*, de D.W. Griffith, caracterizando-o como “o primeiro grande filme onde os negros participam de uma ação dramática”. (NASCIMENTO, 2003, p. 88) Entretanto, observa a seguir:

O filme foi violentamente atacado por um certo número de liberais como [Charles W.] Eliot³⁴ e Booker T. Washington, o célebre líder negro. Eles acusavam Griffith de ter tentado diminuir o ideal e os princípios, em nome dos quais esta guerra foi feita. Reprovavam também o diretor ter feito prova de parcialidade racial, denunciando os excessos cometidos pelos pretos após a abolição da escravatura e fazendo interpretar suas personagens negras por atores brancos ‘lambuzados de tinta preta’. (NASCIMENTO, 2003, p. 88)

A fonte citada é um artigo intitulado “David Wark Griffith” [sic], de Jacques Manuel, publicado no *Revue du Cinema* n° 2. Uma análise de todas as nove edições de *Quilombo* nos leva à conclusão que se tratava de uma publicação bastante sofisticada e cosmopolita, que também reproduzia artigos publicados na revista *The Crisis*, da NAACP³⁵. Entretanto, é interessante observar que aqui, também, a fonte era uma resenha publicada originalmente na França.

O filme *O nascimento de uma nação* foi baseado no romance *The Clansman* [O membro do Clã], de Thomas Dixon, um inimigo antigo de Washington, que começou a olhar o “Grande Conciliador” com suspeita após o famoso jantar na Casa Branca. Tanto a reação a um negro sentado na mesa de jantar na Casa Branca, como o tema do filme refletiram um dos maiores medos dos

34 Na época, reitor da Universidade de Harvard.

35 Du Bois foi um dos fundadores de *The Crisis*, em 1910, e dirigiu a publicação até 1934. Um artigo sobre a revista apareceu na página 5ª da edição de 9 de maio de 1949 de *Quilombo* (NASCIMENTO, 2003, p. 31)

sulistas brancos: contatos entre mulheres brancas e homens negros, que para os racialistas só podiam acabar em miscigenação. No romance e no filme, uma mulher branca comete suicídio para fugir da “luxúria” de um soldado negro.

Em vão, Washington tentou impedir a estreia do filme, temendo que incitasse conflitos raciais; seus temores se concretizaram. Cavaleiros brancos apareceram próximos ao cinema, paramentados da cabeça aos pés nas vestes do Ku Klux Klan quando o filme estreou na cidade de Atlanta. (NORELL, 2009, p. 413) Até o presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, teria dito após uma sessão especial na Casa Branca: “É como escrever a História com raios. Só lamento que tudo seja tão terrivelmente verídico”. O filme causou tumultos em várias cidades e foi alvo de ações judiciais e piquetes durante anos. Como muitos acontecimentos infelizes, teve a vantagem de reunir duas grandes instituições que estavam geralmente em desacordo: a “Máquina do Tuskegee” de Washington, e a NAACP, cujo conselho fundador incluiu apenas um negro, W.E.B. Du Bois.

W. E. B. Du Bois e *As almas da gente negra* no Brasil

Como sabemos, Booker T. Washington ganhou reconhecimento nacional nos Estados Unidos e foi aclamado como o sucessor de Frederick Douglass como líder da “nação negra” em 1895 quando preferiu sua famosa palestra na Exposição de Atlanta – chamada o “Acordo Meio-Termo de Atlanta” por seus inimigos. Na ocasião, ele afirmou: “Em todas as coisas que são puramente sociais podemos ser tão separados como os dedos, mas unidos como a mão em todas as coisas essenciais para o progresso mútuo”³⁶. Suas palavras suscitaram elogios rasgados de líderes brancos, inclusive do presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland, e como vimos no segundo capítulo, Washington recebeu uma carta de W. E. B. Du Bois, aprovando seu

36 “In all things that are purely social we can be as separate as the fingers, yet one as the hand in all things essential to mutual progress”. (WASHINGTON, 2000, p. 154, tradução nossa)

discurso e afirmando que se tratava de “uma palavra proferida de maneira apta” (“a word fitly spoken”). Também recebeu críticas severas de eminentes intelectuais negros, aos quais Du Bois se juntaria depois. Entretanto, Washington nunca perdeu o apoio das pessoas comuns da nação negra que Du Bois considerava “as massas”. Segundo o jornalista branco R. S. Baker (1908), que utiliza o mesmo termo:

Tenho ouvido coisas amargas ditas sobre o Sr. Washington por pessoas de cor e brancos. Esperei e investiguei muitas dessas histórias, e eu digo aqui o que tenho visto e conhecido de sua influência entre milhares de pessoas comuns, seres humanos esforçados [...] ele trouxe uma nova esperança e deu novo ânimo para as massas de sua raça. Ele deu-lhes um plano de trabalho para a vida

É importante observar que Washington deixou seu tom conciliador de lado no final da vida. O ponto de inflexão que mudou sua trajetória foi esta: como vimos no segundo capítulo, foi quase linchado na cidade de Nova York em 1911. Além de levar 16 pontos na cabeça e sofrer a humilhação de ser preso quando ele era evidentemente a vítima, Washington nunca superou o estigma – propositalmente reforçado pela NAACP – de ser acusado de abordar mulheres brancas e até procurar prostitutas dessa cor, assim reforçando o estereótipo da “luxúria desenfreada” do negro. Todos, negros e brancos, perguntaram o que ele fazia num bairro branco, próximo ao Tenderloin, a “zona” de Nova York. Ele alegou que procurava um auditor de nome Smith, mas nunca conseguiu comprovar sua história. O jornalista Oswald Garrison Villard, neto do abolicionista branco William Lloyd Garrison, e um dos diretores da NAACP, divulgou uma resolução oficial dessa entidade, condenando o caso pela clara evidência de discriminação racial, mas rejeitando a versão de Washington. (NORRELL, 2009, p. 399-400) Segundo Harlan, Villard viu esse terrível episódio e a vulnerabilidade de Washington como uma oportunidade de trazer o “Mágico de Tuskegee” para dentro do aprisco da NAACP. (HARLAN, 1986, p. 391-392) Mas suas palavras apenas serviram para afastá-lo mais ainda.

Pode ser que o “Affair Ulrich”, que deixou claro que nem o “negro mais famoso do mundo” estava a salvo de episódios de violência súbita, sem o

menor pretexto, tenha levado Booker T. Washington a adotar uma postura mais aberta e agressiva em relação aos direitos civis do negro e ao combate à segregação nos três anos que antecederam sua morte em 1915. Como vimos no Capítulo 2, no artigo póstumo intitulado *Minha opinião sobre as Leis da Segregação*, ele assumiu uma postura clara e contundente contra a segregação, afirmando que não era apenas injusta mas servia para “alargar a brecha entre as raças”, deixando os negros amargados e em nada servindo para melhorar a “fibra moral” dos brancos. (WASHINGTON, 1915, p. 114)

Entretanto, a imagem de Washington de “comodista” e subserviente “Pai Tomás” persiste no Brasil e nos Estados Unidos nos dias de hoje, em grande parte, lapidada, propagada e perpetuada por W. E. B. Du Bois. No seu ensaio devastador sobre Washington, Du Bois (1999b, p. 115) conclui:

Enquanto o sr. Washington pregar a Economia, a Paciência e a Educação Industrial para as massas, devemos apertar a sua mão e lutar com ele [...] Porém, enquanto o sr. Washington desculpar a injustiça, no Norte e no Sul, enquanto não valorizar corretamente o privilégio e o dever do voto, enquanto minimizar os efeitos castradores das distinções de casta e se opuser à educação superior e à ambição dos nossos espíritos mais brilhantes –, enquanto ele, o Sul ou a Nação, fizerem isso, devemos refutá-los sem trégua, com toda firmeza.

Até no seu obituário para Washington, Du Bois não resiste e fala mal do morto, reiterando as críticas fulminantes que repetia há mais de uma década: “[...] com a mais severa justiça, devemos atribuir à alma deste homem uma grande responsabilidade pela consumação da perda dos direitos civis do negro, o declínio da universidade e escola pública negra e o estabelecimento mais rígido da casta de cor nesta terra”. (DU BOIS, 1999a, p. 171)

No Capítulo 3, vimos que esses argumentos já foram questionados e refutados pelo intelectual negro Ishmael Reed, na sua introdução a *Up from Slavery* intitulada *Booker vs. the Negro Saxons* (2000), e, mais recentemente, Robert J. Norrell analisou a vida e obra de Washington no contexto de seu tempo com o intuito de “reabilitar” sua reputação. Segundo Norell (2009, p. 16):

A resposta de Booker Washington às suas circunstâncias refletiu uma mente sofisticada que inventou um modo complexo de alcançar o que, por qualquer critério, foram objetivos nobres. Mas a sua época foi um momento terrível, por definir limites estreitos e injustos sobre o que ele poderia fazer para conseguir seus objetivos. Na visão de Washington, a sua vida não foi apenas uma luta para superar a escravidão, mas também um grande esforço para elevar-se acima da história. Visto o destino de sua reputação histórica, isso continua a ser o grande desafio de sua vida, quase um século depois de sua morte.

Infelizmente, o livro de Norrell ainda não foi traduzido para o português, e as principais fontes impressas em língua portuguesa disponíveis a intelectuais brasileiros sobre Washington são a tradução infeliz que Ramos fez de *Up from Slavery* e o ensaio brutal de Du Bois. Temos uma excelente tradução de *The Souls of Black Folk*, intitulada *Almas da gente negra* (1999b), graças aos cuidados de Heloísa Toller Gomes, que também foi responsável pelas anotações e introdução do livro. Também contém um posfácio da autoria do filho de Du Bois, David G. Du Bois³⁷, que apresenta o seguinte trecho de uma das últimas entrevistas de seu pai, concedida durante seu exílio em Gana, em 1963:

Nunca considerei Washington um homem perverso. Achava-o sincero, embora equivocado. Ele e eu tivemos antecedentes muito diferentes. Eu nasci livre. Washington nasceu escravizado. Ele sentiu em suas costas o açoite do feitor. Nasci em Massachusetts; ele, numa plantação escravista do Sul. Meu trisavô combateu no Exército Colonial da Nova Inglaterra, durante a Revolução da Independência. Tive uma infância feliz, sendo bem aceito na comunidade. A infância de Washington foi muito dura. Tive mais oportunidades: Fisk University, Harvard, anos de pós-graduação na Europa. Washington recebeu pouca instrução formal. Havia, nele, muita coisa que eu admirava. (DU BOIS, 1999b, p. 317)

37 O posfácio é uma tradução do texto que David Du Bois apresentou durante o simpósio "Washington & Du Bois: At the Turn of Two Centuries" (Organization of American Historians and National Parks Service, Roanoke, Virgínia, 19 - 21 março 1998).

David Du Bois (1999b, p. 317) observa que seu pai acreditava que a filosofia de autossuficiência de Washington “colocava o fardo de toda a tarefa a realizar basicamente nos ombros dos cidadãos negros recém-saídos da escravidão, vivendo sob a devastação que sucedeu a derrocada da Reconstrução e sofrendo as suas terríveis consequências”.

Menções recentes

Como temos visto, a imagem de Washington sofreu um processo de decadência no Brasil – de ilustre educador e orador negro a Pai Tomás. Os dois livros, *Memórias de um negro* e *As almas da gente negra*, estão esgotados neste país. Entretanto, os resultados de uma busca realizada em novembro de 2014 dos títulos disponíveis em centenas de sebos brasileiros, na internet ³⁸, mostra que nenhum exemplar de *Memórias de um negro* estava disponível, enquanto vários exemplares de *Almas da gente negra* estavam à venda por preços módicos. Portanto, a edição portuguesa de *The Souls of Black Folk* e o posfácio de David Du Bois continuam sendo as fontes impressas referentes à vida e o legado de Booker T. Washington mais acessíveis aos leitores exclusivamente lusófonos. As informações disponíveis na internet também são limitadas.

Pelo menos um intelectual afro-brasileiro, Wilson Mattos, conheceu Washington através do ensaio de Du Bois, que teve uma forte influência sobre sua opinião do “Mágico de Tuskegee”³⁹. Uma pesquisa de dissertações e teses disponíveis *online* mostra que o nome de Booker T. Washington raramente aparece na produção acadêmica no Brasil. Entretanto, Antonio Sergio Alfredo Guimarães (2004) traça um paralelo claro entre Querino e Washington, além de W.E.B. Du Bois, no seu trabalho “Manoel Querino e a formação do ‘pensamento negro’ no Brasil, entre 1890 e 1920”, sugere um estudo comparativo. A tese de doutorado de Sérgio Antônio Silva (2006), intitulada “Papel, penas e tinta: a memória da escrita em Graciliano Ramos”, faz menção de Washington no contexto da tradução de *Up from Slavery*. O capítulo intitulado “Aurora negra: afro-paulistas e afro-americanos na modernidade”, de Flávio

Thales Ribeiro Francisco, fornece informações sobre a trajetória de Washington, mas reproduz a noção disseminada por Du Bois e outros, que o fundador de Tuskegee defendia “uma educação estritamente profissional, sem a prática de nenhum exercício intelectual”. Francisco também caracteriza a “filosofia da acomodação” como a convicção que os afro-americanos deveriam “desenvolver as suas instituições sem se envolver com as lutas pela conquista de uma cidadania integral, ou seja, contra a segregação racial”. (RIBEIRO FRANCISCO, 2009, p. 64)

Já no seu discurso de Atlanta, enquanto pedia a coexistência pacífica das raças, Booker T. Washington teve o cuidado de afirmar que os negros deveriam ter o direito à instrução em todos os níveis: “Não há nenhuma defesa ou segurança para qualquer um de nós, a não ser na maior inteligência e no desenvolvimento de todos. Se em qualquer lugar existem esforços tendentes a reduzir ao máximo o crescimento do negro, deixe que esses esforços se transformem em estímulo, incentivando e fazendo dele o cidadão mais útil e inteligente”. (WASHINGTON, 2000, p. 154) Washington também reconheceu que a escravidão destruiu a ética do trabalho entre os libertos e seus descendentes, e que na geração depois da escravidão, muitos careciam de qualificações e habilidades de trabalho. Como vimos anteriormente, os senhores de escravos precisavam de uma mão de obra qualificada para manter suas fazendas – os escravos deviam saber como cultivar a terra e cuidar dos cavalos e dos rebanhos, bem como exercer os ofícios de ferreiros, carpinteiros, tecelões, cozinheiros e assim por diante –, mas, após a emancipação, os filhos dos libertos não tiveram acesso a essa formação. No entanto, a imagem predominante entre a maioria dos estudiosos brasileiros – sem dúvida, fortemente influenciados por Du Bois – é que Washington defendia a educação estritamente profissionalizante e, portanto, teria colaborado com os esforços dos supremacistas brancos para manter o negro “no seu lugar”.



• À guisa de conclusão

Neste livro, acompanhamos as trajetórias e táticas antirracistas de Booker T. Washington (1856/1915) e Manuel Raymundo Querino (1851/1923), dentro do contexto do Atlântico Negro. Educador, orador e conselheiro de presidentes dos Estados Unidos, Washington nasceu escravo e chegou a ser considerado o “negro mais famoso do mundo”. Após a emancipação, trabalhou como zelador para custear seus estudos no Instituto Hampton, fundou o Instituto Normal e Industrial Tuskegee e tornou-se o líder da “nação negra” nos Estados Unidos, tendo como seu maior rival o intelectual negro W.E.B. Du Bois. Querino foi uma figura multifacetada: pintor-decorador, industrial e pesquisador, fundador da historiografia da arte baiana, defensor dos terreiros de candomblé, sócio fundador do IGHB, inspiração para Pedro Archanjo (protagonista de *Tenda dos Milagres*) e o primeiro intelectual afro-brasileiro a destacar a contribuição do africano à civilização brasileira. Apesar do prestígio que ambos os protagonistas deste livro desfrutaram em vida, suas imagens foram dilapidadas após a morte: Washington com a pecha de “comodista” e até “traidor da raça”; e Querino com a imagem de um humilde “autodidata” de poucos poderes intelectuais. Como vimos, a realidade foi muito mais complexa.

Além de analisar o contexto em que viveram e traçar as interconexões entre suas realidades, acompanhamos suas trajetórias durante a vida e após a morte. Imaginamos como Manuel Querino poderia ter acesso a informações sobre a vida e obra de Washington décadas antes que sua autobiografia mais conhecida, *Up from Slavery*, fosse lançada no Brasil, traduzida por Graciliano Ramos. Seu comentário – “Quem desconhecerá, porventura, o prestígio do grande cidadão americano Booker Washington, o educador emérito, o orador consumado, o sábio, o mais genuíno representante da raça negra na União Americana?” (RAMOS, 1988, p. 23) – indica que Querino teve conhecimento

de vários aspectos da reputação do educador afro-americano, todos os quais foram detalhados na resenha publicada no *Diário da Bahia* em 1902.

O primeiro capítulo mostrou que, apesar dos contextos diferentes em que viveram, enfrentavam desafios parecidos, devido ao fluxo e refluxo de ideias no Atlântico Negro, principalmente as ideologias racialistas. Lançaram mão de táticas parecidas para enfrentar o racismo num mundo globalizado, em termos de influências culturais e intelectuais. Também vimos os contrastes entre a forma em que a miscigenação se desenvolveu nos Estados Unidos e no Brasil, levando a categorias raciais determinadas pela hipodescendência no primeiro, e o surgimento de classificações intermediárias no segundo – principalmente o mulato, criando, assim, o *mulatto escape hatch*.

No segundo capítulo, analisamos como Washington e Querino se autorrepresentaram e como foram vistos pelos “olhos dos outros”. Nos trabalhos biográficos autorizados por eles, os dois se apresentaram como *self-made men*, com o intuito de combater estereótipos negativos do negro que reforçavam o sentimento de superioridade do branco e abalavam a autoestima de seus irmãos de cor.

Entretanto, nas suas “trajetórias póstumas”, o enfoque do Capítulo 3, até recentemente, as reputações de ambos sofreram más interpretações e distorções. Querino foi mais feliz com seus biógrafos do que Washington, cujo principal biografista, Louis Harlan, não poupou esforços para manchar a reputação e legado de seu biografado. Os ataques ao prestígio de Washington vieram principalmente de militantes negros e seus aliados brancos, que preferiam líderes e heróis mais pujantes, “ másculos ” e agressivos, como Malcolm X. No caso de Querino, apesar de ser visto por seus contemporâneos como um estudioso “demasiadamente modesto” – mas também como “altivo” – passou a ser caracterizado como um “humilde professor negro”. Entretanto, hoje, tanto Washington como Querino estão passando por uma releitura e reinterpretação que visam resgatar suas contribuições positivas à luta contra o racismo.

O Capítulo 4 apresentou leituras sobre Washington disseminadas e produzidas no Brasil, primeiro na resenha traduzida do francês, da autoria de Th. Bentzon, serializada no *Diário da Bahia* em 1902 e possivelmente

lida por Querino. Vimos como a reputação do educador negro, tido como o líder da “Nação Negra” nos Estados Unidos, foi dilapidada no decorrer do tempo até que seu nome sumisse por inteiro da imprensa brasileira.

Como todas as pessoas extraordinárias, Washington e Querino foram indivíduos multifacetados que, quando escrutinados profundamente, são difíceis de rotular. Washington foi pai de família, educador, e líder – no seu caso, de uma “nação” construída pela solidariedade negra e pelo sistema de segregação “Jim Crow”, imposto pela lei e por justiceiros numa sociedade aberta e violentamente racista. Dirigiu o Instituto Tuskegee com mãos de ferro, subornou juízes e influenciou e manipulou jornais, contratou espões e laranjas, e não hesitou em enviar seus inimigos para a cadeia sempre que possível. As contradições que surgiram durante o “caso Ulrich” mancharam sua reputação ainda em vida. Teve inimigos ferrenhos, principalmente Du Bois e Trotter, entre os negros, e o senador Ben Tillman, os deputados Tom Heflin e Tom Watson e o autor Thomas Dixon Jr., entre os brancos, mas também teve grandes amigos, seguidores fiéis e aliados ricos e poderosos, brancos e negros.

Querino foi um pai de família, abolicionista, líder operário, aluno leal, educador e pesquisador respeitado, mas também foi flagrado, em 1896, pela Sociedade Protetora dos Desvalidos, gozando plena saúde depois de pedir uma pensão por invalidez. Sabemos também que tinha um “gênio franco e altivo” (CHAVES, 1923), o que sempre cria alguns desafetos, ainda mais no caso de um homem negro numa sociedade em que reinava e ainda reina o racismo velado. Sofreu amargas decepções, mas como podemos ver nas linhas e entrelinhas das biografias produzidas por seus contemporâneos, também conquistou admiradores e amigos fiéis no meio de seus colegas e confrades. Teve aliados brancos de peso, entre eles o conselheiro Dantas, que chegou a ser primeiro ministro do Império. Os obituários de Querino, assim como os de Washington, demonstram que, na hora da morte, ainda gozava bastante prestígio. Por que será, então, que suas trajetórias póstumas sofreram tantos percalços?

Além da acusação de “comodismo”, a pecha que mais pesou na reputação de Booker T. Washington foi a de que ele teria defendido a educação

estritamente profissionalizante para o negro. No livro *Schooling for the New Slavery* [Educando para a nova escravidão], lançado em 1978, Donald Spivey critica Washington em termos parecidos com as acusações de Du Bois, acusando-o de respeitar e preservar os valores escravocratas do Sul: “Seu papel foi como o de um capataz preto dos tempos da escravidão, que, colocado numa posição de autoridade sobre os outros escravos, trabalhou diligentemente para manter intacto o próprio sistema sob o qual ambos eram escravizados”. (SPIVEY, 2007, p. 62)

James Smoot Coleman utiliza a suposta divergência entre as visões de Washington e Du Bois, perpetuada pelo próprio Du Bois na sua análise do debate sobre a educação formal e agrária/profissionalizante na Nigéria. Para os intelectuais nigerianos de formação ocidental, a educação profissionalizante e agrária serviria para manter o africano autóctone no seu papel de “cortador de lenha e carregador d’água”, mas, para outros, perpetuaria as tradições “tribais” e evitaria a criação do “letrado destribalizado”, formado pelo currículo cristão-europeu. Segundo o próprio Coleman (1971, p. 119-120), esse debate seguiria, grosso modo, as linhas “das conhecidas divergências entre os pontos de vista de dois líderes negros dos Estados Unidos: Booker T. Washington, que defendia a formação agrária e profissional das massas e Dr. W.E.B. Du Bois, que acreditava que a instrução deveria, antes de tudo, lidar com a ‘Décima Parte Talentosa’”¹⁵².

Graças à repetição constante, essa suposta dicotomia foi cristalizada, colocando Washington do lado da educação estritamente profissionalizante e Du Bois do lado da instrução superior da elite. Mas, como é caso de muitas noções maniqueístas, a realidade era mais sutil e matizada. Para começar, na análise de Ellen Weiss, a biógrafa do arquiteto afro-americano Robert R. Taylor (WEISS, 2012, p. 58), o discurso que Washington proferiu na Exposição de Atlanta em 1895 foi mal caracterizado como o “Acordo Meio-Termo de Atlanta”. Washington garantiu aos sulistas brancos que encontrariam

152 Coleman (1971, p. 119) ainda utiliza o termo ‘*accommodationists*’ [comodistas] para caracterizar a minoria dos intelectuais africanos “ocidentalizados” que ficaram contra a instrução europeia porque teria “implicações desestruturantes”, embora o autor também argumente que esse protesto poderia “simbolizar um despertar cultural”.

uma mão de obra produtiva na sua própria região se procurassem empregar o negro em vez de importar trabalhadores estrangeiros. Mas o educador e orador também queria ajudar os negros a sair da pobreza e da vida de desamparo e impotência do meeiro ou arrendatário, transformando-os em agricultores que utilizavam técnicas científicas, seriam os donos de seus próprios estabelecimentos rurais, e poderiam desfrutar de tudo que fazia parte da vida de uma pessoa abastada e de cultura na sua época¹⁵³.

Finalmente, não devemos esquecer que o objetivo primordial do estabelecimento de ensino criado por Washington era a formação de educadores. Hoje, o antigo Instituto Normal e Industrial Tuskegee é uma universidade, mostrando que Washington deixou como seu maior legado os alicerces e a infraestrutura de uma instituição de ensino superior. Segundo Smock, na era “pós-direitos civis” nos Estados Unidos, cada vez mais, os comentaristas estão comparando o estilo de liderança de presidente Barack Obama com o de Washington, principalmente sua abordagem conciliatória e a tendência a “minimizar o passado conturbado da nação, procurar um acordo com os brancos e prometer um futuro melhor”. (SMOCK, 2009, p. 5) Os conservadores estadunidenses também gostam de utilizar Washington como referência de autoajuda, ou seja, um líder negro que preferia que as pessoas de sua cor e comunidade se ajudassem em vez de serem assistidos pelo Estado. É um argumento assaz anacrônico, visto que, na época de Washington, não existia o sistema de previdência social introduzido pelo *New Deal* [Novo Trato ou Novo Acordo] durante o mandato do presidente Franklin Delano Roosevelt, nos anos 1930. Infelizmente, na época de Washington, a autoajuda e a manutenção de uma vida regrada e bem-sucedida foram táticas que falharam devido ao clima de racismo acirrado que reinou nas décadas que sucederam à Guerra da Secessão. A violência racial que abalou a cidade de Atlanta em 1906, por exemplo, atingiu os estabelecimentos comerciais de negros abastados.

153 Esse conceito pedagógico está sendo utilizado hoje no baixo sul da Bahia e outras regiões do Brasil. Unindo o ensino técnico ao currículo secundário oficial, as Casas Familiares visam formar “empresários rurais” e evitar a migração de jovens do campo para as grandes cidades, devido à falta de oportunidades nas suas áreas de origem. Ver GIMONET (2007).

Segundo Ishmael Reed (2000, p. xvi),

Os seguidores e sucessores de W.E.B. Du Bois foram tão bem sucedidos na sua definição da reputação de Booker T. Washington, que ele tem sido caracterizado por muitos como um comodista, ou pior. Entretanto, uma análise mais cuidadosa da carreira do educador revela que Washington foi muito mais complexo que seus críticos nos levariam a acreditar.

Fica claro que o indivíduo que mais contribuiu para a pecha de “comodismo” associada a Washington foi o próprio Du Bois, mas a maior diferença que percebemos entre eles é que Washington foi um homem pragmático e Du Bois, um intelectual e idealista. O jornalista branco Ray Stannard Baker, que conheceu os dois pessoalmente, afirma que Washington apelava para o coração e Du Bois para a cabeça. Washington era um líder, Du Bois um promulgador de ideias. (BAKER, 1908) Num movimento que visava confrontar o racismo contra o negro nos Estados Unidos, a união desses talentos, abordagens e visões teria sido bastante profícua. Mas em vez de aceitar o convite de Washington para lecionar no Tuskegee e influenciar o instituto por dentro, Du Bois partiu para uma disputa aberta pela liderança da “nação negra”, aliando-se a outros integrantes da “décima parte talentosa” e, até os anos 1930, com a NAACP¹⁵⁴. Mesmo assim, longe de escapar da sombra de seu rival, o próprio Du Bois afirmou: “Washington morreu em 1915. Muitos pensam que eu morri na mesma época”. (DU BOIS, 1999b, p. 317)

Quanto a Manuel Querino, embora tenha sofrido revezes durante a vida, principalmente como político e funcionário público, tudo indica que os percalços de sua trajetória póstuma se devem a preconceitos de raça e classe. A ênfase em suas origens humildes e no fato de ter começado sua carreira como pintor decorador é utilizada por Ramos, Pinto de Aguiar e Ott, entre outros, para desmerecer suas qualificações acadêmicas e artísticas. Normalmente, as origens humildes de um *self-made man* – como o industrial escocês Andrew Carnegie, ou, para dar um exemplo muito mais próximo à realidade baiana,

154 Du Bois sairia da direção da NAACP e da revista *The Crisis* em 1934, devido a uma divergência de táticas. (NAACP, 2014)

o médico e colecionador de arte inglês Jonathas Abbott – são celebradas para mostrar quantos obstáculos ele teve que superar e quão longe conseguiu chegar. Ninguém insistiria que o fato de Carnegie ter começado a vida como tecelão ou Abbott como cavaleiro desqualificasse suas futuras realizações e merecimentos. A insistência na suposta falta de sofisticação intelectual do “autodidata” Manuel Querino deixa sérias inquietações. Lembra, novamente, as palavras do historiador afro-americano John Hope Franklin: “O mundo do estudioso negro é de uma solidão sem conta e ele deve, de alguma maneira, buscar a verdade nesta vereda solitária, enquanto certifica-se de que suas conclusões são validadas pelos padrões universais desenvolvidos e mantidos por aqueles que, por muitas vezes, deixam de reconhecê-lo”. (FRANKLIN, 1969, p. 72) Também nos faz lembrar as palavras de Frederico Edelweiss (1946, p. 1): “Quanta vez [Querino] deve ter ouvido a frase feita e ainda corriqueira: ‘Este negro não se enxerga!’”.

Apesar dos sucessivos esforços de intelectuais brasileiros e estrangeiros no decorrer de várias décadas, a luta continua para manter Querino no seu devido lugar na história social e cultural da Bahia, como pioneiro da história de sua culinária, suas artes, sua cultura popular e da valorização das contribuições dos colonos africanos à civilização baiana e brasileira.

Um novo olhar sobre Washington no Brasil de hoje não só poderia resultar numa reinterpretação de suas táticas, mas seria útil também para nos lembrar da absoluta falta de oportunidades de educação para os libertos neste país após a Abolição em 1888. A falta de instrução e qualificações levou a uma condição que o sociólogo Jessé de Souza descreve como a desclassificação e marginalização permanente de pessoas brancas e negras. (SOUZA, 2006, p. 61). A discriminação racial acrescentou um fardo adicional para o liberto e seus descendentes.

Já em 1902 e, provavelmente, bem antes, figuras como Booker T. Washington e Frederick Douglass eram conhecidas no Brasil. No entanto, em 1916, Manuel Querino apontou apenas Washington como referência e representante dos negros dos Estados Unidos. Pode ser que Querino se identificasse com Washington porque ambos vieram de origens humildes e lutaram para ter educação, trabalhando para financiar seus estudos, Washington como zelador e Querino como pintor decorador. Querino com-

partilhou com Washington o desejo de garantir que os negros pudessem, pelo menos, aprender um ofício que lhes permitissem sobreviver e até prosperar após a abolição. No entanto, nenhum esforço foi feito no Brasil para educar os negros libertos. Nos primórdios da Primeira República, Querino foi aos jornais denunciar a falta de oportunidades de educação profissional, que estavam sendo progressivamente eliminadas. (GLEDHILL, 2013)

Saber que instituições educacionais para os libertos e seus descendentes existiam nos Estados Unidos, mas não no Brasil, onde as relações raciais eram menos violentas, a miscigenação um fato consumado e a segregação mais velada, certamente deu-lhe motivos para valorizar as conquistas de Washington. Como o autor da “Carta Parisiense”, Querino deve ter se perguntado muitas vezes: *“Quando aparecerá no Brasil um outro Booker para elevar o nível do negro e salvar aqueles que a abolição da escravidão lançou no vácuo, na incerteza...”*(CORREIO DA MANHÃ, 26 out. 1903, p. 3)



Referências

Arquivos consultados

Arquivo Público do Estado da Bahia

Biblioteca do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

Biblioteca Pública do Estado da Bahia

Booker T. Washington Papers, Manuscript Division, Library of Congress – EUA

Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional

Periódicos brasileiros consultados

A Tarde (BA)

Almanaque Brasileiro Garnier

A Noite – Rio de Janeiro (RJ)

Correio da Manhã – Rio de Janeiro (RJ)

Correio Paulistano – São Paulo (SP)

Diário da Bahia – Salvador (BA)

Diário Nacional – São Paulo (SP)

Gazeta de Notícias – Rio de Janeiro (RJ)

Imprensa Popular – Rio de Janeiro (RJ)

O Imparcial – Rio de Janeiro (RJ)

O Paiz – Rio de Janeiro (RJ)

Pharol – Juiz de Fora (MG)

Quilombo – Rio de Janeiro (RJ)

Renascença – Salvador (BA)

Livros, artigos, teses e sites

A TARDE. *Centenário de Manoel Querino: as homenagens da Bahia*. 28 de julho de 1951. S.p.

A TARDE. *Encerradas as comemorações do centenário de Manuel Querino*. 29 de julho de 1951.

AGASSIZ, Louis; Agassiz, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Tradução e notas de Edgar Süsssekind de Mendonça. Brasília, DF: Senado Federal, 2000.

AGUIAR, Pinto de. Manuel Querino e sua obra. In: QUERINO, Manuel. *A raça africana e os seus costumes*. Salvador: Livraria Progresso, 1955, p. 5-11.

AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. Esperanças de Boaventuras: construções da África e africanismos na Bahia (1887-1910). *Estudos afro-asiáticos, Rio de Janeiro*, v. 24, n. 2, p. 215-245, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2002000200001. Acesso em: 4 fev. 2007.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O jogo da dissimulação: Abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. Esperanças de Boaventuras: construções da África e africanismos na Bahia (1887-1910). In: BACELAR, Jeferson Afonso;

PEREIRA, Cláudio Luiz (org.). *Política, instituições e personagens da Bahia (1850-1930)*. Salvador: EdUFBA, 2013, p. 93-124.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: <http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/uma%20historia%20do%20negro%20no%20brasil.pdf>. Acesso em: 16 nov. 13.

ALVES, Marieta. *Intelectuais e escritores baianos: breves biografias*. Salvador: Prefeitura Municipal: Fundação Museu da Cidade, 1977.

AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. 36. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

- AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. São Paulo: Companhia das Letras, 1969.
- AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- APPIAH, Kwame A. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- APPIAH, Kwame A. Racial Identity and Racial Identification. In: BACK, L.; SOLOMOS, J. (org.). *Theories of Race and Racism: A Reader*. Londres; Nova York: Routledge, 2000, p. 606-615.
- ARAÚJO, Emanuel (org.). *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: Tenenge, 1988.
- ARAÚJO, Emanuel (org.). *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. 2. ed. São Paulo: Museuafrobrasil, 2010.
- ARAÚJO, Emanuel (org.). *Eu tenho um sonho: de King a Obama, a saga negra do Norte*. São Paulo: Museuafrobrasil, 2011.
- ARMISTEAD, Wilson. *A Tribute for the Negro: Being a Vindication of the Moral, Intellectual, and Religious Capabilities of the Coloured Portion of Mankind; with Particular Reference to the African Race*. Manchester: William Irwin, 1848.
- Disponível em: <http://docsouth.unc.edu/neh/armistead/armistead.html>. Acesso em: 20 ago. 2011.
- American Sociological Association. *Robert Ezra Park*. Washington, EUA, [s. d.] Disponível em: http://www.asanet.org/about/presidents/Robert_Park.cfm. Acesso em: 7 jan. 2014.
- ASCOLI, Peter Max. *Julius Rosenwald: The Man Who Built Sears, Roebuck and Advanced the Cause of Black Education in the American South*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 2006.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites, século XIX*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

- AZEVEDO, Thales de. Apresentação. In: QUERINO, Manuel. *Costumes africanos no Brasil*. 2. ed. ampliada e comentada. Prefácio, notas e organização de Raul Lody. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 1988, p. 7-9.
- BACELAR, Jeferson Afonso; PEREIRA, Cláudio. *Bahia negra na coleção Museu Temporal*. Coleção Etnobahia. Salvador: P555 edições, 2006.
- BACELAR, Jeferson Afonso. *Itinerários intelectuais e o debate sobre as desigualdades étnico-raciais*. Texto inédito, 1998.
- BACELAR, Jeferson Afonso. *Resenha de São Luís*. Biografia [de Jacques Le Gof]. Texto inédito, 1990.
- BACELAR, Jeferson Afonso. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- BACELAR, Jeferson Afonso. De candomblés a negros ilustres. In: NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (org.). *Manuel R. Querino: seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2009, p. 177-183.
- BAHIA ILUSTRADA. Propaganda indigna. *Bahia Ilustrada*, Salvador, ano 5, n. 39, jun. 1921.
- BAKER, Lee D. *From Savage to Negro: Anthropology and the Construction of Race, 1896-1954*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1998.
- BAKER, Ray Stannard. *Following the Color Line: An Account of Negro Citizenship in the American Democracy*. Nova York: Doubleday, Page & Company, 1908. Kindle não paginado.
- BALDWIN, James. A Talk to Teachers. *The Saturday Review*, United States, p. 1-6, 21 dec. 1963. Disponível em: <http://richgibson.com/talktoteachers.htm>. Acesso em: 7 dez. 2011.
- BARRETO, Lima. *Contos completos de Lima Barreto*. Organização e introdução de Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BARROS, J. Teixeira. Manuel R. Querino. Apresentação. In: QUERINO, Manuel. *A Bahia de Outr'ora: Vultos e factos populares*. 2. ed. aumentada. Bahia: Livraria Econômica, 1922. p. iii-vii.

BARROS, J. Teixeira. Manuel R. Querino. Apresentação. In: QUERINO, Manuel Raymundo. *A Bahia de outrora*. 3. ed. com prefácio e notas de Frederico Edelweiss. Salvador: Livraria Progresso, 1946.

BECKER, Howard S. *The Chicago School, So-called*. [Chicago], 3 Oct. 2008. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20080203122901/http://home.earthlink.net/~hsbecker/chicago.html>. Acesso em: 11 jul. 2010.

BECKER, William B. Cabinet Cards. In: HANNAVY, John (org.). *Encyclopedia of Nineteenth-Century Photography*. v. 1. Nova York: Routledge, 2008, p. 233-234.

BENNETT, Drake. Questions for Kwame Anthony Appiah: The Trouble with Identity. *Boston News*, n. 6, Boston, 2005. Disponível em: http://www.boston.com/news/globe/ideas/articles/2005/02/06/the_trouble_with_identity?pg=full. Acesso em: 1 nov. 2009.

BENNETT, William J. *America: The Last Best Hope (v. 2): From a World at War to the Triumph of Freedom, 1914-1989*. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 2008.

BIEZE, Michael. *Booker T. Washington and the Art of Self-Representation*. Nova York: Peter Lang, 2008.

BIDDISS, Michael D. *Father of Racist Ideology: The Social and Political Thought of Count Gobineau*. Nova York: Weybright and Talley, 1970.

BLAISDELL, Bob (org.). *Selected Writings and Speeches of Marcus Garvey*. Mineola, NY: Dover Publications, 2004.

BLANCHARD, Pascal et al. (org.) *Human Zoos: Science and Spectacle in the Age of Colonial Empires*. Tradução de Teresa Bridgeman. Liverpool: Liverpool University Press, 2008.

BOOKER T. WASHINGTON SOCIETY. *Honorary Doctor of Laws Degree conferred by Dartmouth College*. Hampton, 1903. Disponível em: <http://btwsociety.org/library/honors/02.php>. Acesso em: 19 fev. 2012.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

BONTEMPS, Arna. *Young Booker: Booker T. Washington's Early Days*. Nova York: Dodd, Mead & Company, 1972.

- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. On the Cunning of Imperialist Reason. *Theory, Culture & Society*, Londres, v. 16, n. 1, p. 41-58, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre e São Paulo: Zouk: Edusp, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRACEY, C. A. *Saviors or Sellouts: The Promise and Peril of Black Conservatism, from Booker T. Washington to Condoleezza Rice*. Boston: Beacon Press, 2008.
- BRAGA, Julio Santana. *Sociedade Protetora dos Desvalidos: uma irmandade de cor*. Salvador: Ianamá, 1987.
- BRANCH, Taylor. *Pillar of Fire: America in the King Years, 1963-65*. Nova York: Simon and Schuster, 1998.
- BRASIL. Senado Federal. *Biografia de Severino dos Santos Vieira*. Brasília, DF, 1890. Disponível em: http://www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=2235. Acesso em: 18 maio 2013.
- BRASIL. *Ministros de Estado da Fazenda: Manuel Pinto de Sousa Dantas*. Brasília, DF, 2013. Disponível em: http://www.fazenda.gov.br/institucional/galeria-dos-ministros/imperio-segundo-reinado/dom_pedroII037/?searchterm=sousa%20dantas. Acesso em: 14 fev. 2013.
- BRASIL. Código penal de 1890. Brasília, DF, 1890. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/55636995/Codigo-Penal-de-1890-Completo>. Acesso em: 20 nov. 2013.
- BROOKSHAW, D. *Raça e cor na literatura brasileira*. Tradução de Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Série Novas Perspectivas, 7).
- BRUNDAGE, W. Fitzhugh (org). *Booker T. Washington and Black Progress: Up from Slavery 100 Years Later*. Gainesville: University Press of Florida, 2003.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: História e imagem*. Bauru, SP: EdUSC, 2008.

BURNETT, Lonnie A. *Henry Hotze Confederate Propagandist: Selected Writings on Revolution, Recognition, and Race*. Tuscaloosa, Alabama: University of Alabama Press, 2008, p. 4-5. Google Books/Kindle, não paginado.

BURNS, E. Bradford. Bibliographical Essay: Manuel Querino's Interpretation of the African Contribution to Brazil. *The Journal of Negro History, Chicago*, v. 59, n. 1, p. 78-86, jan. 1974. = BURNS, E. Bradford. *A interpretação de Manuel Querino à contribuição africana no Brasil*. *Revista de Cultura da Bahia*, Salvador, n. 9, p. 61-72, jan./dez., 1974.

BURNS, E. Bradford. *A History of Brazil*. 3. ed. Nova York: Columbia University Press, 1993.

BURRELL, Tom. *Brainwashed: Challenging the Myth of Black Inferiority*. Carlsbad, Califórnia: Smiley Books, 2010.

BUTLER, Kim D. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Bahia*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2000.

BOOKER WASHINGTON INSTITUTE OF LIBERIA. *National Alumni Association of North America*. Liberia, West Africa, 2018. Disponível em: http://www.bwitiger.org/bwi_history.html. Acesso em: 19 dez. 2012.

CALMON, Jorge. Manuel Querino, o jornalista e o político.. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, UFBa, mai. 1980. (Ensaios/Pesquisas, 3).

CALMON, Jorge. *O vereador Manuel Querino*. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 1995.

CALMON, Pedro. *História da literatura bahiana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1949.

Cambridge University Press. Cambridge Plain Texts: Montalembert, De L'Avenir Politique de L'Angleterre. New York: Cambridge University Press, 1922.

Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=aU4QQ7uZttYC&pg=PA99&lpg=PA99&dq=Montalembert:+Au+milieu+des+d%C3%A9couragements,+des+h%C3%A9sitations,+des+apostasies+qui+nous+assi%C3%A8gent,+que+du+moins+notre+voix+et+notre+restent+d%E2%80%99accord+avec+notre+pass%C3%A9&source=bl&ots=AiX8rJTgjl&sig=AC->

fU3U321Ir58_T4Jh_hybezYMZQddXGwA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi-totnG9_7nAhUPJrkGHHasCDPoQ6AEwAXoECAoQAQ#v=onepage&q=Montalembert%3A%20Au%20milieu%20des%20d%C3%A9couragements%2C%20des%20h%C3%A9sitations%2C%20des%20apostasies%20qui%20nos%20assi%C3%A8gent%2C%20que%20du%20moins%20notre%20voix%20et%20notrevie%20restent%20d%E2%80%99accord%20avec%20notre%20pass%C3%A9&f=false. Acesso em: 14 nov. 2019.

CARNEGIE, Andrew. *The Autobiography of Andrew Carnegie and The Gospel of Wealth*. [Estados Unidos]: Seven Treasures Publications, 2010.

Edição original: Londres: Constable & Co. Limited, 1920.

CARNEIRO, Edison; FERRAZ, Aydano do Couto (org.). *O negro no Brasil*.

Trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (BAHIA). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

CARNEIRO, Edison. *Ladinos e crioulos: estudos sobre o negro no Brasil*.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

CARROLL, Rebecca (org.). *Uncle Tom or New Negro? African Americans Reflect on Booker T. Washington and Up from Slavery One Hundred Years Later*.

Nova York: Broadway Books: Harlem Moon, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. *Pescadores e roceiros: escravos e forros em Itaparica na segunda metade do século XIX, 1860-1888*. São Paulo: Annablume: Fapesp; Salvador: Fapesb, 2008.

CASTILLO, Lisa Earl. Icons of Memory: Photography and its Uses in Bahian Candomblé. *Stockholm Review of Latin American Studies*, Estocolmo, n. 4, p. 11-23, mar. 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHAVES, Miguel. Manoel Querino e o Lyceu. *O Democrata*, Salvador, p. 2, 14 fev. 1923.

COLEMAN, James Smoot. *Nigeria: Background to Nationalism*. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press: 1971.

Committee on House Administration of the U.S. House. Office of History and Preservation, Office of the Clerk. *Black Americans in Congress, 1870–2007*. Washington, U.S.: Government Printing Office, 2008. Disponível em: <http://baic.house.gov/historical-essays/essay.html?intSectionID=25>. Acesso em: 29 jul. 2010.

COOK, Mercer. Booker T. Washington and the French. *The Journal of Negro History*, Chicago, v. 40, n. 4, p. 318–340, oct. 1955. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2715657>. Acesso em: 22 abr. 2012.

COSTA E SILVA, Alberto da. Portraits of African Royalty in Brazil. In: LOVEJOY, Paul E. (org.). *Identity in the Shadow of Slavery*. Londres: Continuum, 2000, p. 129–136.

COUVE, Antenor Boaventura. Meu avô Rei Ossurumis: narrativa de um descendente de um rei africano escravo na Bahia. Salvador, 1964. p. 96–99. Disponível em: <http://bahiatextos.blogspot.com/2010/05/meu-avo-rei-ossurumis.html>. Acesso em: 13 jan. 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Olhar escravo, ser olhado. In: AZEVEDO, Paulo Cesar de; LISSOVSKY, Mauricio (org.). *Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr*. São Paulo: Ex Libris, 1988, p. xxiii–xxx.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CUNNIGEN, Donald; DENNIS, Rutledge M.; GLASCOE, Myrtle Gonza (org.). *The Racial Politics of Booker T. Washington*. Amsterdam: Elsevier, 2006.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1981. Kindle, não paginado.

DANIEL, Pete; SMOCK, Raymond. *A Talent for Detail: The Photographs of Miss Frances Benjamin Johnston 1889–1910*. Nova York: Harmony Books, 1974.

DAVIS, Deborah. *Guest of Honor: Booker T. Washington, Theodore Roosevelt, and the White House Dinner that Shocked a Nation*. Nova York: Atria Books, 2012.

DEGLER, Carl. *Neither Black nor White: Slavery and Race Relations in Brazil and the United States*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1971.

DEGLER, Carl. *Nem preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos E.U.A.* Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

DEUTSCH, Stephanie. *You Need a Schoolhouse: Booker T. Washington, Julius Rosenwald, and the Building of Schools for the Segregated South*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2011.

DIARIO OFICIAL DA BAHIA. In: BLANC, Marie-Thérèse de Solms. *A autobiografia de um negro (resenha)*. Salvador, 1902. Serializada no *Diário da Bahia* entre 22 de março e 15 de abril de 1902 (22-23, 25, 27-28 de março, 1, 3, 6, 9, 13-15 de abril).

DIARIO OFICIAL DA BAHIA. *Nota a morte do Prof. Manoel Querino*. Salvador, 14 fev., 1902.

DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flávio. Printing Ideas: Intellectuals and Racial Mobilization in Post-War Brazil (1945-1955). Tradução de H. Sabrina Gledhill. *Journal of Latin American Communication Research*, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 116-134, 2013.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EdUSP, 2005.

DOUGLASS, Frederick. *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave, Written by Himself*. Boston: Anti-Slavery Office, 1845.

DOUGLASS, Frederick. *Narrative of the Life of Frederick Douglass, An American Slave*. In: DOUGLASS, Frederick; JACOBS, Harriet. *Narrative of the Life of Frederick Douglass, An American Slave and Incidents in the Life of a Slave Girl*. Introdução de Kwame Anthony Appiah. Nova York: Modern Library, 2004.

DU BOIS, David G. *Washington e Du Bois: duas opções de liberdade*. In: DU BOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

DU BOIS, W. E. B. William Monroe Trotter. In: LEWIS, David Levering (org.). *W.E.B. Du Bois: A Reader*. Nova York: Henry Holt and Company, 1995, p. 135-137.

DU BOIS, W. E. B. *The Souls of Black Folk*. Edição centenária. Nova York: W.W. Norton & Company, 1999a.

- DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Tradução de Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999b.
- DU BOIS, W. E. B. *The Souls of Black Folk*. Nova York: Barnes & Noble, 2003.
- DU BOIS, W. E. B. *The Suppression of the African Slave-Trade to the United States of America, 1638-1870*. Nova York: Oxford University Press, 2007a. Kindle, não paginado.
- DU BOIS, W. E. B. The Talented Tenth. In: WASHINGTON, Booker T., et al. *The Negro Problem*. Hazleton, PA: The Pennsylvania State University, 2007b. Disponível em: <http://www2.hn.psu.edu/faculty/jmanis/webdubois/TheNegroProblem.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2014.
- DUGRIVEL, C. M. A. *Des bordes de la Saône à la baie de San Salvador ou promenade sentimentale en France et au Brésil*. Paris: Lacour, 1843.
- DUNCAN, Russell. *Where Death and Glory Meet: Colonel Robert Gould Shaw and the 54th Massachusetts Infantry*. Georgia: University of Georgia Press, 1999.
- DYER, Thomas G. *Theodore Roosevelt and the Idea of Race*. Baton Rouge e Londres: Louisiana State University Press, 1980.
- EDELWEISS, Frederico. Prefácio à terceira edição. In: QUERINO, Manuel. *A Bahia de outrora*. Salvador: Livraria Progresso, 1946.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELLER, J.; COUGHLAN, R. The Poverty of Primordialism. In: HUTCHINSON, John.; SMITH, Anthony D. (org.). *Ethnicity*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1996. p. 45-51.
- ELLISON, Ralph. *Invisible Man*. Nova York: Vintage International, 1995.
- ENGS, Robert Francis. *Educating the Disfranchised and Disinherited: Samuel Chapman Armstrong and Hampton Institute, 1839-1893*. Knoxville: University of Tennessee Press, 1999.
- ERMAKOFF, George. *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: George Ermakoff, 2004.

- EVANS, Lucy. The Black Atlantic: Exploring Gilroy's Legacy. *Atlantic Studies, Hannoever*, v. 6, n. 2, p. 255-268, ago. 2009.
- FANON, Frantz. *Black Skin, White Masks*. Tradução de Richard Philcox. Prefácio de Kwame Anthony Appiah. Nova York: Grove Press, 1967.
- FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Points-Essais-Seuil, 1971.
- FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2008.
- FIRMIN, Anténor. *The Equality of the Human Races: Positivist Anthropology*. Tradução de Asselin Charles. Champaign, Illinois: The University of Illinois Press, 2002.
- FISHER, Isaac. The Funeral of Booker T. Washington. *Montgomery Advertiser*, Hampton, nov. 21, 1915, p. 16. Disponível em: <http://www.btwsociety.org/library/honors/05.php>. Acesso em: 4 abr. 2013.
- FLORY, T. "Race and Social Control in Independent Brazil". *Journal of Latin American Studies*, Cambridge, v. 9, n. 2, p. 199-224, 1977.
- FONER, Eric (org.). *Freedom's Lawmakers: A Directory of Black Officeholders During Reconstruction*. Edição revista. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1996. Google Books, não paginado.
- FONER, Eric. *Reconstruction: America's Unfinished Revolution*. Nova York: Harper, 2011 Kindle, não paginado.
- FONSECA, Luís Anselmo da. *A escravidão, o clero e o abolicionismo*. Edição fac-similar de 1887. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 1988.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Retratos em preto e branco: o negro no imaginário cultural brasileiro. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. *Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições: Editora PUC, 2001, p. 15-27.
- FRAGA, Myriam. *Luiz Gama*. São Paulo: Editora Callis, 2005. (A Luta de Cada Um).
- FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. Aurora negra: afro-paulistas e afro-americanos na modernidade. In: VIEIRA, Vinícius Rodrigues; JOHNSON, Jacquelyn (org.). *Retratos e espelhos: raça e etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos*. São Paulo: FEA, USP, 2009, p. 55-75.

FRANKLIN, Benjamin. *Franklin's Arrival in Philadelphia*. Filadélfia, 1846. Sem paginação. Disponível em: <http://genealogytrails.com/main/phillyarrival.html>. Acesso em: 6 abr. 2013

FRANKLIN, John Hope. The Dilemma of the American Negro Scholar. In: HILL, Herbert (org). *Soon, One Morning: New Writing by American Negroes (1940-1962)*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1969.

FRANKLIN, John Hope. *Reconstruction after the Civil War*. 2. ed. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1994.

FREIRE, Fabiana Silveira de Andrade. Modelagem em 3D aplicada ao desenho de espirais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMETRIA DESCRITIVA E DESENHO TÉCNICO, 21., 2013, Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Trabalho apresentado na Graphica '13, 2013, Santa Catarina. Disponível em: <http://wright.ava.ufsc.br/~grupohipermedia/graphica2013/trabalhos/MODELAGEM%20EM%203D%20APLICADA%20AO%20DESENHO%20DE%20ESPIRAIS.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2014.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. Descuido corrigido. *Perfil retocado*. Caderno Cultural, *Jornal A Tarde*. 17 de dezembro de 2005, p. 2-4.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A talha neoclássica na Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2006.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. A história da arte de Manuel Querino. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 19. Cachoeira, BA. *Anais [...]*. Salvador: EDUFBA, 2010.

FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GALE, Robert L. Marie-Thérèse de Solms Blanc. In: GALE, Robert L. *A Sarah Orne Jewett Companion*. Westport, Conn.: Greenwood Publishing Group 1999. p. 28-29.

GATES, Henry Louis, Jr. *Black in Latin America*. Nova York e Londres: New York University Press, 2011.

GATEWOOD, Willard B. Booker T. Washington and the Ulrich Affair. *The Journal of Negro History, Chicago*, v. 55, n. 1, p. 29-44, jan. 1970. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2716543>. Acesso em: 2 abr. 2012.

GARVEY, Marcus. The Negro's Greatest Enemy. In: BLAISDELL, Bob (org.). *Selected Writings and Speeches of Marcus Garvey*. Mineola, NY: Dover Publications, 2004, p. 1-10.

GEERTZ, Clifford. Primordial Ties. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A. D. (org.). *Ethnicity*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 40-45.

GILFRANCISCO. *Carlos Ott: professor e historiador anônimo na Bahia*. Sergipe, 2012. Disponível em: <http://professorgilfrancisco.blogspot.com.br/2012/09/carlos-ott-professor-e-historiador.html>. Acesso em: 14 jan.14.

GILROY, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1993.

GILROY, P. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: UCAM: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GIMONET, Jean Claude. *Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAS*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GLEDHILL, Sabrina. *Afro-Brazilian Studies before 1930: Nineteenth-Century Racial Attitudes and the Work of Five Scholars*. 1986. Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) - Universidade da Califórnia em Los Angeles, 1986.

GLEDHILL, Sabrina. Manuel Raimundo Querino. In: NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (org.). *Manuel Querino: seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: IGHB, 2009, p. 225-238.

GLEDHILL, Sabrina. "Velhos respeitáveis": notas sobre as pesquisas de Manuel Querino e as origens dos africanos na Bahia. *História Unisinos*, São Leopoldo, RS, v. 14, n. 3, p. 340-344, set./dez. 2010.

GLEDHILL, Sabrina. Reflexões sobre retratos de Manuel Querino. *Sæculum: Revista de História João Pessoa*, n. 25, jul./dez. 2011a. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/13997/7919>. Acesso em: 11 jan. 2014.

GLEDHILL, Sabrina. Representações e respostas: táticas no combate ao imaginário racista no Brasil e nos Estados Unidos na virada do século XIX. *Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 44-72, julho 2011b.

GLEDHILL, Sabrina. Manuel Querino e a luta contra o “racismo científico”. In: NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (org.). *Personalidades negras: trajetórias e estratégias políticas*. Salvador: Quarteto, 2012.

GLEDHILL, Sabrina. Expandindo as Margens do Atlântico Negro: Leituras Sobre Booker T. Washington no Brasil. *Revista de História Comparada, Rio de Janeiro*, v. 7, n. 2, p. 122-148, 2013a.

GLEDHILL, Sabrina. Manuel Querino: operários e negros diante da desilusão republicana. In: BACELAR, Jeferson Afonso; PEREIRA, Cláudio Luiz (org.). *Política, instituições e personagens da Bahia (1850-1930)*. Salvador: EdUFBA, 2013b, p. 125-143.

GOBINEAU, Joseph Arthur Comte de. Essai sur l'inégalité des races humaines. 1884. In: GOBINEAU, Joseph Arthur Comte de. *Oeuvres*. Editions La Bibliothèque Digitale. Kindle, não paginados.

GOINGS, Kenneth. *They Dared to Call their Souls their Own*. Oxford: Oxford University Press, [1941]. Disponível em: <http://people.cohums.ohio-state.edu/goings14/TheyDared.htm>. Acesso em: 19 fev. 2012.

GOULD, Stephen Jay. *The Mismeasure of Man*. Nova Iorque e Londres: W.W. Norton, 1996.

GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GRAHAM, Lawrence O. *Our Kind of People: Inside America's Black Upper Class*. Nova York: Harper Collins, 1999.

GRINBERG, Keila. Manuel Pinto de Souza Dantas. In: VAINFAS, Ronaldo (dir.). *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 517-518.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Manoel Querino e a formação do 'pensamento negro' no Brasil, entre 1890 e 1920*. 2004. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/138237337/Manuel-Querino-e-a-formacao-do-pensamento-negro-no-Brasil-de-A-S-A-Guimaraes>. Acesso em: 03 ago. 2020.

GURIDY, Frank. *Forging Diaspora: Afro-Cubans and African Americans in a World of Empire and Jim Crow*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2010.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARLAN, Louis R. (org.). *The Booker T. Washington Papers: Autobiographical Writings*. v. 1. Chicago: Illinois University Press, 1972a.

HARLAN, Louis R. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1860-89*. v. 2. Chicago: Illinois University Press, 1972b.

HARLAN, Louis R. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1889-95*. v. 3. Chicago: Illinois University Press, 1974.

HARLAN, Louis R. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1895-98*. v. 4. Chicago: Illinois University Press, 1975a.

HARLAN, Louis R. *Booker T. Washington: The Making of a Black Leader, 1856-1901*. Oxford: Oxford University Press, 1975b. Edição brochura.

HARLAN, Louis R. *Booker T. Washington: The Wizard of Tuskegee, 1901-1915*. Oxford: Oxford University Press, 1983. edição brochura.

HARLAN, Louis R. *Sympathy and Detachment: Dilemmas of a Biographer*. In: SMOCK, Raymond W. (org.). *Booker T. Washington in Perspective: Essays of Louis R. Harlan*. Jackson e Londres: University Press of Mississippi, 1988. Kindle, não paginados.

HARLAN, Louis R.; SMOCK, Raymond W. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1899-1900*. v. 5 Chicago: University of Illinois Press, 1976.

HARLAN, Louis R.; SMOCK, Raymond W. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1901-02*. v. 6 Chicago: University of Illinois Press, 1977.

HARLAN, Louis R.; SMOCK, Raymond W. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1903-04*. v. 7. Chicago: University of Illinois Press, 1977b.

HARLAN, Louis R.; SMOCK, Raymond W. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1904-06*. v. 8. Chicago: University of Illinois Press, 1979.

HARLAN, Louis R.; SMOCK, Raymond W. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1906-08*. v. 9. Chicago: University of Illinois Press, 1980.

HARLAN, Louis R.; SMOCK, Raymond W. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1909-11*. vol. 10. Chicago: University of Illinois Press, 1981a.

HARLAN, Louis R.; SMOCK, Raymond W. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1911-12*. v. 11. Chicago: University of Illinois Press, 1981b.

HARLAN, Louis R.; SMOCK, Raymond W. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1912-14*. v. 12. Chicago: University of Illinois Press, 1982.

HARLAN, Louis R.; SMOCK, Raymond W. (org.). *Booker T. Washington: The Wizard of Tuskegee*. Chicago: University of Illinois Press, 1983.

HARLAN, Louis R.; SMOCK, Raymond W. (org.). *The Booker T. Washington Papers: 1914-15*. v. 13. Chicago: University of Illinois Press, 1984.

HAWKINS, H. *Booker T. Washington and His Critics: The Problem of Negro Leadership*. Boston: Heath, 1974.

HEIDER, Karl G. *The Rashomon Effect: When Ethnographers Disagree*. *American Anthropologist*, New Series, London, v. 90, n. 1, p. 73-81, mar. 1988.
Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/678455>. Acesso em: 18 out. 2011.

HELLWIG, David J. (org.) *African-American Reflections on Brazil's Racial Paradise*. Filadélfia: Temple University Press, 1992.

HISTORY, ART & ARCHIVES. *U. S. House of Representatives*. *The Negroes' Temporary Farewell: Jim Crow and the Exclusion of African Americans from Congress, 1887-1929*. Washington, U. S.: Government Printing Office, 2008.
Disponível em: <http://history.house.gov/Exhibitions-and-Publications/BAIC/Historical-Essays/Temporary-Farewell/Introduction/>. Acesso em: 14 Dec. 2017.

HOFSTADTER Richard. *Social Darwinism in American Thought*. Boston: Beacon Press, 1992.

HOLMES, Richard. *Footsteps: Adventures of a Romantic Biographer*. Londres: Harper Perennial, 2005. Kindle, não paginado.

HOLT, T. C. Du Bois. In: GATES, LOUIS, Henry, Jr; HIGGINBOTHAM, Evelyn Brooks (org.) *Harlem Renaissance Lives: From the African American National Biography*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

HORNE, Gerald. *The Deepest South: The United States, Brazil and the African Slave Trade*. Nova York: New York University Press, 2007.

HORNE, Gerald. *O sul mais distante: os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos*. Tradução: Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HUBBARD, Dolan. *Re-embrace Du Bois*. [S. l.], 2008. Disponível em: http://www.seeingblack.com/article_483.shtml. Acesso em: 2 ago. 2010.

HUBBELL, John T. Abraham Lincoln and the Recruitment of Black Soldiers. *Journal of the Abraham Lincoln Association, Michigan*, v. 2, n. 1, 1980. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2027/spo.2629860.0002.103>. Acesso em: 25 nov. 2013.

IANNI, Octávio. Research on Race Relations in Brazil. In: MÖRNER, Magnus (org.). *Race and Class in Latin America*. Nova York: Columbia University Press, 1970.

Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Inventário. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, v. 85, p. 183-283, 1972-1975.

JACKSON, D. H. *Booker T. Washington and the Struggle against White Supremacy*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2008.

JASPIN, Elliot. *Buried in the Bitter Waters: The Hidden History of Racial Cleansing in America*. Nova York: Basic Books, 2007.

JAYAWARDENA, C. Resenha de *Old Societies and New States: The Quest for Modernity in Asia and Africa* de Clifford Geertz, *American Anthropologist*, Nova Série, London, v. 66, n. 4, Parte 1, p. 906-908, ago. 1964. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/668194>. Acesso em: 11 abr. 2010.

JEFFERSON, Thomas. *Notes on the State of Virginia*. Chicago, 1784. Disponível em: <http://press-pubs.uchicago.edu/founders/documents/v1ch15s28.html>. Acesso em: 9 jan. 2011.

KING, Reyahn, et al. *Ignatius Sancho: An African Man of Letters*. Apresentação de Caryl Phillips. Londres: National Portrait Gallery, 1997.

KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

KRAAY, Hendrik. “Em outra coisa não falavam os pardos, cabras, e crioulos”: o “recrutamento” de escravos na guerra da Independência na Bahia.

Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n. 43, p. 109-126, 2002a.

KRAAY, Hendrik. Os companheiros de Dom Obá: os Zuavos Baianos e outras companhias negras na Guerra do Paraguai. *Afro-Ásia*, Salvador, 46, p. 121-161, 2002b.

KRAMER, David. *Booker T. Washington Visit a Surprise for George Eastman*. [S. l.], 5 Feb. 2012. Disponível em: <http://www.democratandchronicle.com/article/20120205/OPINION02/302050015/George-Eastman-Booker-T-Washington>. Acesso em: 9 fev. 2012.

KREMER, Gary R. (org.). *George Washington Carver: In His Own Words*. Columbia e Londres: University of Missouri Press, 1987.

KREMER, Gary R. *George Washington Carver: A Biography*. Santa Bárbara, Denver e Oxford: Greenwood, 2011.

KYTLE, Ethan J. Trading an African Dashiki for Union Blue. *The New York Times*, New York. Disponível em: <http://opinionator.blogs.nytimes.com/2013/10/04/trading-an-african-dashiki-for-union-blue/?smid=pl-share>. Acesso em: 4 out. 2013.

LAPOUGE, Georges Vacher de. *Les Sélections Sociales: Cours libre de science politique professé a l’université de Montpellier (1888-1889)*. Paris: Librairie Thorin & Fils A, 1896. Disponível em: <https://archive.org/stream/lesselectionssoc00vach>. Acesso em: 23 nov. 2013.

LE GOFF, Jacques. São Luis: biografia. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

LEAL, Claudio; ALBERGARIA, Roberto. Cid Teixeira: “O certo seria o Dia da Consciência Mulata”. Salvador, 2010. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4253618-EI6581,00-Cid+Teixeira+O+certo+seria+o+Dia+da+Consciencia+Mulata.html>. Acesso em: 18 maio 2013.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. *Manuel Querino: entre letras e lutas, Bahia: 1851-1923*. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. *Manuel Querino: entre letras e lutas, Bahia, 1851-1923*. São Paulo: Annablume, 2009.

- LEVINE, Robert M. *Images of History: Nineteenth and Early Twentieth Century Latin American Photographs as Documents*. Durham: Duke University Press, 1989.
- LEWIS, David Levering. *W. E. B Du Bois: Biography of a Race 1868-1919*. Nova York: Owl Books, 1993.
- LEWIS, David Levering. *W. E. B. Du Bois: The Fight for Equality and the American Century 1919-1963*. Nova York: Owl Books, 2001a.
- LEWIS, David Levering. Apresentação. In: HORNE, Gerald; YOUNG, Mary (org.). *W.E.B. Du Bois: An Encyclopedia*. Santa Bárbara, CA: Greenwood, 2001b.
- LIMA, Vivaldo da Costa. Sobre Manuel Querino. In: *A anatomia do acarajé e outros escritos*. Salvador: Corrupio, 2010, p. 87-97.
- LODY, Raul. Prefácio à 2ª ed. In: QUERINO, Manuel. *Costumes africanos no Brasil*. 2. ed. ampliada e comentada. Prefácio, notas e organização de Raul Lody. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1988, p. 11- 12.
- LODY, Raul. Apresentação. Memórias e permanências de uma Bahia africana em receitas e sabores. In: QUERINO, Manuel. *A arte culinária na Bahia*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 11-19.
- LONG, Carolyn Morrow. *A New Orleans Voodoo Priestess: The Legend and Reality of Marie Laveau*. Gainesville: University of Florida Press, 2006.
- LOPES, Nei. *Hemetério: o verdugo e seu Machado*. [S. l.], 2009. Disponível em: http://www.neilopes.blogspot.com.br/2009_03_01_archive.html. Acesso em: 26 ago. 2012.
- LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil: uma interpretação*. 2. ed. São Paulo: Ed. Senac, 2008.
- LOSCH, Paul S. Dr. Henry W. Furniss: cônsul afro-norte-americano na Bahia, 1898-1905. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 40, 2009, p. 223-258.
- MACHADO, Maria Helena P. T.; HUBER, Sasha. *(T)rases of Louis Agassiz: Photography, Body and Science, Yesterday and Today*. São Paulo: Capacete Entretenimentos 2010.
- MARABLE, Manning. *Malcolm X: A Life of Reinvention*. Nova York: Viking, 2011.

- MARX, Anthony W. *Making Race and Nation: A Comparison of the United States, South Africa, and Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- MATHEWS, Basil. *Booker T. Washington: Educator and Interracial Interpreter*. Cambridge: Harvard University Press, 1948.
- MATTOS, Wilson Roberto de; MACÊDO, Marluce de Lima. Prefácio da 3. ed. QUERINO, Manuel. *Costumes africanos no Brasil*. Salvador: EdUNEB, 2010.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia: A cidade de Salvador e seu mercado no século XIX*. Salvador: HUCITEC, 1978.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. Tradução de James Amado. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MAXELL, Anne. Montrer l'Autre: Franz Boas et les soeurs Gerhard. In: BANCEL, Nicolas; BLANCHARD, Pascal; BOETSCH, Gilles et al. *Zoos humains: de la Vénus hottentote aux reality shows*. Paris: La Découverte, 2002, p. 331-339.
- MCGILL, Ralph. W. E. B. Du Bois. *The Atlantic Monthly*. [s. l.], nov. 1965. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/past/docs/unbound/flashbks/black/mcgillbh.htm>. Acesso em: 16 abr. 2013.
- MCPHERON, W. *Kwame Anthony Appiah*. Stanford, 2004. Disponível em: <http://prelectur.stanford.edu/lecturers/appiah/>. Acesso em: 7 nov. 2009.
- MEIER, August. *Negro Thought in America, 1880-1915: Racial Ideologies in the Age of Booker T. Washington*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1988.
- MENDONÇA, Renato. O negro e a cultura no Brasil: breve histórico dos estudos afro-brasileiros de linguística, etnografia e sociologia. In: CARNEIRO, Edison; FERRAZ, Aydano do Couto (org.). *O negro no Brasil*. Trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. Abolição no Brasil: a construção da liberdade. *Revista HISTEDBR*, Campinas, n. 36, p. 83-104, dez. 2009.
- MERÉJE, [João] Rodrigues de. *O problema da raça*. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1934.
- MIRZOEFF, Nicholas. *Bodyscape: Art, Modernity and the Ideal Figure*. Londres: Routledge, 1995.

MONASTA, Attilio. *Antonio Gramsci*. Tradução de Paolo Nosella. Ministério da Educação/Fundação Joaquim Nabuco, 2010. Kindle, não paginado.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n. 17, p. 240-264, jan./jun. 2007.

MONTEIRO, Filipe. Carlos Ott (1908-1997). *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 17 set. 2007. Disponível em: <http://revistadehistoria.com.br/secao/arquivo-morto/carlos-ott-1908-1997>. Acesso em: 14 jan. 2014.

MOORE, Jacqueline M. *Booker T. Washington, W.E.B. Du Bois, and the Struggle for Racial Uplift*. Wilmington, DE: Scholarly Resources, 2003.

MORAES, Denis de. *O elho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

MOSES, Wilson J. *Black Messiahs and Uncle Toms: Social and Literary Manipulations of a Religious Myth*. Edição revisada. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1993.

MOSES, Wilson J. *Creative Conflict in African American Thought: Frederick Douglass, Alexander Crummell, Booker T. Washington, W. E. B. Du Bois, and Marcus Garvey*. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.

MOSTERN, Kenneth. *Autobiography and Black Identity Politics: Racialization in Twentieth-Century America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. *A cor da escola: imagens da Primeira República*. Cuiabá, MT: EdUFMT: Entrelinhas, 2008.

MYRDAL, Gunnar. *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*. v. 1. New Brunswick: Transaction Publishers, 2007.

MYRDAL, Gunnar. *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*. v. 2. New Brunswick: Transaction Publishers, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. *Quilombo: Vida, problemas e aspirações do negro*. Edição fac-simile. Rio de Janeiro, n. 1/10, dez. 1948- jul. 1950. São Paulo: Editora 34, 2003.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 209-224, abr. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. *Biografia detalhada*. Abdias Nascimento. Salvador, 2013. Disponível em: <http://www.abdias.com.br/biografia/biografia.htm>. Acesso em: 15 abr. 2013.

NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (org.). *Manuel Querino: seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: IGHB, 2009.

NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (org.). *Personalidades negras: trajetórias e estratégias políticas*. Salvador: Quarteto, 2012.

NASAW, David. *Andrew Carnegie*. Nova York: Penguin Books, 2006.

NATIONAL ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF COLORED PEOPLE. *NAACP: Celebrating a Century: 100 Years in Pictures*. Layton, Utah: Gibbs Smith, 2009.

NATIONAL ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF COLORED PEOPLE. *NAACP History: W.E.B. Du Bois*. Layton, Utah: Gibbs Smith, 2014. Disponível em: <http://www.naacp.org/pages/naacp-history-w.e.b.-dubois>. Acesso em: 3 fev. 2014.

NATIONAL PARK SERVICE. *National Historical Landmarks Program. Tuskegee Institute*. Washington, DC, 1966 Disponível em: <http://tps.cr.nps.gov/nhl/detail.cfm?ResourceId=74&ResourceType=District>. Acesso em: 7 jan. 2014.

NEW YORK TIMES. *Dr. B. T. Washington, Negro Leader, Dead*. 15 nov. 1915. Disponível em: <http://btwsociety.org/library/honors/03.php>. Acesso em: 13 fev. 2012.

NOBREGA, Cida; ECHEVARRIA, Regina. *Mãe Menininha do Gantois*. Salvador: Corrupio, 2006.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil". In: NOGUEIRA, Oracy (org.). *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

NOGUEIRA, Oracy. *Negro político, político negro*. São Paulo: Edusp, 1992.

NORELL, Robert J. *Up from History: The Life of Booker T. Washington*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

NORTHUP, Solomon. *Twelve Years a Slave*. Introdução de Ira Berlin. Nova York: Penguin, 2012 1853. Kindle, não paginado.

NUNES, Antonietta d'Aguiar. As leis orçamentárias provinciais baianas (1835-1889) como instrumento de política educacional. *Gestão em ação*, Salvador, v. 8, n. 3, p. 329-340, set./dez. 2005.

NUNES, Eliane. Manuel Raymundo Querino: o primeiro historiador da arte baiana. *Revista Ohun*, Salvador, ano 3, n. 3, p. 237-261, set. 2007.

OATES, Stephen B. *Biography as History: The Twelfth Charles Edmondsen Historical Lectures*. Waco, Texas: Markham Press Fund, 1990.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. *O conservadorismo a serviço de memória: tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/5077/5077_3.PDF. Acesso em: 3 maio 2013.

OLIVEIRA, Waldir Freitas de. Terá sido Manuel Querino um biógrafo? In: NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (org.). *Manuel R. Querino: seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: IGHB, 2009, p. 201-210.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OTT, Carlos. Noções sobre a procedência d'arte de pintura na Província da Bahia. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 197-213, 1947.

PAINTER, Nell Irvin. *The History of White People*. Nova York: W. W. Norton & Company, 2010. Kindle, não paginado.

PARK, Robert E. *Race and Culture: Essays in the Sociology of Contemporary Man*. Londres: The Free Press of Glencoe, 1950.

- PEREIRA, Baptista. *O Brasil e a raça: conferência feita na Faculdade de Direito de São Paulo a 19 de junho de 1928*. São Paulo: Emp. Graphica Rosetti, 1928.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. *Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições: Editora PUC, Minas, 2001.
- PEREIRA, Gonçalo de Athayde. *Prof. Manuel Querino: sua vida e suas obras*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1932.
- PETRUCCELLI, José Luis. Raça, etnicidade e origem nos censos de EUA, França, Canadá e Grã-Bretanha. *Estudos Afro-Asiáticos*, Salvador, ano 24, n. 3, 2002, p. 533-561.
- PIERSON, Donald. *Negroes in Brazil: A Study of Race Contact at Bahia*. Chicago: University of Chicago Press, 1942.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Departamento de História, Brasília, DF, 2006.
- PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- QUERINO, Manuel Raymundo. *Artistas bahianos* (indicações biográficas). 1. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.
- QUERINO, Manuel Raymundo. *Artistas bahianos: indicações biográficas*. 2. ed. melhorada e cuidadosamente revista. Bahia: Oficinas da Empresa "A Bahia", 1911.
- QUERINO, Manuel. *As artes na Bahia*. 2. ed. Bahia: Oficinas do "Diário da Bahia", 1913.
- QUERINO, Manuel. *A raça africana e os seus costumes: memória apresentada ao 5º Congresso de Geographia*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado. 1917.
- QUERINO, Manuel. *A Bahia de outr'ora: vultos e factos populares*. 2. ed. Bahia: Livraria Econômica, 1922.
- QUERINO, Manuel. *O colono preto como factor da civilização brasileira*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado. 1918.

QUERINO, Manuel Raymundo. Os homens de c r preta na Historia. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n. 48, p.353-363, 1923.

QUERINO, Manuel Raymundo. *Costumes africanos no Brasil*. Prefácio e notas de Artur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

QUERINO, Manuel Raymundo. *A Bahia de outrora*. 3. ed. com prefácio e notas de Frederico Edelweiss. Salvador: Livraria Progresso, 1946.

QUERINO, Manuel Raymundo. *A Bahia de outrora*. Re-edição da 3. ed. com prefácio e notas de Frederico Edelweiss, ilustrada por Carybé e Ligia. Salvador: Progresso, 1955.

QUERINO, Manuel Raymundo. *Costumes africanos no Brasil*. 2. ed. Prefácio, notas e organização de Raul Lody, apresentação de Thales de Azevedo. Recife: Massangana, 1988.

QUERINO, Manuel Raymundo. Notícia biográfica do Dr. Manuel Correia Garcia (1896). In: *O Instituto Histórico da Bahia e seu Periódico (1856-1877)*. Edição fac-similar. Fundação Cultural do Estado da Bahia: Salvador, 2001, p. 33-36.

QUERINO, Manuel Raymundo. *A arte culinária na Bahia*. Salvador: P555 Edi  es: Theatro XVIII, 2006a.

QUERINO, Manuel Raymundo. *A ra a africana e seus costumes na Bahia*. Salvador: P555 Edi  es: Theatro XVIII, 2006b.

QUERINO, Manuel Raymundo. Os homens de c r preta na Historia. In: NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (org.). *Manuel R. Querino: seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2009a. p. 187-199.

QUERINO, Manuel Raymundo. Um baiano ilustre: Veiga Muricy. In: NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (org.). *Manuel R. Querino: seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2009b, p. 219-224.

RAEDERS, Georges (org.). *D. Pedro II e o Conde de Gobineau (correspondência inédita)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

- RAMOS, Artur. Prefácio. In: QUERINO, Manuel. *Costumes africanos no Brasil*. Prefácio e notas de Artur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938, p. 5-16.
- RAMOS, Artur. *O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1988. Google Books, não paginado.
- RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. Prefácio de Silvano Santiago. 2. ed. São Paulo: Editora Globo, 2011
- REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Editora Itapuã, 1968.
- REED, Ishmael. Booker vs. the Negro Saxons [Introdução]. In: WASHINGTON, Booker T. *Up from Slavery*. Nova York: Signet Classic, 2000, p. vii-xxii.
- REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- REIS, João José. *Domingos Sodré: um sacerdote africano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.
- REIS, João José. Posfácio. Raça política e história na tenda de Jorge. In: AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b, p. 293-302.
- REIS, Meire Lúcia Alves dos. *A cor da notícia: discursos sobre o negro na imprensa baiana, 1888-1937*. Dissertação (Mestrado em História) - da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.
- RIBEIRO FRANCISCO, Aurora negra: afro-paulistas e afro-americanos na modernidade. In: VIEIRA, Vinicius Rodrigues; JOHNSON, Jacquelyn (org.). *Retratos e espelhos: Raça e etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos*. São Paulo: Instituto de Pesquisas Economicas, 2009, p. 55-75.
- RILEY, Benjamin Franklin. *The Life and Times of Booker T. Washington*. Nova York: Fleming H. Revell. 1916. Kindle, não paginado.
- Ringling Brothers & Barnum & Bailey Shows. *P. T. Barnum*. Califórnia, 2010. Disponível em: <http://www.ringling.com/FlashSubContent.aspx?id=11734&parentID=366&assetFolderI=368>. Acesso em: 31 dez. 2010.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil*. 8. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *As raças humanas: a responsabilidade penal no Brasil*. Bahia: Imprensa Popular, 1894.

RODRIGUES, Tadeu Luis Maciel. *Hemetério José dos Santos: educador, homem de letras e sua obra*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá. _ SBHE 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/HEMETERIO%20JOSE%20DOS%20SANTOS-%20EDUCADOR%20HOMEM%20DE%20LETRAS.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2014.

ROSEN, J. The Web Means the End of Forgetting. *New York Times Magazine*. *New York*, 19 jul. 2010 Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/07/25/magazine/25privacy-t2.html>. Acesso em: 27 jul. 2010.

ROSENBERG, Emily S. The Invisible Protectorate: The United States, Liberia, and the Evolution of Neocolonialism, 1909/1940. *Diplomatic History*, Oxford, v. 9, n. 3, p. 191-214. Jul. 1985.

SAMPAIO, Consuelo Novais (org.). *Canudos: Cartas para o Barão*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *Pinto de Aguiar: audacioso inovador*. Salvador: Press, 2011.

SAMPAIO, Moiseis de Oliveira. *O coronel negro: coronelismo e poder no norte da Chapada Diamantina*. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2009.

SANTOS, Flávio Gonçalves dos. *Os discursos afro-brasileiros face às ideologias raciais na Bahia (1889-1937)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2001.

SAUNDERS, John. Class, Color and Prejudice: A Brazilian Counterpoint. In: Campbell, Ernest Q. (org.). *Racial Tensions and National Identity*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1972, p. 141-165.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-Postais, Álbuns de Família e Ícones da Intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil 3: República da Belle Époque à Era do Rádio*. 9. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 423-512.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, Emmett J.; STOWE, Lyman Beecher. *Booker T. Washington: Builder of a Civilization*. Garden City, N. Y.: Doubleday, Page & Company, 1916. Kindle, não paginados.

SELEÇÕES. *Reader's Digest anuncia em A Noite, em 1º de março que uma das seleções seria "A Janela Lavada"*. New York: Reader's Digest Magazine, 1956.

SEIGEL, Micol. *Uneven Encounters: Making Race and Nation in Brazil and the United States*. Durham: Duke University Press, 2009.

SHAW, Gwendolyn Du Bois. *Portraits of a People: Picturing African Americans in the Nineteenth Century*. Andover, Massachusetts: Addison Gallery of American Art; Seattle: University of Washington Press, 2006.

SHELBY, Tommie. Cosmopolitanism, Blackness, and Utopia, a Conversation with Paul Gilroy. *Transition*, Indiana, n. 98, p. 116 - 135, 2008. Disponível em: <http://transitionmagazine.com/articles/shelby.htm>. Acesso em: 1 nov. 2009.

SILVA, Eduardo. *Dom Obá II d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, James Roberto. *Doença, fotografia e representação: revistas médicas em São Paulo e Paris, 1869-1925*. São Paulo: EdUSP, 2009.

SILVA, Kátia Maria de Carvalho. *O Diário da Bahia e o século XIX*. Rio de Janeiro: Edições Tempo, 1979.

SILVA, Sérgio Antônio. *Papel, penas e tinta: A memória da escrita em Graciliano Ramos*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2006.

SILVA, Viviane Rummmler da. Miguel Navarro y Cañizares e a Academia de Belas Artes da Bahia: relações históricas e obras. *Revista Ohun*, Salvador, ano 2, n. 2, p. 219-261, out. 2005.

- SILVA, Viviane Rummmler da. *Pintores fundadores da Academia de Belas Artes da Bahia: João Francisco Lopes Rodrigues (1825-1892) e Miguel Navarro y Cañizares (1843-1913)*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- SKIDMORE, Thomas E. *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Thought*. Nova York: Oxford University Press, 1974.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- SKIDMORE, Thomas E. Bi-Racial U.S.A. vs. Multi-Racial Brazil: Is the Contrast Still Valid? *Journal of Latin American Studies*, Cambridge, v. 25, n. 2, p. 373-386, maio 1993.
- SKIDMORE, Thomas E. *Uma História do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- SMITH, Anthony D. *The Ethnic Origins of Nations*. Oxford: Blackwell Publishers, 1986.
- SMITH, Gina. *The Genomics Age: How DNA Technology Transforms the Way We Live and Who We Are*. Nova York: AMACOM, 2004.
- SMITH, Shawn Michelle. Photographing the “American Negro”: Nation, Race and Photography at the Paris Exposition of 1900. In: BLOOM, Lisa (org.). *With Other Eyes: Looking at Race and Gender in Visual Culture*. Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press, 1999.
- SMITH, Shawn Michelle. *Photography on the Color Line: W.E.B. Du Bois, Race, and Visual Culture*. Durham e Londres: Duke University Press, 2004.
- SMITHSONIAN INSTITUTION. *Soldiering: Zouave Uniform*. Nova York, 1861. Disponível em: http://www.civilwar.si.edu/soldiering_zuoave.html. Acesso em: 21 out. 2013.
- SMOCK, Raymond W. *Booker T. Washington: Black Leadership in the Age of Jim Crow*. Chicago: Irvin R. Dee, 2009.
- SODRÉ, Jaime. *Manuel Querino: Um herói da raça e classe*. Salvador: [S. n.], 2001.
- SOLLORS, Werner; TITCOMB, Caldwell; UNDERWOOD, Thomas A. (org.) *Blacks at Harvard: A Documentary History of the African-American Experience at Harvard and Radcliffe*. Nova York: NYU Press, 1993. Kindle, não paginado.

SOLLORS, Werner. *Neither Black nor White Yet Both: Thematic Explorations of Interracial Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

STEELE, Shelby. *New York Times*, New York, Section, Book Review, 2009.

SOUZA, Bernardino de. Apendice. In: PEREIRA, Gonçalo de Athayde, *Prof. Manuel Queirno, Sua vida e suas obras*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1932, p. 33-34.

SOUZA, Bernardino de. À guisa de um prefácio. Em torno da geografia da alimentação. In: QUERINO, Manuel. *A arte culinária na Bahia*. Salvador: Editora Progresso, 1951, p. 9-20.

SOUZA, Jessé de. Por uma teoria da ação social da modernidade periférica: Um diálogo crítico com Florestan Fernandes. In: SOUZA, Jessé de (org.) *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SPIVEY, Donald. *Schooling for the New Slavery: Black Industrial Education, 1868-1915*. Eritrea: Africa World Press, 2007.

STEELE, Shelby. Pride and Compromise (resenha de *Up from History*, de Robert Norell). Não paginado. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/02/15/books/review/Steele-t.html>. Acesso em: 15 fev. 2009.

STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin*. Nova York: Barnes & Noble Classics, 2003.

STOWE, Harriet Beecher. *A cabana do Pai Tomás*. Tradução de Carline Ramos Kurukawa. São Paulo: Madras, 2004.

STUCKE, Maurice E. *Better Competition Advocacy*. Tennessee, 2008. Disponível em: http://works.bepress.com/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=maurice_stucke. Acesso em: 16 nov. 2013

SZWAKO, José. Identidades liquidadas. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 27, p. 215-218, 2006.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 10. ed. Salvador: Edufba; São Paulo: UNESP: FEU, 2001.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 11. ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. da UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008.

TAVARES, Luis Henrique Dias. Apresentação. In: SAMPAIO, Consuelo Novais. *Pinto de Aguiar: audacioso inovador*. Salvador: Press Color, 2011.

- THE BENNINGTON EVENING BANNER. *Leader of Negro Race is Dead at Tuskegee*. Bennington, USA, p. 1, 15 nov. 1915.
- THOMAS, William Hannibal. *The American Negro: What He Was, What He Is, and What He May Become*. Nova York: The Macmillan Company, 1901.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *De la démocratie en Amérique*. Paris: Pagneere, 1848. Kindle, não paginado.
- TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914. *Facsimile* produzida pelas Bibliotecas da Universidade da Califórnia.
- TRACHTENBERG, Alan. *Reading American Photographs: Images as History, Mathew Brady to Walker Evans*. Nova York: Hill and Wang, 1990.
- TROUILLOT, Michel-Rolf. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press, 1995.
- TUCHMAN, Barbara W. Biography as a Prism of History. In: OATES, Stephen B. (org.) *Biography as High Adventure: Life-Writers Speak on their Art*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1986. p. 93-103.
- TURAZZI, Maria Inez. *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)*. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1995.
- VALLADARES, Lícia do Prado. A visita do Robert Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório. *Caderno CRH*, Salvador, v. 23, n. 58, abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792010000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 7 jan. 2014.
- VANDIVER, Frank E. Biography as an Agent of Humanism. In: OATES, Stephen B. (org.) *Biography as High Adventure: Life-Writers Speak on their Art*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1986, p. 50-64.
- VASCONCELLOS, C. *O circuito social das fotografias da Gente Negra: Salvador 1860-1916*. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

VASCONCELLOS, Christianne. *A fotografia da Gente Negra no discurso científico de Manuel Querino*. Palestra proferida durante o Seminário Nacional “Manuel Querino: Vida e Obra” no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Salvador, 28 ago. 2008.

VASCONCELLOS, Christianne. O uso de fotografias de africanos no estudo etnográfico de Manuel Querino. *Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, São Paulo, n. 4, p. 88-111, dez. 2009.

VIANNA, Antonio. Manoel Querino (conferência). *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n. 54, p. 305-316, 1928.

VILAS BOAS, Sergio. *Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2007.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *O nariz do morto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

WALLIS, Brian. Black Bodies, White Science: Louis Agassiz’s Slave Daguerreotypes. *American Art*, Washington, DC, v. 9, n. 2, p. 39-61, Summer, 1995.

WANTUIL, Zeus. Teles de Menezes: pré-história do espiritismo no Brasil. *Grandes Espíritos do Brasil*. Salvador: Feb, 1981. Disponível em: www.universoespirita.org.br/TOSHIBA%20JA%20COLOCADOS/TELES%20DE%20MENEZES.htm. Acesso em: 31 ago. 2006.

WASHINGTON, Booker T. *The Atlanta Compromise Speech*. Atlanta, 1895. Disponível em: http://www.africawithin.com/bios/booker/atlanta_compromise.htm. Acesso em: 29 jul. 2010.

WASHINGTON, Booker T. *The Story of My Life and Work*. Cincinnati, Ohio: W. H. Ferguson Company, 1900. Livro eletrônico, não paginado.

WASHINGTON, B. T. *My Larger Education: Being Chapters from My Experience*. Garden City, NY: Doubleday, Page. 1911.

WASHINGTON, Booker T. My View of Segregation Laws. *New Republic*, Hampton, p. 113-114, 5 dez. 1915. Disponível em: <http://btwsociety.org/library/articles/10.php>. Acesso em: 23 out. 2011.

- WASHINGTON, Booker T. *Memórias de um negro*. Tradução de Graciliano Ramos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- WASHINGTON, Booker T. *Up from Slavery*. Nova York: New American Library, 2000. (Penguin Classics).
- WASHINGTON, Booker T. *My Larger Education*. Radford, VA.: Wilder Publications, 2008. Kindle, não paginados.
- WASHINGTON, Booker T. *Frederick Douglass*. [S. l.]: General Books, 2009.
- WEBER, Bruce. Abdias do Nascimento, Rights Voice, Dies at 97. *New York Times*, New York, 30 maio 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/05/31/world/americas/31nascimento.html?smid=pl-share>. Acesso em: 15 maio 2013.
- WEBER, Max. *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Organizado por: Guenther ROTH; Claus Wittich (org.). Berkeley: University of California Press, 1978.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn. — Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.
- WEISS, Ellen. Robert R. *Taylor and Tuskegee: An African American Architect Designs for Booker T. Washington*. Introdução de Robert Louis Gates Jr. Montgomery: New South Books, 2012.
- WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.
- WEST, Michael R. *The Education of Booker T. Washington: American Democracy and the Idea of Race Relations*. Columbia University Press, 2006.
- WESTERBECK, Colin L. *Frederick Douglass Chooses His Moment*. Museum Studies. Chicago: The Art Institute of Chicago, 2000. Disponível em: <http://www.artic.edu/webspaces/museumstudies/ms242/westerbeck1.shtml>. Acesso em: 28 ago. 2009.
- WETHERELL, James. *Brasil: apontamentos sobre a Bahia*. Salvador: Edição Banco da Bahia, 1964.

WILLIS, Deborah, (ed.). *Picturing Us: African American Identity in Photography*. Nova York: The New Press, 1994.

WILLIS, Deborah. *Reflections in Black: A History of Black Photographers, 1840 to the Present*. Nova York: W.W. Norton & Co., 2000.

WILKERSON, Isabel. *The Warmth of Other Suns: The Epic Story of America's Great Migration*. Nova York: Vintage Books, 2011. Kindle, não paginado.

WOODWARD, C. Vann. *Reunion and Reaction: The Compromise of 1877 and the End of Reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 1966. Kindle, não paginado.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

WORMSER, Richard. *National Negro Business League*. South Burlington, 2002. Disponível em: http://www.pbs.org/wnet/jimcrow/stories_org_business.html. Acesso em: 20 fev. 2012.

ZIMMERMAN, Andrew. *Alabama in Africa: Booker T. Washington, the German Empire, and the Globalization of the New South*. Princeton: Princeton University Press, 2010.



Anexo I

Cronologias de Booker T. Washington e Manuel R. Querino

Booker T. Washington

- 1856** Nasce escravo na fazenda da família Burroughs, no município de Hales Ford, no estado da Virgínia, nos Estados Unidos.
- 1861** Inventário da fazenda mostra que o “menino negro (Booker)” foi avaliado em \$400.
- 1861** Abril – início da Guerra da Secessão.
- 1865** Emancipação – Jane e os filhos John, Booker e Amanda viajam 322 km (Jane, de carroça, os filhos, a pé) para a cidade de Malden, no estado da Virgínia Ocidental, para unirem-se a Washington Ferguson, o marido de Jane e pai de Amanda.
O padrasto coloca John e Booker para trabalhar junto com ele numa fábrica de sal, e depois numa mina de carvão.
- 1866** Booker inicia seus estudos na Escola de Tinkersville.
- 1867** Booker começa a trabalhar como empregado doméstico na casa do general Lewis Ruffner e sua esposa nortenha Viola (o general Ruffner era o proprietário da fábrica e das minas de sal);
- 1868** O general Samuel Chapman Armstrong cria o Instituto Hampton na Virgínia.
- 1872** Booker viaja mais de 800 km para tentar matricular-se no Instituto Hampton, chegando em 5 de outubro.
- 1873** Uma depressão econômica começa nos Estados Unidos.

- 1875** O Governo Federal promulga a Lei de Direitos Civis; Booker se forma, deixa o Instituto Hampton e começa a lecionar em Malden.
- 1878** Já com 22 anos, matricula-se no Seminário Wayland na cidade de Washington, capital federal dos Estados Unidos, pensando em se tornar um pastor batista, mas deixa a instituição seis a oito meses depois; Ouve Frederick Douglass falar durante sua estada em Washington.
- 1879** Começa a lecionar nas turmas noturnas do Instituto Hampton e torna-se responsável por um grupo de 50 estudantes indígenas.
- 1881** General Armstrong recomenda Booker como diretor de uma escola normal que estava sendo estabelecida em Tuskegee, no estado de Alabama; Washington inaugura o Instituto Normal e Industrial Tuskegee, inicialmente sediado numa antiga igreja.
- 1882** **2 de Agosto** – Booker casa-se com Fanny Norton Smith; O primeiro edifício do Instituto Tuskegee é construído pelos próprios alunos.
- 1884** Nasce sua primeira filha, Portia Marshall Washington.
- 1884** Morre sua primeira esposa, Fanny.
- 1885** Casa-se em segundas núpcias com Olivia America Davidson.
- 1887** Nasce seu segundo filho, Booker T. Washington Junior.
- 1889** **Fevereiro** – Nasce seu terceiro filho, Ernest Davidson Washington.
- 1889** **9 de Maio** – Morre sua segunda esposa, Olivia.
- 1893** Casa-se em terceiras núpcias com Margaret James Murray.
- 1895** **18 de Setembro** – Palestra em Atlanta.
- 1896** Recebe um Mestrado Honoris Causa da Universidade de Harvard.
- 1889** Primeira viagem à Europa.
- 1900** Criação da National Negro Business League (NNBL);

- Lançamento de sua primeira autobiografia, *The Story of My Life and Work*.
- 1901** Lançamento de sua obra mais conhecida, *Up from Slavery*; **15 de Outubro** – Convidado para jantar na Casa Branca.
- 1903** W.E.B. Du Bois lança *The Souls of Black Folk*, com um ensaio criticando a filosofia de Booker T. Washington
- 1905** Os jornais de William Randolph Hearst espalham o boato que Washington teria escoltado a filha do empresário branco Sam Wanamaker para a mesa durante um jantar formal, escandalizando os supremacistas brancos.
- 1906** Tumulto racial em Atlanta e o Caso de Brownsville abalam a credibilidade e liderança de Washington.
- 1909** Criação da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (NAACP)
- 1910** Washington passa dois meses na Europa com seu assistente, Robert E. Park, estudando as classes menos favorecidas no continente e no Reino Unido.
- 1911** **19 de Março** – Washington é agredido brutalmente em Nova York por uma turba liderada pelo zelador branco Henry Ulrich.
- 1915** **Março** – Inauguração da Semana Nacional da Saúde do Negro; **15 de Novembro** – Morre Booker T. Washington.

Manuel Querino

- 1851** Em 28 de julho, nasce, em Santo Amaro da Purificação, Manuel Raimundo Querino.
- 1855** Epidemia de cólera (*cholera morbus*) deixa Manuel Querino órfão; o bel. Manoel Correia Garcia é nomeado seu tutor.

- 1865** Começa a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai; Manoel Correia Garcia é fundador do Instituto Histórico Provincial.
- 1868** Enquanto viaja pelo Nordeste à procura de oportunidades, Querino é recrutado no Piauí, mas fica no Rio de Janeiro, chegando a cabo de esquadra.
- 1870** Fim da Guerra da Tríplice Aliança.
- 1871** Lei do Ventre Livre; Querino volta para a Bahia, desmobilizado graças ao seu padrinho político, o conselheiro Dantas, líder do Partido Liberal da Província da Bahia; Querino começa a trabalhar como pintor decorador na Bahia e se envolve na política.
- 1872** Frequenta o liceu à noite, estudando humanidades com distinção em francês e aprovação plena em português.
- 1874** Já com 23 anos, ajuda a estabelecer a Liga Operária Baiana.
- 1876** Início de sua trajetória política; Liga Operária Baiana criada em 26 de novembro.
- 1877** Querino participa da criação e instalação da Escola de Belas Artes como aluno fundador, seguindo seu mestre, Miguel Navarro y Cañizares, quando este se desentende com o liceu.
- 1877/84** Estuda na Escola de Belas Artes.
- 1878/83** Casa-se em primeiras núpcias com Cecília do Espírito Santo entre 1878 e 1883.
- 1880** Quadro em homenagem aos alunos fundadores da congregação da Academia de Belas Artes da Bahia (ABAB) é instalado em 20 de maio de 1880, incluindo o nome de Querino (SILVA, 2008, p. 60).
- 1882** Diploma-se em desenho industrial.
- 1883** Matricula-se no curso de arquitetura, escreve *Modelos de casas escolares adaptadas ao clima do Brasil* apresentado no Congresso Pedagógico do Rio de Janeiro, acompanhado de desenhos explicativos.
- 1885** Ensina desenho geométrico no Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e no Colégio de Órfãos de São Joaquim; torna-se sócio benemérito

do liceu; junta-se aos abolicionistas Frederico Marinho de Araújo, Eduardo Carigé e outros.

- 1887/88** Funda o jornal *A Província*.
- 1888** Em 13 de maio, a Lei Áurea decreta o fim da escravidão no Brasil.
- 1888/95** É funcionário público do Departamento de Obras; projeta os bondes de Salvador.
- 1889** Declaração da República.
- 1890/91** Primeiro mandato como vereador.
- 1892** Funda o jornal *O Trabalho*.
- 1884** Fundação do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), do qual Querino é sócio fundador.
- 1896** Trabalha no Departamento de Agricultura até se aposentar em 1916.
- 1897** Casa-se em segundas núpcias com Laura Barbosa Pimentel.
- 1897/99** Segundo mandato como vereador.
- 1899** Deixa a política e se dedica ao estudo da história, cultura e folclore da Bahia e do africano no Brasil.
- 1900** Faz parte da diretoria do grupo carnavalesco “Pândegos da África”.
- 1903** Publicação de *Desenho linear das classes elementares*, “mandado admitir nas escolas por deliberação do Conselho Municipal da Capital” (QUERINO, 1911, p. 148).
- 1908** Morre Manuel Querino Filho.
- 1909** Lançamento de *Artistas bahianos e As artes na Bahia*.
- 1911** Lançamento de *Elementos de desenho geométrico* e da segunda edição de *Artistas bahianos*.
- 1913** Lançamento da segunda edição de *As artes na Bahia*.
- 1914** Lançamento de *Bailes pastoris*.

- 1916** Lançamento de *A Bahia de outrora e A raça africana e os seus costumes na Bahia*.
- 1918** Lançamento de *O colono preto como factor da civilização brasileira*.
- 1921** Morre sua filha Alzira Querino.
- 1922** Lançamento da segunda edição de *A Bahia de outrora*.
- 1923** *A Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia* (nº 48) publica um artigo da autoria de Prof. Manoel Querino, intitulado “Os homens de cor preta na História”;
Morre Manuel Querino no dia 14 de fevereiro, deixando a viúva, Laura, e dois filhos vivos.
- 1928** Lançamento de *A arte culinária na Bahia*;
No dia 13 de maio, o IGHB coloca seu retrato na galeria de honra.
- 1933** A Frente Negra presta homenagem a Manuel Querino, deixando flores no seu túmulo na sacristia da Igreja de N. S. dos Homens Pretos.
- 1938** Artur Ramos organiza uma coletânea de suas principais obras no livro *Costumes africanos no Brasil*.
- 1951** O centenário do nascimento de Manuel Querino é comemorado no Rio de Janeiro e na Bahia.



● Anexo II

A autobiografia de um negro

(“Up From Slavery”, Por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)

Resenha da autoria de “Th Bentzon” (ortografia atualizada)

Serialized entre 22 de março e 15 de abril de 1902

(22, 23, 25, 27, 28 de março, 1, 3, 6, 9, 13 e 15 de abril)

Diário da Bahia – Sábado, 22 de março de 1902, pág. 2

A autobiografia de um negro

(“Up From Slavery”, por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)

“Sr. redator do Diário da Bahia – Da notícia, porventura de transcrição, saída nessa folha, sob o título “o negro da cara branca”¹ se pode depreender que Booker Washington só tem recebido hostilidades dos brancos dos Estados Unidos do Norte.

Não é tanto assim: nem a única distinção que lhe tenha chegado por parte da presidência da República, foi essa do sr. Roosevelt tê-lo sentado à sua mesa com escândalo, diga-se, não de todos os americanos brancos, mas de quantidade destes, embora até da maioria, nunca, porém, da nacionalidade.

Neste pensamento, e por motivo da vossa notícia do juízo crítico de Augustin Leger² sobre a autobiografia de Booker Washington, resolvi sub-

2 Augustin Léger, Doutor em letras. Autor de *La jeunesse de Wesley*, Paris: Librairie Hachette & Cie, 1910, e *Journal d'un anarchiste*, 2^a ed. Paris: A. Savine, 1895, entre outros títulos. Ver COOK(1955).

meter ao vosso generoso acolhimento páginas de Th. Bentzon,³ de crítica também à mesma obra desse negro ilustre, cuja biografia é um foco de brilhantes exemplos para edificação de todas as raças.

Folgarei em que sejam publicadas, tão interessante e útil é a história desse negro superior”.

I

Pelo outono de 1872 um negro moço ainda, miseravelmente vestido, coberto de pó, uma trouxa às costas, entrava certa noite, tímida e furtivamente, em Richmond, capital da Virgínia, primeira cidade grande que pisava.

Em parte alguma os negros abundam mais do que em Richmond, onde formam cerca de metade da população. O recém-chegado não se expunha, portanto, como sucedera em outros pontos do caminho, a ser repellido por motivo da cor; mas se aí havia mais de uma hospedaria para os de sua raça, ele, além de estar desprovido de dinheiro, ignorava onde estivessem situadas tais hospedarias.

O recurso era vagar toda a noite por aquelas ruas. Apesar do adiantado da hora, as casas de comestíveis estavam abertas: sobre as mesas, carnes frias e pastelões que Washington – assim chamava-se o viajante que não tendo nome de família tomara ousadamente este, devorava com os olhos. Faminto, fatigado, farrapado, seu aspecto devia ser pouco tranquilizador, e o próprio indivíduo sentia-se inquieto.

Onde agasalhar-se, onde dormir? Já havia soado meia noite a espaço, quando se percebeu de que naquele lugar o passeio de madeira que ladeava a rua era muito mais elevado do que o nível desta.

Lançou em torno um olhar esquadrinhador, certificou-se de estar inteiramente só, e acatou-se ao inesperado asilo, deitado ao comprido, tendo por travesseiro o seu saco de viagem.

3 Th. Bentzon – o pseudônimo da jornalista, escritora e tradutora francesa Marie-Thérèse de Solms Blanc (1840-1907). Tudo indica que a resenha original, aqui traduzida para o português, foi publicada na revista mensal *Revue des Deux-Mondes*, na França, em outubro de 1901 (COOK, 1955).

Esta aventura foi comparada à de Franklin⁴ atravessando as ruas de Philadelphia com um simples pão: fizeram-se paralelos entre as duas carreiras; e a autobiografia de Booker Washington tem na atualidade maior influência nos espíritos do que, em tempos coloniais, teve a *Ciência do Bom Homem Ricardo*. Suas primeiras páginas são escritas com uma simplicidade quase bíblica: revelam os primeiros passos do futuro educador de uma raça a dormir sono solto sob os pés dos transeuntes retardatários que fazem repercutir em sua cabeça o passeio de madeira.

Ei-las:

‘Nasci escravo numa plantação do condado de Franklin, na Virgínia: não sei ao certo o lugar propriamente em que nasci nem a data de meu nascimento, o que não se discute é que tenha nascido em algum momento e em qualquer lugar. Tanto quanto posso confiar na memória, presumo que foi pelo ano de 1858 ou 1859. As impressões mais antigas que tenho são as da plantação e da senzala.

O começo de minha vida foi nestas miseráveis condições, entretanto meus senhores não eram particularmente cruéis, até passavam por melhores que muitos outros. Vim à luz na típica casa redonda de madeira, com quatorze pés sobre dezesseis, onde vivi com minha mãe, um irmão e uma irmã, até que a guerra civil nos libertou.

Não sei lá grande coisa de meus pais. Naturalmente minha mãe atraía a atenção de algum comprador de escravos que passou a ser senhor nosso; seu ingresso na família negra da senzala não devia ter importância maior do que o aparecimento de uma nova besta domesticada. De meu pai sei menos ainda: disseram-me que era branco.

Não se interessou nunca por mim: não o censuro: ele era também e de certo modo, vítima de uma instituição desastrosa.

A casa não tinha janelas: o ar, a luz, o frio entravam por buracos abertos aos lados. O que chamavam – a porta prendia-se muito mal aos gonzos frouxos.

4 Benjamin Franklin (1706-1790), jornalista, editor, escritor, abolicionista, funcionário público, cientista, diplomata e inventor estadunidense, autor de *Poor Richard's Almanac*, título aqui traduzido como *Ciência do Bom Homem Ricardo*.

Demais a terra nua socada, um buraco nesse chão onde se guardava a provisão de batatas doces. Se no inverno sofríamos frio, no verão padecíamos o calor, e nossa casa era a – cozinha da plantação.

Minha mãe, ocupada no mister de cozinheira, não podia tratar dos filhos, salvo pela manhã e à noite. Uma lembrança antiga que me ficou foi certa noite ser despertado para comer um pedaço de galinha que ela preparara. De onde viera a galinha? Da herdade, suponho: era o resultado de um furto, que certamente seria condenado hoje por mim? Recordando-me das escusas apresentadas por minha mãe, não creio que ela fosse realmente uma ladra. Vítima da escravidão, também... eis tudo...

Só dormi em leito depois da proclamação da nossa liberdade. Até então, nos deitávamos num montão de farrapos porcos. Nunca tive tempo de brincar. Pequenino, eu já limpava o terreiro, distribuía água pelos trabalhadores no campo e, uma vez na semana, conduzia o milho ao moinho. Era o serviço mais detestado por mim. O moinho ficava a mais de três milhas da plantação: o milho em sacos era colocado com equilíbrio aos lados do animal que eu montava. Acontecia, porém, que o balanço desequilibrava a carga, caíam os sacos e com eles eu, que, sem forças para repô-los, aguardava a passagem de alguém que quisesse ajudar-me. Este meio tempo era de lágrimas para mim. O caminho pouco frequentado, só tardiamente, à noite, podia regressar pelo bosque, que me metia medo, porque diziam que estava cheio de soldados desertores e a primeira malvadeza que um desertor praticava quando apanhava um negro, era cortar-lhe as orelhas. Além disto, tinha certeza de que seria castigado em casa, onde a demora extraordinária causava inquietação.

Não havia escolas para os negros, entretanto acompanhei mais de uma vez uma senhora moça à sua classe e levava-lhes os livros; recordo-me da impressão que senti vendo meninos e meninas absorvidos no estudo. Tive então a ideia de que frequentar a escola era uma coisa semelhante a entrar no paraíso....'

(Continua)

Domingo, 23 de março de 1902

A autobiografia de um negro

(“Up From Slavery”, por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)

(Vid. número anterior)

Viria época em que Booker Washington franqueasse o paraíso da ciência a seus iguais – lhes ensinasse os usos da vida civilizada, que ele próprio desconheceria.

Em seu tempo os meninos pretos não se sentavam à mesa, apanhavam os alimentos como irracionais, um pedaço aqui, outro acolá; alguns comiam na gamela, quase sempre à mão. Este hábito ele tomou, nunca, porém, conseguiu acostumar-se com a medonha camisa de cânhamo, que era a veste comum dos escravos na Virgínia. Fabricado com os restos da planta o tecido era um instrumento de martírio até que as lavagens frequentes o amansassem. Washington considera uma das maiores provas de afeição recebidas do John, seu irmão mais velho, o fato deste vestir primeiro as suas camisas novas para amansá-las. Durante a infância não teve outra roupa senão esta que lhe despedaçava a pele como um cilício.

Atravessava o período de provação infantil, quando lhe chegaram os primeiros rumores da guerra.

Teve compreensão vaga de que era escravo, e sua liberdade estava em litígio: compreendeu-o certa manhã, quando ao raiar do dia, despertou ouvindo a prece que sua mãe fazia, ajoelhada ao pé do grabato dos filhos, pelo sucesso das armas de Lincoln. Depois ouviu muitas discussões a respeito travadas em voz baixa. Os negros do sul, embora sem o auxílio de jornais nem de livros, andavam informados de uma maneira surpreendente. Sabiam com exatidão que a despeito de outras razões que eram dadas intencionalmente, a causa da guerra estava na sua liberdade. Nessa plantação remota, afastada da estrada de ferro e das cidades, chegava a notícia de cada vitória das forças federais e de cada desastre das armas confederadas. Acontecia até que os negros tinham-na primeiro que os brancos, porque, uma ou duas vezes na semana, ia um ao correio, e escutava, disfarçando, os comentários dos brancos sobre as últimas notícias e de volta espalhava tudo que colhera antes de entregar a correspondência na “casa grande”.

Era o *grape vine telegraph*, como dizia-se, comparando as informações de boca em boca à trepadeira que passa de árvore em árvore. O pequeno Booker – o simples Booker de então, representava uma das gavinhas da videira. Em casa dos senhores, movendo os grandes leques de papel por meio de uma roldana, que afugentavam as moscas, prestava atenção às conversas.

Os brancos não passavam vida alegre, *sentindo, porventura, mais que os escravos as privações, porque estes sempre achariam na terra milho e carne de porco, alimento que lhes era comum, enquanto que o café, o chá, o açúcar e muitos outros gêneros delicados, faltavam com a interrupção das relações comerciais. Os proprietários estavam reduzidos a usar o trigo da Índia torrado e um pouco de melação preto como simulacro de café.*

Sofriam de várias sortes, e seus escravos os lastimavam em vez de votar-lhes o ódio.

Posteriormente muitos negros se devotaram, voluntários, aos senhores caídos em penúria. Booker Washington salienta em traço sincero o misto de afeição tenaz à pessoa dos senhores de aspirações fervorosas pela liberdade. Este sentimento se exalava em cânticos religiosos aos quais os acontecimentos emprestavam sentido novo: não se tratava mais de ser livre no céu, sim na terra.

Sabendo que os soldados do norte lutavam por essa liberdade, os escravos preservavam deles, com o zelo de cães fiéis, as mulheres e os meninos confiados à sua dedicação durante a ausência dos senhores.

Seria preciso passar sobre seus cadáveres de escravos antes de tocar na dama, na senhora, por quem velassem na “casa grande” de onde os homens se ausentavam para longe, talvez para se baterem contra a emancipação. Dariam aos soldados Yankees, a termo de saquear o país, abrigo e alimento, jamais, porém, lhes descobririam o segredo que ocultasse a prataria, as joias, os objetos preciosos da família.

Se o senhor morria, choravam-no; traziam-no ferido? Tratavam-no com ternura com as próprias mãos negras que bem podiam tê-lo servido desde a infância. Não se encontrava, entretanto, um negro que chorasse a escravidão nem quisesse voltar a ela. Quando soou a hora da emancipação, prevista por todos, porque há meses a liberdade já estava no ar, a alegria

foi indizível. Washington refere como as coisas se passaram na plantação de que fazia parte:

Logo cedo houve ordem para todos os escravos se reunirem na 'casa grande'. Fui com os mais moços: a família do senhor esperava na varanda, uns de pé, outros sentados, todos em posição de ver o que ia suceder a ouvir o que se dissesse. Suas fisionomias exprimiam profundo interesse e tristeza, porém nem cólera nem azedume. Pareceu-me que o pesar maior era o de perder a propriedade, afligiam-se da perda daquela gente que tinham criado e à qual de muitas maneiras se achavam ligados.

O que me recordo com nitidez maior é que um estrangeiro, sem dúvida oficial dos Estados-Unidos, pronunciou pequena alocução e leu uma coisa extensa que devia ser o ato de emancipação. Depois declarou que éramos livres e podíamos ir para onde nos aprouvesse. Minha mãe abraçou os filhos, e grossas lágrimas corriam por suas faces. Houve por algum tempo gritos de alegria selvagem, estrondosos votos de graças, porém os negros bem não tinham regressado às suas cabanas, já o primeiro entusiasmo se transmudava em preocupação. Quanta responsabilidade?...um ser livre? bastar-se a si mesmo!

Considere-se uma criança de dez a doze anos atirada sem aparo no mundo?⁵ Urgia organizar o lar, exercer um ofício, estabelecer e manter uma igreja, tornar-se cidadão. Era enfrentar em algumas horas com todas as questões grandes que a civilização luta há séculos para resolver.

Como a senzala não foi invadida pela tristeza e pelo silêncio?... Havia anciões incapazes de ganhar a vida. Um a um, a princípio furtivamente, voltaram à 'casa grande' para, em voz baixa, regular o futuro com os seus antigos senhores.

(Continuação)

Terça-feira, 25 de março de 1902

5 Hoje sabemos que Washington nasceu em 1856, portanto, na época da emancipação teria cerca de nove anos de idade.

A autobiografia de um negro

("Up From Slavery", por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)

(Vid. número anterior)

Booker Washington deveria, mais tarde, enfrentar o problema da escravidão desta forma ampla e precisa.

Não há razão de censurar a população branca do sul; nenhuma região do país é culposa de tê-la introduzido, acrescentando que por longos anos foi protegida e garantida pelo governo geral.

Uma vez enterrados os tentáculos no organismo econômico e social da República, era difícil arrancá-la. Quando, sem preconceitos ou rancores, apreciamos os fatos diretamente, reconhecemos que, não obstante a crueldade e imoralidade dessa instituição, os dez milhões de negros americanos estão em melhores condições materiais, intelectuais e religiosas do que o mesmo número em qualquer ponto do globo.

É tão exato, que os saídos da escola da escravidão ou seus antepassados, regressando à África, transformaram-se em missionários para esclarecer os do país.

Não digo isto para justificar um estado de coisas odioso, cuja origem única estava em motivos de interesse, mas para mostrar como a Providência atinge os seus fins, servindo-se dos homens e das instituições.

Apesar de todas as circunstâncias de desânimo, quando inquirirem – porque deposito tamanha fé no futuro de minha raça, lembro-lhes o deserto através do qual e, graças a Deus, fora de onde temos sido conduzidos por uma vontade superior.

Desde que cheguei à idade de razão, [penso] que o negro tirou do cativo a mesma soma de bens e de males que o branco colheu [?].

Jovem ainda, Booker Washington teve os encargos da liberdade recém-adquirida. Para sustentar a família acrescida de um padrasto, precisou trabalhar rudemente com o irmão nas salinas de Kanawha e nas minas de carvão de Malden.

Foi no interior de uma destas minas que ouviu falar pela primeira vez numa grande escola instituída pelo general Armstrong para a gente de cor.

Não só havia esta escola, diziam os mineiros, como os alunos pobres podiam, trabalhando, ganhar, pelo menos, uma parte da pensão. O mancebo aproximando-se, ouvia o nome do Instituto Normal e Agrícola de Hampton na Virgínia.

Para logo resolveu ir a Hampton, só bem que não tivesse ideia da distância nem soubesse com que meios de condução contasse. Dominou-a uma ideia fixa: ajuntar alguns soldos para realizar a vontade. O ganho das minas era muito pouco, eis, porém, que se dá uma vaga de criado na casa do general Lewis Ruffner, proprietário das minas. Para o lugar não houve concorrentes, porque era notória a impertinência da sra. Ruffner, uma yankee do Vermont. Foi receoso que Washington solicitou a locação, aceita por cinco dollars mensais.

Era muito pouco para uma casa onde não se tolerava um grão de poeira nos móveis nem admitia-se a mentira: inteligente e dedicado, Washington compreendeu logo que o exemplo da patroa valia mais que o dinheiro que lhe pagavam: nesse convívio adquiriu hábito de fazer as coisas rapidamente e com método, e a avaliar o sentimento de justiça, ainda quando envolto em muito rigor.

A senhora Ruffner viu logo que “podia contar com o negrinho”. Dispensou-lhe confiança absoluta, e longe de censurar-lhe o desejo de instruir-se, favoreceu-o.

Durante o inverno pode frequentar uma hora por dia a escola, uma miserável escola de negros recém-aberta e da primeira vez que perguntaram-lhe o nome, respondeu espontâneo e como por secreto pressentimento – BOOKER WASHINGTON. À noite trabalhava sozinho, absorvido na *sua biblioteca*, que era um caixão velho, guarnecido de prateleiras, destinado a guardar tudo quanto era papel impresso que lhe caía nas mãos.

Preparado a seu modo pela grande expedição, atreveu-se a falar à sua mãe.

Embora sem opor-se esta ponderou que não fosse empreender a caça do ganso selvagem...

John, seu irmão mais velho, deu-lhe o que pude arranjar, foram, porém, os velhos da população negra de Malden que manifestaram a mais sentimental simpatia: arrebatava-os a ideia de um de seus filhos elevar-se aos altos estudos. À uma quiseram concorrer de qualquer forma: este com

alguns soldos, aquele com um lenço, outro com um objeto, todos acudiram ao viajante.

Apesar do auxílio, o saco que continha o enxoval de Booker Washington era leve.

Nessa época a estrada de ferro não ligava o lado de leste com a Virgínia ocidental, onde fica Malden: o tráfego era só até uma parte do caminho, a quinhentas milhas de Malden para Hampton.

As magras economias do futuro estudante não davam para cobrir as despesas da viagem. Booker precisava de onde em onde, solicitar trabalho, e recolhia mais humilhações que lucros.

Depois de um dia de viagem no tejadilho de ruim carruagem, recusaram-lhe ingresso numa estalagem do caminho, porque era preto: bateram-lhe a porta à cara.

Nessa região montanhosa as noites são frias, e para não regelar levou passeando de um lado para o outro até amanhecer.

Eram tantos os projetos acumulados naquela alma que não havia lugar para rancores ou ressentimentos. Caminhando, trabalhando, pedindo sempre, Booker Washington chegou a Richmond e abrigou-se debaixo do passeio em que o vimos.

Conseguiu dormir o suficiente para reparar as forças, porém no dia seguinte a fome rebentara mais implacável. Dirigiu-se ao cais e viu a descarga de um navio carregado de ferro, tomou parte no serviço e ganhou com que comer. Sua atividade agradou ao capitão que lhe deu trabalho por alguns dias, mas para poupar recursos continuou alojado, como um rato, sob o passeio hospitaleiro que fora seu primeiro amigo em Richmond.

Passados muitos anos, Booker Washington, já presidente de um instituto célebre e orador notável, foi alvo de uma recepção entusiasta nessa mesma cidade; no meio das honras que lhe eram rendidas, o pensamento volveu-se-lhe de todo para o famoso passeio...

Estamos, entretanto, longe de seus dias de triunfo.

Eis que chega a Hampton com cinquenta soldos no bolso, tudo quanto dispõe para levar a termo uma educação.

(Continua)

Quinta-feira, 27 de março de 1902

A autobiografia de um negro

(“Up From Slavery”, por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)

(*Vid. Número anterior*)

II

A presença de grande escola de três andares recompensou trabalhos e esforços que se impusera para chegar até ela. Teve ímpetos de ajoelhar-se: Hampton era a terra prometida, começava uma vida nova. Entretanto o primeiro acolhimento foi muito frio. Não recusaram admitir o negro de mau aspecto, mas deixaram-no por longas horas na incerteza. Afinal uma das principais mestras miss Mary Mackie apareceu, dizendo: “A sala de recreio precisa de asseio. Tomei uma vassoura”.

Bemdisse de alma a primeira patroa que o formara em serviço doméstico: tornou os bancos tão luzidios, as mesas e os ornatos tão asseados, que o arbitro de sua sorte depois de inspecionar tudo, disse tranquilamente: “creio que podeis entrar para esta instituição”.

Entrou como porteiro,⁶ todo satisfeito de alcançar do primeiro lanço recursos para a pensão inteira. A experiência da limpeza foi realizada como exame de admissão, e desvaneceu-o muito quando recebeu o diploma de Harvard. Com o espírito que o caracteriza, Booker Washington repetia: “*sujeitei-me a muitos exames posteriormente, mas reconheço que foi no primeiro que mais me distingui [”].*

O lugar de porteiro de Hampton não era sinecura. Às 4 horas da manhã era preciso fazer fogo, e durante o dia assear e pôr em ordem grande número de compartimentos. Muitas vezes Washington estudava uma parte da noite

6 Booker T. Washington trabalhou inicialmente no Instituto Hampton como zelador. O uso do termo “porteiro” nesse texto pode ser um erro de tradução do termo *concierge*.

e esta espécie de coragem não era excepcional: cerca de quatrocentos indivíduos de ambos os sexos levavam até o heroísmo a vontade de aprender. É digno de nota a nenhum animava o pensamento do sucesso pessoal: preocupavam-se com seu mundo que tinham o dever de educar a tempo conveniente. Alguns aproximavam-se dos quarentas anos, a maioria estava em idade de já não aproveitar-se muito das lições dos livros, porém, como repete-o Washington, o que se aprendia nos livros em Hampton não tinha senão pequena parte na educação.

O exemplo dos mestres incutia nos alunos esta grande verdade: os mais felizes são aqueles que praticam maior soma de bens.

A força de atenção e capricho os menos bem dotados de inteligência conseguiam algum besunto de instrução elementar, porém o mais importante era aprender a viver.

O general Armstrong tinha seus axiomas: - o que vulgarmente se chama sacrifício não passa de melhor uso que o indivíduo faz de si mesmo e dos seus recursos, o mais útil emprego do tempo, das forças e de dinheiro – é digno de lástima quem não se sacrifica: é um pagão, nada sabe de Deus. – O essencial numa escola é evitar as disputas, manter estreita união, desembaraçar-se dos espíritos vadios qualquer que seja o grau de cultura deles – A oração é o mais forte poder da terra: ela nos mantém perto de deus – primeiro que tudo Deus e Pátria, e depois nós mesmos. –

O general submetia os alunos a uma revista militar diária, não dispensando a falta de um botão nem os sapatos mal asseados.

A obrigação de apresentar-se bem seria um problema insolúvel se os que interessavam-se pela obra de Hampton não fosse pelo menos caprichosos no vestuário.

O banho cotidiano era obrigatório e esta determinação foi o ponto de partida para progressos de outra ordem.

Booker Washington celebrou com espírito a escova de dentes pela virtude moralizadora.

Quando chegara ao Instituto, carente de tudo estava a mil léguas de conhecer o uso dela, e nunca deitara-se em lençóis nem mesmo sabia como o fizesse, se não tivesse sete companheiros de dormitório que imitou.

Revelações surpreendentes sucediam-se: aprendeu o emprego da toalha de mesa, do guardanapo e de outros objetos que desconhecerá até então.

Ninguém diz melhor do que ele da correlação existente entre o cuidado externo do corpo e do respeito de si mesmo. Sua pobreza extrema tornou muitas vezes meritório o esforço que fazia para conseguir a boa presença. Os dez dólares mensais da pensão eram pagos com seu trabalho manual, e John, o irmão mais velho, mandava o pouco que podia para auxiliá-lo nas despesas do ensino, que eram setenta dólares.

Nunca, porém, Booker conseguiria uma pequena parte desta quantia, se o general Armstrong não tivesse interessado em seu favor um rico cidadão de New Bedford, r. Morgan, cuja generosidade frequente tão útil tem sido a americanos.

Washington vota uma espécie de culto ao general Armstrong e diz em alguma parte: Quanto mais o apreço, melhor me convenço de que todo o aparato do ensino para o êxito da educação não se compara ao efeito das relações cotidianas com os homens de bem...

Podiam tirar a Hampton as classes, as oficinas e os professores, que, por simples efeito do contato nossa educação se realizaria.

Sabido das influências degradantes que foram o meio da sua infância e de parte da mocidade, Washington considerava o general Armstrong – justo, herói, sobre-humano. É difícil avaliar o prestígio que este homem de bem exercia sobre os estudantes negros, a fé cega que lhes inspirava. Nenhuma admitia que ele naufragasse numa empresa qualquer e sem esforço para obediência iam ao encontro dos seus menores desejos. Haja vista este fato: quando Booker Washington ganhava a sua educação não havia espaço para novos leitos, resultando que muitos candidatos não eram aceitos. O general resolve levantar barracas e espalha-se que deseja que os mais robustos se alojassem ali como capazes de resistência maior ao frio. O inverno era excessivo, o vento arrancava os paus das barracas e ninguém queixava-se. Por ocasião da visita matinal, o general inquiria em tons de alegre animação. Quantos homens amanhecera gelados? Levantaram-se duas mãos e os donos delas riem-se.

Os auxiliares eram bem escolhidos. Um dos capítulos mais belos da história dos Estados Unidos é a narrativa da parte que os educadores vindos do norte tomaram na de levantamento do negro.

Foi compensação a obra dos políticos que riscaram largo no único interesse eleitoral e cortaram estreito, nutrindo de ilusões a um povo de ignorantes que pedia pão cotidiano para o corpo e para o espírito.

Sexta-feira, 28 de março de 1902

A autobiografia de um negro

(“Up From Slavery”, por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)

(*Vid. Número anterior*)



Ao apelo para a regeneração do liberto responderam homens e mulheres comparáveis aos grandes missionários, porque há mais de um gênero de apostolado e de martírio. Washington traçou um quadro admirável desse corpo compacto de apóstolos que, sob as inspirações de Jesus Cristo, participavam de uma obra de redenção, ensinando às centenas nas escolas para negros fundadas como por magia.

À frente dos professores de Hampton, Washington coloca a excelente miss Mackie, sua primeira protetora, que pertencendo a uma família antiga e distinta do norte, não duvidou atirar-se às mais grosseiras necessidades da escola, dando os melhores exemplos aos educandos. Não obstante a delicadeza de sua cultura, esta irmã de caridade protestante e emancipadora, lavava, varria, sacudia ao lado dos alunos por este modo compenetrados da dignidade do trabalho. A outra professora deveu Washington compreender o sentido, as belezas e grandezas poéticas da escritura Santa: foi miss Lord mesma que dando lições de elocução, preparou-o para o papel público que o aguardava. Todos os sábados havia em Hampton uma sessão de eloquência. Washington nunca faltou, e, reunindo alguns companheiros aproveitava um

intervalo diário de vinte minutos, excelente prelúdio do talento oratório que dorme em todo americano de qualquer cor.

Estas preocupações não o inibiam de aproveitar a atividade nas férias, servindo de criado nos restaurantes; de toda a maneira economizava, já lavando a própria roupa, já privando-se de coisas que não eram absolutamente indispensáveis; ainda assim não conseguia o quanto necessário para ir ver sua mãe que tanto desejava.

Só pelos fins do segundo ano, graças a uma remessa de John, pode encaminhar-se para Malden.

É sensibilizadora a narrativa do encontro destes irmãos que tanto se amavam, embora um continuasse a trabalhar nas trevas das minas, enquanto o outro disputava os diplomas universitários. Washington encontrou a mãe moribunda e perdeu-a pouco depois sem realizar a promessa que a si mesma fizera de assegurar-lhe alguns anos de bem estar.

Fala desta morte sobrevinda em circunstâncias dolorosas, com profunda sensibilidade. A superioridade intelectual que exercia sobre os seus não o afastara de nenhum.

Visitou a todos os antigos vizinhos, contou-lhes por miúdo as privações de Hampton, comprometeu-se a falar na igreja, na escola de domingo em outros lugares. Debalde, porém, procurou trabalho – os mineiros estavam em greve.

Este acidente, diz ele, dava-se regularmente logo que os mineiros ganhavam dois, três meses para o período da greve, de sorte que passada esta voltavam ao mesmo salário com um fardo de dívidas às costas.

Booker Washington é o inimigo declarado das greves e dos agitadores profissionais que as fomentam.

Nesse ano foi vítima delas. Sem a antiga patroa mrs. Ruffner, que readmitiu no serviço a miséria reinaria no pobre lar onde sua mãe acabava de falecer.

De volta a Hampton reassumiu as modestas funções de porteiro, isto porém, não o impediu, em junho de 1875, de figurar no quadro de honra entre os oradores do “Commencement”⁷ e de partir provido de graus.

7 *Commencement*, termo do inglês, em português significa “formatura”.

Isto não o desvanece, porque repete: “o que ganhei [de] mais precioso em Hampton foi: 1º o contato com o general Armstrong; 2º o sentimento verdadeiro do que deve ser a educação. Não é, como julgam muitos, trocar o labor penoso por ocupações mais cômodas e elevadas o trabalho manual por um valor material, porém ama-la pela independência e confiança que produz. Aprendi enfim o que é uma vida emancipada do egoísmo”.

Compraz-se em referir a sua vida: em começo para comer teve de servir num hotel do Connecut [Connecticut], onde sua inabilidade atraiu-lhe muito insulto e zombaria, mas venceu aperfeiçoar-se e, posteriormente, teve a satisfação de ser recebido como hospede importante e solicitado na mesma sala em que tivera tão medíocre estreia.

Washington consegue a nomeação de mestre escola em Malden: foi uma alegria grande poder concorrer para educar, em toda a extensão do termo, a gente de sua casa. A escola era uma casinhola: ele não limitava-se à rotina das classes, descia aos menores incidentes, ensinava os meninos a se banharem, a se vestirem, pregando seu evangelho do banho e da escova de dentes, como dizia, propaganda de alta civilização.

Abriu uma escola noturna para adultos empregados nas minas, e ela encheu-se. Infatigável, achou meio de criar uma sala de leitura uma sociedade de discussão (*debating society*).

Aos domingos dava dois cursos de instrução religiosa, *Sunday school*, uma a tarde em Malden, e outra pela manhã a três milhas de distância. Não contam-se as lições particulares a jovens que se preparavam para Hampton. Não tinha a preocupação do salário, a pequena retribuição oficial como instrutor publico lhe bastava. John foi então recompensado da dedicação paterna que provara: entrou também para o Instituto de Hampton.

Booker Washington fala menos possível das dificuldades que passou na aldeia de Malden em 1876-77.

Era tempo de grande atividade de Ku-Klux-Klan, movimento quase fantástico após a guerra civil prolongando-a além da proclamação da paz ilusória. Para resistir aos abusos insuportáveis de políticos, que foram castigados com o epíteto de *carpet-baggers* formou-se uma liga branca: lutas até homicidas travaram-se entre ela e a polícia metropolitana. Infelizmente

as numerosas sociedades secretas, envolvidas nesta guerra oculta, levaram muito longe o terror que devia impedir os negros de se reunirem para conseguir o escrutínio. Entre os indivíduos disfarçados para esta polícia figuravam verdadeiros bandidos: a máscara Ku-Klux abrigou muitas paixões, assim é que houve inocentes martirizados até a morte e escolas incendiadas porque os instrutores que punham termo a ignorância secular dos negros eram mais que suspeitos. Booker Washington evita insistir neste período sombrio da reconstrução.

*“Hoje, diz ele, nenhuma organização desta natureza existe no sul: o espírito público não tolerá-la-a”.*⁸

Talvez haja exagero afirmando que as duas raças já não se recordam de tal. Não se deve, entretanto, esquecer que esta autobiografia é uma obra de reconciliação, um livro de conselho para a solução do mais difícil problema social. Nos Estados Unidos tanto assim se compreende que ela encontra intérpretes e nativos propagandistas em todos os partidos.

Para não fazer outra referência, basta dizer que as senhoras do Kentucky leem na as multidões negras reunidas sob a denominação de membros da classe Booker Washington, como os literários ingleses se reúnem numa Browning Society. A autobiografia promete tornar-se a bíblia de uma raça, a estrela que, de fato, guiá-la-a para a frente, sempre prudente e seguramente.

(Continua)

Terça-feira, 1º de abril de 1902

A autobiografia de um negro

(“Up From Slavery”, por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)

(Vid. número anterior)

II

Deixamos o nosso mestre-escola de Malden preparando candidatos para o Instituto de Hampton; encontramos-lo prosseguindo [seus] próprios

estudos em Washington e [lacuna] encarregado de importantíssima n[----] política. A sede distrital da Virginia ocidental ia ser transferida de Wgeling [Wheeling] para uma das três cidades que o corpo legislativo pôs à escolha dos cidadãos. Uma comissão de brancos partiu de Charleston para lhe pedir que advogasse a causa desta cidade perante o Estado. Três meses consagra a esta propaganda e, por ultimo, Charleston vence as suas rivais e torna-se a sede do governo.

A reputação de orador adquirida nesta campanha destinava a carreira política de Booker-Washington [sic]: muitos pretenderam encaminhá-lo nesta direção, mas sua recusa fez-se ouvir:

Pensei aplicar-me mais utilmente porque sinto que a população de cor precisa sobretudo basear-se na educação, na indústria e na propriedade. Poderia ser bem sucedido na política, mas este sucesso tomava em meu espírito um aspecto de egoísmo, era individual e conquistado a preço do dever...

Neste tempo muitos indivíduos de cor só estudavam para seguir a advocacia, entrar no congresso, como quase todas as mulheres só aspiravam ensinar a música... Lembrevam-me um preto velho que pretendia tocar guitarra e escolhera um dos senhores moços como professor. Este para dissuadi-lo, ponderou: "Seja, tio Jake, darei as lições, porém me pagareis a primeira por três dollars, a segunda por dois, a terceira por um e a quarta por vinte e cinco soldos.

De acordo, replicou o preto velho; porém, começareis dando-me a última lição. Os futuros advogados e pianistas estavam na linha do tio Jake.

Não é possível ridicularizar com mais propriedade aspirações ainda inoportunas.

Washington dava o exemplo: depois de Armstrong e, no dia da distribuição de prêmios, pronunciou um discurso memorável tendo por tema – *a força que triunfa.*

Em verdade ele possuía esta força, de Malden a Hampton, na mesma estrada que percorrera cinco anos antes a pé para mendigar o lugar de aluno-porteiro, devia pensar que jamais em tão curto espaço de tempo se operara tamanha mudança na vida de um homem.

O Instituto progredia, satisfazendo às necessidades da raça.

Washington não perde ensejo de criticar os programas aparatosos admitidos em muitos colégios outros para as pessoas de cor, porque animam a vaidade e multiplicam as ilusões.

Muitas vezes são expressões suas, em matéria de evangelização e educação os instrutores saem do verdadeiro meio, esquecem o indivíduo e o fim que devem visar.

Em Hampton não era assim, nem foi assim em Tuskegee, criada mais tarde por Booker Washington.

Pelo estio de 1897 o general Armstrong encarregou-o da missão delicada de introduzir uns tantos índios entre os estudantes de Hampton contra a opinião dominante de que os Pele-Vermelha eram refratários à educação. Cem indivíduos inteiramente selvagens foram trazidos das reservas de Oeste e confiados a Booker Washington. O primeiro trabalho estava em adquirir uma espécie de preponderância paterna sobre eles e insensivelmente combater-lhes, os preconceitos, porque o índio julga-se muito superior ao branco que trabalha, imagine-se o que será em relação ao negro assinalado com o estigma da escravidão!...

Washington esteve na altura da grave responsabilidade. Só entre uma centena de indivíduos que poderiam tornar-se hostis, tanto mais sendo contrariados em gostos e hábitos mais inveterados, conseguiu captar-lhes a confiança.

Salvo a enorme dificuldade de aprender o inglês, os homens vermelhos não me pareceram muito diferentes dos negros. Estes acolheram-nos com cordialidade tal, que me interrogo se entre brancos a coisa seria a mesma. Quantas vezes desejei dizer aos estudantes brancos que se educariam ajudando a educar, e que quão mais infeliz é uma raça, retardada em civilização, tanto maior enobrecimento redundava para a mais civilizada que a socorre.

Estas lições indiretas e amenas abundam na evangélica biografia de Booker Washington. E incidentemente, sem o mínimo ressentimento, narra uma anedota sucedida no tempo em que encaminhava-os para a civilização.

Um de seus discípulos Pele Vermelha foi acometido de nostalgia, e o ministro do interior resolvendo reenviá-lo para a respectiva reserva, Washington foi encarregado de acompanhá-lo.

Viajavam em vapor. Tocam a hora de jantar, e Washington, que não desconhece o preconceito de cor, espera que o maior número de passageiros brancos acabem para entrar na sala.

Imediatamente recebe a advertência de que só o seu discípulo pode sentar-se à mesa. A mesma aventura repete-se no hotel em Washington. O Pele Vermelha era recebido com benevolência, e o negro absolutamente repellido. Este incidentes não são raros! Frederico Douglass,⁹ o homem de cor mais distinto por talentos superiores, fez uma viagem para a Pensilvânia em carro de bagagem não obstante ter comprado bilhete de classe de viajantes.

Alguns brancos tendo lastimado que lhe fosse inflicta semelhante vergonha, Douglass levanta-se da mala em que estava assentado e responde-lhes: “Ninguém envergonha a Frederico Douglass.

“Esta insolência só degrada aos que a praticam”.

Este mesmo, a certo estalajadeiro que penderou [sic] não poder hospedá-lo porque só tinha um quarto onde já estava deitado um branco, replicou: “Não faz mal. Não tenho o preconceito da cor”.

Em Booker Washington não há destas réplicas mordazes, limita-se a referir apenas que muitas vezes os chefes de trem veem-se em grandes embarços para decidir quem é de mais cor ou menos cor. No primeiro caso o indivíduo não pode absolutamente ficar na classe dos brancos, e se o passageiro não é *realmente de cor* insulta-se e pergunta-lhe se é negro. Os cabelos, a tez, o nariz, as mãos, se nada trai a cor, o condutor examina os pés do viajante. Conforme o resultado da inspeção, ele fica no lugar.

Washington foi testemunha disto, e conta com graça que seu grande homônimo¹⁰ respondeu aos que censuravam-no por corresponder à saudação de um negro: “Julgais então que permito a um negro ser mais delicado do que eu?”

9 Frederick Douglass (c. 1888-1895), escravo liberto, abolicionista, orador, jornalista e funcionário público, o primeiro líder da “nação negra” nos Estados Unidos. Washington foi considerado seu sucessor nesse papel.

10 Aqui, Bentzon está se referindo a George Washington, o primeiro presidente dos Estados Unidos. A frase citada é atribuída a ele.

A parte relações sociais, os *gentlemans* [sic] da gema no sul olham com bons olhos para seus escravos e descendentes destes; porém são justamente os as relações sociais que tornar-se-ão mais e mais difíceis de determinar quando brancos e negros forem igualmente instruídos, similarmemente bem educados. Washington afasta esta questão delicada com excepcional sabedoria: mas não importa; cedo ou tarde ela impor-se-á.

Dirigindo seus índios, auxiliava o general a fundar cursos noturnos que tornaram-se característicos em Hampton. A instituição destas classes resultou da procura extraordinária que não podia ser satisfeita pelas aulas diurnas, daí sessões de duas horas à noite para ambos os sexos mediante dez horas de trabalho por dia.

O aluno tinha abrigo, nutrição e pequeno salário que ficava quase todo em poder do tesoureiro para pagamento da pensão diurna quando o indivíduo frequentasse as aulas respectivas. Desta sorte aprendia-se um ofício e conjuntamente adquiriam-se conhecimentos indispensáveis. Quando Booker Washington assumiu a direção do curso noturno havia ao todo uns doze alunos de ambos os sexos trabalhando em serraria a tecelagem. A classe da noite achou-os com tal disposição que muitas vezes pediam para se prolongar a hora do exercício.

Eram cognominados Plucky class e os mais distintos alcançavam um certificado. A popularidade do curso delatou-se tanto, que hoje é frequentado por trezentos ou quatrocentos alunos.

(*Continua*)

Quinta-feira, 3 de abril de 1902

A autobiografia de um negro

(“Up From Slavery”, por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)

(Vid. número anterior)

IV

Eis como Washington se preparou para ser presidente da universidade de Tuskegee. Se bem que originalmente humilde, este foi-lhe conferido pelo general Armstrong por solicitação de dois homens notáveis de Macon que desejavam um instrutor que beneficiasse o mais possível a região. Foram Campbell, antigo escravista, negociante e banqueiro, e Lewis Adam, liberto que aprendera com os ex-senhores o tríplice ofício de sapateiro, correieiro e caldeireiro.

“Percorrei nossas cidades do sul, diz Washington, e indagai quem são os homens de cor mais honestos e influentes da localidade. Sabereis que em cinquenta por cento dos casos trata-se de negros que ao tempo da escravidão aprenderam um ofício”. Por isso entendia que os planos de educação deveriam levar em conta o que os negros tivessem aprendido anteriormente. A certo respeito cada plantação grande do sul era uma espécie de escola prática de agricultores, pedreiros, carpinteiros, cozinheiros, tecelões, costureiras, etc. O ensino tinha um cunho egoístico e a inteligência não se desenvolvia paralela à mão, ainda assim esta educação fragmentária permitia ao liberto ganhar a vida. Cumpria, pois, aperfeiçoá-la, desenvolve-la, tanto mais quanto a prosperidade do sul dependia do trabalho do negro, obrigatório até a véspera. Foi um erro pretender construir sobre os alicerces da escravidão, o que na Nova Inglaterra se edificara sobre os fundamentos da liberdade.

Ao fim de vinte anos os trabalhadores das antigas plantações começaram a desaparecer e viu-se que não havia quem substituísse. Em vez de ofícios e artes os negros adquiriram uma tintura de ciência e literatura que apenas servia para irritar os brancos e agravar o preconceito.

A Booker Washington parece absurdo dizer, que não há diferença entre o negro e o branco, e que a mesma educação convém a um e outro. Pode ser-nos agradável pensar em contrário disto, força é reconhecer, porém, que entre ambos há a grande diferença – que resulta da desigualdade das condições do passado.

O novo instrutor visitou o país para onde fora chamado: a observação de um mês deixou-o tristíssimo. Parecia impossível elevar o nível de gente cujo defeito mínimo era a ignorância. Quanto maior era sua convicção da inferioridade deles, tanto mais se compenetrava da necessidade de acudir-

-lhes com socorros apropriados. Era em 1881, a 14 de julho, a data marcada para a inauguração da pequena escola numa antiga igreja. Brancos e negros interessavam-se por tal sucesso, discutiam-no; a maioria na suposição irônica de que instruído o preto, decresceria o seu valor como fator econômico: não haveria mais trabalhadores nas herdades nem criados, somente negros educados chapéus altos, monóculo, bengala, presumidos de dominar pela inteligência...

Washington não estranha este juízo sumário; muitas vezes encontrara no tirocínio de seu preparo o tipo do pobre diabo de cor pretendendo seguir cursos superiores numa casa sórdida, deixando as ervas daninhas invadir-lhe o jardim, a senhora apta a mostrar na carta o Saara ou a capital da China, porém sem saber deitar a toalha à mesa; o pedante entendido em raízes cubicas, mas ignorante da tabuada de multiplicar.

Por isso dispunha-se a fazê-lo desaprender muita coisa com pensamento de sobrecarrega-los, à vontade ou contragosto, com o conhecimento de coisas necessárias na lavoura e na vida doméstica.

Por ocasião da abertura da escola a matrícula constava de uns trinta alunos maiores de quinze anos, muitos dos quase se jactavam de ser instrutores.

Alguns discípulos seus acompanharam-no, sendo interessante que os simplesmente alunos eram admitidos em classes superiores às dos mestres.

O desvanecimento com que esses pretos, que se consideravam instruídos, falavam dos grossos volumes que já tinham lido, dos conhecimentos que possuíam; uns a blasonarem de ter estudado o latim e outros de saber grego, era um espetáculo mais digno de lástima que carente de ridículo. Entretanto as suas pobres cabeças tinham apenas a carga de certas regras de gramática e outras tantas formulas de matemática, sem o senso de aplicá-las. Se pretendiam alargar a instrução era para ganhar mais dinheiro. Washington teve a coragem de constrangê-los a começar do princípio; e submissos e perseverantes, lhe provaram que podia contar com eles.

Pouco e pouco foi estimulando-lhes o orgulho que mal encaminhado tanto os expusera ao ridículo.

Não bastam os grossos volumes: é preciso aprender a dominar a natureza, utilizar o ar, a água, o vapor, a eletricidade, por novos métodos; uma boa educação suprime o que há de penoso e inferior no trabalho manual. Porque o

negro vive afastado do convívio das fábricas? É que lhe faltam habilidade técnica e inteligência para competir com o branco. Dizeis que este recusa trabalhar com negro? Pouco importa isso no dia em que se encontrem homens de cor aptos a dirigir sozinhos uma grande indústria. Demais, a condição depende do caráter: até nova ordem de coisas a boa reputação é mais necessária ao negro do que o exercício do voto: quando ele se fizer considerado terá melhor acolhimento.

Com esta habilidade de se dirigir a homens acrescentava:

“Suponhamos que um negro faça trafegar por uma estrada de ferro dez mil dollars, julgais então que quando ele tomar o trem com a sua família, mandá-lo-ão para o Jim Crow car (vagão reservado aos negros) com o risco da empresa perder esta soma avultada? Não: nunca; abrir-lhe-ão um Pullman com toda a solícitude”.

De semana para semana crescia o número dos alunos, e Booker Washington só ante a onda crescente do trabalho estaria embaraçado, sem o socorro que lhe prestou sua mulher, Olivia Davidson.¹¹ Solidariamente instruída nas boas escolas de Ohio e com prática do ensino de uma dedicação posta à prova durante o flagelo da febre amarela numa enfermaria de Memphis, pensava com Washington que os negros precisavam mais do que aquilo que os livros contêm.

Recebendo o diploma de Hampton e graças à extraordinária filantropia de uma filha de Boston, Mrs. Mary Hemenway, cursara dois anos a escola normal de Framingham no Massachusetts. Aí procuraram incutir-lhe que de aparência branca, poderia facilmente dissimular a raça e a vida ser-lhe-ia mais agradável. Tomada de nobre altivez, Olivia Davidson recusou o conselho, repeliu o embuste mesmo praticado em silêncio, e se fez respeitar como quem era.¹²

Graduada em Framingham, introduziu métodos e ideias novas sobre educação na escola Tuskegee, à qual se devotou.

11 Olivia Davidson (1854-1889) foi a segunda mulher de Washington. Olivia participou da construção do instituto quando Washington ainda era casado com Fanny Norton Smith Washington, falecida em 1884. Olivia e Booker casaram-se em 1886.

12 Uma referência ao fenômeno de ‘passing’, relativo a mestiços claros se passando por branco para evitar o flagelo do preconceito racial e as restrições da segregação.

Seu marido confessa desvanecido de sua memória, que a pedra angular desta instituição foram as virtudes dela, que devia, ainda jovem, falecer vítima do zelo filantrópico.

Olivia entendia-se perfeitamente com Washington: fortificar o caráter, dar bons hábitos de ordem, economia, polidez e regularidade na vida da família, impor uma arte ou ofício a um – espécie de ganha pão, inculcar a religião de S. Paulo:

“Se algum de vós não bastar, às próprias necessidades e às de sua casa, renegou a fé, é pior do que o infiel;” e nesta região agrícola, animar o labor do campo, tirar aos pretensiosos e fantasistas a ideia de correrem às cidades abandonando as plantações, tal era o primeiro trabalho de ambos no trato com os alunos.

Realizava-se, entretanto, a formação de instrutores e estruturas habilmente preparados que voltavam às plantações para ensinar a cultivar a terra com método e desenvolver a vida moral e intelectual dos companheiros.

A lição constante de Washington era contra a ambição pueril de não trabalhar com as próprias mãos. Repetia a história do negro que capinando um campo de algodão ao calor, caiu de joelhos exclamando: “O’ Senhor, este campo tem tanta erva má, o trabalho é tão rude e o sol tão quente, que acredito este pobre negro está predestinando a ser pregador”.

De fato pregar em vez de capinar era a ambição dos primeiros estudantes de Tu[s]kegee.

Muitos também que não são negros participam deste pensamento que Washington e sua digna companheira combateram.

(Continua)

Domingo, 6 de abril de 1902

A autobiografia de um negro

("Up From Slavery", por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)
(Vid. número anterior)

V

Apreciamos Booker Washington como educador, consideremo-lo no papel de orador.

Foi depois de uma viagem ao norte por interesses de Tuskegee, na companhia do general Armstrong, que ele começou a agitar as multidões com sua eloquência. Convidado para falar numa assembleia da Associação em favor da educação nacional, em Madison, abordou pela primeira vez o problema difícil "a raça" ante um auditório de quatro mil pessoas.

Os sulistas ali reunidos em grande número "*debalde esperaram ouvir este negro insultar os antigos estados escravistas*". Em contrário desta expectativa, o orador elogiou o sul pelo bem que pode fazer. Sua linha de ação não variou desde que se estabelecera em Tuskegee e prometera fazer justiça a brancos e pretos. Entretanto esta política não impede de denunciar com sinceridade as lesões de que a população de cor era vítima.

A atitude entre as duas raças está em empregar tudo quanto possa unilas, e evitar o que provoque ódios e prevenções.

Quanto ao exercício do voto, o negro deve atender mais e mais aos interesses da comuna em que vive cujo futuro depende dele em grande parte.

Cumprir tornar-se cada vez mais útil à sua cidade ou vila, esforça-se por fazer sempre melhor que os outros, ainda os mais inferiores trabalhos, porque a maneira de executá-los fá-los perder o caráter de inferior. Só então a cor será esquecida. Exemplo: um negro agricultor, graduado em Tuskegee conseguiu colher duzentos e setenta alqueires de batatas doces num acre de terra que ordinariamente produzia quarenta e nove alqueires. Para logo os rendeiros brancos da vizinhança recorreram a seus novos métodos de cultura, a seis conhecimentos de química agrícola, e se lhe faz justiça de reconhecer que aumentara a riqueza do mundo em que vivia.

Isto não quer dizer que o negro só deva cultivar batatas doces, mas se ele prospera como reideiro firmará as bases solidas sobre que os descendentes hão de construir alguma coisa.

Tal a essência da primeira conferência de Booker Washington, que terminou declarando que – o ódio nutrido em sua primeira mocidade contra os que se opunham ao progresso do negro, cedera desde muito com o desenvolvimento de sua inteligência. Limite-me a lastimar o homem capaz dessa loucura, porque sei que ele se engana e só prejudica a si mesmo. Lamento-o, porque presume impedir o progresso da humanidade, cuja marcha nada deterá. Tanto importa pretender reter uma locomotiva pondo-se diante dela, qual supor-se capaz de obstar o mundo na conquista da cultura e da liberdade. A assistência fraternal se robustecerá com outros progressos

Sua fé robusta é comunicativa: no norte é solicitado tanto por brancos como por negros: dos primeiros consegue recursos para alargar a sua escola; e aos outros prega com veemência a necessidade da educação industrial e técnica, a inutilidade das agitações políticas que só redundariam em prejuízo aos direitos de sufrágio. A educação e a propriedade, ambas reunidas, são os únicos elementos que dão direito de votar.

Estas duas condições deveriam ser exigidas rigorosamente das duas raças, e o exercício completo dos direitos políticos viria como um desdobramento natural, conseqüentemente lento.

A palavra prudente de Washington não exclui a franqueza; é princípio seu nunca dizer, por exemplo, em Boston, o que não pudesse repetir no seio de um auditório tempestuoso do Alabama.

O nascimento e o destino fixaram-no no sul pouco antes escravista, e nada altera-lhe a fidelidade. Um confederado antigo dizia ultimamente:

“Nunca fez especialidade de agitador de bandeira vermelha diante de cada Touro que encontrasse; em compensação, porém, conseguiu o que todos os livros, discursos, prospectos incendiários, lei marcial, decretos e emendas à Constituição não puderam fazer... Por métodos pacíficos inspirados em Jesus Cristo, Booker Washington venceu onde César seria derrotado”.

O que mais importa os negros alcancem é a estima e a amizade dos brancos do sul.

Washington desejava ser escutado por um auditório de antigos confederados proprietários de escravos. A ocasião surgiu em 1893 na reunião internacional dos trabalhadores cristãos, celebrada em Atlanta, na Geórgia. Fazendo conferências em então Boston, chegou-lhe convite para falar “alguns minutos”. Vencer duas mil milhas para falar durante “alguns minutos” parecia absurdo; entretanto decidiu-se e, partindo imediatamente, chegaria em Atlanta trinta minutos antes da hora aprazada. Todo o empenho estava em dizer nesses cinco minutos coisa que valesse a pena. Perante a classe mais influente da sociedade branca, homens e mulheres, curioso, mas em geral hostis, ele falou de Tuskegee, de seus métodos, de seu fim e foi aplaudido. No dia imediato o breve e substancial discurso teve favorável comentário da imprensa local: estava vencida uma grande partida. Booker Washington dilatou a vitória, adquirindo reputação nacional, quando a 18 de outubro de 1895 pronunciou o famoso discurso de abertura da exposição de Atlanta. Primeiro sucesso: vinte e cinco cidadãos de maior influência na Geórgia oram comissionados pedir ao orador que acompanhasse à cidade de Washington para conseguir do Congresso que o governo auxiliasse essa exposição. E ele conseguiu tudo quanto pediu: com soberana habilidade expor ao Congresso a convicção em que estava de que o melhor meio de livrar o sul dos embaraços resultantes do preconceito de cor, era animar o progresso moral e intelectual das duas raças juntas; e a exposição de Atlanta fornecia a ambas o ensejo de exibirem o progresso que realizaram depois da era da emancipação, e anima-los-ia a prosseguir.

Realizou a exposição e um pavilhão consagrou-se aos produtos da classe de cor, sendo que a planta do edifício fê-la um arquiteto negro e o próprio edifício inteiro foi construído por negros.

Os brancos começaram rindo da empresa, mas os resultados do empreendimento demonstraram que tinham zombado em falso.

Mas o que dominou todos os sucessos foi o discurso de Booker Washington. Nunca um negro falara da mesma tribuna que os brancos numa sole-nidade nacional [.]

(Continua)

Quarta-feira, 9 de abril de 1902

A autobiografia de um negro

(“Up From Slavery”, por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)

(Vid. número anterior)

V

Embora não lhe tivessem imposto restrição alguma, sabia que qualquer palavra menos habilmente empregada prejudicaria a sua causa: daí uma espécie de recreio que o dominava: Era o fardo da objeção ancestral que lhe pesava nos ombros. Pensava que os antigos senhores podiam estar ali e que alguns anos antes o primeiro branco presente tinha o direito de impor-lhe silêncio e reclamá-lo como escravo. Demais cumpria satisfazer também a seus iguais – demasiados imbuídos de uma nova importância, aos abolicionistas intransigentes do norte e aos sulistas expropriados ao todo um povo imenso cujos elementos heterogêneos enfrentava pela primeira vez.

Como sempre, começou implorando o auxílio do altíssimo e comprometeu-se a não falar para ninguém em particular, sim em nome do que julgava ser a verdade e a justiça. O triunfo foi completo.

O governador Bullock, que limitara-se a introduzi-lo na assembleia como representante da civilização negra, atirou-se-lhe de mão estendida: branco e negro, ficaram por algum tempo unidos no aperto cordial debaixo de intenso aplauso público.

Com dificuldade Washington conseguiu descer da tribuna; a ovação continuou na rua de modo expressivo, e quando no dia imediato regressou a Tuskegee, a multidão aplaudia-o pelas estações da estrada.

O presidente Cleveland felicitou-o e desde então votou à escola de Tuskegee cuidados que lhe valeram com eficácia. Não foi tudo.

O Dr. Gilman,¹³ presidente da Johns Hopkins University de Baltimore, presidente do júri da exposição, nomeou Booker Washington membro do mesmo jury na seção de educação, honra que dava a um negro o direito sem precedente de julgar os trabalhos das escolas de brancos e das escolas dos homens de cor.

Ainda mais: o ilustre e intransigente escritor da Virgínia, Nelson Page, propôs e foi unanimemente aceita a designação do negro para secretário da seção. As honras choviam-lhe em torno.

Se dissonância houve, foi produzida pela reação dos seus mesmos que se mostravam descontentes de que não tivesse pedido mais extensos direitos para os negros, descontentes de terem ouvido palavras como estas: *É justo que gozemos de todos os privilégios que a lei concede, porém é infinitamente mais importante que estejamos preparados para o exercício deles. Na atualidade deve preocupar mais o direito de ganhar cem soldos numa fábrica do que despender os numa sala de opera.*

Noutra parte:

Para as coisas propriamente mundanas, brancos e pretos, podemos estar tão separados como os dedos de cada mão e, entretanto, não formarmos senão um todo no que é essencial ao progresso comum[?].

De fato eram reivindicações modestas aos olhos dos cidadãos de cor exaltado, mas a generosidade dos atos de Washington exculpou-o da moderação de palavra.

Os pais cujos filhos educavam não podiam recusar-lhe reconhecimento, e o clero de cor apurado de fatos que Booker tivera a coragem de denunciar, reconciliara-se com ele, quando, aliás anteriormente alguns missionários votavam-lhe tal guerra que aconselhavam não se mandassem crianças à escola da Tuskegee!

Nota-se este fato curioso, porém que não é raro: um dos fatos missionários mais exaltados na propaganda tinha o filho nessa escola em quanto vociferava contra ela.

13 Daniel Coit Gilman, o primeiro reitor da Universidade Johns Hopkins.

Por todos os aspectos Booker Washington tornava-se o guia de seu povo. Depois da exposição de Atlanta alguns jornais e certos promotores de conferência lhe fizeram ofertas tentadoras. Recusou-se, dizendo que sua missão era Tuskegee, e falava livremente sobre os assuntos que se prendiam à raça sem nenhuma preocupação comercial.

Não obstante, sua autobiografia foi escrita aos pedaços nas mesas das salas de espera de trens ou em vagões: solicitavam-no de todas as partes e em toda a parte ele reunia multidões.

Nervoso e impressionável sempre lhe parecia ter deixado sem desenvolvimento o lado essencial das conferências.

Em compensação à agonia preliminar, diz ele, há o prazer de dominar-se o auditório, o sentimento da íntima comunicação com os ouvintes muna espécie de gozo mental e físico cuja ideia se não pode descrever.

As regras da oratória pouco o incomodavam, chega a esquece-las no calor do improvisado e arrasta o auditório a esse mesmo esquecimento. Horas que lhe rendem, banquetes e festas não preocupam, e é singular a vivacidade com que alegre recorda a pequena cabana onde escravo saboreava o melão do domingo mandado da “casa grande”. Jamais coisa alguma teve para ele o sabor dessa iguaria.

Sua atividade é tal que chega a pronunciar quatro discursos por dia. Em 1898 os administradores da John Slater Fund, generoso foco de socorro aos negros, votaram soma quantia à para que fizesse uma série de conferências anuais nos grandes centros de população preta.

Pela manhã fala aos ministros, aos instrutores e profissionais; à tarde Mrs. Murray Washington convoca pessoas de seu sexo a quem o orador se dirige. Em seu auditório nota-se sempre ouvintes brancos.

Nunca me entreguei, diz ele, a obra que me proporcionasse tanto prazer e creio que nenhuma me causou bem maior. Por ela eu e minha mulher pudemos penetrar o fundo das condições da raça, porque temos ensejo e observar os indivíduos como eles são – nas igrejas e nas escolas, no trabalho e nas prisões, até no antro do crime... e sempre a minha esperança a dilatar-se... Não é que me iluda com o que pode manifestar-se de superficial e enganador em semelhantes reuniões: tenho experiência suficiente para me não deixar arrastar,

ninguém, entretanto penetrará como eu, nesses vinte anos, no coração do sul observando o progresso lento, porém seguro, da raça negra sobre o ponto de vista tanto material como moral.

Se considerar-se a vasa de certo encontrar-se-ão exemplos de infâmia, mas aprecia-se o homem branco nas mesmas condições, e a que conclusão chegaremos?

Nunca Booker Wasginton [sic] foi tomado pelo desanimo. Tive ocasião de vê-lo em 1897 entre notabilidades que vieram do Boston inaugurar o monumento do coronel Shaw,¹⁴ jovem oficial que morreu com heroísmo à frente de um regimento de negros.

Inaugurado o monumento, pronunciaram-se discursos no *Music Hall* que apesar das dimensões não tinha espaço para o numeroso e escolhido auditório.

Os personagens mais influentes e mais distintos acercaram-se do governador dos Massachusetts e, à primeira vista, o presidente de Tuskegee faria modestíssima figura. O sangue de branco que deve correr-lhe nas veias não apagou nenhum dos traços característicos da raça. É um negro como os demais: lábios preeminentes, nariz achatado, maxila pesada, tendo, porém, no olhar uma expressão de bondade inteligente e na voz sonoridade e segurança.¹⁵ Coube-lhe o sucesso oratório do dia. O negro, em Boston, fora precedido da legitima reputação que o fizera ser o primeiro da raça distinguido com o diploma de membro honorário da Universidade de Harvard. Quando ergueu a sua alta estatura, todos sentiram que estavam diante de uma força. Falou dos grandes fatos militares da guerra da secessão, depois, voltando-se para os soldados negros ali presentes, disse: *Restos esparsos e mutilados do 54, com a manga da farda dobrada ou com a perna mutilada, que honrais esta solenidade com a vossa presença, para vós, vosso comandante não está morto. Boston não lhe levantasse monumento algum, a história não lhe consagrasse página nenhuma,*

14 O monumento ao Coronel Robert Gould Shaw, ao qual Bentzon se refere, foi erguido na cidade de Boston em 1897. Hoje, se encontra no National Gallery em Washington, DC. Booker T. Washington foi um dos palestrantes e, graças a seu talento como orador, “roubou a cena” do eminente filósofo branco William James.

15 Aqui a autora fornece uma descrição de primeira mão de Washington, cuja palestra ela presenciou, visto pelo filtro de seus próprios preconceitos.

e em vós e na raça leal que representais, Robert Gould Shaw teria o renome que o tempo não apaga.

O governador Wolcou [Roger Wolcott] entusiasmou-se e ergueu “Três Cheers por Booker Washington!..” Ninguém foi aclamado com tamanho entusiasmo. Tomado da emoção geral, o sargento negro que sustinha a bandeira agitou-se com um gesto arrebatador: era o mesmo que, após a batalha onde caíra uma parte do regimento tinha exclamado: “Não importa! A bandeira velha nunca caiu na terra”.

Repito, o discurso de Washington eclipsara a todos os que se pronunciaram nesse dia.

Anos depois, no meio da satisfação geral pelo feliz êxito da guerra hispano-americana, houve em Chicago uma festa, e o presidente da Universidade¹⁶

convidou a seu colega de Tuskegee. Washington fez dois discursos, um dos quais, em 6 de outubro de 1900, no imenso Auditório onde calcula-se havia mais de dezesseis mil pessoas, enquanto no exterior a multidão apertava-se interceptando o trânsito de sorte que o ingresso só era possível com o socorro de agentes da força pública. O presidente Mac-Kinley [sic],¹⁷ os ministros, oficiais de mar e terra que regressavam da campanha, estavam presentes. Booker Washington traçou a história do negro na América reduzido a escolher entre a escravidão e a morte e neste dilema se impondo só deveres para o país a que não viera por sua vontade: Chrispus Attuchs,¹⁸ por exemplo, derramando o sangue desde o começo da revolução para garantir aos brancos uma liberdade de que não podia participar. Recordou a valente conduta dos negros da Nova-Orleans às ordens de Jackson; a fidelidade dos escravos do sul para com a família dos senhores alistados sob bandeiras

16 William Rainey Harper (1856-1906), o primeiro presidente da Universidade de Chicago.

17 William McKinley (1843-1901), o 25o Presidente dos Estados Unidos, governou de 1897 a 1901, quando foi assassinado. Seu sucessor foi o Vice-Presidente Theodore Roosevelt.

18 Crispus Attucks (c. 1723 a 1770). Escravo, marinheiro e estivador, descendente de africanos e indígenas, herói e mártir da Revolução Norte-Americana e símbolo do movimento abolicionista.

que representavam a perpetuidade da escravidão; faz valer a bravura das tropas de homens de cor em Port-Hudson, no Forte Wagner, no Forte Pillow, e recentemente a dos regimentos negros que bombardearam Santiago para libertar a outro povo – Em tudo isto, exclama o orador, coube-nos a melhor parte! Terminou o discurso com um magnífico apelo à consciência dos que o escutavam: [*“Quando tiverem ouvidos toda narração da valente conduta do negro na guerra que acabou; quando a tiverdes escutado da boca do soldado do norte e do soldado do sul, do ex-abolicionista e do ex-senhor, respondi à vossa própria consciência se uma raça assim disposta a sacrificar-se pela Pátria, não deve ter direito às altas possibilidades de viver para ela”*].

(Continua)

Domingo, 13 de abril de 1902

A autobiografia de um negro

(“Up From Slavery”, por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)

(Vid. número anterior)

VI

É natural que se inquiria como Booker Washington, de continuo afastado da escola, pode vigia-la atentamente? A excelente organização do instituto explica isso com justeza. No próprio interesse da instituição, convinha que não ficasse dependendo de um único homem. Em Tuskegee a administração é exercida por oitenta e seis pessoas e funciona com regularidade de uma máquina. Booker Washington achou em Warren Logan, tesoureiro do instituto, o

seu segundo eu, e em Emmel [Emmett J.] Scott um secretario fiel que comunica-lhe tudo quanto se passa ali durante a ausência do presidente.

Duas vezes semanalmente reúne-se o conselho executivo composto de nove membros que são os diretores das nove seções em que a escola se divide. Além disso de oito em oito dias há reunião do conselho econômico para se regularem das despesas da semana, e, por último, mensalmente há assembleia geral de todo corpo docente.

Dáí é que resulta Booker Washington conhecer todo movimento do instituto mesmo ausente dele.

Mais de um jovem graduado por Tuskegee regressa voluntariamente à cidade natal, onde muitas vezes há seis negros por um branco, e que negros!!!

Endividados, vivendo de empréstimos, habitando aposentos sórdidos na promiscuidade de oito e dez pessoas de ambos os sexos, o recém-chegado abre a escola como um centro de transformação, organiza clubs, anuncia conferencias, firma, afinal, com a palavra e com o exemplo, a ordem e a comodidade no miserável grupo. Citam-se cidades daquela espécie que tornaram-se rapidamente localidades prósperas providos de casas bem construídas e herdadas em boas condições. Entretanto a revolução se operou graças a influência de um homem. Este instituto de Tuskegee tem produzido grandes benefícios: ali as educações literária, industrial e religiosa se desdobram com harmonia, havendo escola normal para professores, escola de arte manual, escola bíblica para formar bons pregadores e que, no pensamento de Washington, sirvam para outras funções em caso de necessidade.

O instituto tem uma seção anexa maravilhosa – é a conferencia, que civiliza a grandes distancias, fundada há cerca de dez anos, a sua inauguração realizou-se ao influxo desta invocação de um velho ministro negro: “senhor, nós te rendemos graças pelo dia de hoje nosso primeiro dia de escola em todo o ano”.

Acudiu de pontos diversos uma centena de pessoas para assistir à inauguração que se realizou sob um telheiro improvisado: hoje as reuniões se celebram na capela construída pelos estudantes, dispondo de espaço para dois mil assistentes com os respectivos assentos.

Cada qual refere suas experiências, ouvidas com grande interesse pela multidão, que colhe assim um ensino admirável. Muitos pretos de mérito, com o escritor Charles Chesmitt [Chesnutt], o professor Bois [W.E.B. du Bois], os bispos Grant, Turner e Tyrer, o Dr. Scott e outros, aproveitam a ocasião para estudar de perto os problemas econômicos de cuja solução depende o progresso negro.

Os conselhos dados por Booker Washington são sempre os mesmos: Comprar terras tanto quanto possam ser cultivadas; evitar a hipoteca; impor-se todos os sacrifícios para ter casas decentes, boas escolas e um clero bom.

Anima as mulheres para que se entreguem ativamente aos cuidados domésticos, e este ano um dos melhores relatórios foi escrito por uma negra do Texas, presidente das *Barnyard Societies* de seu país. Estas sociedades contam só no Texas 2.500 membros femininos cuja especialidade em matéria doméstica, de leiteira e jardinagem é notória.

Foi no Texas que primeiro surgiram as sociedades de progresso com ligação em Tuskegee. O patrono é R. L. Smith, membro do legislativo do Texas, certamente o primeiro deputado negro, que na América tem sido eleito por maioria de votos dos brancos.

Sua última reeleição é considerada como um acontecimento frisante da marcha ascendente do negro.

Estas sociedades (*village improvements*) têm grande influência educadora: a imprensa, os cidadãos mais notáveis são favoráveis a elas. A primeira não remonta a origem além de 1889; foi criada na pequena comuna de Oaklands com o fim de “prover o negro da primeira qualidade que lhe falta” - a previdência.

Tendo contado sempre com seu senhor, o negro traz o selo da escravidão - depende imprudentemente e endivida-se com facilidade;

A ideia de dar-lhe conforto doméstico com um dinheiro que se gastava no jogo e na bebida era excelente. A influência de tais associações sobre os costumes foi imediata: o acúmulo dos ganhos individuais para as necessidades da vida, e formação de um capital reservado a novas empresas, veio em prova de que o espírito de solidariedade, a fraternidade- é o resultado natural do esforço combinado.

Smith tanto quanto pode aboliu o credito para os de sua associação, levando-os a produzir o que precisavam. Iniciando-os na cooperação das operações de compra e venda, sugerindo-lhes taxas voluntarias que pudessem produzir uma caixa de socorros mútuos. Oaklands transformou-se ao ponto de não haver mais diferença entre casa de um negro e a de um branco conquistando logo uma excelente reputação local.

Hoje há oitenta e seis instituições deste gênero ligadas a Tuskegee. Reúnem-se anualmente representadas por deputados e em menos de dez anos, por sua influência o número de negros proprietários aumentou de 17%.

Os plantadores brancos se interessam por elas, já assistindo as conferencias, já animando-as porque o antigo senhor, de ordinário, se desvaneca com propriedade de seu ex-escravo, e refere o progresso deste a sua própria influencia.

Não obstante todo o reconhecimento que volta aos filantropos do norte. Booker Washington julga que é o sul que melhor compreende o negro e suas necessidades, que mais lhes facilita as relações comerciais e industriais. Se a oportunidade da instrução científica e literária ainda é objeto de discussão, as aplicações da filosofia de Washington se admitem em absoluto. Nada se articula contra a formação das uniões estabelecidas em pontos diversos do Alabama entre negros que conseguem possuir um porco, ceva-lo ou adquirir uma geira de terra para cultura do legume preciso ao uso doméstico, suprimindo-se a ociosidade tradicional da estação e o descanso do sábado. A zona negra cobre-se destes institutos anexos a Tuskegee.

Não há obra melhor que a empreendida por mulheres sob a inspiração de mrs. Booker Washington.

Todo sábado as professoras de Tuskegee reúnem, em sala alugada na cidade, trabalhadoras humildes. Discutem-se importantes questões de higiene pratica de moral, como sejam a mortalidade das crianças, o inconveniente de uma só Câmara para toda a família, os deveres da mulher como esposa, mãe; as vantagens da ceva, a apicultura, etc.

Em muitas cidades há conferencias ao molde destas.

É extraordinária a necessidade de que as mulheres de cor conheçam seus deveres. O senso moral enfraquecido por preconceitos que se agravaram na escravidão, entregues sem defesa aos caprichos do homem branco, sujeitas a

tentações muito poderosas, vítimas de um sistema tacitamente organizado que as priva do socorro e da simpatia das mulheres brancas do sul, sempre prontas a condenar-lhes os costumes e ver nelas a ignóbil e perigosa rival, as mulheres precisam se educar, porque só assim se elevará toda a raça. Não são, não podem ser inacessíveis à cultura: isso prova o número considerável das que, como modelo para excelente imitação, têm sido diplomadas por Tuskegee,- instrutoras de espírito cristão e devotadas ao seu sacerdócio. Comumente esposam um antigo condiscípulo, e assim constituem os casais respeitáveis.

O exemplo de Booker Washington parece ser o segredo de todo o milagre.

Sua vida de família é irrepreensível. Não há para ele outra felicidade senão viver o mais possível para a sua escola entre sua excelente mulher e os três filhos. As raras horas de recreio são ocupadas em conversas e passeios íntimos ou na cultura do jardim e outros misteres em que o espírito descansa utilmente aplicado.

Uma única vez Washington aproveitou-se das férias: foi em 1898, quando com a esposa visitou rapidamente a Europa. As notas desta viagem são o que há de menos justo e interessante no *Up from Slavery*. Ao fim dos três meses regressou.

Booker Washington repete sempre as palavras do evangelho: “E ele teve piedade desta multidão”

Não mede sacrifícios: pode se lhe aplicar o que dizia do general Armstrong, que enfermo, paralítico, quis passar algum tempo antes de morrer em Tuskegee: “jamais alguém se esqueceu tanto de sua própria pessoa como este homem”.

(Continua)

Terça-feira, 15 de abril de 1902

A autobiografia de um negro

(“*Up From Slavery*”, por Booker Washington, 1 v., New York, 1901)

(Vid. número anterior)

Parte VII

É indiscutível a influência poderosa exercida pela autobiografia de Booker Washington editada pela revista *The Outlook*. Assume as proporções de milagre a ascensão de um escravo, filho de raça desprezada, à esfera em que pairam os personagens superiores de um país de elevada civilização. Entretanto Booker Washington não é o único, em torno de seu nome predestinado agrupam-se os Bruce, Price, Douglass, Revelt [sic], Paine, Simmons,¹⁹ professores, médicos, advogados, ministros, negros que preenchem cargos oficiais, dirigem com vantagens bancos, fábricas, empresas agrícolas. Infelizmente são individualidades que podem ser chamadas – excepcionais.

Os relatórios dos administradores do *Slater Fund*, instituição que aplica na educação do negro um milhão de dólares legados pelo filantropo John Slater, dão ideia do progresso realizado e do que cumpre fazer pelo homem de cor.

Já lá se vão treze anos de experiência. Os observadores atentos que exploram a zona negra (*black belt*) assinalam que se tem conseguido progresso rápido.

Pela época da emancipação os negros estavam imersos em profunda ignorância; mas na geração seguinte 40% já sabiam ler, e, de 1878 a 1895, o número de alunos inscritos nas escolas públicas e particulares subia 185 por cento. O instinto, as aptidões os interesses do negro impelem-no para a agricultura e sua tendência acrescentada é encaminhar-se para as terras quentes do sul. Sua vida é mais curta do que a do branco e a mortalidade persegue-o mais nas cidades, onde também a criminalidade aumenta porque ele é eminente sensível à influência do meio.

19 Blanche Kelso Bruce (1841 - 1898), senador; Frederick Douglass (c. 1818-1895), abolicionista, orador e escritor; Hiram Rhoades Revels (c. 1827-1901), primeiro senador negro dos Estados Unidos; Daniel Alexander Paine (1811 - 1893), bispo, educador e escritor; William J. Simmons (1849-1890), educador, historiador e biógrafo. Não consegui identificar Price – talvez a autora esteja se referindo a John Price, o escravo fugitivo que foi pivô do caso Resgate de Oberlin Wellington, que mobilizou os abolicionistas norte-americanos em 1858.

O negro primeiro que tudo precisa educação: livre, entregue a si mesmo em plantações longínquas, não progride. O autor de um dos relatórios, Curry,²⁰ nota que o preto nunca fez progresso no país de sua origem: o desenvolvimento humano que provem da energia voluntária, as revoluções étnicas e políticas das nações civilizadas não figuram em sua história.

Para atingir a civilização do que goza tem sido preciso que tudo lhe venha do exterior. Arrancado à sua África, sujeito a deportação cruel, escravizado sob a ação de tudo quanto pode degradar uma raça inferior, o negro recebeu inopinadamente a liberdade, a categoria de cidadão, o direito de sufrágio e a elegibilidade. Entretanto era gente a quem pouco antes a lei proibia aprender a ler e escrever, e à qual se abrem, de momento, universidades, ao molde das que completam a educação adiantada do anglo-saxão.

A filantropia do norte, se bem que louvável, agiu repentinamente e produziu resultados prejudiciais.

Quem quiser encarar o lado medonho do problema leia “O negro na América: o que foi, o que é e o que será”,²¹ obra cujo aparecimento coincidiu com o da autobiografia.

O autor, W. H. Thomas,²² é um homem de cor traidor à sua raça à qual expõe num quadro triste. Em seu conceito o negro é inteligente porém propenso ao roubo e quanto a costumes não há nenhum de quinze anos, rapaz ou rapariga, que guarde a inocência. Afirma que noventa por cento dos negros levam vida desregrada na América e busca demonstrar que até agora o liberto nada produziu de bom.

Entretanto Thomaz [sic] é partidário da instrução do negro pelo menos a elementar, e das ocupações agrícolas, porém isto quase que já é um fato

20 *The Education of the Negro*, 1896, da autoria de J.L.M. (Jabez Lamar Monroe) Curry (1825-1903), Secretário do Fundo Slater.

21 THOMAS, 1901. A resenha de *Up from Slavery* publicada no jornal *New York Times*, em 9 de março de 1901, também compara a autobiografia de Washington com essa obra de Thomas, qualificada como uma “denúncia atroz contra o negro americano”, à qual *Up from Slavery* serviria como contrapeso. Artur Ramos (1988, p. 7) cita *The American Negro* como uma fonte sobre a “questão negra” na América do Norte no seu livro *O negro brasileiro*, lançado em 1934.

22 William Hannibal Thomas (1843/1935).

consumado. Estabelecido em Boston, ele não acompanhou a evolução da sua raça no sul. O que seu livro prova é que uma educação superior pode não influir na nobreza do caráter e que o talento não é incompatível com a boa-fé! Parece que Thomaz é um dos políticos que depois da emancipação foram elevados às posições legislativas pelo voto do negro. Desgraçadamente muita gente do norte faz o mesmo juízo que ele da raça preta, e em Philadelphia o preconceito da cor é de extraordinária violência. O eminente homem de cor, Bois, laureado pela universidade da Harvard, atualmente professor de história e economia política na Universidade da Atlanta,²³ assinala a intensidade desse preconceito na sua obra *Philadelphia Negro*, contendo observações do tempo em que foi adjunto de sociologia na universidade da Pensylvania [sic].

Sabe-se que a Pensilvânia foi sempre o centro da vida do negro no norte. Em 1840 esta cidade tinha 20.000 libertos, que foram sendo eliminados pela corrente imigratória europeia, principalmente os homens que tiveram de procurar trabalho noutras partes. Ficaram 6.000 contra 11.000 mulheres. Apreciando o fato com imparcialidade, o professor Bois calcula que esta desproporção, que perdura apesar do aumento da população, é a causa da imoralidade da vida do negro em Philadelphia, agravada com o desprezo a que são votados. Este desprezo, porém, atinge aos inocentes muito mais do que aos culpados. Entre os 40.000 negros de Philadelphia, as pessoas miseráveis, incluindo ociosos e malfeitores, participam da caridade pública; os operários inferiores e pior retribuídos, acham, contudo, meio de ganhar a vida; porém o negro que, à força de habilidade, distingue-se num ramo qualquer, pondo-se de par com o branco na arte ou na indústria, não conta com justa recompensa.

Um advogado ou notário não ousará assentar junto a cliente seu, o jovem em cujas veias corra uma gota de sangue negro, um farmacêutico não empregará um suspeito de descendente da raça maldita, melhores que

23 Este trecho da página original do jornal está borrado e muito difícil de ler nos dois exemplares do mesmo número que encontrei, nos acervos da Biblioteca Pública do Estado da Bahia e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Sabemos que Du Bois foi professor de História e Economia na Universidade de Atlanta (hoje a Universidade Clark Atlanta) de 1897 a 1910 e voltou em 1934 para dirigir o departamento de Sociologia (até 1944).

sejam os diplomas que trouxer; um maquinista hábil será despedido da oficina em que, por sua desdita, transpirar o segredo de sua origem. Situação inferior, sinal de baixa, a cor não permite que o esforço, o talento, a honra, o trabalho, se imponham.

Isto justifica o conselho de Booker Washington para que os negros fiquem no sul, onde, aliás, o ódio de raça quando rebenta, é medonho. São notórios os fatos de justiça sumária aplicadas aos negros acusados de crime irremissível: ultraje ou tentativa de ultraje em mulher branca. Nos dois últimos anos houve diversos casos: em Leavenworth, Kansas, um negro foi amarrado ao poste e queimado vivo sem forma alguma de processo ante uma multidão de oito mil pessoas. No Colorado praticou-se a mesma atrocidade com requinte de tortura incrível e horrível premeditação, convidando-se jornalistas e fotógrafos para assistir o ato. Numa cidade da Geórgia como as autoridades proibissem a cena vandálica, incendiaram a prisão, resultando a morte de duas crianças e os ferimentos de vinte homens. Em 25 de maio último a corte suprema de Ohio mandou responsabilizar todo o condado, condenando-o ao pagamento de 5.000 dollars aos herdeiros de um negro que fora linchado. Eis um bom exemplo e um bom partido, porque não há outro meio de impedir semelhantes violências da população praticadas com o consentimento tácito dos cidadãos.

Um fato superior em gravidade deu-se a 4 de agosto de 1900 em Nova-Orleans.

Robert Charles, agitador negro de uma força hercúlea opôs aos agentes uma resistência desesperada: matou alguns e só se apoderaram dele depois de morto.

Seguiram-se muitos dias de vinganças, no quarteirão negro: a escola Thomy Lafon que fora dotada à cidade por um rico filantropo de cor, os brancos incendiaram com mais trinta casas habitadas por negros. Estes crimes foram atribuídos à lia social, porém não escapou a parte que tomaram neles os operários brancos desde muito furiosos com a competência que encontram nos negros. Vê-se, pois, que o problema do trabalho está envolvido na questão do negro para envenená-la, e se pode avaliar a que abismo arrastará os Estados-Unidos, se estes não se puserem em guarda.

A supremacia dos brancos em matéria de voto é a grande preocupação do sul. No próprio Alabama, apesar da influência de Washington, discute-se como afastar os negros do sufrágio.

Há, entretanto, em grande número de cidadãos que pensa com Booker Washington – o direito de voto seja recusado por falta de capacidade a quem não souber ler e não tenha propriedade, quer seja branco ou negro.

“Não posso crer, diz ele, que além das vantagens seculares que a educação e a riqueza dão ao branco sobre o negro, ainda aquele pretenda uma lei especial que lhe assegure maiores privilégios”.

As reivindicações da raça devem estabelecer-se em torno da independência material, da dignidade, do caráter e da elevação moral. As grandes escolas industriais de Hampton, Turkegee [sic], Spelman, Claflin, Tongoloo, fazem mais que muitas universidades vaidosas onde se multiplicam os descontentes e os desclassificados: repita-se – a questão das relações sociais há de assumir caráter ameaçador no futuro.

Os seus variadíssimos matizes não são perceptíveis a um europeu. No dia da ereção do monumento Shaw, Washington é aclamado, atinge a culminância da glória e aos olhos do estrangeiro, é tratado e igual pelos brancos de maior posição.

Entretanto a sua biografia traz uma página bem sugestiva.

Certo dia viajava para o sul e entrou ocasionalmente no carro-salão que, sabe-se, é reservado à sociedade branca. Estavam presentes os mais importantes plantadores da região, e todos fizeram silêncio. Por gravar-me da situação duas viajantes do norte convidaram-no a tomar chá com elas e serviram-no com afetação. “*Nunca, diz Booker, houve alimento que me parecesse mais demorado: foi um suplício do qual fugi logo que pude, assim que alcancei o carro dos fumantes, os mesmos homens cuja insolência tanto temi, informados de quem eu era, vieram falar-me com solicitude e felicitar-me pela minha obra*”.

Tudo correu muito bem, porém o que se não nega é que o papel do negro é mais difícil do que nunca. Então para ser tratado humanamente bastava-lhe ser honesto e fiel servidor; hoje se quiser guardar papel de

homem livre, cumpre-lhe ter demasiada prudência, política sutil e virtudes de santo.

Os Booker Washington serão sempre raros e o desenvolvimento da raça precisa de milhares deles, como disse candidamente um pastor negro: “Sim, milhares de Washington – um em cada curva da estrada, uns em cada montanha”.

Da mesma sorte ser-nos-ia preciso tê-los para a cruzada do “desdobramento da indústria sob as condições de moralidade”, e transformação dos nossos bacharéis medíocres em bons agricultores.

Th. Bentzon



	Colofão
Formato	17 x 24 cm
Tipologia	PT serif Libre Franklin
Papel	Off-set 75 g/m ² (Miolo) Cartão Supremo 300 g/m ² (Capa)
Impressão	EDUFBA (Miolo) Gráfica 3 (Capa)
Tiragem	400 exemplares

“[...] além dos seus méritos, [Sabrina Gledhill] é muito corajosa academicamente. Primeiro, pela escolha de dois autores, marcados por vidas e ideias, no mínimo complexas, além de cheias de desafetos, em vida ou na morte. Segundo, por defender, sem ater-se ao sempre fácil politicamente correto, Manuel R. Querino e, em especial Booker T. Washington. Para mim, isso engrandece o seu trabalho, pois com certeza, será objeto de salutares polémicas. Terceiro, por não ater-se às clássicas biografias, preferindo caminhar por aspectos não suficientemente abordados – quando o foram – na bibliografia dos dois personagens”.

Jeferson Bacelar

ISBN 978-65-5630-005-4



9 786556 300054

